

Escola de Ciências Sociais e Humanas

Departamento de Psicologia Social e das Organizações

Exclusão social depois dos 70 anos: uma abordagem exploratória
focada na experiência fora dos grandes centros urbanos

Lúcia Mantinhas Pataco

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Psicologia Social e das Organizações

Orientadora:

Doutora Daniela Mourão Craveiro, Investigadora Associada,
CIS-IUL – Centro de Investigação e de Intervenção Social

Coorientador:

Doutor Miguel Rui Ribeiro da Silva Taborda Ramos, Professor Auxiliar Visitante,
ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2019

Escola de Ciências Sociais e Humanas

Departamento de Psicologia Social e das Organizações

Exclusão social depois dos 70 anos: uma abordagem exploratória
focada na experiência fora dos grandes centros urbanos

Lúcia Mantinhas Pataco

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Psicologia Social e das Organizações

Orientadora:

Doutora Daniela Mourão Craveiro, Investigadora Associada,
CIS-IUL – Centro de Investigação e de Intervenção Social

Coorientador:

Doutor Miguel Rui Ribeiro da Silva Taborda Ramos, Professor Auxiliar Visitante,
ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2019

Agradecimentos

Esta dissertação representa o final de uma etapa e de um ano de trabalho intenso, repleto de desafios e obstáculos, mas, sobretudo, de muitas aprendizagens. Resta-me agradecer a todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para que este trabalho se tornasse possível.

À Doutora Daniela, por todo o apoio ao longo deste ano, pela disponibilidade com que sempre me recebeu, pela motivação e confiança nesta fase final e por me mostrar que é possível realizar uma dissertação com prazer e tranquilidade.

Ao Professor Miguel, por toda a disponibilidade, apesar da distância, por ter estado sempre presente em todos os momentos deste trabalho e por todo o conhecimento que me transmitiu ao longo do ano.

Aos meus pais, pela compreensão e apoio incondicional, constantes ao longo da vida, mas especialmente nestes últimos anos. Por todas as oportunidades que me têm proporcionado, por terem acreditado em mim e por me terem incentivado a não desistir. À minha irmã, pela amizade, pela motivação e por todo o conhecimento que me foi transmitindo ao longo deste trabalho.

À minha família, pela preocupação e por celebrarem comigo mais uma etapa. Agradeço, em especial, à minha mãe e à minha avó, que me ajudaram no contacto com os idosos e que me acompanharam em muitas entrevistas.

Aos meus amigos, pela força ao longo deste ano, por perdoarem as minhas ausências e por todos os momentos de boa disposição. Em especial, à Márcia, pela compreensão nos momentos mais difíceis; ao Duarte, por ter acreditado em mim, mesmo quando quis desistir; à Sopenas, a minha companheira de tese, finalmente conseguimos! E ao Luís, por me ter acompanhado nesta fase final, pela paciência, por todos os treinos e momentos de descontração, e pela tranquilidade que sempre me transmitiu.

Por fim, um agradecimento muito especial a todos os idosos que participaram nesta dissertação, que abriram as portas de suas casas para me receber e que perderam um pouco do seu tempo para conversar comigo e ajudar-me na realização destas entrevistas. Foram, sem dúvida, momentos de muita aprendizagem, sem os quais não teria sido possível terminar este trabalho. A todos, o meu sincero agradecimento.

Resumo

A exclusão social, enquanto processo de acumulação gradual, concentra-se de forma mais expressiva na população idosa. A literatura, especializada na temática, alerta para maior risco relativo de exclusão social para os idosos residentes fora das áreas urbanas. Esta investigação inclui dois estudos, realizados através de uma abordagem exploratória, focada na experiência de idosos residentes fora dos centros urbanos, com o intuito de contribuir para a compreensão da multidimensionalidade da exclusão social na população idosa, explorando o papel específico do contexto. Inicialmente realizou-se uma descrição da população idosa portuguesa, no âmbito da exclusão social, através de uma base de dados secundária (*European Social Survey*), identificando aspetos diferenciadores entre centros urbanos e fora dos mesmos. No segundo estudo, exploraram-se essas diferenças qualitativamente, com entrevistas a idosos da vila de Arraiolos, recolhendo perceções acerca dos dois contextos e das instituições e serviços de apoio aos idosos, pelo seu papel central na prevenção da exclusão social. Os resultados mostram que os idosos residentes fora dos centros urbanos, sentem-se mais vulneráveis à exclusão social no acesso a cuidados de saúde e menos participativos em atividades sociais, porém percebem um maior apoio social por parte de amigos e familiares. Relativamente às instituições e serviços de apoio à população idosa, observa-se uma opinião positiva face ao seu trabalho no âmbito da prevenção da exclusão social, devido ao convívio e acesso a cuidados de saúde, facilitados pelas instituições.

Palavras-chave: exclusão social, população idosa, centros urbanos, lar de idosos, serviço de apoio domiciliário

Categorias e códigos de classificação da PsycINFO (American Psychological Association):

2860 – Gerontology

3377 – Nursing Homes & Residential Care

Abstract

Social exclusion, as a gradual accumulation process became more frequent among the aged population. The specialized literature on the subject, alerts about the higher relative risk of social exclusion for older adults living outside urban areas. This research includes two studies, conducted through an exploratory approach and focused on the experience of older adults living outside urban areas, in order to contribute to the understanding of social exclusion multidimensionality among the elderly population, accounting for the role of the context. Firstly, a description of the Portuguese elderly population, in the context of social exclusion, was carried out through a secondary data base (European Social Survey), identifying distinctive experiences in urban centres and outside them. In the second study, those differences were studied under a qualitative approach, through interviews with older adults from Arraiolos, collecting perceptions about both contexts and about institutions and services direct to aged population, by their central role in social exclusion prevention. Results show that older adults living outside urban centres, feel more vulnerable to social exclusion in health care access and less participative in social activities, but perceive more social support from friends and family. Regarding the institutions and services direct to the aged population, there is a positive opinion about their work in social exclusion prevention, due to social contact and access to health care, made easier in institutions.

Key-words: social exclusion, elderly population, urban centres, nursing home, residential care

PsycINFO Classification Categories and Codes (American Psychological Association):

2860 – Gerontology

3377 – Nursing Homes & Residential Care

Índice

Índice de Quadros	IX
Glossário de Siglas	X
Capítulo I – Introdução	1
Capítulo II - Exclusão social: conceito e operacionalização	3
Exclusão social: definição e características do conceito	3
A exclusão social na população idosa: operacionalização e dimensões.....	5
Estudos sobre exclusão social: fatores de risco e consequências para os idosos	7
A exclusão social nos idosos dentro e fora dos centros urbanos	10
As instituições e serviços de apoio aos idosos	12
Percepções dos idosos sobre as práticas das instituições.....	15
Objetivos e pertinência do estudo.....	16
Capítulo III – Metodologia	18
Capítulo IV – Estudo 1	20
Método	20
Participantes.....	20
Instrumento e medidas	20
Procedimento	20
Resultados	22
Diagnóstico multidimensional	22
Serviços, recursos e mobilidade.....	22
Recursos materiais e financeiros.....	22
Participação cívica	22
Aspetos socioculturais	23
Relações sociais	23
Vizinhança e comunidade	24
Estudo comparativo	24
Serviços, recursos e mobilidade.....	25
Recursos materiais e financeiros.....	25
Participação cívica	26
Aspetos socioculturais	26
Relações sociais	27
Vizinhança e comunidade	28

Capítulo V – Estudo 2	31
Método	31
Participantes.....	31
Instituições e serviços de apoio aos idosos na freguesia de Arraiolos	31
Instrumento	33
Procedimento	34
Resultados	36
Considerações gerais	38
Desvantagens das vilas	39
Vantagens das vilas	40
Vantagens dos centros urbanos.....	42
Instituições e serviços em Arraiolos	43
Considerações gerais	43
Aspetos positivos das instituições e serviços	44
Aspetos negativos das instituições e serviços.....	45
Papel das instituições e serviços na exclusão social.....	46
Sugestões de melhoria	47
Capítulo VI – Discussão	49
Contributos e implicações práticas da investigação	54
Limitações e investigações futuras	55
Capítulo VII - Conclusão	58
Referências	59
Anexo A – Descrição das instituições e serviços de apoio à população idosa	65
Anexo B - Indicadores selecionados do ESS, distribuídos pelas 6 dimensões da exclusão social (Walsh, Scharf, & Keating, 2018)	67
Anexo C - Análises descritivas dos indicadores selecionados para o estudo 1, da 4 ^a vaga do ESS (2008), distribuídos pelas respetivas dimensões da exclusão social (Walsh, Scharf, & Keating, 2018).....	76
Anexo D - Caracterização dos participantes do estudo 2.....	84
Anexo E - Guião de entrevista do estudo 2	86
Anexo F - Formulário submetido para aprovação pela Comissão de Ética.....	88
Anexo G - Análise de conteúdo das entrevistas do estudo 2, subdivididas pelas respetivas categorias e subcategorias	98

Índice de Quadros

Quadro 1. Dimensões e indicadores definidos por Walsh e colaboradores (2018).....	7
Quadro 2. Médias de resposta para cada variável quantitativa, na amostra total e em cada um dos contextos considerados	28
Quadro 3. Percentagem de respostas afirmativas para cada variável dicotômica, na amostra total e em cada um dos contextos considerados	30
Quadro 4. Sistema de categorias e subcategorias, por número de referências e sujeitos que os mencionam	36

Glossário de Siglas

ESS – *European Social Survey*

APIFA - Associação de Pensionistas e Idosos da Freguesia de Arraiolos

SAD - Serviço de Apoio Domiciliário

ERPI - Estrutura Residencial para Pessoas Idosas

ECCI - Equipa de Cuidados Continuados Integrados

Capítulo I – Introdução

A exclusão social pode ser vista como um processo de acumulação gradual das várias formas de exclusão que decorre ao longo da vida (Phillipson & Scharf, 2004), concentrando-se sobretudo na velhice (Kneale, 2012). Desta forma, o risco de exclusão social aumenta com a idade, sendo mais elevado entre os idosos, não só devido ao contributo de diversos eventos de vida característicos desta faixa etária (Macleod, Ross, Sacker, Netuveli, & Windle, 2017), mas também pelo facto de os idosos possuírem menores recursos e oportunidades para conseguirem sair, por si próprios, de uma ou várias formas de exclusão (Scharf, 2015, citado por Walsh, Scharf, & Keating, 2018). O aumento da esperança média de vida a que se assiste nas últimas décadas traz, por um lado, novas oportunidades, mas por outro lado grandes mudanças e perdas nas fases mais avançadas da vida das pessoas (Macleod et al., 2017).

Vários fatores contribuem para a vulnerabilidade dos idosos à exclusão social, e às suas consequências, reforçando a importância do estudo deste conceito em idades mais avançadas (Jehoel-Gijsbers & Vrooman, 2008; Walsh, O’Shea, & Scharf, 2012), e de compreender o fenómeno de forma a identificar estratégias para reduzir os seus impactos negativos na qualidade de vida dos idosos (Macleod et al., 2017). Nos últimos anos, as questões do envelhecimento têm vindo a exercer uma influência crescente nas agendas políticas (Phillipson, 2013, citado por Walsh et al., 2018), pelo que o estudo da exclusão social nos idosos trará inúmeras informações relevantes para as políticas sociais relacionadas com a idade (Walsh et al., 2018).

Tendo em conta a importância do estudo da exclusão social nesta faixa etária, o desenvolvimento do presente trabalho teve como objetivo principal a compreensão da multidimensionalidade da exclusão social na população idosa, com base nas experiências e perceções dos idosos, especificamente da população idosa residente fora dos grandes centros urbanos, uma vez que a literatura destaca maior risco relativo de exclusão social nas localidades mais distantes de áreas urbanas (Warburton, Scharf, & Walsh, 2016). Alguns autores indicam a centralização de serviços (Walsh et al., 2012) e a escassez dos mesmos fora dos centros urbanos (Philip & Shucksmith, 2003), nomeadamente de cuidados de saúde (Giarchi, 2006; Warburton et al., 2016) como causas prováveis para o aumento do risco de exclusão social nestas áreas.

Assim sendo, este trabalho focou-se particularmente nos aspetos mais diferenciadores entre centros urbanos e fora dos mesmos, analisando as respostas existentes tendo em conta as perspetivas da população idosa residente em áreas não urbanas. Focou-se também nas

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

instituições de apoio aos idosos, pelo seu papel central na prevenção da sua exclusão social. Desta forma, são apresentados dois estudos, recorrendo a uma metodologia mista, incluindo um estudo quantitativo seguido de um estudo qualitativo. Numa 1ª fase, recorrendo a bases de dados do *European Social Survey* (ESS), foram analisadas as perceções da população com 70 ou mais anos nas várias dimensões da exclusão social e, posteriormente, comparadas tendo em consideração o seu local de residência, com o objetivo de identificar vantagens e desvantagens sentidas pela população idosa residente fora dos centros urbanos. E no 2ª estudo, pretendeu-se explorar com maior detalhe as experiências desta população nos aspetos mais diferenciadores e o papel das instituições de apoio à população idosa neste contexto.

O presente trabalho encontra-se estruturado em sete capítulos, iniciando-se com uma revisão de literatura que pretende enquadrar o tema abordado, incluindo também alguns estudos realizados nesta área. Seguidamente é descrita a metodologia adotada para esta investigação, as vantagens da sua utilização, bem como a ligação estabelecida entre os dois estudos, que são, posteriormente, apresentados. Optou-se por descrever o método e respetivos resultados em capítulos separados, para cada um dos estudos, sendo que no final são discutidos em conjunto, e seguidos de uma breve conclusão.

Capítulo II – Exclusão social: conceito e operacionalização

Exclusão social: definição e características do conceito

A exclusão social remete-nos, muitas vezes, para conceitos como pobreza (Atkinson, 1998), contudo a literatura especializada alerta para a sua multidimensionalidade, podendo definir-se segundo diferentes perspectivas teóricas. Silver (1994) definiu três paradigmas que enquadram o conceito de exclusão social, sendo que cada um deles identifica diferentes causas, baseadas em noções distintas de integração social (Silver, 1994). Em primeiro lugar, o “paradigma da solidariedade” (Silver, 1994, p. 539), que foca a definição do conceito no enfraquecimento ou rutura dos laços sociais do indivíduo (De Haan, 1998). Esta definição centra-se na natureza dinâmica e processual da exclusão social e engloba sobretudo a dimensão relacional do conceito (De Haan, 1998).

Em segundo lugar, o “paradigma do monopólio” (Silver, 1994, p. 539), que deriva das políticas sociais e define o conceito de exclusão social com base nos direitos dos cidadãos, na sua participação ativa na sociedade e nos desequilíbrios de poder das estruturas sociais hierárquicas, nas quais os grupos mais poderosos acabam por restringir o acesso de outros cidadãos (De Haan, 1998; Silver, 1994). Por fim, o “paradigma da especialização” (Silver, 1994, p. 539), que está centrado nas diferenças dos indivíduos e grupos sociais (De Haan, 1998). Segundo esta perspectiva, a exclusão social resultará da discriminação e da distinção entre grupos, que nega o acesso ou a participação dos indivíduos (De Haan, 1998).

Mais recentemente, a exclusão social define-se como os custos sociais provenientes da separação de um indivíduo ou conjunto de indivíduos da restante sociedade (Scharf, Phillipson, & Smith, 2005a). Considerando estas diferentes perspectivas na definição da exclusão social, pode afirmar-se que a exclusão social nos idosos é um processo que se caracteriza pela falta ou rejeição de recursos, direitos, bens e serviços, bem como pela incapacidade de uma pessoa ou grupo de pessoas se envolver em relações e participar em atividades disponíveis a qualquer setor da sociedade (Macleod et al., 2017; Walsh et al., 2018).

O processo de exclusão social é complexo e multidimensional (Levitas et al., 2007), compreendendo a interação entre as suas diferentes dimensões, sendo que cada uma delas pode comportar-se como determinante, indicador ou resultado do processo de exclusão (Macleod et al., 2017). Walsh e colaboradores (2018) propõem uma definição mais abrangente de exclusão social nos idosos, afirmando que este processo resulta de interações

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

entre fatores de risco, processos e resultados, e que envolve não só o indivíduo como toda a comunidade em que este está inserido.

O conceito de exclusão social é frequentemente utilizado como sinónimo de solidão (Victor, Scambler, Bond, & Bowling, 2000, citado por Hajek & König, 2017) ou pobreza (Atkinson, 1998), no entanto têm significados diferentes. É possível que o idoso se sinta sozinho, porque a sua rede social não é aquela que desejaria, mas não sente que esteja excluído da sociedade, ou seja, existe ainda um sentimento de pertença (Wenger, Davies, Shahtahmasebi, & Scott, 1996). Relativamente ao conceito de pobreza, muitas vezes associado à exclusão social, importa referir que não são sinónimos, apesar de estarem fortemente associados, uma vez que uma situação de pobreza aumenta o risco de exclusão social (Atkinson, 1998). Ainda assim, o conceito de exclusão social não engloba exclusivamente fatores económicos, uma vez que poderão existir outros que tenham contribuído para que o idoso se encontre afastado da sociedade (Atkinson, 1998).

A exclusão social deve ser compreendida como um processo dinâmico, no qual um indivíduo está sujeito a múltiplos obstáculos, e que leva a uma rutura (Room, 1999) ou separação do indivíduo da restante sociedade (Commins, 2004; Moffatt & Glasgow, 2009) impedindo o seu acesso a diversas dimensões, quer seja social, económica, política ou cultural (Barnes, Blom, Cox, Lessof, & Walker, 2006; Levitas et al., 2007). Devido à dinâmica deste processo, tanto a forma como o grau de exclusão variam ao longo da vida adulta, em função das circunstâncias, contexto e necessidades do indivíduo (Walsh et al., 2018). Ainda assim, alguns estudos sugerem que é na velhice que o seu impacto e prevalência são mais significativos (Macleod et al., 2017; Walsh et al., 2018). Deste modo, torna-se também importante definir indicadores de exclusão social de acordo com a idade (Macleod et al., 2017).

De acordo com Walsh e colaboradores (2018), a exclusão social pode ser caracterizada por quatro grandes características. Em primeiro lugar, o conceito de exclusão social é relativo, tornando-se importante identificar que população base está a ser utilizada para comparar e avaliar o grau de exclusão (Atkinson, 1998). Especificamente neste trabalho, para analisar a exclusão da população idosa fora dos centros urbanos, considerou-se como população base os idosos residentes em grandes centros urbanos. Em segundo lugar, engloba um agente, que implementa o ato de exclusão, podendo ser excluído contra a sua vontade ou excluir-se a si próprio da sociedade (Atkinson, 1998), sendo, por isso, essencial recolher as perceções e experiências dos próprios idosos, tal como foi realizado no presente estudo, facilitando a compreensão deste processo. Em terceiro lugar, é um processo dinâmico, uma vez que os

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

indivíduos podem entrar ou retirar-se de um processo de exclusão, o que irá influenciar o estado atual do indivíduo bem como as suas perspectivas de futuro (Atkinson, 1998), reforçando a importância de analisar este processo ao longo da vida, uma vez que o grau de exclusão pode variar, possuindo características muito específicas para a população idosa (Walsh et al., 2018). Por fim, a exclusão pode ser caracterizada como um conceito multidimensional, envolvendo, por exemplo, sistemas sociais, económicos, políticos e culturais (Walker & Walker, 1997, citado por Walsh et al., 2018), tornando-se importante o contributo de estudos exploratórios nesta área, como o presente trabalho, focados na compreensão da amplitude da exclusão social, considerando as características do conceito.

A exclusão social na população idosa: operacionalização e dimensões

Dada a especificidade da experiência de exclusão social da população idosa, têm sido desenvolvidos enquadramentos teóricos e instrumentos de medida adaptados a esta população. Diferentes dimensões e indicadores têm sido identificados como relevantes. A primeira medida oficial de exclusão social foi criada em 1998, no Reino Unido, pelo Governo do Trabalho (Department of Social Security, 1998, citado por Kneale, 2012) e incluía diferentes dimensões para cada faixa etária (Kneale, 2012). No caso específico dos idosos, a exclusão social era operacionalizada tendo em conta questões relacionadas com a “pobreza, saúde, esperança média de vida, receio de crimes, questões de habitação e falta de independência” (Kneale, 2012, p. 7), excluindo, desta forma, algumas dimensões atualmente consideradas na literatura mais atual (Kneale, 2012).

Macleod e colaboradores (2017) baseiam a operacionalização da exclusão social em três domínios principais (prestação e acesso a serviços; participação cívica; e relações sociais e recursos), sendo que cada um deles é composto por vários indicadores retirados do questionário *Understanding Society* (Macleod et al., 2017). Assim sendo, o domínio “prestação e acesso a serviços” inclui indicadores relacionados com o acesso a serviços básicos, a qualidade dos serviços locais e o acesso a instalações desportivas ou de lazer (Macleod et al., 2017). Os participantes são questionados acerca da possibilidade de aceder a serviços básicos, como serviços de saúde ou supermercados, em caso de necessidade, e avaliam ainda um conjunto de outros serviços (Macleod et al., 2017). O domínio “participação cívica” inclui indicadores de participação em atividades culturais, desportivas e de lazer, bem como voluntariado (Macleod et al., 2017). É questionada a frequência com que participam em atividades de determinadas organizações, eventos de arte ou atividades de lazer, bem como a visita a museus ou bibliotecas (Macleod et al., 2017). Por último, o

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

domínio “relações sociais e recursos” inclui indicadores como viver sozinho, o contacto com crianças e amigades (Macleod et al., 2017). Como exemplos de indicadores, salientam-se o grau em que o participante se sente compreendido pelo seu parceiro (caso não viva sozinho), o número de amigos próximos e a frequência de saídas ou visitas a amigos (Macleod et al., 2017). Adicionalmente, para aqueles que reportam ter filhos a viver fora de casa, é questionada a frequência de contacto com os mesmos (Macleod et al., 2017).

Tal como Macleod e colaboradores (2017), que consideraram três domínios principais da exclusão social, muitos outros autores têm subdividido este conceito em diferentes dimensões ou formas de exclusão. Scharf e colaboradores (2005a), começaram por definir cinco formas principais de exclusão social, sendo estas a exclusão de recursos materiais, correspondente aos rendimentos do idoso; a exclusão de relações sociais, relacionado com a capacidade de se envolver em relações significativas; a exclusão de serviços básicos, associado ao acesso, por parte do idoso, a serviços indispensáveis ao seu dia a dia; a exclusão de atividades cívicas, relacionado com a capacidade de se envolver em aspetos cívicos da sociedade; e a exclusão da vizinhança, que terá influência na identidade e qualidade de vida do idoso (Scharf et al., 2005a). Relativamente a esta última dimensão, alguns estudos sugerem que a vizinhança será mais valorizada pelos idosos do que pelos restantes grupos etários (Scharf et al., 2005a).

Barnes e colaboradores (2006), mantendo também o foco na exclusão social na população idosa, optam por subdividi-la em sete dimensões. Assim sendo, consideram, tal como os autores anteriores, a exclusão de relações sociais, relacionada com os laços sociais e frequência de contacto com familiares e amigos; a exclusão de atividades cívicas, como o voluntariado ou partidos políticos; a exclusão de serviços básicos, associada ao acesso a serviços essenciais à qualidade de vida do idoso; a exclusão da vizinhança, relacionada com o sentimento face à comunidade onde está inserido; e a exclusão de aspetos financeiros, que diz respeito à gestão diária do seu próprio orçamento (Barnes et al., 2006). Por fim, Barnes e colaboradores (2006) consideram ainda duas outras dimensões, nomeadamente a exclusão de bens materiais, relacionada com os bens possuídos pelo idoso enquanto consumidor comum; e a exclusão de atividades culturais, como cinema, teatro ou férias e refeições fora de casa (Barnes et al., 2006).

Mais recentemente, Walsh e colaboradores (Walsh et al., 2018), integrando as definições de vários autores numa recente revisão dedicada à exclusão social em idades avançadas, definem o conceito de exclusão social em seis dimensões: recursos materiais e financeiros; relações sociais; serviços, recursos e mobilidade; participação cívica; vizinhança

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

e comunidade; e aspetos socioculturais (Walsh et al., 2018). No quadro 1 são apresentados os temas dos indicadores definidos pelos autores para avaliar a exclusão social em cada uma das seis dimensões consideradas.

Quadro 1. *Dimensões e indicadores definidos por Walsh e colaboradores (2018)*

Dimensões	Indicadores
(1) Recursos materiais e financeiros	Emprego, pensões, situações de pobreza e privação de recursos materiais
(2) Relações sociais	Qualidade das relações, solidão, isolamento e redes sociais e de suporte
(3) Serviços, recursos e mobilidade	Acesso a serviços gerais, serviços de saúde e de assistência social, acesso a transportes, mobilidade e habitação
(4) Participação cívica	Participação política, exercício do direito de voto e participação em atividades cívicas na comunidade
(5) Vizinhança e comunidade	Aspetos sociais e relacionais, ambiente da área de residência, sentimento de segurança no bairro e situações de crime na comunidade
(6) Aspetos socioculturais	Discriminação e idadismo, e integração nas normas e valores da sociedade

A divisão, em seis dimensões, apresentada por estes autores (Walsh et al., 2018) foi a definição utilizada como base para esta dissertação, uma vez que integra trabalhos de diferentes autores, numa revisão recente e multidisciplinar, abrangendo definições de várias fontes.

Estudos sobre exclusão social: fatores de risco e consequências para os idosos

Grande parte da literatura no âmbito da exclusão social foca-se nos determinantes deste processo, de modo a aprofundar fatores que poderão aumentar o risco de exclusão social nos idosos. De acordo com alguns estudos, o risco de exclusão social aumenta significativamente com o avançar da idade (Jehoel-Gijsbers & Vrooman, 2008; Macleod et al., 2017; Walsh et al., 2018), devido a um conjunto de determinantes ou fatores de risco, propícios desta faixa etária, e que tornam a população idosa num grupo vulnerável à exclusão social (Feng, 2011), particularmente para os idosos com idade superior a 90 anos (Macleod et

al., 2017). Assim sendo, a velhice pode ser considerada como um fator de risco por si só, pelo facto de o idoso estar mais suscetível a problemas de saúde, dificuldades de locomoção e à perda gradual da sua independência (Kneale, 2012), que irão comprometer a participação do idoso na sociedade, em atividades sociais e o seu acesso a serviços básicos e bens materiais (Jose & Cherayi, 2016; Kneale, 2012). Na generalidade, esta fase da vida poderá também incluir a entrada na reforma, a diminuição dos rendimentos devido à perda de um emprego remunerado, o afastamento de colegas de trabalho (Feng, 2011; Jehoel-Gijsbers & Vrooman, 2008), a viuvez e a perda de amigos que poderão aumentar o risco de exclusão social deste grupo etário (Scharf, Phillipson, & Smith, 2005b).

Barnes e colaboradores (2006) demonstraram que existem fatores de risco mais específicos e que poderão conduzir à exclusão social em determinadas dimensões. Assim sendo, verificaram que o facto de o idoso viver sozinho, aumenta o risco de exclusão de relações sociais, de serviços básicos e bens materiais; condições de saúde mais débeis, especificamente casos de depressão, facilitam a exclusão de atividades culturais, serviços básicos e participação cívica; e maiores dificuldades de acesso a transportes públicos ou viatura própria consideram-se fatores de risco, influenciando sobretudo a exclusão de serviços básicos, participação cívica e bens materiais (Barnes et al., 2006).

O género, o nível de escolaridade e a etnia foram também identificados como possíveis fatores de risco para algumas dimensões da exclusão social. Nomeadamente as mulheres com mais idade apresentaram um maior risco de exclusão de atividades culturais, participação cívica e aspetos financeiros (Barnes et al., 2006; Kneale, 2012), enquanto que para os homens mais velhos, é mais provável serem excluídos de relações sociais e bens materiais (Barnes et al., 2006). Mais recentemente, Jose e Cherayi (2016) reforçam o papel do género no risco de exclusão social, demonstrando que o processo de envelhecimento poderá ser experienciado de forma diferente entre homens e mulheres. Desta forma, as mulheres mais velhas, viúvas e a viver sozinhas reportaram níveis de exclusão social severa, sobretudo devido à sua reduzida participação social e elevada dificuldade de acesso a bens materiais (Jose & Cherayi, 2016). Este mesmo estudo concluiu ainda que o nível de escolaridade tem um forte impacto no risco de exclusão social, sendo que, tanto para os idosos do sexo feminino como masculino, um maior nível de escolaridade contribui para a redução da severidade da exclusão social (Jose & Cherayi, 2016).

Relativamente à etnia, os idosos pertencentes a minorias étnicas, apresentaram uma maior probabilidade de exclusão de recursos materiais, de relações sociais e de serviços (Scharf et al., 2005a). Num estudo realizado em Inglaterra, Scharf e colaboradores (2005a)

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

verificaram também diferenças entre grupos étnicos específicos. De um modo geral, o grupo de idosos originário da Índia e Caraíbas, foi o grupo que demonstrou menor suscetibilidade à exclusão social, na maioria das suas dimensões (Scharf et al., 2005a). Por outro lado, os idosos originários da Somália e Paquistão apresentaram maior vulnerabilidade à exclusão de recursos materiais, relações sociais e serviços básicos, e menor probabilidade de exclusão de atividades cívicas e vizinhança (Scharf et al., 2005a). Por fim, os idosos caucasianos foram o grupo com maior suscetibilidade à exclusão de atividades cívicas e vizinhança (Scharf et al., 2005a).

Sabe-se ainda que a exclusão numa determinada dimensão aumentará também, por si só, o risco de exclusão de outras dimensões (Barnes et al., 2006). Assim sendo, a exclusão do idoso de três ou mais dimensões designa-se por exclusão múltipla, por exemplo viver sozinho, ter idade superior a 80 anos, ter depressão ou saúde debilitada ou dificuldades de acesso a transportes irão contribuir para um maior risco de o idoso se encontrar nesta situação (Barnes et al., 2006).

Neste contexto, podemos agrupar os determinantes da exclusão social em diferentes níveis. O primeiro nível, mais abrangente, corresponde aos riscos macro, associados a políticas governamentais inadequadas bem como processos sociais, como o envelhecimento da população e a recessão económica; o segundo nível diz respeito aos riscos meso, relacionados com os contextos de proximidade, a sociedade e os cidadãos, e que envolve processos como a discriminação; e por fim, o terceiro nível, mais específico e individualizado, que pode incluir a posição no mercado de trabalho e a saúde do indivíduo (Jehoel-Gijsbers & Vrooman, 2008).

No entanto, os fatores de risco podem comportar-se simultaneamente como consequências, realçando o carácter circular da exclusão social (Kneale, 2012). Desta forma, a exclusão social pode ser definida como uma “consequência provável de fatores de risco” (Jehoel-Gijsbers & Vrooman, 2008, p. 3). Assim, a saúde debilitada do idoso, aumentará o risco de exclusão social; no entanto, o processo de exclusão irá debilitar mais a saúde do idoso, aumentando novamente o seu risco (Kneale, 2012). Verifica-se a mesma situação no domínio financeiro, no qual a exclusão social afeta a capacidade de negociação do idoso, no entanto essa incapacidade de obter aquilo que necessita é também uma das causas para que o sujeito seja excluído (Kneale, 2012).

Adicionalmente, a literatura destaca como principais consequências, uma menor qualidade de vida e menor estatuto social, maior incerteza financeira, maior dificuldade na realização das atividades diárias e maiores níveis de solidão e isolamento (Kneale, 2012).

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

Sabe-se também que a exclusão social poderá ter influência na saúde física e psicológica do idoso (Macleod et al., 2017), especificamente a exclusão de relações sociais (Nordin et al., 2016). O sentimento de solidão elevado, proveniente da falta de contactos sociais, terá influência nos níveis de depressão e mortalidade, e o isolamento social do idoso poderá acelerar o seu declínio cognitivo e o aparecimento de doenças cardíacas (Nordin et al., 2016).

Estas investigações, focadas nos determinantes e consequências da exclusão social, reforçam a importância do estudo deste conceito na população idosa, não só pela sua vulnerabilidade e risco elevado de exclusão associado aos idosos, bem como pelos efeitos negativos que este processo acarreta (Jehoel-Gijsbers & Vrooman, 2008; Walsh, et al., 2012), tornando-se essencial de forma a minimizar as consequências para a população idosa (Macleod et al., 2017).

A exclusão social nos idosos dentro e fora dos centros urbanos

Nos últimos anos, vários autores têm abordado o conceito de exclusão social considerando o local de residência dos idosos e demonstrando a importância do contexto para o aumento do risco de exclusão social, nomeadamente nas localidades mais remotas e distantes dos grandes centros urbanos (Warburton et al., 2016). Feng (2011), através de um conjunto de questionários aplicados à população idosa na China, residentes em áreas urbanas e áreas rurais, concluiu que os idosos que residem fora das áreas urbanas apresentam maior risco de exclusão social do que aqueles que residem em centros urbanos. As desigualdades entre os dois contextos são identificadas como causas prováveis de exclusão social, pelo facto de os centros urbanos possuírem maior número de associações e organizações, e proporcionarem maior oferta de atividades sociais, permitindo a participação ativa dos idosos (Feng, 2011; Moffat & Glasgow, 2009) e contribuindo para reduzir a percepção de solidão nas áreas urbanas (Feng, 2011). Adicionalmente, Vogelsang (2016) verificou também um menor envolvimento social dos idosos fora dos centros urbanos, devido à falta de oferta de atividades culturais, de convívio e lazer ou atividades desportivas.

Para além da participação social, existem também outras barreiras fora dos centros urbanos, tais como dificuldades de acesso a serviços básicos (Philip & Shucksmith, 2003) e recursos materiais (Scharf & Bartlam, 2008, citado por Moffatt & Glasgow, 2009), que contribuem para a rutura do idoso com a sociedade (Warburton et al., 2016) e dificultam a sua inclusão social (Moffat & Glasgow, 2009). A centralização dos serviços (Walsh et al., 2012) dificulta o acesso da população idosa a serviços públicos e serviços gerais, como superfícies comerciais ou dependências bancárias (Giarchi, 2006).

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

A perda de serviços locais em áreas com baixa densidade populacional tem contribuído também para a dificuldade de acesso a estes serviços (Scharf & Bartlam, 2008, citado por Moffatt & Glasgow, 2009), impedindo os idosos de manter o contacto com os serviços que necessitam (Warburton et al., 2016) e forçando a sua deslocação a centros urbanos (Walsh et al., 2012). No entanto, esta deslocação pode não ser possível para muitos idosos, devido às suas condições de saúde e limitações físicas (Scharf & Bartlam, 2008, citado por Moffatt & Glasgow, 2009), bem como à falta de transportes públicos nestas localidades (Walsh et al., 2012). Adicionalmente, a falta de serviços de saúde fora das áreas urbanas é outro aspeto negativo referido (Giarchi, 2006; Warburton et al., 2016), devido à centralização destes serviços, dificultando o acesso dos idosos que, muitas vezes, deslocam-se para os grandes centros para receber cuidados de saúde (Walsh et al., 2012; Warburton et al., 2016).

Face a este conjunto de fatores de risco presentes nas áreas não urbanas, torna-se importante salientar aspetos positivos destas zonas e que contribuem para a redução do risco de exclusão social, em comparação com os centros urbanos. Neste sentido, alguns estudos têm demonstrado que fora dos centros urbanos existe uma maior proximidade e entreeajuda, facilitando o envolvimento dos idosos na comunidade onde residem (Moffatt & Glasgow, 2009). As relações sociais são também percecionadas como de melhor qualidade, existindo um maior número de contactos sociais e maior ligação entre os residentes (Walsh et al., 2012), nomeadamente com a vizinhança, que desempenha um papel fundamental na vida dos idosos (Walsh et al., 2012; Warburton et al., 2016). Todos estes fatores parecem contribuir para uma maior vinculação e sentimento de pertença à comunidade fora dos centros urbanos (Walsh et al., 2012; Warburton et al., 2016).

De um modo geral, os autores (Warburton et al., 2016) identificam fatores de risco de exclusão social para os idosos de ambos os contextos, sendo que a principal desvantagem nos grandes centros urbanos será a falta de suporte social por parte da comunidade, e fora das áreas urbanas salienta-se a falta de serviços gerais e cuidados de saúde, reforçando a importância da descentralização dos mesmos (Warburton et al., 2016). Considerando as especificidades de ambos os contextos, torna-se importante compreender o conceito de exclusão social de forma contextualizada e baseada nas perceções dos próprios idosos, tal como foi objetivo deste trabalho.

No contexto específico da exclusão ao nível dos “serviços, recursos e mobilidade” (Walsh et al., 2018, p. 87), importa considerar a exclusão no acesso aos serviços pelos idosos e a exclusão gerada pelo funcionamento dos próprios serviços, não dando conta das

necessidades específicas de todos os utilizadores. A literatura tem-se focado nos determinantes associados à exclusão dos idosos ao nível do acesso, relacionados com desvantagens económicas, sociais, geográficas ou culturais (Walsh et al., 2018). A exclusão social de serviços, recursos e mobilidade pode englobar a exclusão de “serviços de cuidados de saúde e cuidados sociais, serviços gerais, transportes e mobilidade, tecnologias da informação e da comunicação e serviços de habitação” (Walsh et al., 2018, p. 92). No âmbito dos serviços de cuidados de saúde e cuidados sociais, Walsh e colaboradores (2018), concluem que o foco está na exclusão proveniente da “localização geográfica e social, pobreza, deficiência, discriminação e idadismo, falta de sensibilidade cultural e incapacidade de responder às necessidades de grupos específicos de idosos” (Walsh et al., 2018, p. 90). Nesta dimensão podemos enquadrar o papel das instituições e serviços de apoio aos idosos ao nível da integração e exclusão social dos mesmos.

As instituições e serviços de apoio aos idosos

O papel das instituições e serviços de apoio à população idosa, na prevenção da sua exclusão social, tem sido pouco estudado na literatura especializada. A literatura consultada sobre o tema inclui práticas orientadoras disponibilizados pela Segurança Social e estudos exploratórios realizados em instituições de apoio a idosos. Devido ao envelhecimento da população e ao aumento da esperança média de vida, aumenta também a necessidade de respostas sociais para os idosos. Espera-se que as instituições e serviços de apoio aos idosos possam prestar cuidados de qualidade e a criar condições propícias a um envelhecimento ativo e autónomo (Cardoso & Costa, 2006; Sousa & Oliveira, 2015). Para além da disponibilização de serviços básicos, a ocupação dos tempos livres continua a ser uma das principais preocupações das instituições, contribuindo para o desenvolvimento pessoal e social dos idosos e para que estes encarem a velhice como uma fase positiva da sua vida (Sousa & Oliveira, 2015).

Com base na tipologia de respostas de apoio social públicas disponibilizadas à população idosa portuguesa, as instituições dirigidas à população idosa são as que prestam serviço de apoio domiciliário, centro de convívio, centro de dia, centro de noite, estruturas residenciais e acolhimento familiar, descritas no Anexo A (Segurança Social, 2016).

De acordo com Cardoso e Costa (2006), através de um estudo de caso, o papel das instituições dirigidas à população idosa na prevenção da exclusão social remete para diferentes dimensões, podendo englobar direitos como o alojamento e cuidados de saúde, bem como a pertença a redes sociais e atividades de lazer, no âmbito da participação social

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

(Cardoso & Costa, 2006). Desta forma, as instituições que disponibilizam alojamento aos seus utentes deverão ter em consideração as condições do espaço e dos equipamentos, uma vez que serão necessárias para colmatar as necessidades materiais e sociais dos idosos e contribuem para o reforço da sua imagem social da velhice (Fernandes, 1997, citado por Cardoso & Costa, 2006). A assistência prestada aos utentes terá também um papel fundamental na prevenção da exclusão social dos idosos, nomeadamente no que diz respeito aos cuidados de saúde prestados, que são uma necessidade para a maioria dos idosos, devido ao seu estado de saúde e limitações físicas (Cardoso & Costa, 2006). Seja na própria instituição ou fora da mesma, é fundamental que seja disponibilizado apoio médico consoante as necessidades e respeitando os direitos dos utentes (Cardoso & Costa, 2006). Salienta-se ainda que a assistência prestada engloba não só a assistência médica, mas também a assistência social e afetiva para com os idosos, que deverá basear-se na compreensão e afetividade do pessoal (Cardoso & Costa, 2006).

Estas instituições, enquanto prestadoras de serviços de apoio social, devem também trabalhar no sentido da promoção das interações sociais dos idosos (Magalhães, Anes, & Rebelo, 2017), não só entre os próprios utentes mas também com a comunidade, mantendo os idosos ativos e em contacto com o exterior (Bonfim & Saraiva, 1996; Segurança Social, 2011, 2014). Atividades socioculturais, ocupacionais e de lazer são utilizadas para promover a integração social dos idosos e manter um clima de relacionamento saudável entre os utentes da instituição (Bonfim, Garrido, Saraiva, & Veiga, 1996; Magalhães et al., 2017). Neste contexto, a participação social do idoso, necessária para prevenir a sua exclusão da comunidade, pode incluir o sentimento de pertença a redes sociais e a participação em atividades de lazer (Cardoso & Costa, 2006). A criação de laços e coesão social dentro da própria instituição, a entreajuda e a interação entre utentes e com a comunidade, reduzem o sentimento de exclusão por parte do idoso (Cardoso & Costa, 2006).

Adicionalmente, torna-se importante consciencializar as instituições para o papel do idoso, enquanto utente das mesmas, valorizando a participação dos idosos nas práticas das próprias instituições (Malderen, Vriendt, Mets, & Gorus, 2017; Segurança Social, 2011). O idoso deverá manter um papel ativo, colaborando, sempre que possível, no funcionamento e tarefas diárias do centro de dia (Malderen et al., 2017). Enquanto utente, o idoso deverá ter oportunidade para colaborar no planeamento de atividades (Segurança Social, 2011) e para fazer sugestões de melhoria, de forma a assegurar que os cuidados que lhe são prestados estão de acordo com as suas necessidades (Malderen et al., 2017). Um papel mais ativo na instituição que frequenta contribuirá para maiores níveis de identidade social,

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

responsabilidade, dignidade e comunicação (Malderen et al., 2017). Por outro lado, a instituição deverá também trabalhar no sentido de manter a autonomia do idoso, permitindo que este tome as suas próprias decisões e que faça escolhas, o que irá refletir-se positivamente na qualidade de vida do idoso (Malderen et al., 2017).

De um modo geral, como principais objetivos das instituições e serviços de apoio aos idosos, no âmbito da prevenção da exclusão social, definidos pela Segurança Social, destacam-se a promoção das relações interpessoais entre os idosos e com outros grupos etários, o envolvimento e participação social, o fomento da interação dos utentes com a família e comunidade em geral (Bonfim & Saraiva, 1996; Segurança Social, 2011), e a criação de novos relacionamentos, não só com os restantes utentes mas também com os colaboradores e voluntários da instituição (Segurança Social, 2014). Adicionalmente, devem também disponibilizar condições de habitação e cuidados médicos, e prestar a assistência necessária com a qualidade que lhes é exigida (Cardoso & Costa, 2006).

Considerando o modelo teórico de exclusão social de Walsh e colaboradores (2018), que serviu de base a este trabalho, é possível verificar que as dimensões da exclusão social não estão refletidas com o mesmo destaque nos objetivos delineados para as instituições de apoio aos idosos pela Segurança Social ou pela literatura consultada. Deste modo, as práticas destas instituições, no âmbito da exclusão social, podem enquadrar-se de forma mais consistente em cinco das seis dimensões consideradas pelos autores, uma vez que consideram a prevenção da exclusão de relações sociais, através da criação de relações interpessoais entre os utentes (Segurança Social, 2014); a prevenção da exclusão da vizinhança e da comunidade bem como da participação cívica, promovendo a participação dos idosos na comunidade onde estão inseridos (Segurança Social, 2011); a prevenção da exclusão social no acesso a serviços, especificamente de serviços de saúde e habitação, que são disponibilizados aos idosos que frequentam a instituição (Cardoso & Costa, 2006); e a prevenção da exclusão de aspetos socioculturais, nomeadamente do idadismo, através da promoção de relações interpessoais entre os utentes e outros grupos etários (Bonfim & Saraiva, 1996). Por outro lado, a dimensão relativa aos recursos materiais e financeiros é menos destacada nos objetivos principais estabelecidos para as instituições de apoio aos idosos, de acordo com as práticas orientadoras, disponibilizadas pela Segurança Social.

Embora seja notório o papel destas instituições na promoção das relações sociais entre os idosos e na prevenção da sua exclusão social, muitas vezes “coabitação não é garantia de não isolamento” (Cardoso & Costa, 2006, p. 107). O processo de institucionalização provoca uma rutura com os hábitos dos idosos, dificultando a criação de novos laços sociais e a

participação em atividades sociais que não estavam incluídas no seu quotidiano (Cardoso & Costa, 2006). É necessário que o idoso realize alterações ao seu modo de vida, de forma a adaptar-se à sua nova condição, a qual poderá ter efeitos negativos (Seifert & Schelling, 2018) e que leva muitos idosos a associar a entrada numa instituição a algo indesejado, nomeadamente as que implicam o alojamento permanente do idoso (Cardoso & Costa, 2006). Embora afastem estes idosos do seu domicílio e familiares, estas instituições são, cada vez mais, a única solução para inúmeras famílias (Cardoso & Costa, 2006). Adicionalmente, são associados outros aspetos negativos como a despersonalização do idoso, o afastamento da comunidade, a monotonia e o tratamento pouco personalizado como principais desvantagens das instituições de apoio aos idosos (Cardoso & Costa, 2006).

De modo a amenizar os efeitos negativos causados pelo processo de institucionalização, torna-se essencial analisar as perceções dos próprios idosos, uma vez que são os utentes ou futuros utentes das instituições aqueles que melhor conhecem as suas necessidades bem como as condições e os serviços que lhes são prestados (Cardoso & Costa, 2006). O conhecimento do significado que esta temática tem para o próprio idoso poderá ter implicações no serviço que é disponibilizado (Miner, Liebel, Wilde, Carroll, & Omar, 2017) e será possível realizar alterações mais eficazes que vão de encontro à suas necessidades (Marques, Sánchez, & Vicario, 2014), melhorando o acesso e o uso destes serviços (Miner et al., 2017). Desta forma, os idosos são também envolvidos na discussão do problema e a sua perspetiva pode ser considerada na tomada de decisões (Ronzi, Pope, Orton, & Bruce, 2016). Adicionalmente, o estudo das suas perceções permite dar voz aos idosos, permitindo compreender o tema em estudo através das suas próprias palavras (Dattilo et al., 2015) e incentivando o diálogo acerca dos problemas identificados (Ronzi et al., 2016).

Perceções dos idosos sobre as práticas das instituições. Num estudo dedicado à análise das perceções dos idosos que frequentam centros de dia, Dattilo e colaboradores (2015) verificaram que, de uma forma geral, os idosos têm uma atitude positiva face às atividades de lazer realizadas na instituição, por ser uma forma de manter os utentes mentalmente ativos e de proporcionar momentos de aprendizagem. Para além das atividades mais comuns, realizadas nestas instituições, alguns idosos demonstraram interesse em participar noutra género de atividades, como o voluntariado, para que se sintam úteis, dando algo à comunidade onde estão inseridos (Dattilo et al., 2015). Outro aspeto muito referido pelos utentes foi a socialização, na medida em que o centro de dia lhes permite criar relações

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

de amizade com os outros utentes, sendo esta a principal razão pela qual alguns dos idosos decidiram frequentar a instituição (Dattilo et al., 2015).

O apoio prestado e a satisfação das suas necessidades, nomeadamente nos cuidados de higiene, são também referidos pelos idosos como positivos, contribuindo para o seu bem-estar e para o estabelecimento de relações significativas com os funcionários da instituição (Drageset, Haugan, & Tranvåg, 2017). Adicionalmente, esta proximidade com o pessoal e o sentimento de pertença à instituição mostraram ser bastante relevantes para os idosos, tendo efeitos positivos no seu bem-estar (Drageset et al., 2017). Tal como no estudo anterior, as atividades de lazer fora da rotina, como passeios fora do espaço do lar, foram também referidas pelos utentes como prática essencial das instituições (Drageset et al., 2017).

No entanto, são também salientados os aspetos mais negativos do processo de institucionalização. Numa outra investigação realizada com idosos institucionalizados, Borda e Yarnoz (2015) demonstraram que uma das maiores dificuldades sentidas pelos utentes é a adaptação à instituição, a aceitação das regras existentes no espaço e o afastamento da sua família e da sua residência. Outros aspetos negativos referidos pelos utentes foram ainda situações de roubos dentro da própria instituição (Borda & Yarnoz, 2015).

Objetivos e pertinência do estudo

Dada a importância do estudo da exclusão social dos idosos e as lacunas existentes na literatura, nomeadamente ao nível da compreensão da multidimensionalidade da exclusão social e do papel das instituições e serviços na sua prevenção, esta investigação foi segmentada em dois estudos de modo a atingir os objetivos estabelecidos. Primeiramente pretende-se contribuir para a compreensão da multidimensionalidade da experiência da exclusão social, através de uma descrição da população portuguesa com 70 ou mais anos, nas várias dimensões da exclusão social definidas por Walsh e colaboradores (2018), com recurso a bases de dados do ESS.

Face ao risco elevado de exclusão social fora dos centros urbanos apresentado por alguns autores (Warburton et al., 2016), apresenta-se uma comparação entre a população idosa residente em centros urbanos e fora destes centros, nos diferentes domínios da exclusão social. Pretende-se identificar vantagens e desvantagens específicas da população idosa portuguesa residente fora dos grandes centros urbanos. A questão de investigação para este primeiro estudo é “Como se caracteriza o risco social da população idosa fora dos centros urbanos, em Portugal?”.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

Baseado nas principais diferenças encontradas no primeiro estudo, que compara as experiências dentro e fora dos centros urbanos, foi desenvolvido um segundo estudo, com o objetivo de explorar as percepções da população idosa acerca das diferenças mais relevantes, com base nas experiências de idosos residentes na freguesia de Arraiolos. Desta forma, pretende-se responder à questão “Quais são as diferenças percebidas pelos idosos entre os centros urbanos e fora dos centros urbanos nas dimensões chave da exclusão social?”.

Considerando o destaque na literatura quanto às dificuldades de acesso a serviços como aspetos particularmente penalizadores para o envelhecimento nas áreas não urbanas (Giarchi, 2006; Philip & Shucksmith, 2003; Warburton et al., 2016), o estudo qualitativo explora em particular a dimensão da exclusão social relativa aos “serviços, recursos e mobilidade” (Walsh et al., 2018, p. 87). Com esse objetivo foram analisadas as percepções da população com 70 ou mais anos, acerca das instituições e serviços de apoio aos idosos, nomeadamente o seu papel na prevenção da exclusão social. Assim sendo, apresenta-se um mapeamento das percepções dos idosos não institucionalizados e residentes fora dos centros urbanos, na freguesia de Arraiolos, relativamente a estas temáticas, de modo a responder à questão “Quais são as percepções dos idosos acerca do papel das instituições e serviços dirigidos à população idosa, no âmbito da exclusão social?”. Neste contexto, foi também objetivo deste estudo formular recomendações para as instituições e serviços, tendo em conta as principais preocupações dos idosos residentes na freguesia de Arraiolos.

Capítulo III – Metodologia

Este trabalho foi desenvolvido com recurso a uma metodologia mista, englobando dois estudos sequenciais de carácter distinto. A integração destes dois estudos, quantitativo e qualitativo, numa só investigação, traz inúmeros benefícios, nomeadamente pela possibilidade de combinar diferentes metodologias de recolha de dados, como questionários e entrevistas, de forma a que os estudos se complementem, enriquecendo a investigação (Johnson, Onwuegbuzie, & Turner, 2007). Esta abordagem mista inclui a utilização de perspetivas e recolha de dados quantitativos e qualitativos, bem como diferentes técnicas e análises (Johnson et al., 2007).

Mais especificamente, esta investigação inclui uma metodologia parcialmente mista (*partially mixed*), pelo facto de as diferentes abordagens terem sido utilizadas em diferentes fases da investigação (Leech & Onwuegbuzie, 2007). Pode definir-se especificamente como mista com predominância qualitativa (*qualitative dominant mixed*), representada por quan+QUAL, uma vez que engloba ambas as abordagens, no entanto com maior prevalência das técnicas qualitativas. A metodologia quantitativa foi incluída inicialmente nesta investigação de forma a complementar e beneficiar o estudo qualitativo, que se realizou de seguida (Johnson et al., 2007), sendo definido, neste sentido, como sequencial (Leech & Onwuegbuzie, 2007). Tendo em conta todas estas características, esta investigação define-se como uma abordagem parcialmente mista, sequencial e com estatuto dominante (“*partially mixed sequential dominant status design*”, Leech & Onwuegbuzie, 2007, p. 270), uma vez que inclui duas fases, que ocorrem sequencialmente, com maior ênfase por parte do estudo qualitativo (Leech & Onwuegbuzie, 2007).

Deste modo, este trabalho iniciou-se com a realização de um estudo quantitativo, com recurso a bases de dados do ESS, que permitiu analisar a população idosa portuguesa, nas várias dimensões da exclusão social, e comparar a experiência de exclusão em diferentes contextos (centros urbanos e fora dos centros urbanos). As principais diferenças encontradas entre os dois contextos em análise, foram utilizadas para informar o estudo qualitativo, que se focou na população idosa residente fora dos centros urbanos e explorou, junto destes idosos, as vantagens e desvantagens destes locais no âmbito da exclusão social, bem como o papel das instituições e serviços de apoio aos idosos na prevenção da exclusão dos seus utentes. No estudo qualitativo, com recurso a uma análise de conteúdo, o objetivo foi elaborar inferências, através da “desmontagem de um discurso e da produção de um novo discurso” (Vala, 1986, p. 104), atribuindo significado ao texto. O objetivo principal que se pretende alcançar com esta

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

análise de conteúdo é compreender as percepções dos entrevistados residentes na freguesia de Arraiolos sobre as desigualdades entre os grandes centros urbanos e fora dos mesmos.

Adicionalmente, pretende-se também clarificar o papel das instituições e serviços de apoio aos idosos no âmbito da exclusão social, segundo a perspetiva dos próprios idosos.

O método e respetivos resultados de cada estudo são apresentados em capítulos separados, sendo que, posteriormente, são discutidos em conjunto. Para ambos os estudos, a definição da idade mínima da amostra foi baseada nas questões apresentadas pelo ESS, de modo a manter o mesmo grupo alvo, uma vez que o questionário define os 70 anos de idade como referência para a população idosa. Numa 1ª fase deste trabalho, antes de iniciar o estudo quantitativo, procedeu-se à análise das oito vagas do ESS, com dados disponíveis para a população portuguesa, e foram selecionados todos os indicadores que abordassem questões relacionadas com o conceito de exclusão social. Esses mesmos indicadores foram posteriormente distribuídos pelas respetivas dimensões, definidas por Walsh e colaboradores (2018), e encontram-se listados no Anexo B. Finalizada a análise de todas as vagas, optou-se por utilizar apenas os indicadores pertencentes à 4ª vaga, referente ao ano de 2008 (European Social Survey, 2008b), uma vez que incluía um módulo rotativo dedicado ao idadismo, mais orientado para a população idosa, sendo, por isso, mais relevante para o estudo da exclusão social neste grupo etário.

Capítulo IV - Estudo 1

Método

Participantes. Este estudo iniciou-se com recurso a uma base de dados do ESS (European Social Survey, 2008a), correspondendo aos dados recolhidos apenas com a população portuguesa, totalizando 2367 participantes, dos quais foram selecionados todos os respondentes com 70 ou mais anos de idade. Desta forma, a amostra utilizada para este estudo é composta por 475 indivíduos, participantes da 4ª vaga do ESS, realizada em Portugal no ano de 2008. A amostra tem idades compreendidas entre os 70 e os 95 anos ($M_{idade} = 76.77$, $DP = 5.28$), sendo 62.3% do sexo feminino. Relativamente às habilitações literárias, a maioria dos participantes indicou não ter nenhum de nível de escolaridade (31.3%) ou apenas o 1º ciclo completo (52.1%).

Instrumento e medidas. O instrumento selecionado para este estudo foi o ESS, por se tratar de um questionário onde é possível obter resultados relativos à perceção dos respondentes, por permitir a comparação entre grupos, nomeadamente a comparação entre residentes de contextos urbanos e não urbanos, e pelo facto de a 4ª vaga, selecionada para este estudo, incluir um módulo dedicado ao envelhecimento, com questões relevantes tendo em conta o objetivo deste trabalho. O ESS tem o objetivo de interpretar dados relativos à condição social dos cidadãos europeus, explorando as suas atitudes, perceções e comportamentos, de forma a obter dados passíveis de comparação entre os vários países (European Social Survey, 2019a). Este questionário engloba duas secções de questões, uma delas fixa ao longo de todas as vagas, avaliando mudanças de atitudes e valores; e outra secção rotativa, que diz respeito a dois módulos de questões que variam ao longo das vagas (European Social Survey, 2019b). Os indicadores utilizados como medida para este estudo foram selecionados da 4ª vaga do ESS, referente ao ano de 2008, e foram, respetivamente, distribuídos pelas seis dimensões da exclusão social. A lista de indicadores utilizada nas análises estatísticas é apresentada no Anexo C.

Procedimento. O tratamento dos dados estatísticos, relativos aos indicadores selecionados, foi realizado com recurso ao *software* SPSS. Iniciou-se com a recodificação de determinadas variáveis e eliminação de alguns casos omissos, de modo a facilitar a análise dos dados. A variável correspondente à posse de internet (F73) foi a que sofreu mais alterações uma vez que a questão original era “Utiliza a internet para fazer chamadas

telefônicas de casa?”, na qual uma das opções de resposta era “Não tem internet em casa”. Assim, foi possível recodificar e alterar esta questão para “Tem internet em casa?”, tornando-se, desta forma, mais relevante tendo em conta os objetivos do estudo. A variável correspondente ao voto nas últimas eleições (B11), na qual uma das opções de resposta era “Não era eleitor”, foi também recodificada, ficando apenas com duas opções de resposta (sim e não), de modo a facilitar a análise dos resultados. Relativamente à variável F30, relativa à participação em sindicatos ou associações profissionais, o procedimento foi semelhante, uma vez que eram apresentadas duas opções afirmativas, atualmente ou no passado. Após a recodificação, a variável ficou apenas com duas opções de resposta (sim ou não). Foram também eliminados alguns casos omissos em três variáveis (E2, E4 e E13) por não serem pertinentes para a temática em questão, facilitando a análise dos dados. A descrição destas variáveis é apresentada no Anexo C.

De modo a obter resultados separadamente para cada um dos contextos em estudo, centros urbanos e fora dos centros urbanos, a variável correspondente ao local de residência reportado pelos participantes (F5) foi recodificada. A variável em questão era, inicialmente, composta por cinco níveis, os quais foram agrupados apenas em dois níveis distintos. Desta forma, os participantes que reportaram viver em grandes cidades e nos subúrbios ou arredores de uma grande cidade foram agrupados num único nível correspondente aos centros urbanos ($n = 126$); e os restantes participantes, que residiam em vilas ou pequenas cidades, aldeias e quintas ou casas no campo, foram agrupados num único nível correspondente às zonas fora dos centros urbanos ($n = 347$). Esta recodificação permitiu obter uma nova variável composta por dois níveis (centros urbanos e fora dos centros urbanos) possibilitando a comparação entre os dois contextos, para cada um dos indicadores e, conseqüentemente, para cada uma das dimensões da exclusão social.

Para o diagnóstico multidimensional da população idosa portuguesa foram realizadas análises descritivas de todas as variáveis e foram também analisadas as frequências das mesmas, de modo a obter alguns padrões gerais da população idosa portuguesa. Para o estudo comparativo entre os dois contextos considerados, foi utilizado o teste do Qui-quadrado para as variáveis dicotómicas e foi também utilizada a ANOVA Multivariada para cada uma das dimensões da exclusão social compostas por variáveis quantitativas, à exceção de uma dimensão na qual foi realizada uma ANOVA por incluir apenas um indicador.

Resultados

Diagnóstico multidimensional. Inicialmente identificaram-se alguns padrões gerais referentes a toda a amostra considerada, permitindo obter uma visão global da população idosa portuguesa. Nos quadros 2 e 3 (colunas “População 70+”), os resultados obtidos são apresentados, para as variáveis quantitativas e dicotómicas respetivamente, e distribuídos por cada uma das dimensões da exclusão social consideradas, de acordo com Walsh e colaboradores (2018). Optou-se por apresentar, nos quadros 2 e 3, apenas os resultados para os indicadores com diferenças significativas no estudo comparativo. Os resultados das análises descritivas para todos os indicadores selecionados encontram-se listados no Anexo C.

Serviços, recursos e mobilidade. De um modo geral, as análises descritivas realizadas permitiram constatar que os idosos revelaram alguns níveis elevados de exclusão social nesta dimensão, nomeadamente no acesso a cuidados de saúde, onde os idosos mostraram algumas dificuldades de acesso, em caso de doença ($M = 2.45$, $DP = 0.80$), numa escala de 4 pontos, onde 4 indica elevada probabilidade de não receber cuidados de saúde. No que diz respeito ao uso de tecnologias, cerca de 49.2% dos idosos portugueses inquiridos possuem um telemóvel pessoal e 79.7% afirmaram ter internet na sua residência.

Recursos financeiros. Nesta dimensão, especificamente no que diz respeito aos rendimentos do agregado familiar, os idosos revelaram algumas dificuldades financeiras ($M = 2.75$, $DP = 0.79$), numa escala de 4 pontos, onde o máximo indica grandes dificuldades em viver com os rendimentos. Por um lado, alguns inquiridos afirmaram que o rendimento atual é suficiente para viver (39.5%), mas por outro lado, uma percentagem muito semelhante de participantes revelou dificuldades em viver com os rendimentos do agregado familiar (39.0%). Neste âmbito, constatou-se também que os idosos portugueses percecionaram algumas dificuldades em pedir dinheiro emprestado em caso de necessidade ($M = 1.97$, $DP = 0.88$), numa escala de 5 pontos, onde 5 representa elevada facilidade de empréstimo. Para esta dimensão foram testados outros indicadores (Anexo C), que não evidenciaram diferenças significativas no estudo comparativo entre os dois contextos.

Participação cívica. Verificaram-se níveis elevados de exclusão social nesta dimensão, uma vez que os idosos indicaram ser pouco ativos neste âmbito, nomeadamente na política, onde 3.2% dos idosos afirmaram ter contactado políticos ou governantes. No que diz respeito ao associativismo, apenas 1.6% dos inquiridos revelaram ter participado em

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

associações ou organizações, no entanto verificou-se uma maior participação (16.4%) em sindicatos ou associações profissionais. Para esta dimensão foram testados outros indicadores (Anexo C), que não evidenciaram diferenças significativas no estudo comparativo entre os dois contextos.

Aspetos socioculturais. No que diz respeito à opinião relativamente às responsabilidades do governo, de um modo geral, a população idosa inquirida considerou que o governo deverá ter grande responsabilidade no nível de vida dos idosos ($M = 8.90$, $DP = 1.76$), numa escala de 10 pontos, na qual o máximo indica total responsabilidade. Relativamente à perceção de preconceito, constatou-se que a maioria raramente indicou ter sido vítima de discriminação devido à idade ($M = 0.43$, $DP = 0.88$), avaliada numa escala de 4 pontos, onde 4 representa elevada frequência de situações discriminatórias. No entanto, valorizaram bastante questões associadas ao preconceito. Deste modo, os idosos consideraram ser importante não ter preconceitos face à idade ($M = 7.80$, $DP = 1.95$) bem como ser visto como alguém que não tem preconceitos face à idade ($M = 7.59$, $DP = 2.21$), ambos os indicadores avaliados numa escala de 10 pontos, onde o máximo indica extrema importância.

No que diz respeito à imagem acerca da população idosa, as opiniões dos inquiridos dividiram-se, nomeadamente no peso que a população idosa representa para os serviços de saúde. Ainda assim, alguns dos inquiridos consideraram que os idosos não representam um peso grande para a saúde em Portugal ($M = 4.63$, $DP = 2.29$), numa escala de 10 pontos, onde 10 indica um grande peso. Adicionalmente, consideraram também que a sociedade portuguesa vê a população idosa com pouca inveja ($M = 0.79$, $DP = 0.97$) mas com alguma admiração ($M = 2.73$, $DP = 1.03$), ambas numa escala de 4 pontos, onde o máximo indica maior probabilidade de ver os idosos dessa forma. Quando questionados acerca do sentimento de pena, os idosos inquiridos consideraram que a sociedade vê os idosos com alguma pena ($M = 2.02$, $DP = 1.25$), novamente numa escala de 4 pontos, onde 4 representa maior probabilidade. Para esta dimensão foram testados outros indicadores (Anexo C), que não evidenciaram diferenças significativas no estudo comparativo entre os dois contextos.

Relações sociais. No que diz respeito às relações com amigos e familiares, especificamente com mais de 70 anos, os idosos referiram relações de proximidade, indicando que têm alguma intimidade para abordar a maioria dos seus assuntos pessoais com esses mesmos amigos ($M = 3.09$, $DP = 1.38$) e familiares ($M = 2.42$, $DP = 1.48$), ambos os indicadores avaliados numa escala de 6 pontos, onde 6 indica que não podem falar sobre

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

nenhum assunto pessoal. No entanto, relativamente à participação em atividades sociais, a população idosa portuguesa indica ser algo participativa, em comparação com as pessoas da sua idade ($M = 2.20$, $DP = 0.95$), numa escala de 5 pontos, onde o máximo representa uma participação muito superior à maioria. Para esta dimensão foram testados outros indicadores (Anexo C), que não evidenciaram diferenças significativas no estudo comparativo entre os dois contextos.

Vizinhança e comunidade. Quando questionados acerca do nível de segurança na sua zona de residência, alguns idosos indicaram que se sentem seguros ao circular no seu bairro à noite ($M = 2.42$, $DP = 0.72$), numa escala de 4 pontos, onde 4 indica muita insegurança. Ainda assim, 34.8% dos idosos portugueses revelou alguma insegurança. Para esta dimensão foram testados outros indicadores (Anexo C), que não evidenciaram diferenças significativas no estudo comparativo entre os dois contextos.

Estudo comparativo. Para proceder à comparação entre as experiências de idosos residentes em centros urbanos e fora dos centros urbanos, foi realizada uma ANOVA Multivariada por cada dimensão teórica, exceto na dimensão relativa aos “serviços, recursos e mobilidade”, na qual foi realizada uma ANOVA por incluir apenas um indicador, sendo possível testar se existiam diferenças entre os dois contextos. Para as variáveis dicotómicas, foi utilizado o teste do Qui-quadrado para testar essas mesmas diferenças, por ser o mais indicado para analisar este tipo de variáveis. Por existir um número elevado de inquiridos fora dos centros urbanos ($n = 347$) em comparação com o meio urbano ($n = 126$), pode haver o risco de violação do princípio de homogeneidade de variâncias (Tabachnick & Fidell, 2007). Para averiguar se é este o caso, foi feito um teste de Levene, indicando não haver homogeneidade das variâncias, $F = 1.52$, $p < .001$. Dados estes resultados, para todas as estatísticas da ANOVA Multivariada é reportado o valor de Pillai’s Trace, sendo este o mais indicado para dados que quebrem o princípio de homogeneidade de variâncias (Tabachnick & Fidell, 2007).

Nos quadros 2 e 3, os resultados obtidos para cada contexto são apresentados (colunas “Fora dos centros urbanos” e “Centros urbanos”), para as variáveis quantitativas e dicotómicas respetivamente, e distribuídos por cada uma das dimensões da exclusão social consideradas, de acordo com Walsh e colaboradores (2018). Estes resultados são aprofundados em maior detalhe no texto em baixo.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

Serviços, recursos e mobilidade. De um modo geral, os idosos fora dos centros urbanos reportaram maiores níveis de exclusão social nesta dimensão, comparativamente aos idosos dos centros urbanos. Mais especificamente, observaram-se diferenças significativas ao nível da dificuldade de acesso a cuidados de saúde, na qual os idosos fora dos centros urbanos referiram ter maiores dificuldades ($M = 2.52, DP = 0.05$), comparativamente aos idosos do contexto urbano ($M = 2.27, DP = 0.07$), $F(1, 416) = 7.63, p = .006$, numa escala de 4 pontos, onde 4 indica elevada probabilidade de não receber cuidados de saúde. No âmbito das tecnologias, os idosos residentes fora dos centros urbanos reportaram uma maior exclusão social, observando-se diferenças entre os dois contextos, no que diz respeito à posse de telemóvel e internet em casa. Deste modo, verificou-se que fora dos centros urbanos há um menor uso do telemóvel, sendo que apenas 42.8% dos idosos reporta possuir um telemóvel pessoal, enquanto que nos centros urbanos essa percentagem de idosos ascende aos 66.4%, $X(1) = 20.47, p < .001$. Da mesma forma, verificou-se também que há menos idosos com internet em casa fora dos centros urbanos, correspondendo a 76.9% dos idosos inquiridos, enquanto que nas áreas urbanas cerca de 87.3% dos idosos reportaram ter internet em casa, $X(1) = 6.13, p = .013$.

Recursos materiais e financeiros. Tal como na dimensão anterior, os idosos fora dos centros urbanos indicaram maiores níveis de exclusão social de recursos materiais e financeiros, em relação aos idosos residentes em centros urbanos, obtendo-se um efeito estatisticamente significativo, Pillai's Trace = .02, $F(3, 368) = 3.00, p = .030$. No que diz respeito à perceção sobre o seu rendimento, os idosos fora dos centros urbanos reportaram maiores dificuldades em viver com o rendimento atual do seu agregado familiar ($M = 2.77, DP = 0.04$), comparativamente aos idosos residentes em contexto urbano ($M = 2.56, DP = 0.09$), $F(1, 370) = 4.63, p = .032$, numa escala de 4 pontos, onde o máximo indica grandes dificuldades em viver com os rendimentos. Quando questionados acerca da facilidade em pedir dinheiro emprestado, em caso de necessidade, observaram-se também diferenças significativas entre os dois contextos, sendo que os idosos fora dos centros urbanos reportaram menor facilidade ($M = 1.90, DP = 0.05$), comparativamente aos idosos dos centros urbanos ($M = 2.19, DP = 0.10$), $F(1, 370) = 7.15, p = .008$, numa escala de 5 pontos, onde 5 representa elevada facilidade de empréstimo.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

Participação cívica. De uma forma geral, e comparando os dois grupos, os idosos residentes em zonas fora dos centros urbanos mostraram-se menos participativos em atividades políticas e de cidadania, reportando maiores níveis de exclusão social nesta dimensão. Deste modo, os idosos residentes em espaços urbanos mostraram-se mais ativos no contacto com políticos ou representantes do governo ou poder local (7.1%), em comparação com os idosos residentes fora dos centros urbanos, onde apenas 2.0% dos idosos inquiridos reportaram contactar com políticos ou outros governantes, $X(1) = 7.29, p = .007$.

Relativamente à participação em organizações ou associações, observaram-se também diferenças, verificando-se novamente uma menor participação dos idosos fora dos centros urbanos (0.6%), comparativamente aos idosos dos centros urbanos que se mostraram mais participativos (4.0%), $X(1) = 7.24, p = .007$. Por fim, no âmbito profissional a situação é semelhante, com uma participação inferior por parte dos idosos fora dos centros urbanos (12.2%), face a um papel mais ativo dos idosos residentes em centros urbanos, nos quais 28.0% dos idosos reportaram ser ou ter sido membros de sindicatos ou associações profissionais, $X(1) = 16.78, p < .001$.

Aspetos socioculturais. De um modo geral, e na maioria dos indicadores, os idosos fora dos centros urbanos apresentaram maiores níveis de exclusão de aspetos socioculturais, verificando-se um efeito estatisticamente significativo do modelo, Pillai's Trace = .52, $F(25, 140) = 6.02, p < .001$. Deste modo, verificaram-se diferenças significativas entre os dois grupos de idosos na sua opinião relativamente às responsabilidades do governo, sendo que os idosos do contexto urbano consideraram que o governo tem mais responsabilidades sobre os idosos ($M = 9.39, DP = 0.28$) do que os idosos fora dos centros urbanos ($M = 8.13, DP = 0.16$), $F(1, 164) = 15.83, p < .001$, numa escala de 10 pontos, na qual o máximo indica total responsabilidade.

Verificaram-se também diferenças significativas ao nível da perceção de preconceito, sendo que os idosos fora dos centros urbanos reportaram mais frequentemente serem alvos de preconceito devido à sua idade ($M = .70, DP = 0.09$), do que os idosos dos centros urbanos ($M = .32, DP = 0.16$), $F(1, 164) = 4.51, p = .035$, numa escala de 4 pontos, onde 4 representa elevada frequência de situações discriminatórias. Ainda assim, e face a estes resultados, torna-se importante salientar que os idosos fora dos centros urbanos, em comparação com os idosos do contexto urbano, valorizaram menos questões associadas ao preconceito. Neste contexto, encontraram-se diferenças ao nível da importância dada ao preconceito face à idade, sendo que os idosos fora dos centros urbanos não valorizaram tanto a importância de não existir

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

preconceito contra os idosos ($M = 6.98$, $DP = 0.17$), comparativamente aos idosos dos meios urbanos ($M = 8.85$, $DP = 0.29$), $F(1, 164) = 30.56$, $p < .001$, numa escala de 10 pontos, onde o máximo indica extrema importância. Da mesma forma, verificaram-se diferenças significativas quando foi questionada a importância de se ser visto como alguém que não tem preconceitos face à idade. Os idosos fora dos centros urbanos atribuíram menor importância ($M = 6.67$, $DP = 0.20$), contrariamente aos idosos dos centros urbanos, onde essa questão foi mais valorizada ($M = 8.42$, $DP = 0.35$), $F(1, 164) = 18.32$, $p < .001$, novamente numa escala de 10 pontos, onde 10 indica extrema importância

Por outro lado, os idosos do contexto urbano apresentaram uma visão mais negativa em relação à população idosa e à imagem que a sociedade tem deles próprios, nomeadamente no âmbito da saúde, no qual consideraram que os idosos representam um peso maior para os serviços de saúde ($M = 5.39$, $DP = 0.31$), em comparação com a opinião dos idosos fora dos centros urbanos ($M = 4.03$, $DP = 0.18$), $F(1, 164) = 14.29$, $p < .001$, numa escala de 10 pontos, onde 10 indica um grande peso. No que diz respeito à imagem da sociedade em relação às pessoas idosas, verificaram-se diferenças significativas em três características: pena, admiração e inveja, todas avaliadas numa escala de 4 pontos, onde o máximo indica maior probabilidade de a sociedade ver os idosos dessa forma. De uma forma geral, os idosos do meio urbano apresentaram uma imagem mais negativa, afirmando que a sociedade vê as pessoas idosas com mais pena ($M = 2.51$, $DP = 0.19$), o que sucedeu em menor grau com os idosos fora dos centros urbanos ($M = 1.76$, $DP = 0.11$), $F(1, 164) = 12.29$, $p = .001$.

Relativamente à admiração, os idosos do meio urbano têm uma imagem mais negativa, considerando que a sociedade vê a população idosa com menos admiração ($M = 2.29$, $DP = 0.15$), do que os idosos fora dos centros urbanos ($M = 2.97$, $DP = 0.09$), $F(1, 164) = 14.40$, $p < .001$. Apenas se verificou a situação oposta no indicador relativo à inveja, no qual os idosos fora dos centros urbanos perceberam uma imagem mais negativa, considerando que são vistos com maior inveja por parte da sociedade ($M = .95$, $DP = 0.08$), comparativamente aos idosos dos centros urbanos ($M = .39$, $DP = 0.14$), $F(1, 164) = 12.54$, $p = .001$.

Relações sociais. Contrariamente aos resultados obtidos nas dimensões anteriores, os idosos de contextos urbanos indicaram maiores níveis de exclusão de relações sociais, particularmente em questões associadas aos contactos sociais e apoio social percebido. Observou-se um efeito estatisticamente significativo do modelo, Pillai's Trace = .34, $F(7, 97) = 7.01$, $p < .001$, e verificaram-se diferenças significativas entre os dois grupos de idosos no que diz respeito ao apoio e intimidade com amigos e familiares com mais de 70 anos.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

Assim sendo, para os idosos residentes em espaços urbanos é mais difícil falar sobre assuntos pessoais com amigos ($M = 3.81$, $DP = 0.27$), relativamente aos idosos fora dos centros urbanos ($M = 2.67$, $DP = 0.15$), $F(1, 103) = 13.74$, $p < .001$, numa escala de 6 pontos, onde 6 indica que não podem falar sobre nenhum assunto pessoal. Da mesma forma, para os idosos dos centros urbanos é mais difícil abordar assuntos íntimos com familiares ($M = 2.92$, $DP = 0.26$), ao passo que os idosos fora dos centros urbanos indicaram ter menos dificuldades ($M = 1.81$, $DP = 0.15$), $F(1, 103) = 14.02$, $p < .001$, novamente numa escala de 6 pontos, onde o máximo indica que não podem falar sobre nenhum assunto pessoal. No entanto, no que diz respeito à participação social comparativamente às pessoas da mesma faixa etária, verificaram-se diferenças no sentido oposto. Os idosos dos espaços urbanos consideraram ser mais ativos socialmente ($M = 2.73$, $DP = 0.19$), em comparação com os idosos fora dos centros urbanos ($M = 2.15$, $DP = 0.11$), $F(1, 103) = 7.09$, $p = .009$, numa escala de 5 pontos, onde o máximo representa uma participação muito superior à maioria.

Vizinhança e comunidade. Por fim, no que diz respeito ao ambiente da sua área de residência, apenas foram encontradas diferenças significativas no indicador relativo à perceção de segurança, Pillai's Trace = .04, $F(2, 365) = 7.87$, $p < .001$. Os idosos dos centros urbanos apresentaram maiores níveis de insegurança no seu bairro, depois de escurecer ($M = 2.66$, $DP = 0.07$), comparativamente aos idosos fora dos centros urbanos ($M = 2.33$, $DP = 0.04$), $F(1, 366) = 15.48$, $p < .001$, numa escala de 4 pontos, onde 4 indica muita insegurança.

Quadro 2. Médias de resposta para cada variável quantitativa, na amostra total e em cada um dos contextos considerados

Indicadores	População	Fora dos centros	Centros	Escala
	70+	urbanos	urbanos	
	$M(DP)$	$M(DP)$	$M(DP)$	
Serviços, recursos e mobilidade				
Dificuldade no acesso a cuidados de saúde	2.45(0.80)	2.52(0.05)	2.27(0.07)	1-4
Recursos materiais e financeiros				
Dificuldade em viver com o rendimento do agregado familiar	2.75(0.79)	2.77(0.04)	2.56(0.09)	1-4

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

Indicadores	População	Fora dos centros	Centros	Escala
	70+	urbanos	urbanos	
	<i>M(DP)</i>	<i>M(DP)</i>	<i>M(DP)</i>	
Dificuldade na possibilidade de empréstimo	1.97 _(0.88)	1.90 _(0.05)	2.19 _(0.10)	1-5
Aspetos socioculturais				
Responsabilidade do governo na vida dos idosos	8.90 _(1.76)	8.13 _(0.16)	9.39 _(0.28)	0-10
Peso dos idosos para os serviços de saúde em Portugal	4.63 _(2.29)	4.03 _(0.18)	5.39 _(0.31)	0-10
Sentimento dos portugueses em relação aos idosos: inveja	0.79 _(0.97)	0.95 _(0.08)	0.39 _(0.14)	0-4
Sentimento dos portugueses em relação aos idosos: pena	2.02 _(1.25)	1.76 _(0.11)	2.51 _(0.19)	0-4
Sentimento dos portugueses em relação aos idosos: admiração	2.73 _(1.03)	2.97 _(0.09)	2.29 _(0.15)	0-4
Vítima de preconceito face à idade	0.43 _(0.88)	0.70 _(0.09)	0.32 _(0.16)	0-4
Importância de não ter preconceitos face à idade	7.80 _(1.95)	6.98 _(0.17)	8.85 _(0.29)	0-10
Importância de ser visto como alguém que não tem preconceitos face à idade	7.59 _(2.21)	6.67 _(0.20)	8.42 _(0.35)	0-10
Relações sociais				
Participação em atividades sociais	2.20 _(0.95)	2.15 _(0.11)	2.73 _(0.19)	1-5
Dificuldades na intimidade com amigos com mais de 70 anos	3.09 _(1.38)	2.67 _(0.15)	3.81 _(0.27)	1-6

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

Indicadores	População	Fora dos centros	Centros	Escala
	70+	urbanos	urbanos	
	<i>M</i> (<i>DP</i>)	<i>M</i> (<i>DP</i>)	<i>M</i> (<i>DP</i>)	
Dificuldades na intimidade com familiares com mais de 70 anos	2.42 _(1.48)	1.81 _(0.15)	2.92 _(0.26)	1-6
Vizinhança e comunidade				
Nível de insegurança no bairro	2.42 _(0.72)	2.33 _(0.04)	2.66 _(0.07)	1-4

Quadro 3. *Percentagem de respostas afirmativas para cada variável dicotómica, na amostra total e em cada um dos contextos considerados*

Indicadores	População	Fora dos centros	Centros
	70+	urbanos	urbanos
Serviços, recursos e mobilidade			
Posse de telemóvel	49.2%	42.8%	66.4%
Posse de internet em casa	79.7%	76.9%	87.3%
Participação cívica			
Contacto com políticos/governantes	3.2%	2.0%	7.1%
Trabalho em associações/organizações	1.6%	0.6%	4.0%
Membro de sindicato/associação profissional	16.4%	12.2%	28.0%

Em suma, as principais diferenças encontradas entre as perceções dos idosos residentes em centros urbanos e fora dos mesmos, estão relacionadas com os cuidados de saúde, nos quais o acesso parece ser mais fácil nas áreas urbanas; os recursos financeiros, onde os idosos residentes fora dos centros urbanos indicaram maiores dificuldades; a participação social, na qual os idosos das áreas urbanas se percecionaram como mais ativos; e o apoio social percebido, onde os idosos fora dos centros urbanos apresentaram níveis mais elevados. Estes resultados constituem a 1ª parte deste estudo exploratório, cujos temas identificados como mais pertinentes foram utilizados como base para a construção do estudo qualitativo, no qual se pretendeu explorar, junto dos próprios idosos, estas mesmas diferenças encontradas entre os dois contextos.

Capítulo V – Estudo 2

Método

Participantes. A amostra foi definida tendo em consideração critérios de seleção, como ser residente na freguesia de Arraiolos e não se encontrar institucionalizado, demonstrando autonomia e independência, de forma a garantir diversidade nas experiências de exclusão social e participações voluntárias por parte dos idosos.

Desta forma, a amostra utilizada para este estudo é constituída por 20 indivíduos residentes na freguesia de Arraiolos, com idades compreendidas entre os 70 e os 88 anos ($M_{idade} = 79.20$, $DP = 5.17$), com 60% de participantes do sexo feminino. O número de anos de escolaridade varia entre 0 e 9 anos, sendo que a maioria dos idosos possui o 1º ciclo completo (65%). A amostra inclui indivíduos com diferentes experiências ao nível da participação em atividades sociais e utilização de respostas sociais, sendo que 45% dos participantes estão envolvidos em, pelo menos, uma atividade, como o Projeto “Viver Sénior” ou a Associação de Pensionistas e Idosos da Freguesia de Arraiolos (APIFA), e 30% são utentes de um tipo de resposta social, como o centro de dia ou o Serviço de Apoio Domiciliário (SAD). Relativamente à relação com familiares, a grande maioria indicou ter proximidade com filhos, netos ou parceiros (80%), sendo que apenas 20% indicaram viver sozinhos, sem qualquer familiar próximo. A caracterização dos participantes é apresentada no Anexo D.

Instituições e serviços de apoio aos idosos na freguesia de Arraiolos. Sendo a freguesia de Arraiolos o local onde foram realizadas todas as entrevistas apresentadas nesta dissertação, torna-se importante contextualizar e apresentar não só a freguesia referida, mas também as instituições e serviços de apoio disponíveis para os idosos na freguesia, e que foram referidas pela maioria dos entrevistados. Assim sendo, a freguesia de Arraiolos é uma vila pertencente ao concelho de Arraiolos, distrito de Évora, com um total de 3386 habitantes, dos quais 564 (232 homens e 332 mulheres) são idosos com 70 ou mais anos de idade (Instituto Nacional de Estatística, 2011a). A maioria dos idosos residentes na freguesia tem idades compreendidas entre os 70 e 79 anos (355 habitantes) (INE, 2011b) e não possui qualquer nível de escolaridade (272 idosos) ou completou apenas o 1º ciclo (249 idosos) (INE, 2011a).

A freguesia dispõe de diversos serviços e instituições orientadas para o apoio à população idosa, desde os cuidados básicos, cuidados de saúde e atividades de lazer. Neste

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

contexto destacam-se o centro de dia e Estrutura Residencial para Pessoas Idosas (ERPI) do Centro Social e Paroquial de Arraiolos, o Serviço de Apoio Domiciliário (SAD) da Santa Casa da Misericórdia de Arraiolos, a Equipa de Cuidados Continuados Integrados (ECCI) domiciliários, o centro de convívio da APIFA e o Projeto “Viver Sénior”, promovido pela Câmara Municipal de Arraiolos.

O Centro Social e Paroquial de Arraiolos foi inaugurado a 5 de janeiro de 1986, com as valências de Centro de Dia e ERPI (M. Croca, comunicação pessoal, 22 de julho, 2019). Atualmente, o centro de dia tem capacidade para acolher 33 utentes e a ERPI disponibiliza 30 camas, com o objetivo de promover o bem-estar e qualidade de vida dos idosos do concelho de Arraiolos (M. Croca, comunicação pessoal, 22 de julho, 2019). Ambas as valências prestam cuidados de higiene, apoio nas refeições, serviço de lavandaria, serviços de enfermagem e apoio com a medicação (M. Croca, comunicação pessoal, 22 de julho, 2019). Adicionalmente, dispõem também de serviços de animação sociocultural, que pretendem ocupar os tempos livres dos utentes, promovendo o convívio e integração social e estimulando o seu desenvolvimento cognitivo e social (M. Croca, comunicação pessoal, 22 de julho, 2019). Este serviço inclui atividades de expressão plástica, de alfabetização, de aritmética, jogos cognitivos e ginástica, com o apoio de uma técnica de animação sociocultural e uma técnica de psicomotricidade (M. Croca, comunicação pessoal, 22 de julho, 2019).

No que diz respeito ao SAD prestado à população idosa da freguesia de Arraiolos, este é disponibilizado pela Santa Casa da Misericórdia de Arraiolos, que apoia atualmente 71 utentes (Carta Social, 2019a). Esta resposta social presta um conjunto de cuidados e serviços individualizados a idosos que se encontrem no seu domicílio e que não tenham capacidades para satisfazer as suas necessidades básicas (Santa Casa da Misericórdia de Arraiolos, 2019). Os serviços disponíveis incluem o apoio nas refeições, cuidados de higiene, serviço de lavandaria e limpeza do domicílio (Santa Casa da Misericórdia de Arraiolos, 2019). Ainda no contexto do apoio domiciliário, mas numa vertente distinta do apoio prestado pela Santa Casa da Misericórdia, surgiu, a 24 de maio de 2011, a ECCI, que mantém o seu apoio centrado na área da saúde (Administração Regional de Saúde do Alentejo, 2011). Esta equipa presta cuidados ao domicílio em áreas distintas, nomeadamente cuidados de enfermagem, apoio psicossocial, fisioterapia e terapia da fala (Administração Regional de Saúde do Alentejo, 2011). Este apoio é dirigido a indivíduos dependentes e com limitações funcionais, que se encontrem a residir no seu domicílio (Segurança Social, 2017). Adicionalmente, este serviço poderá também facultar formação aos familiares ou cuidadores do idoso, bem como alargar o apoio psicossocial a todo o núcleo familiar (Segurança Social, 2017).

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

No âmbito das atividades de lazer e convívio, a freguesia disponibiliza um centro de convívio da APIFA e um projeto dirigido aos seniores do município. A APIFA surgiu a 24 de novembro de 1998, na freguesia de Arraiolos, com a valência de centro de convívio (Associação de Pensionistas e Idosos da Freguesia de Arraiolos, 2019). Enquanto resposta social, este centro tem capacidade para 50 utentes (Carta Social, 2019b), idosos ou pensionistas autónomos e independentes da freguesia de Arraiolos. O centro de convívio disponibiliza um conjunto de atividades culturais e de lazer, com o objetivo de promover o convívio, as relações entre os idosos e a sua integração na comunidade, evitando o isolamento e contribuindo para o seu bem-estar (Associação de Pensionistas e Idosos da Freguesia de Arraiolos, 2019).

Relativamente ao projeto “Viver Sénior”, promovido pela Câmara Municipal de Arraiolos, engloba um conjunto de atividades sociais e de lazer dirigidas à população idosa ou aposentada, residente no concelho de Arraiolos (Câmara Municipal de Arraiolos, 2019). Este projeto proporciona atividades no âmbito da leitura, da música (grupo coral, grupo instrumental e escola de cavaquinhos) e atividades desportivas (ginástica e hidroginástica) (Câmara Municipal de Arraiolos, 2019). Através da participação nestas atividades, pretende-se melhorar a qualidade de vida dos idosos do concelho, promovendo o seu envelhecimento ativo, participação social e interação com as diferentes instituições do concelho (Diário do Sul, 2017). Adicionalmente, este projeto facilita também o acesso dos idosos a espaços recreativos, bem como a outros serviços disponíveis no concelho, aproximando-os da comunidade onde estão inseridos (Diário do Sul, 2017).

Instrumento. Este estudo foi desenvolvido com recurso a entrevistas individuais semiestruturadas, baseadas num guião de entrevista (Anexo E), construído de forma a facilitar a compreensão por parte dos idosos e utilizando uma linguagem simples. O guião divide-se em duas secções: primeiramente um conjunto de questões focadas na perceção dos idosos acerca das diferenças entre a vida nos centros urbanos e fora dos mesmos, especificando vantagens e desvantagens de cada contexto, nomeadamente aquelas que foram mais significativas no estudo 1 (acesso a cuidados de saúde, recursos financeiros, participação social e apoio social percebido); e uma segunda parte da entrevista focada nas perceções dos idosos acerca das instituições e serviços de apoio aos idosos, em geral e especificamente na sua freguesia, bem como do seu papel na prevenção da exclusão social dos seus utentes. O guião é, inicialmente, constituído pelo consentimento informado, obtido de forma oral, evitando constrangimentos aos participantes não alfabetizados. O consentimento inclui uma

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

breve explicação do estudo, referindo a duração aproximada da entrevista, questões associadas à sua participação (voluntária e confidencial), bem como um pedido de autorização oral para a gravação áudio da entrevista. O guião termina com a solicitação de alguns dados sociodemográficos, necessários para a caracterização da amostra.

Procedimento. De modo a aferir a clareza e adequabilidade do guião de entrevista, foi realizado um pré-teste. Neste sentido, foram realizadas três entrevistas a pessoas de diferentes faixas etárias, incluindo um participante cujo perfil se enquadra na amostra pretendida para o estudo. O guião de entrevista foi sujeito a algumas alterações, resultantes da realização do pré-teste, nomeadamente a eliminação de uma questão (*“Quando pensa em exclusão social na população idosa, o que lhe vem à cabeça?”*), que gerou algumas dúvidas ao longo das entrevistas, constatando-se que essa mesma questão não seria essencial para o cumprimento dos objetivos do estudo. Adicionalmente, optou-se também por alterar a formulação de uma das outras questões (*“De que forma estes serviços de apoio ajudam na diminuição da exclusão social dos idosos?”*), de modo a facilitar a compreensão dos participantes. Deste modo, e recorrendo à definição de exclusão social como a separação do indivíduo da restante sociedade (Commins, 2004; Moffatt & Glasgow, 2009), optou-se por alterar essa questão para *“De que forma estes serviços de apoio aproximam/afastam a pessoa idosa de outras pessoas e do resto da sociedade?”*.

Nesta fase, foi também submetido um pedido de aprovação do estudo por parte da Comissão de Ética do ISCTE-IUL, uma vez que os assuntos abordados ao longo da entrevista são potencialmente sensíveis, questionando os participantes acerca da separação do idoso da sociedade e da utilização de respostas de apoio social, ainda que dirigido a adultos autónomos. O formulário submetido para aprovação é apresentado no Anexo F. No entanto, não foi obtida uma resposta face a esta submissão em tempo útil. Desta forma, e minimizando riscos potencialmente significativos para os participantes, no início de cada entrevista foi feita referência a esta situação para que o idoso possa decidir se quer ou não continuar, podendo interromper a entrevista em qualquer momento, situação que não se verificou com nenhum dos participantes.

O recrutamento dos participantes foi, inicialmente, realizado através de um processo de amostragem de conveniência, recorrendo a alguns contactos pessoais e abordando grupos de idosos presentes em atividades sociais estruturadas, como a APIFA. Todas as entrevistas iniciaram-se pela apresentação do consentimento informado, de forma oral, e no final de cada entrevista foi também pedido aos idosos que referissem outros potenciais participantes, com o

perfil pretendido, no âmbito dos seus contactos pessoais, recorrendo também a um processo de amostragem do tipo bola de neve. A realização das 20 entrevistas decorreu durante os meses de maio e junho de 2019, de forma presencial e num local escolhido pelo próprio participante, com uma duração aproximada de 30 minutos cada. Os dados recolhidos foram registados através de uma gravação áudio, previamente autorizada pelo participante de forma oral. As entrevistas iniciaram-se pelo consentimento informado, seguido de um conjunto de questões, nas quais foi solicitado ao idoso que respondesse de acordo com a sua opinião pessoal acerca dos assuntos abordados. No final de cada entrevista, foram ainda solicitados alguns dados sociodemográficos e foi disponibilizado um contacto telefónico aos participantes, caso surgisse alguma questão relacionada com o estudo.

Finalizadas as 20 entrevistas, procedeu-se à “preparação do material” (Bardin, 1977, p. 100), nomeadamente a transcrição *ipsis verbis* de todas as entrevistas. Seguidamente, as entrevistas realizadas foram submetidas a uma análise de conteúdo, com recurso ao *software* QSR NVivo 12. Inicialmente, realizou-se uma “leitura flutuante” (Bardin, 1977, p. 96) de todas as transcrições, como primeira abordagem ao material, a fim de conhecer melhor o texto que iria ser alvo de análise. De seguida iniciou-se o processo de codificação do material, permitindo compreender o conteúdo das entrevistas e as suas características mais relevantes (Bardin, 1977). Definiu-se que a frase seria a unidade de registo utilizada para segmentar e, posteriormente, codificar os textos (Bardin, 1977), e foi definido um conjunto de categorias inicial, que iria agrupar frases com conteúdo semelhante, permitindo uma representação mais organizada e simplificada dos dados do texto (Bardin, 1977; Vala, 1986).

O sistema de categorias definido inicialmente foi sendo alterado ao longo do processo de categorização e foram adicionadas subcategorias mais específicas (Bardin, 1977). Torna-se importante salientar que foi assegurada a exaustividade e exclusividade das categorias, isto é, todas as unidades de registo foram associadas a uma categoria, e essa mesma unidade apenas poderia ser incluída numa única categoria (Vala, 1986).

Resultados

As 20 entrevistas foram analisadas sistematicamente, tendo sido categorizados 2508 excertos (Anexo G), no âmbito de quatro conjuntos temáticos, correspondendo a um sistema de 15 categorias e 34 subcategorias (Quadro 4). Nesta secção não são apresentados os resultados categorizados como “Experiências/Opiniões pessoais”, uma vez que correspondem a experiências pessoais dos entrevistados na vila de Arraiolos ou em centros urbanos, situações pessoais vivenciadas no acesso a serviços de saúde, relatos da sua vida privada e familiar bem como do seu próprio envelhecimento. Por se tratarem de relatos pessoais e de modo a respeitar a privacidade dos entrevistados, estes excertos foram categorizados mas não são apresentados nem discutidos neste trabalho. Por fim, outros excertos, descontextualizados nos tópicos, ou assuntos claramente afastados da temática em estudo que surgiram ao longo das entrevistas, foram categorizados como “Outros assuntos”, correspondendo a um total de 64 excertos. Foram também incluídas dúvidas dos entrevistados relativamente à formulação das questões.

Quadro 4. Sistema de categorias e subcategorias, por número de referências e sujeitos que os mencionam

Conjuntos temáticos	Categorias e subcategorias	Número de sujeitos	Número de referências
Diferenças entre vilas e centros urbanos	Considerações gerais	19	97
	Vilas e centros urbanos não muito diferentes	17	50
	Vilas e centros urbanos muito diferentes	16	38
	Contacto com centros urbanos	5	9
	Desvantagens das vilas	16	102
	Falta de serviços e recursos	15	53
	Estagnação	7	19
	Desemprego	5	15
	Outras desvantagens	4	9
	Apoio social: interferência	4	6
	Vantagens das vilas	20	551
	Tranquilidade	20	125

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

Conjuntos temáticos	Categorias e subcategorias	Número de sujeitos	Número de referências
	Apoio social: proximidade	19	94
	Cuidados de saúde: acesso fácil	18	78
	Recursos financeiros: menor despesa	19	72
	Participação social: convívio	18	67
	Outras vantagens	13	46
	Mobilidade	11	39
	Segurança	8	30
	Vantagens dos centros urbanos	18	128
	Participação social: atividades mais variadas	14	58
	Cuidados de saúde: maior especialização	13	58
	Recursos financeiros: produtos mais baratos	5	12
	Instituições e serviços em Arraiolos	19	57
	Considerações gerais	20	333
	Aspetos positivos das instituições e serviços	20	235
	Apoio instrumental	20	101
	Condições e assistência	16	60
	Apoio social	12	44
	Outros aspetos positivos	13	30
	Aspetos negativos das instituições e serviços	19	176
	Condições e assistência	16	68
	Outros aspetos negativos	12	31
	Transição casa - instituição	12	26
	Alimentação	8	24
	Monotonia	4	14
	Falta de liberdade	3	13
Instituições e serviços de apoio aos idosos			

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

Conjuntos temáticos	Categorias e subcategorias	Número de sujeitos	Número de referências
	Papel das instituições e serviços na exclusão social	20	107
	Aproximação da sociedade	15	88
	Afastamento da sociedade	7	19
	Sugestões de melhoria	19	119
	Condições e assistência	17	55
	Ocupação	12	46
	Outras sugestões	8	18
Experiências/ Opiniões pessoais	Sobre a vila	20	205
	Sobre centros urbanos	19	128
	Sobre a sua vida e família	16	94
	Sobre serviços de saúde	15	75
	Sobre o envelhecimento	15	37
Outros assuntos		15	64

O sistema de categorias, relativo aos resultados apresentados nesta secção, é composto por dois grandes conjuntos temáticos, um relativo às diferenças percebidas entre vilas e centros urbanos e outro sobre as instituições e serviços de apoio aos idosos. O primeiro conjunto temático, composto por quatro categorias, organiza conteúdos relativos a considerações gerais acerca de vilas e centros urbanos, desvantagens das vilas, vantagens das vilas e vantagens dos centros urbanos. Por sua vez, o segundo conjunto temático, constituído por seis categorias, engloba conteúdos acerca das instituições e serviços de apoio aos idosos em Arraiolos, considerações gerais acerca das mesmas, aspetos positivos das instituições e serviços, aspetos negativos dos mesmos, o papel destas instituições e serviços na exclusão social e sugestões de melhoria. De seguida são apresentadas as descrições de cada uma das categorias, as respetivas subcategorias e excertos das entrevistas categorizadas.

Considerações gerais. No âmbito desta categoria, foram incluídas duas subcategorias relativas à opinião dos idosos acerca das vilas e centros urbanos. Por um lado, alguns idosos indicaram, à partida, que vilas e cidades são muito diferentes (*“A vida nas vilas é totalmente diferente da vida nas cidades”*, E15). Por outro lado, alguns idosos não consideraram que essas diferenças sejam muito significativas, afirmando que vilas e cidades não são assim tão

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

diferentes. Neste contexto, os idosos referiram semelhanças nas atividades de lazer realizadas, tanto em vilas como em cidades, semelhanças nas dificuldades financeiras dos idosos (*“A vida tão cara é nos meios pequenos como nos meios grandes, acho que não há muita diferença”*, E3), e na dificuldade de acesso a cuidados de saúde (*“A gente aqui vai marcar uma consulta e também demora, mas se formos para Évora também demora muito tempo”*, E20).

Foram também incluídas informações relativas ao contacto dos idosos com centros urbanos, os quais referem situações que vivenciaram em contexto urbano, nomeadamente em visitas a familiares que residem nestas áreas. De uma forma geral, as situações relatadas são experiências positivas, quer com a cidade em si, quer com os residentes dessas mesmas cidades (*“Onde a minha filha vive acho as pessoas muito simpáticas”*, E4).

Desvantagens das vilas. Nesta categoria, a desvantagem mais percecionada foi a falta de serviços e recursos, em comparação com os grandes centros urbanos. De acordo com a opinião dos idosos entrevistados, as cidades apresentam maior oferta de serviços e produtos, disponibilizando mais opções de escolha. A falta de serviços força os idosos a deslocarem-se até cidades próximas, para adquirir produtos ou usufruir de serviços que necessitem para satisfazer as suas necessidades, nomeadamente no âmbito do comércio de bens essenciais e vestuário (*“Nos meios grandes há hipermercados, tudo e mais alguma coisa que é necessário para um cidadão (...) aqui no meio pequeno não compra aquilo que pretende, tem que procurar num meio maior”*, E16). Adicionalmente, foi também referido o encerramento recente de alguns serviços públicos como os correios, tribunal e dependências bancárias, sendo notórias as dificuldades que estes encerramentos causaram na vida dos idosos da freguesia de Arraiolos (*“Fazem aqui muita falta, para as pessoas de idade. E para tudo, para se pagar a luz, o telefone, tudo”*, E4; *“Agora tem estado a complicar porque saíram daqui os bancos, principalmente o banco. Os correios também fecharam”*, E17).

Uma outra desvantagem das vilas percecionada pelos idosos foi a estagnação das vilas, pelo facto de serem meios pouco desenvolvidos, com pouca movimentação de pessoas, resultando numa vida mais parada e com pouco interesse (*“Vilas quanto a mim vão a estar um bocado mortas (...) vê-se pouco movimento nas ruas, pouco movimento nas lojas, em todo o lado se vê pouco movimento”*, E9). Associada a esta estagnação, foi referido o desemprego, que afeta sobretudo as gerações mais novas, obrigando-as a deixar as suas famílias e a deslocarem-se para os grandes centros urbanos, à procura de novas oportunidades (*“As*

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

peessoas novas, não há aqui empregos, vão embora daqui (...) tudo vai para as grandes cidades onde têm empregos”, E3).

Foram ainda salientadas, com menor frequência, outras desvantagens, como o facto de os centros urbanos oferecerem melhores condições, contribuindo para a rápida resolução de problemas, ao passo que nas vilas esse processo será mais lento (*“Para certas coisas a cidade é melhor, tem outras condições, as coisas resolvem-se mais rápido”, E4*). Por fim, no âmbito do apoio social e dos contactos estabelecidos entre os habitantes, foi percecionada uma desvantagem específica dos meios mais pequenos, que diz respeito à interferência na vida dos restantes residentes na vila. Este aspeto, salientado por alguns idosos, parece incomodar os entrevistados, que apontaram esta interferência como algo negativo e que torna a vida nas vilas mais desconfortável, em comparação com os centros urbanos onde estas situações não se verificam (*“É a má língua, todos conhecem a vida de uns e outros”, E5*).

Vantagens das vilas. A vantagem das vilas mais percecionada foi a tranquilidade, na qual os idosos afirmaram que a vida nas vilas é mais calma (*“As vilas são mais pacatas”, E11*), permitindo uma maior qualidade de vida e menos stress no dia a dia, ao contrário do que se verifica nos centros urbanos, onde existe sempre mais movimento (*“As pessoas andam sempre a correr, à pressa, para apanhar isto, para apanhar aquilo. Andam sempre aceleradas”, E9; “Uma cidade é uma terra de muito movimento”, E12*).

No âmbito do apoio social, foi referido pela grande maioria dos entrevistados que uma das principais vantagens dos meios pequenos é a proximidade entre os habitantes, sendo que todos se conhecem uns aos outros, o que contribui para um maior suporte social e facilita a entreaajuda (*“A entreaajuda entre as pessoas que se conhecem todas, que é completamente diferente da cidade”, E10*). A maioria dos idosos acredita que teria sempre alguém disponível para auxiliar, em caso de necessidade, o que transmite também uma maior perceção de segurança e tranquilidade, sobretudo aos idosos que vivem sozinhos (*“As pessoas conhecem-se todas, sucede qualquer coisa e corre tudo para ver se é preciso ajuda”, E10*). A entreaajuda que existe entre vizinhos engloba também o apoio ao nível das tarefas domésticas, nas quais são os vizinhos que se responsabilizam pelas tarefas daqueles que se ausentam, por exemplo, para férias (*“O meu vizinho é que me tratava das coisas cá. Regava as árvores, tenho árvores lá no quintal. Tratava-me da cadela, das galinhas”, E15*). Alguns idosos indicaram ainda que consideram a vizinhança como parte da sua família, pelo facto de se sentirem mais acompanhados, em comparação com os grandes centros urbanos, reforçando também o sentimento de pertença à comunidade (*“É tudo mais uma família”, E2; “Sinto muito mais*

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

acompanhada”, E3; *“Até há aí duas que têm a minha chave da minha casa, eu confio nelas”*, E6).

A facilidade de acesso a cuidados de saúde na vila foi também percecionada como vantagem pelos idosos, pelo facto de o tempo de espera ser mais curto do que nas grandes cidades e pelo número reduzido de utentes facilitar a rapidez do atendimento (*“Nos meios grandes às vezes a afluência é tanta que tem que estar lá horas e horas”*, E1; *“Chego lá, não tenho bichas para esperar, num instante sou atendido”*, E17). Os entrevistados demonstraram também uma opinião positiva face aos cuidados prestados pelo centro de saúde, quer no caso de consultas médicas como de tratamentos de enfermagem (*“Até hoje fui sempre bem atendida. Não tenho que apontar”*, E10).

Na subcategoria relativa aos recursos financeiros, a vantagem mais apontada foi o facto de ser mais fácil viver num meio pequeno, em termos económicos, uma vez que consideraram que nos grandes centros urbanos há mais despesas (*“Penso que nos meios pequenos é mais fácil. Lá será mais complicado. Penso que gastam mais. Nas cidades gasta-se mais”*, E7). Estas despesas englobam não só os gastos básicos relativos à habitação e deslocações em transportes (*“Penso que as rendas de casa são mais baratas, a deslocação para qualquer lado, vai-se a pé, não se precisa de transportes”*, E17), mas também gastos em atividades culturais ou de lazer, que serão também superiores nos grandes centros pelo facto de haver mais oferta nesta área (*“Nos meios grandes por vezes há outras tentações, comprar outras coisas, às vezes ir ao cinema, um teatro, ver uma revista. E aqui não (...) Acho que nos meios grandes talvez se gaste mais dinheiro sem querer”*, E1). Foi também referido por alguns idosos que a proximidade e a troca de produtos entre vizinhos evita também outras despesas adicionais (*“A gente aqui ainda se defende, há os coentros, a salsa, a hortelã. Se não houver em nossa casa, vamos à da vizinha”*, E10).

No âmbito da participação social, o aspeto mais percecionado pelos idosos foi a facilidade de convívio com amigos e vizinhos (*“O convívio com as pessoas, vimos para a rua, totalmente diferente de Lisboa”*, E14). Segundo a opinião dos entrevistados, o contacto e a convivência entre as pessoas é maior nas vilas do que nos centros urbanos, quer ao nível de atividades estruturadas, quer de atividades mais informais, como um encontro num café (*“Aqui posso ir ali abaixo com uma amiga lanchar, posso ir ao lar passar um bocadinho, posso ir aos reformados na quinta do pátio passar uma tarde. Acho que é muito melhor do que numa cidade”*, E2). Alguns idosos salientaram ainda outras vantagens, como a proximidade com a cidade de Évora, que facilita o acesso a inúmeros serviços e cuidados de saúde (*“Rapidamente temos acesso ao hospital de Évora”*, E10).

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

Outra subcategoria que está incluída nas vantagens das vilas diz respeito à mobilidade, na qual os idosos salientaram a proximidade com tudo aquilo que necessitam, evitando deslocamentos (“*É tudo à mão. É quase sair de casa e ficar ao pé das coisas*”, E1; “*É diferente e é tudo perto. Vai-se a pé*”, E2). Adicionalmente perceberam também como vantagem o movimento e o trânsito reduzidos, em comparação com os centros urbanos, o que contribuiu para uma vida mais tranquila (“*Muito mais movimento e o trânsito é uma coisa infernal. Em Lisboa então é o fim. Muito pior*”, E15).

Por fim, a percepção de segurança foi também apontada como vantagem dos meios mais pequenos. Os idosos revelaram algum receio face às grandes cidades, devido à criminalidade que será superior nos meios maiores, e que aumenta o desconforto caso frequentem estes meios (“*Talvez para mim o receio. Está completamente diferente, a agressividade, os roubos*”, E10; “*Não há aqui tantos vigaristas nem nada. Nas cidades a gente não pode andar muito à vontade*”, E13; “*Sinto mais seguro. As pessoas ainda deixam coisas na rua, esplanadas e isso*”, E18).

Vantagens dos centros urbanos. Embora tivessem sido referidas inúmeras vantagens da vida fora dos centros urbanos, os idosos perceberam também alguns aspetos positivos da vida nas grandes cidades, que constituem dificuldades sentidas pela população idosa nos meios mais pequenos. No que diz respeito à participação social, foi referido que nos centros urbanos há maior variedade de atividades de lazer para idosos, contribuindo para a inclusão social dos mesmos nas grandes cidades (“*Sim, em Évora têm mais, vão passear. Aqui também fazem uma excursão ou duas, mas lá fazem mais*”, E2; “*Lá nas cidades têm mais associações, mais atividades, outras atividades que aqui não há*”, E10). Adicionalmente foi também salientado por alguns entrevistados que, de uma forma geral, os residentes em meios mais pequenos demonstram menor interesse em participar nesse género de atividades, contrariamente ao que acontece nos centros urbanos, onde os idosos se envolvem e participam mais (“*Quando é nas inscrições, as pessoas inscrevem-se 30, 40, 50. Quando é para as coisas aparecerem só aparecem meia dúzia*”, E20).

No âmbito dos cuidados de saúde, foi salientado que existe uma maior especialização de médicos e tratamentos nos centros urbanos, bem como melhores condições para receber os utentes, o que obriga os idosos a deslocarem-se para usufruírem desses cuidados e serviços (“*Os hospitais têm lá outras condições, que aqui não há*”, E4). Este aspeto é justificado pelo facto de existir uma maior oferta de hospitais nas cidades (“*Há muitos hospitais, há muitos centros de saúde, há muitas clínicas particulares*”, E9; “*Acho que em Lisboa era mais fácil,*

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

havia mais hospitais”, E11), e devido à centralização dos especialistas nas áreas urbanas (“*Os grandes especialistas preferem Lisboa, Porto e Coimbra (...) mais concentrados*”, E18). Por fim, no âmbito dos recursos financeiros, alguns idosos consideraram que será mais vantajoso viver nas cidades pelo facto de ser possível adquirir produtos a preços mais baixos (“*Também há coisas lá mais baratas*”, E5; “*A gente vai a Lisboa e encontra coisas mais baratas*”, E20).

Instituições e serviços em Arraiolos. A maioria dos idosos entrevistados demonstrou ter conhecimento acerca das instituições e serviços de apoio aos idosos, disponíveis na freguesia de Arraiolos. A ERPI e centro de dia do Centro Social e Paroquial de Arraiolos, vulgarmente designado por lar de idosos pelos entrevistados, bem como o SAD prestado pela Santa Casa da Misericórdia de Arraiolos foram os dois apoios mais referidos (“*Há o lar, as pessoas estão lá permanentes, outras estão só de dia e vêm para casa à noite*”, E1; “*A Misericórdia tem o apoio domiciliário*”, E15). Com menos frequência, alguns idosos salientaram também a ECCI, à qual se referiram como serviços continuados ou serviços de enfermagem (“*Há aqui os serviços continuados, do centro de saúde*”, E1; “*Há enfermagem ao domicílio*”, E3), e o Projeto “Viver Sénior” da Câmara Municipal de Arraiolos (“*Na parte cultural e desportiva, a câmara. Se não for a câmara mais ninguém dá apoio*”, E16). Por fim, o centro de convívio da APIFA foi o apoio menos referido pelos entrevistados quando foram questionados acerca das instituições e serviços de apoio aos idosos em Arraiolos.

Considerações gerais. No âmbito das instituições e serviços de apoio à população idosa, foram, muitas vezes, referidas algumas considerações e opiniões pessoais acerca destas mesmas instituições, baseadas em experiências de familiares ou conhecidos, ou em contactos anteriores com instituições. Alguns dos idosos reforçaram a sua opinião negativa face à institucionalização, referindo uma preferência em permanecer no seu domicílio (“*No meu caso prefiro estar em casa do que no lar*”, E1; “*Enquanto eu puder, não vou. Morro logo com o desgosto*”, E11). Do mesmo modo, mostraram-se mais recetivos ao SAD, pela possibilidade de receber o apoio necessário, mas permanecendo em casa (“*Gostava. Virem trazer a comida a casa, isso gostava*”, E11). Ainda assim, alguns idosos referem uma opinião positiva relativamente às instituições (“*Há pessoas que não entendem isso, nós por acaso entendemos, gostamos dos lares*”, E15), constatando a sua importância no apoio aos idosos e respetivas famílias, impossibilitadas de lhes prestar cuidados (“*E depois têm uma fatalidade, um avc, outra coisa e os filhos têm que ir pô-los lá onde há um lar*”, E19).

Aspetos positivos das instituições e serviços. No âmbito do apoio disponibilizado pelas instituições e serviços, os entrevistados perceberam sobretudo o apoio instrumental, social e a assistência prestada como aspetos positivos. No que diz respeito ao apoio instrumental prestado pelas instituições e serviços de apoio, os entrevistados consideraram-no como um aspeto positivo, nomeadamente o fornecimento das refeições, a prestação de cuidados de higiene, o tratamento de roupas e a limpeza ao domicílio (*“A Misericórdia vai levar a comida, ou vai asseá-los, se calhar essas pessoas precisam e devem achar bem”*, E1; *“Vêm de manhã, tratam da minha irmã, fazem a higiene, depois à tarde vêm às 17h deitá-la”*, E12; *“Olha a roupinha. Vem tudo ali impecável”*, E14). Neste contexto, alguns entrevistados salientaram também a importância do controlo por parte da instituição, quer ao nível da medicação quer dos cuidados prestados, garantindo a satisfação de todas as necessidades com qualidade (*“Têm quem cuide delas a horas certas, E7; “Há um controlo sobre a medicação, têm aquela hora, chegam à refeição, está tudo controlado”*, E16). De uma forma geral, a opinião dos idosos face ao apoio prestado pelas instituições e serviços é bastante positivo, uma vez que é realizado com qualidade, disponibilizando todos os serviços necessários ao bem-estar dos seus utentes (*“No lar tratam dos utentes com capacidade, têm técnicos, tem fisioterapia, têm missa, fazem exercícios de ginástica”*, E16).

As condições do espaço e a assistência prestada pelos funcionários são, para alguns idosos, aspetos positivos que salientaram ao longo das entrevistas. As condições disponibilizadas aos utentes e os recursos presentes no espaço são essenciais para o bem-estar dos idosos, de forma a responder a todas as suas necessidades (*“Aqui estes quatinhos são um encanto, aqui no nosso lar. Com 3 caminhas, tudo com colchas”*, E8; *“Está muito bem apetrechado”*, E17). Relativamente à assistência por parte dos funcionários, foi salientada a importância de os utentes serem tratados de forma adequada, sendo que alguns entrevistados reforçaram esse aspeto como positivo, de acordo com a sua experiência com este género de instituições (*“A parte boa é, se possível, sermos bem tratados, E13; “Da ideia que tenho penso que as pessoas são tratadas convenientemente”*, E15). Neste contexto, foi também referida a proximidade e carinho para com os funcionários (*“Pois, gosto muito delas”*, E14).

Relativamente ao apoio social, uma das vantagens em frequentar uma instituição é, segundo os entrevistados, o acompanhamento permanente, evitando não só o isolamento dos idosos mas também situações de perigo para os idosos que vivem sozinhos (*“Pessoas que não tenham ninguém, não estão isoladas em casa”*, E7; *“É mais perigoso estarem em casa sozinhos (...) No lar é diferente, a pessoa vai para lá, está a ser vigiado. Está mais acompanhado”*, E9). Adicionalmente, a presença na instituição contribui para a ocupação dos

tempos livres e para o aumento da participação social dos idosos, através da realização de atividades lúdicas, ajudando os utentes a manter um papel ativo na sociedade e a sentirem-se mais úteis (*“Vai o padre uma vez na semana, dizer a missa, outra reza o terço, ginástica, agora vai ali para o ginásio, outra faz fisioterapia, e estão distraídos”*, E16; *“Acho que são coisas boas para a pessoa não estar sempre ali amarrada a uma cadeira. Acho que a pessoa distrai mais e fica melhor com a pessoa própria, de poder fazer qualquer coisa de útil”*, E20).

Por fim, foram percecionados outros aspetos positivos, especificamente do SAD, uma vez que possibilita a permanência do idoso na sua residência, evitando a sua institucionalização (*“Há pessoas que não querem ir para o lar de maneira nenhuma e então ainda vai o apoio domiciliário”*, E16).

Aspetos negativos das instituições e serviços. Apesar das várias opiniões positivas, foram também referidos aspetos negativos associados ao apoio prestado pelas instituições e serviços, nomeadamente no que diz respeito às condições e assistência. Neste contexto, alguns idosos apresentaram uma opinião oposta àquelas que foram descritas na categoria anterior. Deste modo, foram referidos os maus tratos em algumas instituições e a falta de sensibilidade dos funcionários para cuidar dos utentes (*“As pessoas são menos bem tratadas. Há mais frieza”*, E10; *“É serem mal tratados, não terem carinho para as pessoas”*, E12). Para além do tratamento, as condições das instituições, nomeadamente a falta de espaço, foi também percecionada por alguns entrevistados como um aspeto negativo (*“Não estarem tanto em cima uns dos outros, o lar ter mais espaço, para as pessoas não estarem tão empilhadas”*, E2). Foram também salientados, com alguma frequência, outros aspetos negativos, mas que não estão diretamente relacionados com o apoio ou serviços prestados pelas instituições, como os gastos monetários elevados associados à institucionalização (*“Quem é que tem dinheiro para ir para um lar?”*, E13) e a dificuldade de acesso às instituições devido ao número de vagas limitadas (*“A procura é muito superior à oferta. Muita procura por lares, eu vejo ali, inscrevem-se e estão meses e meses à espera de arranjar um quarto”*, E16).

O facto de existir uma grande discrepância entre o domicílio do idoso e a instituição, foi também percecionado por alguns idosos como um aspeto negativo e que dificulta a adaptação do utente à sua nova realidade, sendo, para muitos, o aspeto mais difícil quando é abordado o tema da institucionalização (*“Deixar assim a casa, é um bocado difícil. Penso que é um grande choque que a pessoa tem”*, E9; *“É muito complicado deixar a casa”*, E16). A alimentação disponibilizada pelas instituições e pelo SAD surgiu também como aspeto negativo em algumas entrevistas, principalmente com os utentes destes serviços. O desagrado

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

prende-se sobretudo com a impossibilidade de escolha das ementas, obrigando os utentes a consumir aquilo que lhes é fornecido e que, por vezes, não é totalmente do seu agrado (*“Não se pode comer sempre só do que se gosta, também tem que comer às vezes do que não gosta. E nos lares penso que é assim, E9; “Ali temos que estar sujeitos ao que fazem e ao que podem fazer”, E10*).

Se por um lado, verificou-se uma atitude positiva face à institucionalização, pelo facto de contrariar a monotonia presente na vida dos idosos, por outro lado, alguns entrevistados percecionaram essa mesma monotonia como um aspeto negativo presente nas próprias instituições. Esta situação terá, segundo os idosos, consequências negativas para a saúde e bem-estar dos utentes, uma vez que estão permanentemente parados, sem atividades e sem se movimentarem (*“Estão sempre sentadas”, E2; “As pessoas levantarem-se da cama e sentarem-se no sofá e passarem um dia inteiro nisso, até irem para a cama outra vez, é mau porque a pessoa perde a mobilidade (...) se calhar é descurada por muitas instituições”, E18*). Por fim, como aspeto negativo, surgiu, em algumas entrevistas, a perceção de falta de liberdade dos idosos institucionalizados, obrigando os utentes a adaptarem-se às regras e rotinas daquela instituição, o que, muitas vezes, poderá não ser bem aceite pelos idosos por ser diferente daquilo que era o seu quotidiano em casa (*“Eu não gosto que mandem em mim, e vais para aqui e para ali. Aí é que eu não gosto. E se estiver num lar tenho que fazer como elas querem”, E11*).

Papel das instituições e serviços na exclusão social. No âmbito da exclusão social, os entrevistados apresentaram opiniões opostas acerca do papel das instituições e serviços. Por um lado, a grande maioria dos idosos afirmaram que a institucionalização aproxima os utentes da sociedade, contribuindo para a sua inclusão social; ainda assim, alguns entrevistados indicaram, com menor frequência, uma opinião mais negativa, pelo facto de considerarem que a entrada numa instituição afasta os utentes da sociedade, o que contribuirá para o aumento do risco de exclusão social. Assim sendo, os idosos que consideraram que as instituições têm um papel positivo na inclusão social dos seus utentes, justificaram esta opinião com o facto de o convívio ser mais fácil, uma vez que os idosos frequentam todos o mesmo espaço, evitando o isolamento e a monotonia (*“O convívio ali com as pessoas é mais fácil agora porque uma pessoa está lá já e é diferente”, E15; “Se estivesse em casa sozinha, só via televisão, não tinha divertimento nenhum, não tinha distração nenhuma”, E16*).

Adicionalmente, consideraram também que a institucionalização facilita o acesso a serviços, nomeadamente cuidados de saúde como consultas médicas ou tratamentos de

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

fisioterapia, que são disponibilizados na instituição e que, caso se mantivessem no seu domicílio, seriam menos frequentes (*“Uma pessoa está impossibilitada, eles dão apoio, levam-no ao médico, por exemplo. Levam as pessoas ao médico e ajudam naquilo que é possível”*, E15; *“Tem mais acompanhamento lá. Se a minha mãe estivesse aqui na minha casa, eu não ia acompanhá-la, ou tinha que a levar porque necessitava mesmo de ir a uma fisioterapia”*, E16). Com menos frequência, alguns idosos salientaram também a possibilidade, em algumas instituições, de os utentes colaborarem nas tarefas diárias, por exemplo na preparação das refeições, o que irá manter o idoso ativo dentro da própria instituição (*“Ela até vai às compras com as senhoras lá da cozinha, levam-na na carrinha e vão (...) quando veio para aqui, agora não sei se ainda faz, ajudava na cozinha”*, E19).

No entanto, alguns idosos demonstraram uma opinião oposta, afirmando que o processo de institucionalização afasta os utentes da sociedade, contribuindo para a sua exclusão social e aumentando o sentimento de solidão destes idosos. Os entrevistados referiram também que a saúde debilitada dos utentes poderá agravar o sentimento de exclusão social, uma vez que dificulta a sua mobilidade e realização de atividades (*“Outras se calhar não convivem tanto, depende da maneira como a pessoa já está e como é o seu estado físico e de saúde”*, E1; *“Estão mais sozinhos. Aqueles que não se podem mexer, então...”*, E11). Segundo os idosos, a entrada na instituição provoca uma rutura com a comunidade onde o utente está inserido, afastando-o dos seus amigos com os quais convivia habitualmente (*“Deixou de ver as pessoas que normalmente via, que convivia e foi-se abaixo (...) Ai é que as pessoas se sentem ainda mais deslocadas”*, E18).

Sugestões de melhoria. De um modo geral, as sugestões referidas pelos entrevistados podem agrupar-se em duas subcategorias: melhorias ao nível das condições e assistência, e sugestões para a ocupação dos tempos livres dos utentes. Relativamente às condições e assistência, os idosos sugeriram melhorias ao nível dos cuidados prestados, nomeadamente nas refeições e nos cuidados de saúde, como fisioterapia, que consideraram ser um serviço essencial numa instituição (*“Estarem pessoas formadas lá, cozinheiras para fazerem a comida”*, E13; *“Eu entendo que nos lares devia haver um acompanhamento de fisioterapia”*, E18). Quando questionados acerca dos aspetos a melhorar, alguns idosos afirmaram também que gostariam que as instituições disponibilizassem um serviço mais personalizado, que valorizasse mais as necessidades específicas de cada utente (*“Eu gostava de um lar ideal, um serviço personalizado”*, E10). Adicionalmente, os idosos demonstraram também algum desagrado relativamente à assistência prestada, nomeadamente na relação entre funcionários e

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

utentes, sugerindo uma maior sensibilidade e compreensão para com os idosos institucionalizados (*“Se a pessoa for acessível, dócil, comunicativa”*, E16; *“Eu acho que as pessoas que trabalham num lar, enfermagem, médicos, deviam ser pessoas com coração e amor”*, E19; *“As pessoas às vezes que lá trabalham podiam ser um bocadinho mais humanas”*, E20).

No âmbito da ocupação dos tempos livres, os entrevistados sugeriram mais atividades de lazer e culturais, proporcionadas pelas instituições, de forma a manter os utentes ocupados, contrariando a monotonia e contribuindo para manter a sua mobilidade (*“Que se distraiam, que tenham atividades lúdicas”*, E16; *“Que houvesse por exemplo iniciativas culturais”*, E18). Alguns idosos salientaram também a importância de a instituição trabalhar no sentido de manter os seus utentes ativos, de modo a fazê-los sentir que têm um papel importante e útil para a sociedade, o que poderá ser conseguido, por exemplo, através da realização de tarefas quotidianas dentro da própria instituição, como o apoio na preparação das refeições (*“Continuar ativo é o que eu quero. Não me quero sentir inútil”*, E18; *“Sim, que se possa ajudar”*, E19). Por fim, foram mencionadas outras sugestões, específicas para a freguesia de Arraiolos, como a criação de instalações físicas para a prestação de cuidados continuados, melhorando a assistência disponibilizada aos idosos da freguesia (*“Podiam fazer dali uns serviços continuados, para as pessoas de idade serem vistas e tratadas de outra maneira”*, E1; *“Mas acho que devia haver mais, os trabalhos continuados ou assim, para pessoas doentes. Isso não temos nada cá”*, E7).

Capítulo VI – Discussão

A exclusão social, enquanto processo de acumulação gradual, concentra-se sobretudo na fase final da vida (Kneale, 2012; Phillipson & Scharf, 2004). Dada a vulnerabilidade dos idosos face a este processo e o risco elevado ao qual estão sujeitos (Jehoel-Gijsbers & Vrooman, 2008; Walsh, et al., 2012), este estudo pretendeu contribuir para a compreensão da multidimensionalidade da exclusão social da população idosa, através de uma abordagem exploratória focada na experiência e perceções de pessoas residentes fora dos centros urbanos. Numa primeira fase, procurou-se analisar a multidimensionalidade da exclusão social com base numa fonte de informação secundária (ESS) de forma a descrever a população idosa portuguesa, em cada uma das dimensões da exclusão social (Walsh et al., 2018), e identificar as principais temáticas que distinguem as perceções e experiências de idosos residentes dentro e fora dos grandes centros urbanos. Numa segunda etapa, procurou-se explorar essas temáticas chave de forma qualitativa, com base em entrevistas de uma amostra de idosos residentes num local distante de grandes centros urbanos. O estudo qualitativo toma como referência experiências de residentes da vila de Arraiolos, e apreende as perceções de pessoas com mais de 70 anos sobre as diferenças entre viver dentro e fora dos grandes centros urbanos, segundo a perspetiva dos mesmos. Neste âmbito, analisam-se ainda as perceções sobre o papel das instituições e serviços de apoio à população idosa existentes no local, no âmbito da exclusão social.

Com o estudo 1, quantitativo, foi possível verificar algumas diferenças significativas entre as perceções de idosos residentes dentro e fora dos centros urbanos, os dois contextos em análise, no âmbito da exclusão social. Desta forma, os resultados sugerem que os idosos residentes fora dos centros urbanos, em comparação com os idosos das áreas urbanas, percecionam maiores níveis de exclusão social em várias dimensões, nomeadamente na exclusão de serviços, especificamente no acesso a cuidados de saúde; na dimensão relativa aos recursos financeiros, indicando maiores dificuldades em viver com os rendimentos do agregado; e menor participação em atividades sociais, organizações ou associações.

Adicionalmente, os idosos residentes fora dos centros urbanos, apresentaram uma visão mais negativa da população idosa e da imagem que a sociedade tem em relação aos idosos, afirmando que esta população representa um peso maior para os serviços de saúde em Portugal, comparativamente à opinião demonstrada pelos idosos residentes em centros urbanos. Pelo contrário, os resultados sugerem ainda que os idosos residentes em áreas urbanas, apresentam níveis de exclusão social superiores nas dimensões relativas às relações

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

sociais, demonstrando uma menor perceção de apoio social por parte de amigos e familiares, bem como na dimensão relativa à vizinhança, na qual referiram um maior nível de insegurança no seu bairro, em comparação com os idosos residentes fora dos centros urbanos. Em suma, as principais diferenças encontradas entre os dois contextos estão relacionadas com os serviços de saúde, nos quais o acesso parece ser mais fácil para os idosos das áreas urbanas; os recursos financeiros, sendo que os idosos residentes fora dos centros urbanos indicaram maiores dificuldades financeiras; a participação social, na qual os idosos residentes em centros urbanos se perceberam como mais ativos; e o apoio social percebido, onde os idosos fora dos centros urbanos apresentaram níveis mais elevados.

No que diz respeito ao estudo 2, qualitativo, de uma forma geral os idosos entrevistados mostraram-se divididos relativamente às diferenças entre a vida nos centros urbanos e fora dos mesmos. Alguns dos idosos indicaram, à partida, que vilas e cidades são muito diferentes; no entanto, outros demonstraram uma opinião contrária, afirmando que, atualmente, as diferenças não são assim tão significativas. Ainda assim, quando questionados acerca de diferenças em dimensões específicas, verificou-se um maior consenso entre os entrevistados. Fora dos centros urbanos, a desvantagem mais referida foi a falta de serviços e recursos locais, o que obriga os idosos a deslocarem-se a cidades próximas, onde a oferta de bens essenciais e vestuário é superior. O encerramento de serviços públicos nos meios mais pequenos foi também um aspeto negativo muito referido e que veio dificultar a vida nas vilas e aldeias, sobretudo da população mais idosa. A centralização dos serviços foi também apontada no âmbito dos cuidados de saúde, sendo que a maioria dos especialistas se concentra nos grandes centros urbanos, dificultando o acesso da população idosa. Estabelecendo uma ligação com o estudo quantitativo, e integrando as perceções da população idosa portuguesa no ESS, e as perceções específicas dos idosos entrevistados na freguesia de Arraiolos, é notório que existem semelhanças entre os dois estudos, uma vez que os idosos residentes fora dos centros urbanos revelaram também maiores dificuldades de acesso a serviços, no ESS, tal como os idosos entrevistados referiram a centralização dos serviços de saúde, que dificulta o seu acesso aos mesmos.

No âmbito da participação social, na qual os idosos portugueses apresentaram um maior envolvimento nos grandes centros urbanos, verificou-se a mesma perceção por parte dos idosos da freguesia de Arraiolos, que referiram não só um maior interesse em atividades sociais nas cidades, mas também uma maior oferta e variedade dessas mesmas atividades para a população idosa. Relativamente às relações sociais, um dos aspetos mais salientados pelos idosos entrevistados foi o apoio social existente fora dos centros urbanos, referindo que nos

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

meios mais pequenos há uma maior proximidade e entreaajuda entre todos, o que não se verifica nas cidades. Este aspeto suporta os resultados do estudo 1, no qual, de uma forma geral, os idosos dos centros urbanos indicaram uma menor perceção de apoio social por parte de familiares e amigos, comparativamente aos idosos residentes fora dos centros urbanos. A perceção de segurança e tranquilidade com que é possível circular nos meios mais pequenos foi também apontado por alguns idosos da freguesia de Arraiolos, tal como se verificou no estudo 1, no qual os idosos portugueses residentes fora dos centros urbanos indicaram uma maior perceção de segurança, comparativamente aos idosos de áreas urbanas.

Por outro lado, no estudo com recurso ao ESS, observa-se que em média os idosos portugueses residentes fora dos centros urbanos revelaram maiores dificuldades financeiras, comparativamente aos idosos das cidades. É interessante observar que o menor custo de vida nas vilas é apontado como uma vantagem da residência fora dos centros urbanos, talvez devido a essas dificuldades. Apesar das desvantagens identificadas pelos idosos residentes em Arraiolos, a grande maioria dos entrevistados afirmou preferir a vida nos meios pequenos, fora dos centros urbanos, sobretudo devido à tranquilidade e à relação entre os habitantes, caracterizada pela proximidade e entreaajuda.

Relativamente ao papel das instituições e serviços de apoio aos idosos, aprofundado junto dos entrevistados, foi salientado o apoio instrumental como o principal aspeto positivo, nomeadamente a prestação de cuidados básicos e o controlo da medicação por parte da instituição. Pelo contrário, os maus tratos e a falta de sensibilidade para cuidar dos utentes foram apontados como aspetos negativos, tendo sido sugerida uma maior compreensão e carinho por parte dos funcionários das instituições. Adicionalmente, a pouca ocupação dos tempos livres e a monotonia presente no dia a dia dos utentes surgiu também como desvantagem para os entrevistados, que sugeriram mais atividades de lazer, reforçando a importância de os idosos se sentirem úteis para a comunidade. Por fim, no âmbito da exclusão social, é partilhada a perceção que as instituições e serviços desempenham um papel positivo, contribuindo para a inclusão social dos utentes, uma vez que facilitam o convívio e o acesso a serviços, como cuidados de saúde, ainda que experiências e perceções negativas também tenham sido mencionadas.

Estudos anteriores, focados na análise da exclusão social em diferentes contextos, tinham já demonstrado a importância da área de residência para o aumento do risco de exclusão social nos idosos, especificamente nas localidades mais afastadas dos grandes centros urbanos (Warburton et al., 2016), pelo facto de as cidades possuírem mais associações e organizações, que facilitam a participação ativa dos idosos (Feng, 2011; Moffat & Glasgow,

2009). Esta percepção foi confirmada nos estudos realizados, tanto pelos idosos participantes do ESS, que se perceberam como mais ativos nos centros urbanos, tanto pelos idosos entrevistados na freguesia de Arraiolos, que consideraram que existe uma maior oferta de atividades sociais nas cidades. A falta de oferta de atividades culturais e de lazer fora dos centros urbanos, terá como consequência um menor envolvimento social por parte dos idosos (Vogelsang, 2016), o que foi também confirmado nas entrevistas, nomeadamente o facto de, em locais como Arraiolos, existir menos interesse em participar nas atividades disponíveis à população idosa, segundo a perspectiva dos entrevistados.

A falta de serviços e recursos fora dos centros urbanos e a dificuldade de acesso por parte dos idosos, referidas nas entrevistas e visíveis nos resultados do 1º estudo, foram também aspetos salientados noutros estudos que abordaram a mesma temática. A centralização dos serviços (Walsh et al., 2012), nomeadamente de cuidados de saúde (Giarchi, 2006; Warburton et al., 2016), foi apontada como desvantagem dos meios mais pequenos, dificultando o acesso dos idosos aos serviços que necessitam para o seu dia a dia (Giarchi, 2006), tal como foi referido pelos idosos entrevistados. Adicionalmente, a perda de serviços locais, como correios e dependências bancárias em Arraiolos, salientada pelos idosos como um aspeto negativo, foi também apontada num outro estudo (Scharf & Bartlam, 2008, citado por Moffatt & Glasgow, 2009) como uma limitação para a população idosa residente nas localidades mais afastadas dos centros urbanos. No entanto, contrariamente aos estudos apresentados, alguns idosos salientaram, ao longo das entrevistas, aspetos positivos neste contexto, nomeadamente o facto de o acesso aos serviços ser mais rápido fora dos centros urbanos, devido ao reduzido número de utentes, que diminui o tempo de espera no atendimento.

Por outro lado, alguns estudos focaram-se nas vantagens destas áreas, fora dos centros urbanos, demonstrando que a proximidade e entreajuda (Moffatt & Glasgow, 2009) contribuem para um maior número de contactos sociais e uma melhor qualidade das relações entre os habitantes (Walsh et al., 2012). Neste âmbito, os resultados do 1º estudo estão de acordo com as investigações anteriores, uma vez que os idosos residentes fora dos centros urbanos demonstraram maior intimidade com familiares e amigos, comparativamente aos idosos residentes em cidades. Do mesmo modo, a percepção dos idosos entrevistados no 2º estudo confirma estes resultados, salientando a relação de proximidade existente entre os habitantes de locais como a vila de Arraiolos. No entanto, surgiu, em algumas entrevistas, a percepção de que esta proximidade poderá levar a uma interferência negativa na vida dos

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

restantes habitantes da vila, demonstrando que, por vezes, a proximidade social não é sempre positiva.

No que diz respeito ao papel das instituições e serviços de apoio aos idosos na prevenção da exclusão social, admite-se na literatura que a assistência prestada aos utentes, quer ao nível de cuidados de saúde, quer a assistência social e afetiva, contribuem positivamente para a prevenção da exclusão social dos idosos (Cardoso & Costa, 2006). Através das entrevistas, foi possível confirmar estes aspetos, uma vez que os idosos entrevistados referiram como principais contributos das instituições, no âmbito da prevenção da exclusão social, a criação de relações sociais, a facilitação do convívio e do acesso a cuidados de saúde. Adicionalmente, foram salientados outros aspetos positivos pelos idosos entrevistados, também referidos na literatura, como a promoção da participação social dos utentes, através da realização de atividades ocupacionais e de lazer (Bonfim et al., 1996; Magalhães et al., 2017) e da participação ativa dos idosos dentro da própria instituição (Malderen et al., 2017), colaborando em tarefas diárias, como foi sugerido por alguns entrevistados.

No entanto, ao longo das entrevistas, surgiram também alguns aspetos negativos das instituições e serviços, que vieram confirmar aquilo que estudos anteriores demonstraram, como a dificuldade de adaptação e aceitação de regras da instituição (Borda & Yarnoz, 2015), causando repulsa face à institucionalização por parte de alguns entrevistados, bem como o afastamento da comunidade e a monotonia (Cardoso & Costa, 2006), também referidos como desvantagens por alguns idosos da freguesia de Arraiolos.

De um modo geral, as perceções dos entrevistados, relativamente ao papel das instituições e serviços na prevenção da exclusão social, enquadram-se em quatro das seis dimensões consideradas (Walsh et al., 2018), salientando a multidimensionalidade deste conceito. Ao longo das entrevistas, os idosos referiram-se sobretudo à dimensão relativa às relações sociais, através do convívio e criação de contactos sociais entre os utentes, promovidos pelas próprias instituições, prevenindo a exclusão social dos idosos nesta dimensão. A participação social dos utentes em atividades da comunidade e a sua colaboração dentro da própria instituição foram também salientados nas entrevistas, realçando o papel destas instituições na prevenção da exclusão social dos idosos, nomeadamente nas dimensões relativas à vizinhança e comunidade, e participação cívica. O acesso a cuidados de saúde, facilitados pelas instituições, surgiu também como um aspeto positivo relativo ao papel das mesmas na prevenção da exclusão social, especificamente na dimensão relativa ao acesso a serviços. No entanto, as dimensões relativas aos recursos materiais e financeiros bem como

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

aspectos socioculturais, não foram associadas ao papel das instituições e serviços na prevenção da exclusão social dos seus utentes, segundo as perceções dos idosos entrevistados.

Contributos e implicações práticas da investigação

Relativamente aos contributos desta investigação, especificamente no âmbito da exclusão social fora dos centros urbanos, permitiu identificar vantagens e desvantagens na perspetiva da população idosa residente fora dos centros urbanos e em meios de menor dimensão. Neste contexto, foram também identificadas dificuldades em monitorizar a multidimensionalidade da exclusão social da população idosa portuguesa, sendo que a realização do diagnóstico global foi dificultado pela ausência de informação relativa a determinadas dimensões da exclusão social. Foram analisadas as perceções dos próprios idosos acerca desta temática, através de uma abordagem mista e exploratória, que permitiu uma compreensão mais contextualizada e o reconhecimento de problemas reais, existentes nestes meios em dimensões chave, que limitam a vida dos idosos e que deverão ser considerados, também nas políticas sociais, de forma a melhorar a qualidade de vida destas populações. Deste modo, esta investigação identificou possíveis pontos de intervenção, fundamentais para mitigar a exclusão social dos idosos que residem fora dos grandes centros urbanos.

No âmbito das instituições e serviços de apoio aos idosos, a análise das entrevistas permitiu identificar alguns aspetos negativos percecionados pelos idosos, possibilitando a formulação de sugestões de melhoria para as próprias instituições, de modo a colmatar os problemas existentes e as preocupações salientadas pelos idosos, enquanto futuros utentes destas instituições. Adicionalmente, esta investigação permitiu dar voz aos idosos, contribuindo também para a prevenção da sua exclusão social, uma vez que lhes foi solicitada a sua participação ativa na discussão deste tema.

Dada a natureza deste trabalho, torna-se importante salientar algumas implicações práticas para as próprias instituições e serviços de apoio aos idosos, decorrentes da realização deste estudo e das perceções recolhidas. De uma forma geral, pretende-se destacar as principais preocupações referidas pelos idosos, associadas ao processo de institucionalização, e algumas sugestões de melhoria propostas pelos próprios, de forma suprimir os aspetos negativos mais identificados, melhorando a qualidade de vida dos idosos que beneficiam dos cuidados prestados por estas instituições. Assim sendo, salientam-se os maus tratos e a falta de sensibilidade para cuidar dos utentes, que surgem como uma das principais preocupações dos entrevistados, sendo essencial que os cuidados sejam prestados com carinho e

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

compreensão por parte do pessoal. Ainda no âmbito dos cuidados prestados, destaca-se a importância da fisioterapia, essencial para manter a mobilidade dos utentes, e que, na perspectiva dos entrevistados, é insuficiente em muitas instituições.

No que diz respeito à ocupação dos tempos livres, os idosos manifestaram uma preocupação relativa à monotonia, percecionada pelos próprios, presente nas instituições. Deste modo, e de forma a melhorar a qualidade de vida dos utentes, torna-se importante reforçar atividades culturais e de lazer, mantendo os idosos ativos. Adicionalmente, foi também revelada a preocupação em manter-se útil para a comunidade, o que poderá ser conseguido através da realização de tarefas quotidianas dentro da própria instituição, como o apoio na preparação das refeições, ou noutras tarefas que, usualmente, os idosos já realizavam nos seus domicílios antes da institucionalização, facilitando também a sua transição e adaptação à instituição. Neste sentido, e de modo a facilitar a sua adaptação, será importante que as instituições trabalhem no sentido de manter uma ligação entre o utente e o exterior, evitando a sua rutura total com a comunidade e o afastamento dos seus contactos sociais. Por fim, foi também referido por alguns idosos, o desejo de um serviço de apoio mais personalizado para cada utente. Desta forma, sugere-se que as instituições e serviços de apoio valorizem mais as necessidades específicas de cada utente, por exemplo, permitindo a escolha das ementas, o que irá melhorar o serviço prestado e satisfazer das necessidades dos idosos.

Limitações e investigações futuras

No 1º estudo, o facto de ter sido utilizada uma base de dados secundária, do ESS, permite identificar algumas limitações no âmbito da seleção dos indicadores e da qualidade da informação recolhida através do questionário. Desta forma, verificou-se que o ESS, apesar de ser muito abrangente em relação ao tipo de informação que inclui, apenas aborda assuntos mais relevantes para a população idosa, e com maior foco, num único módulo rotativo que, adicionalmente, é pouco recente (2008).

De um modo geral, os indicadores selecionados da 4ª vaga do ESS, no âmbito da exclusão social, abrangem todas as dimensões consideradas pelos autores (Walsh et al., 2018), no entanto não são igualmente abordadas ao longo do questionário, verificando-se uma maior incidência de questões no âmbito da participação cívica e aspetos socioculturais. Pelo contrário, a dimensão relacionada com os serviços, recursos e mobilidade é abordada apenas com indicadores relativos ao acesso a cuidados de saúde e telecomunicações, excluindo aspetos como o acesso a transportes ou a serviços gerais. Do mesmo modo, a dimensão relativa aos recursos materiais e financeiros, é abordada em poucos indicadores ao longo do

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

questionário da 4ª vaga, questionando apenas os participantes acerca dos seus rendimentos, excluindo questões acerca da privação de recursos materiais. Estas limitações reforçam a importância de instrumentos mais abrangentes, que considerem a multidimensionalidade da exclusão social e que acompanhem a evolução deste conceito na população idosa.

A diferenciação geográfica disponibilizada pelo ESS, pode também ser considerada como uma limitação, uma vez que haverá variabilidade interna tanto no grupo designado como “centros urbanos” como no grupo “fora dos centros urbanos”. Neste sentido, haverá diferenças entre as localidades incluídas num mesmo grupo, que poderão ter influência nos resultados obtidos, e que poderão ser causados por outros fatores e não apenas pelo contexto urbano ou não urbano. Deste modo, em estudos futuros, estas áreas deverão ser analisadas de forma não estereotipada, e deverão ser considerados outros fatores, como a escolaridade ou estatuto socioeconómico dos participantes, para explicar as diferenças encontradas entre os contextos. Um estudo mais extensivo acerca destes dados quantitativos deverá também incluir variáveis de controlo ao nível das próprias localidades de residência, permitindo controlar estatisticamente as diferenças entre as aldeias, vilas e cidades.

Adicionalmente, e pelo facto de ter sido utilizada uma base de dados secundária, a amostra apresenta também algumas limitações, nomeadamente no número de participantes incluídos em cada grupo. Verificou-se uma diferença considerável entre a amostra de idosos residentes em centros urbanos e fora dos mesmos, o que poderá ter influência nos resultados obtidos a partir do ESS e que, em investigações futuras, deverá ser considerado de modo a obter uma amostra mais homogénea.

Relativamente ao 2º estudo, e uma vez que a fonte de informação são os próprios indivíduos entrevistados, identificam-se limitações associadas a este tipo de recolha de informação. Deste modo, poderão verificar-se enviesamentos, uma vez que os participantes, no momento da entrevista, estavam conscientes de que estavam a ser observados (Vala, 1986). Outro fator que poderá conduzir a enviesamentos é o constrangimento do próprio entrevistado (Vala, 1986), causado pela situação que está a experienciar ou pelas questões que lhe são colocadas. Ao longo das entrevistas, foram revelados alguns constrangimentos, nomeadamente nas questões em que era solicitado que mencionasse alguns aspetos negativos associados às instituições e serviços de apoio aos idosos. Em muitos participantes foi visível a timidez para referir falhas dessas instituições e serviços, especialmente nos utentes dos mesmos (centro de dia e SAD), com algum receio de represálias por revelarem aspetos mais negativos. Em investigações futuras, seria importante que as entrevistas fossem conduzidas

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

por um investigador neutro, desconhecido para os idosos e que não residisse na localidade de recolha dos dados.

Ainda relativamente ao 2º estudo, o facto de ter sido utilizada, para alguns casos, uma amostragem do tipo bola de neve, dificultou o acesso a idosos mais isolados, sem amigos próximos, que acabaram por não ser indicados para participar pelos outros entrevistados. Por esta mesma razão, verificou-se que a maioria dos participantes possui uma rede social próxima. Futuramente, seria interessante aceder a populações mais isoladas, residentes em contextos sociais diferentes, de modo a avaliar mais concretamente o papel do contexto na exclusão social.

Por último, importa considerar, em investigações futuras, outros fatores apontados na literatura como possíveis determinantes de exclusão social, tais como o género (Barnes et al., 2006; Jose & Cherayi, 2016; Kneale, 2012), o nível de escolaridade (Jose & Cherayi, 2016) e a etnia (Scharf et al., 2005a), que poderão influenciar o processo de exclusão nos idosos e que não foram considerados na análise dos resultados deste trabalho.

Capítulo VII - Conclusão

Com a realização desta investigação pretendeu-se contribuir para a compreensão da multidimensionalidade da exclusão social, aos 70 ou mais anos de idade, explorando o papel do contexto no aumento do risco de exclusão social, especificamente nas regiões fora dos grandes centros urbanos, de modo a identificar as principais vantagens e desvantagens específicas da população idosa residente nestes meios. Através dos resultados obtidos em ambos os estudos, é possível verificar que, de um modo geral, os idosos residentes em áreas não urbanas, sentem-se mais vulneráveis à exclusão social na dimensão relativa aos serviços, nomeadamente no acesso aos cuidados de saúde, bem como na dimensão relativa à participação social, comparativamente aos idosos das áreas urbanas. No entanto, no âmbito das relações sociais, os resultados demonstraram que os idosos residentes em meios mais pequenos percebem um maior apoio social por parte de amigos e familiares, em comparação com os idosos residentes em áreas urbanas.

Adicionalmente, procurou-se explorar o papel das instituições e serviços de apoio à população idosa, no âmbito da prevenção da exclusão social, observando-se uma prevalente opinião positiva face ao trabalho destas instituições. Aspectos como o convívio e o acesso a cuidados de saúde, facilitados pelas instituições, foram referidos como os principais contributos para a prevenção da exclusão social dos seus utentes. Desta forma, este estudo reforça a importância de abordar a exclusão social enquanto conceito multidimensional, e também a importância de uma abordagem contextualizada, considerando as especificidades de cada população e de cada contexto em análise.

Referências

- Administração Regional de Saúde do Alentejo. (2011). *Unidade de Cuidados na Comunidade de Arraiolos entra em funcionamento*. Retirado de <http://www.arsalentejo.min-saude.pt/arsalentejo/Noticias/Paginas/UCCArraiolosEmFuncionamento.aspx>
- Associação de Pensionistas e Idosos da Freguesia de Arraiolos. (2019). *Respostas Sociais – Centro de Convívio*. Retirado de <http://apifa.pt/centro-de-convivio/>
- Atkinson, A. B. (1998). Social Exclusion, Poverty and Unemployment. In A. B. Atkinson & J. Hills (Eds.), *Exclusion, Employment and Opportunity* (pp. 1-24). Londres: CASE
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Barnes, M., Blom, A., Cox, K., Lessof, C., & Walker, A. (2006). *The social exclusion of older people: evidence from the first wave of the English Longitudinal Study of Ageing (ELSA): final report*. Office for the Deputy of Prime Minister, London.
- Bonfim, C. J., Garrido, M. M., Saraiva, M. E., & Veiga, S. M. (1996). *Lar para Idosos*. Direcção-Geral da Acção Social – Núcleo de Documentação Técnica e Divulgação. Retirado de http://www.seg-social.pt/documents/10152/51499/Lar_idosos/573aed6a-0b92-4b99-9f75-d0ce46359b0b
- Bonfim, C., Saraiva, M. E. (1996). *Centro de Dia*. Direcção-Geral da Acção Social – Núcleo de Documentação Técnica e Divulgação. Retirado de http://www.seg-social.pt/documents/10152/51506/Centro_dia/f8de1cb2-a6e8-4137-8a7f-4d76233e58bc
- Borda, N. F., & Yarnoz, A. Z. (2015). Perceptions of Abuse in Nursing Home Care Relationships in Uruguay. *Journal of Transcultural Nursing*, 26, 164-170. doi:10.1177/1043659614526458
- Câmara Municipal de Arraiolos. (2019). *Viver sénior 2019-2020*. Retirado de <http://www.cm-arraiolos.pt/pt/site-acontece/noticias/Paginas/Viver-sénior-2019-2020.aspx>
- Cardoso, A. P. P. O., & Costa, L. M. A. C. (2006). Velhice e exclusão social: Um estudo no centro de convívio e apoio à terceira idade do Tortosendo. *Psychologica*, 42, 89-114.
- Carta Social. (2019a). *Equipamento Social da Santa Casa da Misericórdia de Arraiolos*. Retirado de http://www.cartasocial.pt/resultados_pesquisadetalhe.php?cod_area=21&valencia=2101&equip=1090

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

Carta Social. (2019b). *Equipamento Social da ARPI da Freguesia de Arraiolos*.

Retirado de

http://www.cartasocial.pt/resultados_pesquisadetalhe.php?cod_area=21&valencia=2102&equip=16001

Commins, P. (2004). Poverty and Social Exclusion in Rural Areas: Characteristics, Processes and Research Issues. *Sociologia Ruralis*, 44, 60-75. doi: 10.1111/j.1467-9523.2004.00262.x

Dattilo, J., Lorek, A. E., Mogle, J., Sliwinski, M., Freed, S., Frysinger, M., & Schuckers, S. (2015). Perceptions of Leisure by Older Adults Who Attend Senior Centers. *Leisure Sciences*, 37, 373–390. doi:10.1080/01490400.2015.1016563

De Haan, A. (1998). “Social Exclusion”: An Alternative Concept for the Study of Deprivation? *IDS Bulletin*, 29, 10-19. doi:10.1111/j.1759-5436.1998.mp29001002.x

Diário do Sul. (2017). “*Viver Sénior*”. Retirado de

<https://www.diariodosul.com.pt/noticias/principal/1330-viver-senior.html>

Drageset, J., Haugan, G., & Tranvåg, O. (2017). Crucial aspects promoting meaning and purpose in life: perceptions of nursing home residents. *BMC Geriatrics*, 17. doi: 10.1186/s12877-017-0650-x

European Social Survey. (2008a). *Data files – Country file (subset of integrated file)* [SPSS]. Retirado de

<https://www.europeansocialsurvey.org/download.html?file=ESS4PT&c=PT&y=2008>

European Social Survey. (2008b). *Documents – ESS4 Questionnaires PT* [PDF]. Retirado de https://www.europeansocialsurvey.org/docs/round4/fieldwork/portugal/ESS4_questionnaires_PT_por.pdf

European Social Survey. (2019a). *Survey Specification*. Retirado de

https://www.europeansocialsurvey.org/methodology/ess_methodology/survey_specifications.html

European Social Survey. (2019b). *Source Questionnaire*. Retirado de

https://www.europeansocialsurvey.org/methodology/ess_methodology/source_questionnaire/

Feng, W. (2011). *Social Exclusion of the Elderly in Contemporary China: One Empirical Study Based on the Surveys in Six Provinces*. Organisation for Economic Co-operation and Development, Paris.

Giarchi, G. G. (2006). Older People “on the Edge” in the Countrysides of Europe. *Social Policy & Administration*, 40, 705-721. doi: 10.1111/j.1467-9515.2006.00528.x

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

- Hajek, A., & König, H.-H. (2017). The association of falls with loneliness and social exclusion: evidence from the DEAS German Ageing Survey. *BMC Geriatrics*, *17*, 1-11. doi:10.1186/s12877-017-0602-5
- Instituto Nacional de Estatística (INE). (2011a). *6.04 – População residente, segundo o grupo etário, por nível de escolaridade completo e sexo* [Excel]. Retirado de https://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=censos_quadros_populacao
- Instituto Nacional de Estatística (INE). (2011b). *6.15 – População residente com 12 ou mais anos, segundo o estado civil legal e o sexo, por grupo etário e idade ano a ano* [Excel]. Retirado de https://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=censos_quadros_populacao
- Jehoel-Gijsbers, G., & Vrooman, C. (2008). *Social exclusion of the elderly: a comparative study of EU member states*. European Network of Economic Policy – Research Institutes
- Johnson, R. B., Onwuegbuzie, A. J., & Turner, L. A. (2007). Toward a Definition of Mixed Methods Research. *Journal of Mixed Methods Research*, *1*, 112-133. doi:10.1177/1558689806298224
- Jose, J. P., & Cherayi, S. (2016). Social Exclusion of Older Persons: The Role of Socio-Demographic Characteristics. *Ageing International*, *42*, 447-465. doi:10.1007/s12126-016-9255-5
- Kneale, D. (2012). *Is social exclusion still important for older people?* The International Longevity Centre - UK Report
- Leech, N. L., & Onwuegbuzie, A. J. (2007). A typology of mixed methods research designs. *Quality & Quantity*, *43*, 265-275. doi: 10.1007/s11135-007-9105-3
- Levitas, R., Pantazis, C., Fahmy, E., Gordon, D., Lloyd, E., & Patsios, D. (2007). *The multi-dimensional analysis of social exclusion*. Department for Communities and Local Government (DCLG).
- Macleod, C. A., Ross, A., Sacker, A., Netuveli, G., & Windle, G. (2017). Re-thinking social exclusion in later life: a case for a new framework for measurement. *Ageing & Society*, *39*, 74-111. doi:10.1017/s0144686x17000794 .
- Magalhães, C., Anes, E., & Rebelo, F. (2017). Quality of life in institutionalized elderly undergoing an active aging program. *Millenium*, *2*, 37-44. doi:10.29352/mill0202.03.00110

- Malderen, L. V., Vriendt, P. D., Mets, T., & Gorus, E. (2017). Active aging in the nursing home: Could participatory action research provide the answer? *Action Research, 15*, 239-257. doi:10.1177/1476750316636668
- Marques, E. M. B. G., Sánchez, C. S., & Vicario, B. P. (2014). Percepção da qualidade de vida de um grupo de idosos. *Revista de Enfermagem Referência, IV*, 75-84. doi:10.12707/riiii1314
- Miner, S., Liebel, D. V., Wilde, M. H., Carroll, J. K., & Omar, S. (2017). Somali Older Adults' and Their Families' Perceptions of Adult Home Health Services. *Journal of Immigrant and Minority Health, 20*, 1215-1221. doi:10.1007/s10903-017-0658-5
- Moffatt, S., & Glasgow, N. (2009). How Useful is the Concept of Social Exclusion When Applied to Rural Older People in the United Kingdom and the United States? *Regional Studies, 43*, 1291-1303. doi:10.1080/00343400903002697
- Nordin, S., McKee, K., Wallinder, M., von Koch, L., Wijk, H., & Elf, M. (2016). The physical environment, activity and interaction in residential care facilities for older people: a comparative case study. *Scandinavian Journal of Caring Sciences, 31*, 727-738. doi:10.1111/scs.12391
- Philip, L., & Shucksmith, M. (2003). Conceptualising Social Exclusion in Rural Britain. *European Planning Studies, 11*, 461-480. doi:10.1080/09654310303646
- Phillipson, C., & Scharf, T. (2004). *The impact of government policy on social exclusion among older people: A review of the literature for the Social Exclusion Unit in the Breaking the Cycle series*. Office for the Deputy of Prime Minister, London.
- Ronzi, S., Pope, D., Orton, L., & Bruce, N. (2016). Using photovoice methods to explore older people's perceptions of respect and social inclusion in cities: Opportunities, challenges and solutions. *SSM – Population Health, 2*, 732-745. doi:10.1016/j.ssmph.2016.09.004
- Room, G. J. (1999). Social exclusion, solidarity and the challenge of globalization. *International Journal of Social Welfare, 8*, 166-174. doi:10.1111/1468-2397.00080
- Santa Casa da Misericórdia de Arraiolos (2019). *Áreas de intervenção – Terceira Idade*. Retirado de <http://scmarraiolos.pt/area-intervencao/terceira-idade/SAD>
- Scharf, T., Phillipson, C., & Smith, A. E. (2005a). Social exclusion of older people in deprived urban communities of England. *European Journal of Ageing, 2*, 76-87. doi:10.1007/s10433-005-0025-6

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

- Scharf, T., Phillipson, C., & Smith, A. E. (2005b). Social exclusion and quality of life of excluded older people. *Working with Older People*, 9, 32–35. doi:10.1108/13663666200500049
- Segurança Social. (2011). *Manual de processos-chave – Estrutura Residencial para Idosos* [PDF]. Retirado de http://www.seg-social.pt/documents/10152/13652/gqrs_lar_estrutura_residencial_idosos_Processos-Chave/1378f584-8070-42cc-ab8d-9fc9ec9095e4
- Segurança Social. (2014). *Manual de processos-chave – Centro de Dia* [PDF]. Retirado de http://www.seg-social.pt/documents/10152/13694/gqrs_centro_dia_processos-chave/439e5bcd-0df3-4b03-a7fa-6d0904264719
- Segurança Social. (2016). *Idosos*. Retirado de <http://www.seg-social.pt/idosos>
- Segurança Social. (2017). *Rede Nacional de Cuidados Continuados Integrados (RNCCI)*. Retirado de <http://www.seg-social.pt/rede-nacional-de-cuidados-continuados-integrados-rncci>
- Seifert, A., & Schelling, H. R. (2018). Attitudes Toward Aging and Retirement Homes Before and After Entry Into a Retirement Home. *Journal of Housing For the Elderly*, 32, 12–25. doi:10.1080/02763893.2017.1393484
- Silver, H. (1994). Social Exclusion and Social Solidarity: Three Paradigms. *International Labour Review*, 133, 531-578.
- Sousa, E. M. S., & Oliveira, M. C. C. (2015). Viver a (e para) aprender: uma intervenção-ação para a promoção do envelhecimento ativo. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 18, 405–415. doi:10.1590/1809-9823.2015.14055
- Tabachnick, B. G., & Fidell, L. S. (2007). *Using multivariate statistics* (5ª ed.). Boston: Allyn & Bacon/Pearson Education.
- Vala, J. (1986). Análise de conteúdo. In A. S. Silva & J. M. Pinto (Eds.), *Metodologia das Ciências Sociais* (pp. 101-128). Porto: Afrontamento.
- Vogelsang, E. M. (2016). Older adult social participation and its relationship with health: Rural-urban differences. *Health & Place*, 42, 111–119. doi:10.1016/j.healthplace.2016.09.010
- Walsh, K., O’Shea, E., & Scharf, T. (2012). *Social Exclusion and Ageing in Diverse Rural Communities: Findings from a crossborder study in Ireland and Northern Ireland*. Irish Centre for Social Gerontology.

Walsh, K., Scharf, T., & Keating, N. (2018). Social Exclusion of older persons: a scoping review and conceptual framework. *European Journal of Ageing, 14*, 81-98.

doi:10.1007/s10433-016-0398-8

Warburton, J., Scharf, T., & Walsh, K. (2016). Flying Under the Radar? Risks of Social Exclusion for Older People in Rural Communities in Australia, Ireland and Northern Ireland. *Sociologia Ruralis, 57*, 459–480. doi: 10.1111/soru.12129

Wenger, G. C., Davies, R., Shahtahmasebi, S., & Scott, A. (1996). Social Isolation and Loneliness in Old Age: Review and Model Refinement. *Ageing and Society, 16*, 333–358. doi:10.1017/s0144686x00003457

Anexo A – Descrição das instituições e serviços de apoio à população idosa

O Serviço de Apoio Domiciliário (SAD) engloba a prestação de cuidados e serviços a idosos dependentes, física ou psiquicamente, que residam no seu domicílio e que não tenham condições para satisfazer as suas necessidades básicas, necessitando de apoio instrumental para realizar as suas atividades diárias (Segurança Social, 2016). Este serviço inclui a prestação de cuidados de higiene, fornecimento de refeições, apoio no tratamento de roupas e limpeza do domicílio (Segurança Social, 2016). Adicionalmente, poderá também englobar atividades de animação e lazer, apoio na aquisição de bens ou pagamento de serviços, apoio psicossocial e formação de familiares e cuidadores (Segurança Social, 2016). Com esta resposta social, pretende-se melhorar a qualidade de vida dos utentes e facilitar o acesso destes idosos a serviços da comunidade, permitindo a permanência dos mesmos no seu domicílio (Segurança Social, 2016).

O Centro de Convívio inclui a organização de atividades sociais e culturais para idosos, incentivando a sua participação ativa e inclusão na comunidade onde residem (Segurança Social, 2016). Pretende-se prevenir a solidão e isolamento dos idosos e a promoção das suas relações interpessoais (Segurança Social, 2016).

O Centro de Dia diz respeito à prestação de um conjunto de cuidados e serviços, consoante as necessidades do utente, contribuindo para a permanência do idoso no seu meio habitual e evitando o seu internamento (Segurança Social, 2016). Enquanto utente de um centro de dia, pretende-se que o idoso estabeleça relações com outros utentes, mantendo a sua autonomia e independência pessoal e social (Segurança Social, 2016). Contrariamente ao centro de dia, o Centro de Noite funciona apenas como acolhimento noturno, uma vez que recebe idosos independentes, com capacidade e autonomia para permanecerem no seu domicílio durante o dia (Segurança Social, 2016). Este acolhimento pretende evitar situações de solidão e insegurança, garantindo o acompanhamento dos utentes durante a noite e mantendo o seu bem-estar e segurança (Segurança Social, 2016).

A Estrutura Residencial para Pessoas Idosas (ERPI), enquanto instituição, diz respeito ao alojamento do idoso, de forma temporária ou permanente, disponibilizando todos os serviços e cuidados necessários (Segurança Social, 2016). Adicionalmente, pretende-se que a instituição promova o envelhecimento ativo dos seus utentes, a sua integração social e mantenha o contacto entre o idoso e os seus familiares (Segurança Social, 2016).

Por fim, o Acolhimento Familiar, que diz respeito ao acolhimento temporário ou permanente do idoso, geralmente dependente, pouco autónomo e sem apoio familiar, por

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

parte de uma família capaz de assegurar um ambiente estável ao idoso (Segurança Social, 2016). Esta resposta social pretende garantir a segurança do idoso e proporcionar-lhe todos os cuidados necessários, mantendo um ambiente familiar e afetivo, sem a necessidade do seu internamento (Segurança Social, 2016).

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

Anexo B - Indicadores selecionados do ESS, distribuídos pelas 6 dimensões da exclusão social (Walsh, Scharf, & Keating, 2018)

1 - Serviços, recursos e mobilidade

ESS8, 2016:

A2: As pessoas podem utilizar a internet em diferentes aparelhos como computadores, tablets e smartphones. Com que frequência utiliza a internet, nestes ou noutros aparelhos, seja para trabalhar ou para fins pessoais?

ESS7, 2014:

E14: Nos últimos 12 meses, ou seja, desde [mês, ano], alguma vez não conseguiu ter uma consulta ou recebido um tratamento de que precisava, por alguma das razões apresentadas neste cartão?

E15: Qual das razões que estão no cartão o impediu de obter a consulta ou o tratamento?

F14a: Algum dos problemas referidos neste cartão se aplica à casa em que vive?

ESS4, 2008:

D50: E nos próximos 12 meses, qual a probabilidade de não receber os cuidados de saúde de que realmente necessita se ficar doente?

F71: Tem telefone de rede fixa em casa?

F72: Tem telemóvel?

F73: Utiliza a internet para fazer chamadas telefónicas de casa?

ESS2, 2004:

D18: Nos últimos 12 meses/no último ano, quantas vezes foi ao médico por causa de um problema de saúde pessoal? Pense nas idas a qualquer médico, quer tenha sido a especialistas, quer ao clínico geral/médico de família?

G38: Em que medida a sua casa está equipada para facilitar o trabalho doméstico? Utilize esta escala em que 0 significa, por exemplo, que a sua casa não tem água corrente e 10 significa que tem máquina de lavar a loiça. Diria que a sua casa está ...

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

2 - Recursos materiais e financeiros

ESS8, 2016:

E40: E nos próximos 12 meses, em que medida acha provável surgirem momentos em que o dinheiro não lhe chegue para cobrir as necessidades do agregado familiar?

F42: Qual das seguintes descrições se aproxima mais do que sente relativamente ao rendimento actual das pessoas que vivem nesta casa?

ESS6, 2012:

PT10: Qual das seguintes frases melhor descreve a forma como actualmente o seu agregado familiar paga todas as suas contas e compromissos de crédito?

ESS5, 2010:

F43: Se, por alguma razão, tivesse dificuldades financeiras graves e tivesse que pedir dinheiro emprestado para conseguir viver, acha que isso seria...

- Utilizando este cartão diga-me em que medida cada uma das seguintes situações se aplicou a si nos últimos três anos.

G8: Ter que me governar com um orçamento familiar mais baixo.

G9: Ter que tirar dinheiro das poupanças ou endividar-me para cobrir despesas do dia-a-dia

G10: Ter que reduzir as despesas com férias ou com coisas novas para a casa

ESS3, 2006:

D53: Em que medida se preocupa com a possibilidade de o seu rendimento não vir a ser suficiente para fazer face aos últimos anos da sua vida?

D55: Pense agora em todos os tipos de poupanças, tais como contas bancárias, investimentos, fundos de pensões privadas ou do estado, bem como em propriedades. Actualmente encontra-se a fazer poupanças ou já fez no passado com o objectivo de viver confortavelmente na terceira idade?

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

3 - Participação cívica

ESS8, 2016:

B3: Em que medida se acha capaz de ter um papel ativo num grupo envolvido em questões políticas?

B5: E em que medida se sente confiante na sua capacidade de participar na política?

B13: Por uma razão ou por outra, actualmente muitas pessoas não votam. O(a) Sr.(a) votou nas últimas eleições para a Assembleia da República (4 de Outubro de 2015)?

- Há várias ações que se podem desenvolver para melhorar as coisas em Portugal ou para evitar que corram mal. Durante os últimos 12 meses, fez alguma das seguintes coisas?

B15: Contactou um político, um representante do governo central ou um representante do poder local

B16: Trabalhou para um partido político ou movimento cívico.

B17: Trabalhou numa organização ou associação de outro tipo

B19: Assinou uma petição

B20: Participou numa manifestação

D23: Em que medida sente que tem a responsabilidade pessoal de tentar reduzir as alterações climáticas?

F39: É, ou alguma vez foi, membro de um sindicato ou de uma associação profissional?

ESS6, 2012:

D1: Nos últimos 12 meses, com que frequência colaborou em atividades para organizações de caridade e de voluntariado?

ESS5, 2010:

B21: Está inscrito em algum partido político?

- Gostava de saber em que medida considera errado fazer cada uma das seguintes coisas.

D1: Fazer uma participação exagerada ou falsa à companhia de seguros?

D2: Comprar alguma coisa que acha que pode ter sido roubada?

D3: Praticar uma infracção ao Código da Estrada, como conduzir em excesso de velocidade ou passar um sinal vermelho?

- Em que medida acha que tem o dever de...

D18: Apoiar as decisões da polícia, mesmo que não concorde com elas?

D19: Fazer o que a polícia lhe diz, mesmo que não compreenda as razões ou não concorde com elas?

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

D20: Fazer o que a polícia lhe diz, mesmo que não goste do modo como for tratado(a)?

- Utilizando este cartão, por favor diga-me em que medida concorda ou discorda de cada uma das seguintes afirmações sobre o que actualmente se passa em Portugal.

D34: Todas as pessoas têm o dever de apoiar as decisões finais dos tribunais.

D35: Todas as leis devem ser rigorosamente respeitadas.

D36: Por vezes, fazer aquilo que está certo significa desrespeitar a lei.

- Imagine que estava na rua e via alguém a empurrar um homem para o chão e a roubar-lhe a carteira.

D40: Qual seria a probabilidade de o(a) Sr.(a) chamar a polícia?

D41: Em que medida estaria disposto(a) a identificar a pessoa acusada?

D42: Em que medida estaria disposto(a) a testemunhar em tribunal contra o acusado?

- Usando este cartão, diga-me, por favor, com que frequência fez cada uma das seguintes coisas nos últimos cinco anos.

D43: Fez uma participação exagerada ou falsa à companhia de seguros?

D44: Comprou alguma coisa que achava que podia ter sido roubada?

D45: Praticou uma infracção ao Código da Estrada como conduzir em excesso de velocidade ou passar um sinal vermelho?

ESS3, 2006:

E2: Sem contar com o apoio à família, com o que faz no trabalho ou em organizações de voluntariado, com que frequência ajudou activamente alguém, nos últimos 12 meses?

ESS2, 2004:

- Em que medida concorda ou discorda com cada uma das seguintes afirmações.

E1: Os cidadãos deviam ocupar pelo menos algum do seu tempo livre a ajudar os outros.

E2: A sociedade estaria melhor se cada um se preocupasse apenas consigo próprio.

E3: Os cidadãos não deviam fugir aos seus impostos.

- Em que medida considera errado fazer cada uma das seguintes coisas?

E13: Pagar, sem exigir recibo, para evitar pagar IVA ou outros impostos

E14: Vender um artigo em segunda mão sem dizer os defeitos que possa ter

E16: Um funcionário público pedir um favor ou dinheiro em troca de um serviço

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

- Em que medida concorda ou discorda com cada uma das seguintes formas de encarar as leis e os regulamentos.

E17: Se o objectivo é ganhar dinheiro não se pode agir sempre com honestidade

E18: Deve-se obedecer sempre à lei mesmo que isso signifique perder boas oportunidades

E19: Uma vez por outra não faz mal desobedecer à lei e fazer o que se pretende

- Nos últimos 5 anos, quantas vezes fez cada uma das seguintes coisas?

E24: Ficou com o troco todo, mesmo sabendo que o empregado de mesa ou de balcão lhe deu dinheiro a mais

E25: Pagou, sem exigir recibo, para evitar pagar IVA ou outros impostos

E26: Vendeu um artigo em segunda mão sem dizer os defeitos que o artigo tinha

E27: Utilizou indevidamente ou alterou um cartão ou um documento para ter acesso a uma coisa a que não tinha direito

E29: Ofereceu favores ou dinheiro a um funcionário público para obter um serviço em troca

E30: Reivindicou benefícios ou serviços sociais a que não tinha direito (por exemplo em matéria de segurança social ou outros)

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

4 - Aspetos socioculturais

ESS8, 2016:

C18: Diria que pertence a um grupo que é discriminado em Portugal?

C19: Com base em que aspectos é que o grupo a que pertence é discriminado? E com base em mais algum aspecto?

E4: Utilizando este cartão, o que pensa, em geral, do nível de vida dos pensionistas e reformados?

- As pessoas têm opiniões diferentes no que toca às responsabilidades do Estado. Para cada uma das áreas que vou referir, diga, numa escala de 0 a 10, qual é na sua opinião a responsabilidade que o Estado deve ter?

E6: ...garantir um nível de vida digno aos idosos

ESS4, 2008:

E2: Com que idade acha que as pessoas começam a ser consideradas idosas?

- Utilizando este cartão, diga como acha que a maioria dos portugueses vê o estatuto social das...

E7: ... pessoas com mais de 70 anos.

E12: Utilizando este cartão, considera que as pessoas com mais de 70 anos são um peso para os serviços de saúde em Portugal, hoje em dia?

E13: Diga-me agora em que medida considera que as pessoas com mais de 70 anos têm um efeito positivo ou negativo na maneira de viver e nos costumes dos portugueses.

E14: De um modo geral, acha que o contributo económico que as pessoas com mais de 70 anos dão a Portugal é pouco importante ou muito importante?

- Utilizando o mesmo cartão, diga-me, por favor, em que medida acha provável que a maioria dos portugueses considere as pessoas com mais de 70 anos...

E19: ...simpáticas?

E20: ...competentes?

E21: ...com elevados padrões morais?

E22: ...dignas de respeito?

- E em que medida acha provável que a maioria dos portugueses veja as pessoas que estão “na casa dos 70”...

E29: ...com inveja

E30: ...com pena

E31: ...com admiração

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

E32: ...com desdém

E34: E em geral como se sente relativamente às pessoas com mais de 70 anos?

E35: Utilizando este cartão, diga com que frequência, no ano que passou, alguém mostrou preconceito contra si ou o tratou de forma injusta devido à sua idade?

E38: E com que frequência, no ano que passou, sentiu que alguém lhe mostrou falta de respeito devido à sua idade, por exemplo, ignorando-o(a) ou tratando-o(a) com superioridade?

E39: E ao longo do último ano, com que frequência alguém o/a tratou mal devido à sua idade, por exemplo, insultando-o(a), maltratando-o(a) ou recusou atendê-lo(a) ou prestar-lhe um serviço?

E52: De uma forma geral, diga, por favor, qual das seguintes opções descreve melhor a maneira como vê em Portugal nos dias de hoje as pessoas “na casa dos 20” e as pessoas com mais de 70 anos.

E53: Diga, por favor, em que medida é importante para si não ter preconceitos contra as pessoas de outros grupos etários.

E54: Agora, diga, por favor, em que medida é importante para si ser visto como alguém que não tem preconceitos contra as pessoas de grupos etários diferentes do seu.

E55: Em que medida considera grave, ou não, em Portugal, a discriminação contra as pessoas com base na idade, quer em relação aos jovens, quer em relação aos idosos?

ESS3, 2006:

D19: E, com que idade acha que uma mulher se torna idosa?

D24: Em que medida acha que é importante para que uma mulher seja considerada idosa, o facto de estar fisicamente debilitada?

D25: E em que medida acha que é importante para que uma mulher seja considerada idosa, o facto de ser avó?

D26: E em que medida acha que é importante para que uma mulher seja considerada idosa, o facto de precisar que outras pessoas tomem conta dela?

D30: E qual a idade ideal para uma mulher se reformar?

D36: E de um modo geral, até que idade diria que uma mulher é demasiado nova para se reformar? Até aos...

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

5 - Relações sociais

ESS8, 2016:

C2: Com que frequência convive com amigos, familiares ou colegas de trabalho?

C3: Com quantas pessoas pode conversar sobre assuntos íntimos e pessoais?

C4: Comparando com outras pessoas da sua idade, com que regularidade é que participa em actividades sociais?

ESS6, 2012:

D36: Em que medida acha que recebe apoio e ajuda das pessoas que lhe são próximas quando precisa?

D37: E em que medida acha que dá apoio e ajuda às pessoas que lhe são próximas quando elas precisam?

ESS4, 2008:

E41: E relativamente a esses amigos (que têm menos de 30 anos), há algum/alguns com o(s) qual (ais) possa falar sobre assuntos pessoais, como por exemplo, sentimentos, crenças ou experiências?

E43: E relativamente a esses amigos (que têm mais de 70 anos), há algum/alguns com o(s) qual (ais) possa falar sobre assuntos pessoais, como por exemplo, sentimentos, crenças ou experiências?

E46: E relativamente a esses filhos e netos (que têm entre 15 e 30 anos), há algum/alguns com o(s) qual (ais) possa falar sobre assuntos pessoais, como por exemplo, sentimentos, crenças ou experiências?

E48: E relativamente a esses membros da família, há algum/alguns com o(s) qual (ais) possa falar sobre assuntos pessoais, como por exemplo, sentimentos, crenças ou experiências?

ESS2, 2004:

E23: Suponha que quer ter acesso a um serviço ou benefício a que não tem direito. A quantos familiares ou amigos é que acha que pode pedir ajuda?

G41: E, se precisasse de ajuda, teria alguém, sem ser as pessoas que vivem nesta casa, com quem pudesse contar gratuitamente para tratar de crianças, prestar outros cuidados, fazer tarefas domésticas ou de manutenção da casa?

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

6 - Vizinhaça e comunidade

ESS8, 2016:

C6: Qual o nível de segurança que sente quando anda sozinho(a) no seu bairro depois de escurecer? Sente-se ou sentir-se-ia...

C9: As pessoas podem sentir diferentes graus de ligação ao país em que vivem e à Europa. Diga-me, por favor, em que medida se sente afetivamente ligado(a) a Portugal?

C10: E agora diga-me por favor em que medida se sente afetivamente ligado(a) à Europa?

C11: Actualmente sente que pertence a alguma religião?

F14: Qual a frase neste cartão que melhor descreve o sítio onde vive?

ESS6, 2012:

D21: Utilizando este cartão, diga, por favor, em que medida sente que as pessoas da sua área de residência se ajudam umas às outras?

D27: Sinto-me próximo(a) das pessoas da minha área de residência.

SI4: E relativamente ao seu grupo étnico? Qual dos pares de círculos representa melhor o seu grau de identificação ou proximidade com o seu grupo étnico.

ESS4, 2008:

E4: Utilizando este cartão, diga se tem um sentido de pertença fraco ou forte em relação a esse grupo de idade.

ESS3, 2006:

E3: E ainda nos últimos 12 meses, colaborou ou participou em actividades organizadas na sua área de residência?

Anexo C - Análises descritivas dos indicadores selecionados para o estudo 1, da 4ª vaga do ESS (2008), distribuídos pelas respetivas dimensões da exclusão social (Walsh, Scharf, & Keating, 2018)

Variáveis quantitativas	População 70+ <i>M</i> _(DP)	Escala de resposta
1 - Serviços, recursos e mobilidade		
D50: E nos próximos 12 meses, qual a probabilidade de não receber os cuidados de saúde de que realmente necessita se ficar doente?	2.45 _(0.80)	1 – Nada provável 4 – Muito provável
2 - Recursos materiais e financeiros		
D49: E nos próximos 12 meses, em que medida acha provável surgirem momentos em que o dinheiro não lhe chegue para cobrir as necessidades do agregado familiar?	2.66 _(0.89)	1 – Nada provável 4 – Muito provável
F33: Qual das seguintes descrições se aproxima mais do que sente relativamente ao rendimento actual das pessoas que vivem nesta casa?	2.75 _(0.79)	1 – O rendimento actual permite viver confortavelmente 4 – É muito difícil viver com o rendimento actual
F34: Se, por alguma razão, tivesse dificuldades financeiras graves e tivesse que pedir dinheiro emprestado para conseguir viver, acha que isso seria...	1.97 _(0.88)	1 – Muito difícil 5 – Muito fácil
4 - Aspetos socioculturais		
D11: Utilizando este cartão, o que pensa, em geral, do nível de vida dos pensionistas e reformados?	2.45 _(1.80)	00 – Muitíssimo mau 10 – Muitíssimo bom

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

Variáveis quantitativas	População 70+ <i>M</i> _(DP)	Escala de resposta
Para cada uma das áreas que vou referir, diga, numa escala de 0 a 10, qual é na sua opinião a responsabilidade que o Estado deve ter?	8.90 _(1.76)	00 – Não deve ter qualquer responsabilidade 10 – Deve ter total responsabilidade
D17: Garantir um nível de vida digno aos idosos		
E2: Com que idade acha que as pessoas começam a ser consideradas idosas?	67.02 _(8.23)	(idade)
- Utilizando este cartão, diga como acha que a maioria dos portugueses vê o estatuto social das... E7: ... pessoas com mais de 70 anos.	4.77 _(2.27)	00 – Extremamente baixo 10 – Extremamente elevado
E12: Utilizando este cartão, considera que as pessoas com mais de 70 anos são um peso para os serviços de saúde em Portugal, hoje em dia?	4.63 _(2.29)	00 – Não são um peso 10 – São um peso enorme
E13: Diga-me agora em que medida considera que as pessoas com mais de 70 anos têm um efeito positivo ou negativo na maneira de viver e nos costumes dos portugueses.	6.71 _(2.07)	00 – Extremamente negativo 10 – Extremamente positivo
E14: De um modo geral, acha que o contributo económico que as pessoas com mais de 70 anos dão a Portugal é pouco importante ou muito importante?	4.20 _(2.22)	00 – Contribuem muito pouco economicamente 10 – Contribuem muitíssimo economicamente

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

Variáveis quantitativas	População 70+ $M_{(DP)}$	Escala de resposta
Em que medida acha provável que a maioria dos portugueses considere as pessoas com mais de 70 anos...		
- E19: ...simpáticas?	2.92 _(0.94)	0 – Não é nada provável 4 – É muito provável
- E20: ...competentes?	2.67 _(1.04)	0 – Não é nada provável 4 – É muito provável
- E21: ...com elevados padrões morais?	3.22 _(0.83)	0 – Não é nada provável 4 – É muito provável
- E22: ...dignas de respeito?	3.36 _(0.80)	0 – Não é nada provável 4 – É muito provável
E em que medida acha provável que a maioria dos portugueses veja as pessoas que estão “na casa dos 70”...		
- E29: ...com inveja	0.79 _(0.97)	0 – Não é nada provável 4 – É muito provável
- E30: ...com pena	2.02 _(1.25)	0 – Não é nada provável 4 – É muito provável
- E31: ...com admiração	2.73 _(1.03)	0 – Não é nada provável 4 – É muito provável
- E32: ...com desdém	1.18 _(1.13)	0 – Não é nada provável 4 – É muito provável
E34: E em geral como se sente relativamente às pessoas com mais de 70 anos?	6.87 _(1.86)	00 – Extremamente negativa 10 – Extremamente positiva
E35: Utilizando este cartão, diga com que frequência, no ano que passou, alguém mostrou preconceito contra si ou o tratou de forma injusta devido à sua idade?	0.43 _(0.88)	0 – Nunca 4 – Muito frequentemente

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

Variáveis quantitativas	População 70+ <i>M</i> _(DP)	Escala de resposta
E38: E com que frequência, no ano que passou, sentiu que alguém lhe mostrou falta de respeito devido à sua idade, por exemplo, ignorando-o(a) ou tratando-o(a) com superioridade?	0.43 _(0.88)	0 – Nunca 4 – Muito frequentemente
E39: E ao longo do último ano, com que frequência alguém o/a tratou mal devido à sua idade, por exemplo, insultando-o(a), maltratando-o(a) ou recusou atendê-lo(a) ou prestar-lhe um serviço?	0.33 _(0.76)	0 – Nunca 4 – Muito frequentemente
E52: De uma forma geral, diga, por favor, qual das seguintes opções descreve melhor a maneira como vê em Portugal nos dias de hoje as pessoas “na casa dos 20” e as pessoas com mais de 70 anos.	2.62 _(1.09)	1 – Um só grupo 4 – Apenas como indivíduos e não como grupos
E53: Diga, por favor, em que medida é importante para si não ter preconceitos contra as pessoas de outros grupos etários.	7.80 _(1.95)	00 – Nada importante 10 – Extremamente importante
E54: Agora, diga, por favor, em que medida é importante para si ser visto como alguém que não tem preconceitos contra as pessoas de grupos etários diferentes do seu.	7.59 _(2.21)	00 – Nada importante 10 – Extremamente importante

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

Variáveis quantitativas	População 70+ <i>M</i> _(DP)	Escala de resposta
E55: Em que medida considera grave, ou não, em Portugal, a discriminação contra as pessoas com base na idade, quer em relação aos jovens, quer em relação aos idosos?	2.47 _(1.39)	1 – Muito grave 4 – Nada grave
5 - Relações sociais		
C2: Com que frequência convive com amigos, familiares ou colegas de trabalho?	4.97 _(1.83)	1 – Nunca 7 – Todos os dias
C4: Comparando com outras pessoas da sua idade, com que regularidade é que participa em actividades sociais?	2.20 _(0.95)	1 – Muito menos que a maioria 5 – Muito mais que a maioria
E41: E relativamente a esses amigos (que têm menos de 30 anos), há algum/alguns com o(s) qual (ais) possa falar sobre assuntos pessoais, como por exemplo, sentimentos, crenças ou experiências?	3.32 _(1.41)	1 – Posso falar sobre todos os assuntos pessoais 6 – Não posso falar sobre nenhum assunto pessoal
E43: E relativamente a esses amigos (que têm mais de 70 anos), há algum/alguns com o(s) qual (ais) possa falar sobre assuntos pessoais, como por exemplo, sentimentos, crenças ou experiências?	3.09 _(1.38)	1 – Posso falar sobre todos os assuntos pessoais 6 – Não posso falar sobre nenhum assunto pessoal
E46: E relativamente a esses filhos e netos (que têm entre 15 e 30 anos), há algum/alguns com o(s) qual (ais) possa falar sobre assuntos pessoais, como por exemplo, sentimentos, crenças ou experiências?	2.62 _(1.42)	1 – Posso falar sobre todos os assuntos pessoais 6 – Não posso falar sobre nenhum assunto pessoal

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

Variáveis quantitativas	População 70+ <i>M</i> _(DP)	Escala de resposta
E48: E relativamente a esses membros da família, há algum/alguns com o(s) qual (ais) possa falar sobre assuntos pessoais, como por exemplo, sentimentos, crenças ou experiências?	2.42 _(1.48)	1 – Posso falar sobre todos os assuntos pessoais 6 – Não posso falar sobre nenhum assunto pessoal
6 - Vizinhança e comunidade		
C6: Qual o nível de segurança que sente quando anda sozinho(a) no seu bairro depois de escurecer? Sente-se ou sentir-se-ia...	2.42 _(0.72)	1 – Muito seguro 4 – Muito inseguro
E4: Utilizando este cartão, diga se tem um sentido de pertença fraco ou forte em relação a esse grupo de idade.	7.25 _(2.06)	00 – Sentido de pertença muito fraco 10 – Sentido de pertença muito forte

Variáveis dicotómicas	População 70+ Porcentagem relativa
1 - Serviços, recursos e mobilidade	
F71: Tem telefone de rede fixa em casa?	76.6%
F72: Tem telemóvel?	49.2%
F73 (após recodificação): Tem internet em casa?	79.7%
3 - Participação cívica	
B11 (após recodificação): Por uma razão ou por outra, actualmente muitas pessoas não votam. O(a) sr(a) votou nas últimas eleições para a Assembleia da República (20 de Fevereiro de 2005)? Há várias acções que se podem desenvolver para melhorar as coisas em Portugal ou para evitar que corram mal. Durante os últimos 12 meses, fez alguma das seguintes coisas?	71.6%
- B13: Contactou um político, um representante do governo central ou um representante do poder local	3.2%
- B14: Trabalhou para um partido político ou movimento cívico.	0.5%
- B15: Trabalhou numa organização ou associação de outro tipo	1.6%
- B17: Assinou uma petição	0.6%
- B18: Participou numa manifestação	0.4%
B21: Está inscrito em algum partido político?	1.8%
F30 (após recodificação): É, ou alguma vez foi, membro de um sindicato ou de uma associação profissional?	16.4%
4 - Aspetos socioculturais	
C24: Diria que pertence a um grupo que é discriminado em Portugal?	3.0%
C25: Com base em que aspectos é que o grupo a que pertence é discriminado? (Com base na idade)	0.9%

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

Variáveis dicotômicas	População 70+ Porcentagem relativa
5 – Relações sociais	
C3: Tem alguém com quem possa conversar sobre assuntos íntimos e pessoais?	78.5%

Anexo D – Caracterização dos participantes do estudo 2

Participante	Grupo etário (idade)	Sexo	Escolaridade	Participa em atividades sociais?	Utiliza respostas sociais para idosos?	Tem parceiro ou filhos/netos na vila?
E1	80-89 (80)	Masculino	4º ano	Rancho folclórico	Não	Filhos e netos
E2	80-89 (81)	Feminino	1º ano	APIFA	Não	Filhos
E3	70-79 (74)	Feminino	4º ano	Não	Não	Não
E4	80-89 (81)	Feminino	Sem escolaridade	Não	Não	Filha e netos
E5	70-79 (75)	Feminino	9º ano	Não	Não	Não
E6	80-89 (84)	Feminino	4º ano	Não	Centro de dia	Não
E7	70-79 (71)	Feminino	4º ano	Não	Não	Parceiro e filho
E8	80-89 (86)	Feminino	4º ano	Não	Não	Não
E9	80-89 (81)	Masculino	4º ano	APIFA	Não	Parceira, filhos e netos
E10	80-89 (80)	Feminino	4º ano	APIFA	Centro de dia	Parceiro
E11	80-89 (82)	Masculino	Sem escolaridade	Não	Não	Filha
E12	80-89 (83)	Feminino	4º ano	Não	SAD	Irmã
E13	80-89 (84)	Masculino	4º ano	Não	SAD	Parceira, filha e netos

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

E14	80-89 (80)	Feminino	3º ano	Não	SAD	Parceiro, filha e netos
E15	80-89 (82)	Masculino	4º ano	Pesca	Centro de dia	Parceira
E16	70-79 (74)	Masculino	9º ano	Direção do Núcleo de Cicloturismo, da Santa Casa da Misericórdia e dos Bombeiros Voluntários de Arraiolos	Não	Parceira, filhas e netos
E17	70-79 (77)	Masculino	4º ano	Não	Não	Parceira, filhos e netos
E18	70-79 (70)	Masculino	4º ano	Grupo de cante alentejano; Projeto “Viver Sénior” (grupo coral e grupo instrumental)	Não	Parceira, filhas e netas
E19	80-89 (88)	Feminino	Sem escolaridade	APIFA	Não	Filhas
E20	70-79 (71)	Feminino	4º ano	Voluntariado; Projeto “Viver Sénior” (ginástica, hidroginástica e leitura)	Não	Filha e netos

Anexo E – Guião de entrevista do estudo 2

Introdução/Consentimento informado oral:

Este estudo faz parte da minha tese de mestrado, que estou a fazer no ISCTE, e por isso tenho estado a falar com algumas pessoas aqui de Arraiolos, todas elas a partir dos 70 anos, sobre dois assuntos. Primeiro vamos falar sobre as diferenças entre as vilas e as grandes cidades e mais à frente vamos conversar também sobre os serviços de apoio a idosos que existem em Arraiolos. Vai ser uma conversa muito simples, mais ou menos de 30 minutos, e não há respostas certas nem erradas, só me interessa saber a sua opinião.

A sua participação é voluntária, por isso pode parar em qualquer momento se não quiser responder e tudo o que me disser é confidencial, só vai ser utilizado neste estudo. Durante a nossa conversa, podem surgir perguntas que o/a deixem mais desconfortável. Esteja à vontade para interromper ou não responder se não se sentir à vontade. Antes de começarmos, preciso de lhe pedir autorização para gravar a nossa conversa. Será apenas uma gravação áudio, para facilitar o meu trabalho porque não vou conseguir recordar tudo o que vamos falar. Dá-me autorização para gravar? Quando terminarmos, vou deixar-lhe o meu número de telemóvel, para poder colocar alguma questão que lhe surja mais tarde sobre o estudo. Tem alguma dúvida? Podemos começar?

1) Perceções sobre centros urbanos e fora dos centros urbanos

- 1.1) Para começar, gostava de saber a sua opinião sobre a diferença entre a vida nas grandes cidades e nas vilas/aldeias. Em geral, a seu ver quais as principais diferenças?
- 1.2) Agora pensando nas pessoas da sua faixa etária, com 70 ou mais anos, na sua opinião que vantagens existem em viver em sítios mais pequenos? E que desvantagens?
- 1.3) Mais especificamente, acha que há diferenças no acesso a cuidados de saúde?
- 1.4) E diferenças nos aspetos financeiros? As pessoas vivem de forma mais ou menos confortável?
- 1.5) E na vida social? Atividades e contactos sociais com amigos/vizinhos?

2) Perceções sobre o papel das instituições e serviços de apoio aos idosos

- 2.1) Na segunda parte da entrevista, gostaria que me falasse um pouco sobre os serviços de apoio às pessoas da sua faixa etária, com 70 ou mais anos. Que serviços ou apoios é que conhece, em Arraiolos?

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

2.2) De uma forma geral, na sua opinião, quais são os aspetos mais positivos desses serviços?

E os mais negativos?

2.3) De que forma estes serviços de apoio aproximam a pessoa idosa de outras pessoas e do resto da sociedade? De que forma estes serviços de apoio afastam a pessoa idosa de outras pessoas e do resto da sociedade?

2.4) Para terminar, gostaria de saber a sua opinião enquanto futuro utente destes serviços. O que gostaria que fizessem de diferente?

3) Dados sociodemográficos

- Que idade tem?

- Estudou até que ano?

- Há quantos anos vive em Arraiolos?

- Tem família a viver em Arraiolos?

- Participa em alguma atividade na vila?

- Tem algum apoio da Santa Casa da Misericórdia, da Equipa de Cuidados Continuados Integrados ou do Centro Social e Paroquial de Arraiolos?

4) Debriefing

Gostaria de acrescentar mais alguma coisa?

Muito obrigado por ter conversado comigo. Vou deixar-lhe o meu número de telemóvel para colocar alguma dúvida ou questão que tenha sobre o estudo ou sobre os resultados que vou ter no final.

Para terminar, queria perguntar-lhe se conhece alguém, mais ou menos da sua idade, que também gostasse de participar neste estudo.

Anexo F – Formulário submetido para aprovação pela Comissão de Ética

Título do projeto:	A Exclusão Social aos 70+ anos nos concelhos rurais
Investigador/a proponente:	Lúcia Mantinhas Pataco
Investigador/a responsável:	Daniela Craveiro (orientadora)
Contactos (e-mail):	luciampataco@gmail.com
Equipa de investigação:	Lúcia Mantinhas Pataco, Daniela Craveiro (orientadora), Miguel Ramos (orientador)
Financiamento (se aplicável):	
Submissão:	Primeira submissão <input checked="" type="checkbox"/> Re-submissão <input type="checkbox"/> Alteração <input type="checkbox"/>

CHECKLIST PARA QUESTÕES DE ÉTICA

Indique se o estudo envolve algum dos seguintes elementos (assinale todos os que se aplicam):

Amostra proveniente de populações vulneráveis

- Crianças e jovens com menos de 18 anos.
- Pessoas com dificuldades físicas ou psicológicas.
- Pessoas com relação de dependência em relação aos/às responsáveis pela investigação (e.g., superiores hierárquicos; assimetria de poder/estatuto) ou no contexto onde decorre a investigação (e.g., universidade; empresas).
- Pessoas pertencentes a grupos minoritários em situação de vulnerabilidade e/ou em situação ilegal.

Riscos significativos para os/as participantes

- Recolha de informação sobre assuntos sensíveis para os/as participantes (e.g., experiências traumáticas; limitações físicas; sofrimento psicológico).
- Indução de estados de desconforto físico (e.g., tarefas físicas prolongadas ou muito repetitivas) ou psicológico (e.g., ansiedade; humilhação).
- Atribuição de rótulos ou categorias com consequências potencialmente negativas para o autoconceito (e.g., manipulação de competências percebidas; manipulação de situações de exclusão).
- Atividades invasivas (e.g., administração de substâncias; ingestão de alimentos).
- Recolha de tecidos humanos, sangue ou outros materiais biológicos.

DESCRIÇÃO DO ESTUDO

PROBLEMA DE INVESTIGAÇÃO E RELEVÂNCIA DO ESTUDO

Indique o problema de investigação e a relevância do estudo, clarificando qual o contributo original que apresenta para o avanço do conhecimento e/ou outros benefícios esperados para indivíduos ou comunidades. [até 200 palavras]

Esta investigação foca-se no estudo da exclusão social, explorando a sua multidimensionalidade e desigualdades entre os contextos rurais e urbanos. Por outro lado, explora também o papel das instituições e serviços dirigidos à população idosa, no âmbito da exclusão social, junto dos próprios idosos, utentes ou não utentes destes serviços.

O estudo da exclusão social é particularmente relevante nesta faixa etária porque, em geral, o risco de exclusão aumenta com a idade devido aos eventos característicos deste grupo etário (Macleod, Ross, Sacker, Netuveli, & Windle, 2017)¹. O papel das instituições e serviços dirigidos à população idosa, no âmbito da exclusão social, tem sido pouco estudado. Potencialmente, este trabalho permitirá formular recomendações para as próprias instituições e serviços, a partir das perceções dos idosos, e contribuirá também para estudos ou indicadores futuros, uma vez que abordará as principais preocupações dos idosos relativamente ao funcionamento e possíveis melhorias destas instituições e serviços.

OBJETIVOS/PERGUNTAS DE INVESTIGAÇÃO

Indique os objetivos gerais e específicos do estudo, e/ou a(s) pergunta(s) de investigação. [até 150 palavras]

Pretende-se contribuir para a compreensão da multidimensionalidade da exclusão social aos 70 ou mais anos de idade, e explorar o papel das instituições na prevenção da exclusão social, na perspetiva dos idosos.

Este estudo qualitativo, de carácter exploratório, foca-se em dois temas. Primeiramente pretende-se explorar as perceções dos idosos relativamente às diferenças entre os contextos rurais e urbanos e respetivas vantagens e desvantagens. A questão de investigação é “Quais são as diferenças percecionadas pelos idosos entre os contextos rurais e urbanos?”.

Na segunda secção do estudo, o objetivo será explorar o papel das instituições e serviços dirigidos à população idosa, mapeando as perceções dos idosos, não institucionalizados, do concelho de Arraiolos. Nesta segunda secção, a questão de investigação é “Quais são as perceções dos idosos acerca do papel das instituições e serviços dirigidos à população idosa, no âmbito da exclusão social?”.

¹ Macleod, C. A., Ross, A., Sacker, A., Netuveli, G., & Windle, G. (2017). Re-thinking social exclusion in later life: a case for a new framework for measurement. *Ageing & Society*, 1-38. doi: 10.1017/S0144686X17000794.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

MÉTODO

Explique a escolha de métodos de investigação e descreva todos os procedimentos para a recolha e registo de dados, participação e tarefas solicitadas aos/às participantes, intervenções realizadas, duração da participação e frequência da recolha de dados. [até 500 palavras]

O método de investigação escolhido é a entrevista individual por permitir escutar ativamente cada um dos idosos e explorar mais detalhadamente as perceções de cada um, aprofundando as suas opiniões e preocupações. Desta forma, pretende-se também evitar a contaminação por parte de outros idosos e constrangimentos associados a possíveis dificuldades auditivas caso se optasse, por exemplo, pela realização de focus groups, e que poderiam comprometer os dados recolhidos. O instrumento a utilizar será um guião de entrevista semiestruturado, construído de forma a facilitar a compreensão por parte dos idosos e utilizando uma linguagem simples. A recolha de dados será realizada num único momento, de forma presencial, num local escolhido pelo próprio participante. Os dados recolhidos serão registados através de uma gravação áudio, previamente autorizada pelo participante de forma oral. A participação do idoso será estritamente voluntária, podendo ser interrompida a qualquer momento, caso exista essa indicação por parte do participante. Cada entrevista terá uma duração aproximada de 30 minutos, nos quais será solicitado ao idoso que responda às questões colocadas e incluídas no guião de entrevista, de acordo com a sua opinião pessoal acerca dos assuntos a abordar.

INCLUA EM ANEXO OS MATERIAIS A UTILIZAR NO ÂMBITO DA RECOLHA DE DADOS

(Ao enviar a submissão, por favor anexe os questionários, guiões de entrevista ou de atividade, grelhas de registo/observação, etc., devidamente identificados)

PARTICIPANTES

NÚMERO, IDADE E ORIGEM DOS/AS PARTICIPANTES

Caracterize os/as participantes do estudo no que respeita ao número esperado, critérios de seleção, intervalo de idades e origem (i.e., contexto de recrutamento). [até 100 palavras]

Espera-se um total de 15 participantes, com idade igual ou superior a 70 anos e residentes no concelho de Arraiolos. Os critérios de seleção são a idade, o local de residência e a autonomia e independência, garantindo diversidade nas experiências de exclusão social e participações voluntárias. Espera-se obter uma amostra diversificada quanto ao grupo etário (70-79 anos e 80+ anos), sexo e escolaridade (sem escolaridade, com 1º ciclo e superior ao 1º ciclo), bem como uma amostra diversificada relativamente à participação em atividades sociais (participa/não participa), utilização de respostas sociais para idosos (utilizador/não utilizador) e familiares residentes na vila.

MÉTODO DE RECRUTAMENTO

Descreva o método de recrutamento dos/as participantes. [até 100 palavras]

Inicialmente, o recrutamento dos participantes será realizado com base em contactos pessoais e na abordagem a grupos de idosos presentes em atividades sociais estruturadas, por exemplo na Associação de Pensionistas e Idosos da Freguesia de Arraiolos. No final de cada entrevista, será também pedido ao participante que refira um ou dois possíveis participantes, com o perfil pretendido, no âmbito dos seus contactos pessoais.

CONSENTIMENTO INFORMADO E DEBRIEFING

OBTENÇÃO DO CONSENTIMENTO INFORMADO

Indique o momento e o local de obtenção do consentimento informado, bem como medidas para superar barreiras linguísticas (caso existam). [até 100 palavras]

O consentimento informado será obtido de forma oral, no início da entrevista, após a informação acerca dos objetivos do estudo, da explicação referente à sua participação e informação da gravação áudio da entrevista.
Com o objetivo de superar barreiras linguísticas, e evitando constrangimentos em caso de idosos não alfabetizados e que não consigam assinar um documento, optou-se por preparar uma única explicação oral, utilizando uma linguagem simples e perceptível.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

Indique o meio de obtenção do consentimento informado:

Documento no qual o/a participante assina o seu consentimento (e.g., estudo com participação presencial)

Documento/texto que o/a participante lê antes de transmitir a sua intenção de participar (e.g., estudo online)

Explicação oral dada ao/à participante antes de transmitir a sua intenção de participar (e.g., quando a identificação pessoal possa implicar riscos para o/a participante)

Consentimento obtido através de terceiros que assegurem os direitos dos/as participantes, tais como os/as cuidadores/as principais ou representantes legais

Se através de terceiros, por favor descreva quem irá consentir, e como o consentimento será obtido [até 50 palavras]:

Outro meio ou Não Aplicável

Se através de outro meio ou Não Aplicável, por favor descreva/justifique [até 50 palavras]:

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

ELEMENTOS DO CONSENTIMENTO INFORMADO

Assinale os elementos que incluiu no consentimento informado:

- | | |
|--|-------------------------------------|
| Identificação do estudo e do/s investigador/es responsável/eis | <input checked="" type="checkbox"/> |
| Descrição dos objetivos gerais do estudo, número sessões, tempo estimado e características gerais da participação | <input checked="" type="checkbox"/> |
| Natureza voluntária da colaboração, que inclui a possibilidade de interromper a participação em qualquer momento sem necessidade de justificação | <input checked="" type="checkbox"/> |
| Informação sobre eventuais riscos, desconfortos ou outros efeitos adversos associados à participação | <input checked="" type="checkbox"/> |
| Informação sobre eventuais benefícios associados ao estudo e/ou à participação | <input type="checkbox"/> |
| Informação sobre eventuais limites à confidencialidade, quando aplicável | <input type="checkbox"/> |
| Informação sobre incentivos à participação, quando aplicável | <input type="checkbox"/> |
| Dados de contacto caso o/a participante deseje fazer perguntas ou comentários sobre o estudo | <input checked="" type="checkbox"/> |
| Medidas previstas para lidar com eventuais consequências negativas para os/as participantes, quando aplicável | <input type="checkbox"/> |
| Outros elementos | <input checked="" type="checkbox"/> |

Se incluiu *outros elementos*, por favor descreva [até 50 palavras]:
Informação sobre a gravação áudio da entrevista e respetivo pedido de autorização oral ao participante

PRESTAÇÃO DO DEBRIEFING

Indique o meio de prestação do *debriefing*:

- | | |
|--|-------------------------------------|
| Documento/texto apresentado ao/à participante no final da participação | <input type="checkbox"/> |
| Explicação oral dada ao/à participante no final da participação | <input checked="" type="checkbox"/> |
| Outro meio ou Não Aplicável | <input type="checkbox"/> |

Se através de *outro meio* ou *Não Aplicável*, por favor descreva/justifique [até 50 palavras]:

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

ELEMENTOS DO *DEBRIEFING*

Assinale os elementos que incluiu no *debriefing*:

- Agradecimento pela participação
- Informação mais específica sobre os objetivos, hipóteses, procedimentos e/ou contributos esperados da investigação do estudo, quando aplicável
- Clarificação sobre *deception* na investigação, quando aplicável
- Dados de contacto caso o/a participante deseje fazer perguntas ou comentários sobre o estudo
- Meios de obter informação posterior sobre os resultados e conclusões do estudo
- Meios de obter informação sobre o tema de investigação, quando aplicável
- Medidas previstas para lidar com eventuais consequências negativas para os/as participantes, quando aplicável
- Outros elementos

Se incluiu *outros elementos*, por favor descreva [até 50 palavras]:
Pedido de contactos de possíveis participantes, com o perfil pretendido para o estudo

Se desejar clarificar ou justificar algum aspeto relacionado com os elementos do consentimento informado e/ou do *debriefing*, por favor descreva. [até 100 palavras]

INCLUA EM ANEXO OS DOCUMENTOS DE CONSENTIMENTO INFORMADO E DEBRIEFING

(Ao enviar a submissão, por favor anexe os documentos/textos de consentimento informado e debriefing ou, no caso de explicação oral, a transcrição do discurso direto)

PROTEÇÃO E SEGURANÇA DOS PARTICIPANTES

AMOSTRA PROVENIENTE DE POPULAÇÕES VULNERÁVEIS

Se a amostra é constituída por:

Crianças e jovens com menos de 18 anos;

Pessoas com dificuldades físicas ou psicológicas;

Pessoas com relação de desigualdade ou dependência em relação aos/às responsáveis da investigação, ou no contexto onde decorre a investigação;

Ou outras populações que possam ser consideradas vulneráveis (e.g., grupos minoritários em situação de vulnerabilidade e/ou em situação ilegal).

Indique as medidas previstas para assegurar que a participação é estritamente voluntária (e.g., no caso de estudantes universitários/as em que a participação integre um componente curricular, devem ser dadas alternativas à participação para obtenção de créditos). [até 100 palavras]

A amostra a utilizar neste estudo não é constituída por uma população considerada vulnerável, uma vez que incluirá apenas adultos autónomos, com 70 ou mais anos. Ainda assim, torna-se importante salientar que, de forma a garantir que todas as participações são estritamente voluntárias, apenas os idosos autónomos, independentes e não institucionalizados serão convidados e aceites para participar no estudo, assegurando também que existe diversidade nas experiências de exclusão relacionadas com as respostas disponíveis no contexto.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

RISCOS ASSOCIADOS À PARTICIPAÇÃO

Se existem riscos potencialmente significativos para os/as participantes, tais como:

Recolha de informação sobre assuntos sensíveis (e.g., experiências traumáticas; limitações físicas; sofrimento psicológico);

Indução de estados de desconforto físico (e.g., tarefas físicas prolongadas ou muito repetitivas) ou psicológico (e.g., ansiedade; humilhação);

Atribuição de rótulos ou categorias no contexto experimental com consequências potencialmente negativas para o autoconceito (e.g., manipulação de competências percebidas; manipulação de situações de exclusão);

Atividades invasivas (e.g., administração de substâncias);

Recolha de tecidos humanos, sangue ou outros materiais biológicos;

Ou outras atividades que se antecipe que possam implicar riscos significativos para os/as participantes.

Indique os procedimentos previstos para minimizar riscos e/ou monitorizar a segurança dos/as participantes. [até 100 palavras]

Os assuntos abordados ao longo da entrevista são potencialmente sensíveis, uma vez que os participantes serão questionados acerca da separação do idoso da sociedade e da utilização de respostas de apoio social. No início da entrevista será feita referência a esta situação para que o idoso possa decidir se quer ou não continuar, minimizando assim riscos potencialmente significativos para o participante.

Indique as medidas previstas para lidar com eventuais consequências negativas para os/as participantes. [até 100 palavras]

Tal como é referido na informação fornecida ao participante no consentimento informado, caso este demonstre ou verbalize algum tipo de desconforto face a um assunto potencialmente sensível para o próprio, terá sempre a possibilidade de recusar responder à questão ou interromper definitivamente a entrevista. Nesta situação, após uma pausa na conversa, será dado espaço ao idoso para que possa decidir se pretende continuar ou terminar a entrevista naquele momento, prevenindo eventuais consequências negativas.

DECLARAÇÃO DE RESPONSABILIDADE E DE CONDUTA ÉTICA

Enquanto investigador/a responsável pelo estudo, declaro que:

Toda a informação prestada nesta submissão é verdadeira;

Procurei antecipar todos os riscos que possam surgir associados à participação no estudo, delinear estratégias para minimizar os riscos, e definir medidas para lidar com eventuais consequências negativas para os participantes;

Detenho (individualmente ou em equipa) as competências e os recursos necessários para concretizar o projeto tal como foi apresentado nesta submissão;

A minha conduta e as minhas decisões em todas as matérias relacionadas com o presente projeto terão em consideração as disposições do Código de Conduta Ética na Investigação – ISCTE-IUL.

Nome Daniela Mourão Craveiro

Data 23/04/2019

Assinatura

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

Anexo G – Análise de conteúdo das entrevistas do estudo 2, subdivididas pelas respectivas categorias e subcategorias

1) Diferenças entre vilas e centros urbanos

1.1) Considerações gerais

- Vilas e centros urbanos não muito diferentes

(E1)

Embora não queira dizer que nas cidades não se ajudem e que não haja pessoas que também se ajudem umas às outras

(E3)

O conhecimento que eu tenho, de diferenças muito grandes, lá também há apoio aos idosos, nas grandes cidades também há.

Mas mesmo estando nas grandes cidades não estamos mesmo no centro onde há isso, temos que deslocar na mesma.

A vida tão cara é nos meios pequenos como nos meios grandes, acho que não há muita diferença.

Acho que está mais ou menos ela por ela, tanto nos meios grandes como nos meios pequenos.

Se vivesse no Porto acha que com a sua reforma ia viver mais ou menos da mesma maneira.

Acho que sim.

Acho que tanto de um lado como do outro há gente que pratica atividades, acho que sim.

Aqui já saem muito e lá também saem.

(E5)

É uma coisa que não é fácil dizer que aqui estão melhores, ou ali estão melhores. Não há essa hipótese.

(E6)

E não é preciso ser cá, a gente vai a Évora e já há muita loja fechada. E é uma cidade.

Isso é o mesmo, é igual.

(E7)

É como em todo o lado, há más e boas.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

(E8)

Acho que entre uma vila e uma cidade, em questão de haver já de tudo, já se vê em todos os meios.

Vê-se o bom, vê-se o ruim, vê-se o mau, há gente boa, há gente ruim em todo o lado.

Agora em questão de vida, em questão de se viver e melhor preço, melhores ordenados, olhe ouço opiniões de toda a maneira, já não lhe posso dizer uma certeza.

Em questão disso, como lhe digo, há o bom e o ruim em todos os lados

A gente antigamente, eu dizia assim “oxalá que cá no nosso meio já não chegue, as greves, as saídas dos lares, o mau trato”. E agora tudo isso já cá está tudo.

mas de resto é a mesma coisa. Por isso eu já não acho muita diferença. Cada um tem que fazer a vida como pode, mas eu já não acho muita diferença da cidade para a vila. Só em meios, meio maior e mais pequeno.

Mas em questão de haver de tudo um bocadinho, em meios grandes e meios pequenos há É evidente.

Em todo o lado há gente boa e ruim, em todo lado há gente educada e bruta, sabe-se que é.

Eu aqui nestas lojas não acho assim diferença.

Aliás nas cidades também há disso. Não é só aqui no nosso meio, na província. Mas de qualquer maneira não acho assim uma grande diferença. Também não acho que aqui são mal criados no atendimento.

Mas eles até nos montes vão roubar as pessoas e fazer mal.

Há em todo o lado, lá está como eu digo

As reformas nas cidades...eu tenho que ganhar o mesmo cá que uma pessoa de outro lado, ganhar o mesmo.

Há quem se queixe mais, mas cá também há muita gente a queixar-se.

quer dizer, às vezes há um contacto grande, não quer dizer que não haja uma amizade nas cidades, não é só na província que há amizades.

(E9)

Penso que sim, há na mesma, penso eu. Há mesmo essas coisas assim.

Exatamente.

(E10)

Mas já nem tanto

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

Não, nesse aspeto penso que não.

Presentemente há muitas queixas, muitos problemas nos hospitais, médicos, enfermeiros.

Anda toda a gente descontente.

(E12)

se for preciso ir a outro médico que tenha que se pagar, tanto é aqui como noutra lado qualquer. Às vezes em meios maiores também têm que pagar para ir aos médicos.

(E13)

Mas acha que também há assim essas atividades como aqui?

Acho que sim.

Acho que há lá atividades tal e qual.

(E14)

Eu acho que era igual

(E15)

Mas acha que as pessoas lá também saem de casa?

Penso que sim

Penso que sim.

(E16)

Lisboa também é capaz de haver, mas as pessoas...no caso das piscinas, hoje em dia as pessoas já sabem, aderem muito a ir às piscinas fazer exercício e ginástica.

Vão cada vez mais as pessoas com uma certa idade, têm vontade de participar, de agir, não estar ali parados. Vão-se movendo. Nisso das cidades há sempre polos que promovem essas coisas e eles vão aderindo. É uma questão de publicidade e convívio com as pessoas e eles vão. Vão-se juntando na mesma.

(E17)

As atividades para a minha idade, com 77 anos, são as mesmas que há na cidade, que eu vejo lá a jogarem às cartas, é a única atividade que um idoso com 77 anos pode ter, é isso. Não vejo essa diferença.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

Isso aí se calhar não há diferenças, porque nas grandes cidades têm aqueles lugares aprazíveis, de haver mesas para se juntarem e jogam na mesma. Nós aqui temos os clubes, por exemplo caçadores, o clube dos idosos, dos seniores.

(E18)

Muito embora os problemas também existem, tenho acompanhado pela televisão. Ainda bem que aparecem os problemas publicamente.

Penso que há dificuldades nos dois. Nos meios grandes e nos pequenos. As reformas por exemplo, não são grande coisa.

Sei que as cidades também têm coletividades e ainda bem que têm.

(E19)

Em qualquer dos lados...

Há os supermercados, a pessoa vai, a vida estará melhor também.

(E20)

Não sei, a gente aqui vai marcar uma consulta e também demora, mas se formos para Évora também demora muito tempo. É complicado.

Tanto num sítio como noutra tem que se esperar.

É, é complicado.

- Vilas e centros urbanos muito diferentes

(E1)

Para mim, como nunca vivi em Lisboa ainda...mas penso que haverá uma grande diferença, de tudo.

E outras coisas mais

Mas penso que haverá uma grande diferença entre viver numa vila e numa cidade como Lisboa.

(E10)

a vida nas cidades é muito diferente agora.

Isso é muito diferente.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

(E11)

Acha que é muito diferente daqui?

É, é.

(E12)

Acha que é muito diferente da vida aqui?

Acho que sim.

acho que é muito diferente de uma vila.

acho que é muito diferente das cidades.

A vida é diferente. É muito diferente a gente viver numa vila e numa cidade.

Porque a vida lá é diferente, as vidas lá são diferentes.

(E14)

É totalmente diferente.

Era muito.

(E15)

A vida nas vilas é totalmente diferente da vida nas cidades

Nas cidades é totalmente diferente

É totalmente diferente.

(E17)

Penso que sim, não tenho outra resposta. Era muito diferente

(E18)

A vida nas cidades é muito diferente da vida nas aldeias ou nas vilas. Digo isto nomeadamente no Alentejo

(E19)

É diferente em muita coisa.

(E20)

Sim, para mim é muito diferente.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

(E3)

E lá é tudo diferente. Também há lá perto mas não é aqueles centros, como o Ecomarché.

Também há mais pessoas, nada tem a ver.

E lá acho que há mais gente, o meio é maior, há muito mais gente.

(E4)

é muito diferente disto aqui.

É diferente.

(E5)

Que diferenças há?

Há e muitas.

(E6)

A vida lá na cidade é diferente,

Já era diferente.

É diferente.

(E8)

Acho só a quantidade maior, uma vez que o meio é muito maior.

Sim, fazia muita diferença.

Eu acho muito diferente,

Mas das poucas vezes que fui a Lisboa, acho completamente um desnível enorme se agora fosse para Lisboa

Acho que a província é completamente diferente.

(E9)

Quanto a mim uma cidade é diferente de uma vila.

Para a minha idade, era um bocado diferente.

Numa cidade é completamente diferente do que é numa vila ou numa aldeia. É muito diferente uma coisa da outra.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

- Contacto com centros urbanos

(E10)

Há apenas a diferença que antigamente eram aquelas lojas de bairro, em que havia tudo e agora as pessoas deixaram de frequentar porque vão para as grandes superfícies.

(E4)

Lisboa olha...onde a minha filha vive acho as pessoas muito simpáticas, ela tem lá muitas amigas também. E gosta muito de lá viver,

(E5)

Lá em Alcabideche e mais lá ao pé do Estoril, quando vou por ali, já há umas pessoas que me conhecem, portanto muito simpáticas comigo

Por isso eu ali estava no movimento e ao mesmo tempo se quiser estou no recolhimento.

embora no sítio onde eu esteja, quando vou, não é Lisboa. É ali num sítio movimentada mas ao mesmo tempo acaba por conhecer ali as pessoas.

Embora lá veja pessoas idosas, andam naqueles transportes

A mim já me conhece a chinesa, as da pastelaria, conhecem-me todos.

(E6)

ali conhecem-se no prédio

(E8)

Mas há aí pessoas com 90 anos e mais velhas, aí na televisão, andam na vida delas em Lisboa.

E ainda hoje saem com as suas bengalas e quando não saem têm aquela gente que as vai visitar e têm conversa. E elas vivem lá.

1.2) Desvantagens das vilas

- Falta de serviços e recursos

(E1)

Mais variedades

Mas aqui há menos variedade?

Com certeza

Mais variedade aqui...

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

Embora pense que em Lisboa teria muito mais oferta, muito mais coisas

Mesmo que tenha muito mais que ver, onde me entreter, que ver, nas ruas, as montras, mas...

(E10)

Não, não. Na questão de compras também se não houver aqui depressa se vai a Évora.

(E15)

Isso vamos muita vez às compras quando é preciso.

vamos à cidade fazer as compras.

Não, preferimos ir a Évora fazer compras e trazer comer para os animais

(E16)

Nos meios grandes há hipermercados, tudo e mais alguma coisa que é necessário para um cidadão. Arraiolos já se sabe, é um meio pequeno, muitas coisas terei que ir a Évora e outras nem em Évora arranjo. Mas essas coisas, já se sabe que nestes meios pequenos não se encontra.

Comprar determinados artigos de vestuário, aqui no meio pequeno não compra aquilo que pretende, tem que procurar num meio maior. E tudo o que necessite de adquirir e que não haja neste meio, terá que procurar noutro meio maior.

Há mais opção de escolha, há uma grande oferta. Por vezes vai-se a Évora e também não quer, vai-se a Lisboa, compra-se em Lisboa. Mas normalmente em Évora arranja-se.

Sim, que num meio pequeno não há. E aqui é sede de concelho. Se for uma freguesia ou outro lugar, ainda mais difícil se torna arranjar determinadas coisas. Mas hoje em dia já é fácil deslocar-se a um meio maior onde encontra já isso tudo.

(E17)

Bem agora tem estado a complicar porque saíram daqui os bancos, principalmente o banco.

Os correios também fecharam

Mas o banco foi uma das coisas...e se não fecharem mais instituições, finanças, conforme dizem que vai fechar, a caixa geral de depósitos,

Já obriga a ir à cidade, esse tipo de serviços.

Exatamente.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

(E18)

Só temos um hospital em Évora, o que é mau, para todo o distrito haver um hospital em Évora.

Muita coisa, nomeadamente aqui no nosso concelho, os correios abalaram. Puseram uma florista a desempenhar o papel de correios. É mais desemprego. Tribunal, idem. Uma série de coisas que faziam falta.

Essa é uma das razões porque o interior se vai desertificando. Essa é a parte má que eu vejo. Até para os reformados levantarem as suas reformas têm que se incomodar mais, iam aos correios levantar as suas reformas. É só complicar a vida às pessoas.

A nossa capital, Évora, só tem um hospital e está sobrecarregado.

aquilo é um pandemónio, porque há só um

Aqui em Évora é mais complicado. Se marcares uma consulta de neurologia ou noutra especialidade, estás meses, se não anos à espera.

(E19)

Agora vamos lá ver o quê? Não há lá nada para ver, montras não há para ver.

(E2)

Não há assim nada que tenha que ir a Évora por exemplo, que não haja aqui?

Só por causa da luz, temos que ir à EDP

(E20)

Há coisas que fazem falta, os centros comerciais... a gente aqui não tem nada dessas coisas. Mas são meios pequenos, a gente aqui não tem facilidade dessas coisas.

Há menos oferta?

Claro. Por exemplo aqui em Arraiolos havia muitas lojas de roupa, agora não há nada. A gente se quer comprar qualquer coisa tem que ir a Évora, cá não há nada. Não há lojas de roupa. Para mim, não vejo nada que me agrade. A Évora é que eu vou comprar.

Tem que ir sempre à cidade.

Sim.

E o que precisa lá consegue comprar.

Sim, gosto muito de comprar lá carne, bacalhau, essas coisas que aqui não... a carne aqui em Arraiolos não há sítio nenhum para comprar carne de jeito. No Ecomarché não me diz nada. E lá gosto de comprar porque acho que são produtos bons.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

Era o que lhe podia fazer mais falta aqui era esse tipo de coisas, de compras.

Sim, sim. Por exemplo o talho lá tem sempre boa carne.

(E3)

Sim, acho que é muito diferente, porque nas grandes cidades há aqueles centros comerciais

(E4)

Foi terem acabado aqui com o Correio, uma coisa muito mal feita, que devíamos ter juntado todos e não ter consentido isto.

Faz-me falta. Agora a reforma vai para o banco e eu recebia sempre aqui e agora vai para o banco, uma coisa que eu não gosto nada. Embora fosse algum, via que me sobrava. Agora ir diretamente para lá, foi uma coisa que me custou bastante, e ainda me custa.

Fazem aqui muita falta, para as pessoas de idade. E para tudo, para se pagar a luz, o telefone, tudo.

Fecharam os correios, o que é que fechou mais? Foi outra coisa, o banco. Outra coisa, que fazia aqui tanta falta, arrumaram com o banco também. Uma coisa que fazia aqui tanta falta, ia ali ao banco, levantava o dinheiro, mas se o correio fechasse, podia-se fazer no banco. E faltaram as duas coisas. Eles andam a arranjar que isto em qualquer altura arruma tudo aqui. E depois o que é que vai ser disto? Fica aqui um monte.

As pessoas precisam das coisas e não conseguem.

Pois é.

Sim, tenho achado muita falta mesmo. E tenho pena quando ali passo, de ver o correio fechado. Não haviam de ter feito isto.

Fez, tenho a certeza que toda a gente acha essa falta. Quanto mais não seja, as pessoas mais velhas.

Mas para as pessoas velhas, notam muita diferença.

(E5)

que agora também foi embora mas temos outro. Ou ir ao correio que também acabaram com isso.

Só não posso é pensar que me levaram daqui o Millennium e o correio.

Sente falta desses serviços?

Claro.

Mas era mais fácil com os correios?

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

Então não era? Isto admite-se? Um edifício daqueles que ficou agora fechado, para quê?

Ainda não percebi para quê. Este nosso era muito mais jeitoso.

Há esta falta aqui, começam a fechar e faz falta às pessoas.

Então não faz...por exemplo das reformas não sei, mas atendia o Dino, ele é que contava o dinheiro.

Para as pessoas de mais idade é mais complicado?

Sim, depois só gostam daquele. As pessoas de uma certa idade...

(E6)

Sinto, às vezes quero ir comprar qualquer coisa e aqui não há se não os chineses. Aqui não há mais nada. Há 2 lojas ou 3, é a Teresa, o Carona e o Panelas. Não há mais nada.

Têm fechado tudo. Até sapatarias só há uma. Está muito desprezado, está.

Vai fechando.

As lojas ou fábricas, que havia antes. Antes havia aqui fábricas, foi tudo fechando. Havia cortiça, havia a moagem do trigo, a fábrica lá em baixo, tudo tem fechado. E não tornam a abrir.

(E7)

Lá se calhar há mais coisas para as pessoas,

Isso é capaz de ser.

Há mais opções do que aqui. Aqui é sempre o mesmo.

Sim.

(E9)

É capaz de haver mais sítios, tinha mais coisas para ver e aqui não temos

Na cidade havia mais coisas para visitar...

Exatamente, é totalmente diferente.

Numa cidade sempre há mais que ver, a terra é maior

- Estagnação

(E1)

aqui não há, não tem nada. Árvores, coisas...Arraiolos é seco, é verdade. Não tem assim muito...não tem muito nem tem pouco, não tem nada.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

(E10)

É pouco desenvolvida, hoje está a ficar um bocado abandonada mesmo pelo município. Há aí tanta coisa mal. Há prédios à venda, prédios devolutos, prédios a cair. É o que acho agora nesta altura.

(E17)

Mas a vila de Arraiolos é pouco mais que uma aldeia. Em certas coisas é.

(E19)

Mas a vila de Arraiolos, a gente chega às 22h da noite, vai lá abaixo e não vê ninguém.

É sossegado mas é sossegado demais, é?

Sim. É oito ou oitenta.

Mas aqui em Arraiolos aprende-se pouco.

(E6)

Estão muito parados e vão desaparecendo, cá na minha, só ficam cá os velhos e isto fica uma aldeia. Eu acho.

Bom aqui não há nada

O centro, Alentejo está muito morto mesmo.

(E7)

aqui é uma vida mais morta, é diferente

(E9)

Vilas quanto a mim vão a estar um bocado mortas. As cidades têm sempre outro movimento, porque há mais pessoas que andam a estudar, é totalmente diferente.

Uma vila...as vilas aqui no Alentejo começam a estar mortas, vê-se pouco movimento nas ruas, pouco movimento nas lojas, em todo o lado se vê pouco movimento.

Sempre muito mais gente, basta haver colégios, pessoas a estudarem, há sempre muito mais movimento, do que numa vila. Aqui é sempre...na nossa parte no Alentejo, isto começa a ser sempre, cada vez mais pacato.

Exatamente, nota-se.

A gente agora vai aí à noite, mesmo durante o dia, via-se umas pessoas passar de um lado para o outro. Agora não se vê praticamente ninguém, pessoas nenhuma.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

Não conseguem. Torna-se uma coisa muito mais parada, não se vê pessoas.

se calhar umas vezes ia passear até aqui, passear até além.

Saía na mesma. E aqui não, aqui a gente vai para onde? Estávamos ali parados, ali sentados

Já não é novidade nenhuma. Para nós já não é novidade. Ou isto está mais além ou mais aqui, mas as coisas são sempre mais ou menos as mesmas coisas. Já conhecemos isso.

- Desemprego

(E17)

desde que houvesse emprego. O grande problema da desertificação é de facto a falta de emprego. Não temos emprego nas vilas e as pessoas têm que se deslocar.

Agora o problema está no emprego.

mas lá está o emprego.

A parte pior é a falta de emprego.

Sim, sim.

(E18)

O que gostava mais é que não desprezassem o interior, porque o interior está a ficar desertificado, precisamente porque está tudo concentrado nas grandes cidades. O que é mau, nós temos um Alentejo muito grande, muito extenso, mas infelizmente temos pouco trabalho para as pessoas, poucas fábricas.

Têm que emigrar, têm que abalar. Depois as aldeias e as vilas começam a ficar desertificadas, o que é mau.

O que nota mais é essa parte da falta de trabalho e as pessoas começam a sair daqui.

Exato, exato.

(E3)

Porque aqui num meio pequeno, cada vez há menos pessoas, porque as pessoas novas, não há aqui empregos, vão embora daqui. Ficam as pessoas mais idosas e essas pessoas vão algumas desaparecendo e nota-se falta de pessoas, porque as pessoas de 30 e 35 anos poucas aqui ficam, tudo vai para as grandes cidades onde têm empregos. Aqui não há empregos onde fiquem, aqui quem fica são os pais, uns de 50, outros de mais idade, e pouco mais novos há aqui. Lá fica uma ou outra que não estuda mas até isso é pouca gente porque não há empregos.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

E as pessoas lá têm mais empregos, são cidades. Ali nascem, ali arranjam emprego e ali ficam. E aqui não, estudam e depois abalam para outros sítios onde têm os empregos, e deixam o sítio onde nasceram. Aqui não há nada.

(E6)

as pessoas empregam-se melhor, mesmo que não seja no que eles querem. Mas há sempre um emprego. E aqui não há nada. A vila daqui a pouco, ninguém cá fica.

A cidade é boa num sentido, porque há mais empregos. Agora nas vilas não, isto está morto, não há quase nada de empregos para os rapazes novos e moças. Não há. E qualquer dia vai-se tudo embora e não está cá ninguém e vai tudo para as cidades, para os meios maiores para se empregarem, porque faz falta.

O que era preciso era fábricas para as pessoas se empregarem, mais emprego, os moços já não abalavam. Assim vão embora, não têm onde trabalhar. Acho que isto não está a dar nada, não estão a fazer pela vila.

Mas se houvesse aqui emprego, umas fábricas, os rapazes não abalavam. Assim vai tudo embora. Falta aqui muita coisa para eles ficarem, não há aqui interesse nenhum.

Porque não há onde as pessoas se empregarem, ganharem a vida. Faz muita falta qualquer coisa dessas.

(E9)

Penso que sim, pessoas que saem, têm que ir procurar outros meios de sobrevivência noutra lado.

- Outras desvantagens

(E1)

O que eu penso é que aqui a terra podia ter outras coisas, não sei bem se o que vou dizer se enquadra na pergunta, mas por exemplo, Arraiolos podia ter um jardim, outra coisa diferente do que tem. As entradas e saídas de Arraiolos são um bocado confusas, pelo menos para quem vem de fora.

Como numa cidade por exemplo e às vezes nem são grandes cidades, já tenho ido por exemplo quando saio, vejo que há um parque de merendas,

(E4)

Embora tenham outras coisas a favor.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

É assim, para certas coisas a cidade é melhor, tem outras condições, as coisas resolvem-se mais rápido.

(E6)

E mais coisas boas?

Não há assim muitas.

(E9)

Pode haver é falta de, por exemplo...no antigamente, uma certa mão de obra, um certo conhecimento que as pessoas tinham de trabalhos que já não existem

É um trabalho que acho que não há pessoas que queiram aprender certas coisas. Devia haver umas pessoas com mais idade, como a minha, tínhamos uma certa capacidade de conhecimento que os novos não têm, para poder explicar, faz-se assim. Aprenderem certas coisas, não há.

Vão abalando e não há ninguém. Há certas artes que havia cá em Arraiolos e acabaram todas.

Há um carpinteiro ou dois, antes havia aí uma quantidade de carpintarias.

Vão desaparecendo.

- Apoio social: interferência

(E10)

Embora às vezes seja pior do que nas cidades, as pessoas a criticarem-se umas às outras.

Porque se conhecem todos.

(E12)

Mas se calhar comunicam melhor umas com as outras nas cidades. Eu acho que sim.

Acha que lá se dão mais uns com os outros?

Eu acho que sim. Porque as pessoas têm mais convivência uns com os outros.

Eu acho que sim.

(E5)

É a má língua, todos conhecem a vida de uns e outros. Dizem verdades, dizem mentiras, metem-se onde não são chamados. Se estivessem quietas...não é em todo o lado, é nestes meios pequenos é que é isso.

É bom conhecerem-se todos mas...

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

É, por outro lado estão sempre prontas.

Tem essa parte má.

Mas isso é normal e nós sabemos que assim é.

(E6)

criticam-se todos uns aos outros, não faz mal dizer isto, não é por mal. E lá não é. Lá é diferente, cada um faz a sua vida e não se metem nas vidas uns dos outros. Há uns por outros mas não é muito. Eu acho que aqui para esta gente mais nova é pior

1.3) Vantagens das vilas

- Tranquilidade

(E1)

E aqui dá para se mexer mais, é?

Sim

Talvez até saísse, mas se calhar não ia dar umas voltas tão grandes como dou, como já dei hoje aqui de manhã. Por exemplo pelo passadiço, pela escola e vim para casa

Se calhar em Lisboa, não é que não se possa ir, mas talvez...

Mas se fosse para Lisboa agora, fica ali preso, não digo preso em casa, mas na rua.

Não ia tanto como aqui.

Exatamente

(E10)

mas eu gosto muito mais do sossego. Talvez agora devido à idade

Gosto mais da vida na nossa vila, o sossego

É a paz, paz entre aspas, porque às vezes também há o seu serrabulho. Mas para mim o principal é o sossego e a tranquilidade.

Para mim principalmente é o sossego.

É assim, mas eu prefiro ainda assim, continuo a preferir a minha vila, o sossego.

(E11)

É muita correria. E as vilas são mais pacatas. Se for para a cidade, é sempre a correr atrás uns dos outros.

andam sempre a correr e não dão corrido.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

É mais confusão.

É, muito mais. Nem tem comparação. Das cidades para as vilas, é muito mais pacata.

eu gosto muito daqui de Arraiolos e do sossego.

Porque é mais pacato.

é o sossego.

É, é. Ouça, mesmo na idade em que eu estou, já gosto mais...

É uma correria, a mim já me faz impressão isso.

Para mim é o sossego

É uma vida mais pacata. Mais sossegada.

(E12)

Mais confusão?

Acho que sim.

Porque é uma terra mais sossegada, é muito mais sossegada e uma cidade é uma terra de muito movimento

É o sossego, o principal.

(E13)

Estamos mais confortáveis, estamos melhor assim, mais sossegados aqui

É o sossego, é mais sossego, um ambiente diferente do que uma cidade grande.

(E14)

É mais calmo aqui?

É. Para mim é.

(E15)

nós aqui temos uma vida muito mais pacata, sem problemas

Portanto nas vilas está-se muito melhor no meu entender, muito melhor, está-se muito mais tranquilo, não há barafundas. E vive-se normalmente.

Muito mais tranquilo do que se estivesse em Évora ou numa cidade maior que é totalmente diferente.

a vida nas cidades...então em Lisboa é um pandemónio.

Gosto muito mais do sossego, é mais tranquilo, não temos problemas. Não temos que andar a fugir daqui e dali, é calmo.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

De maneira que temos aqui todas as condições para termos uma vida mais ou menos calma. Só que a cidade é diferente daqui, aqui é muito mais calmo. Lá tem que se andar com muito mais cuidado

E em Lisboa é um pandemónio. Nem uma pessoa era capaz de andar agora lá dentro. Aqui é muito mais fácil.

(E16)

Por conseguinte, para mim viver na cidade é muito mais complicado, o sistema nervoso altera-se. Ao passo que num meio pequeno a gente vive mais calmo, Acho que é mais calmo, mais sossegado, não há aquela folia dos transportes, procurar pelos transportes, os horários.

Muito mais tranquilo.

têm que se levantar muito cedo por causa dos transportes

era sempre os transportes, os horários, apanhar isto, apanhar os metros, era uma azáfama terrível. Muita confusão.

agora se tiver que procurar trabalho noutro lado tem que se sujeitar a essa azáfama, os horários, os transportes públicos.

É. É tudo mais calmo, não há aquela azáfama, aquele sistema nervoso sempre a funcionar, e apanhar o autocarro, agora vem cheio, o comboio.

O stress não vem com tanta frequência como num meio grande.

(E17)

Eu penso que a vida das vilas são melhores que na cidade

Mas na questão do modo de vida, é muito melhor viver-se numa vila do que naquele burburinho da cidade.

mais agitado...

Com certeza. Não ponha dúvidas nenhuma. É uma vida muito mais saudável, a vida da vila do que a vida da cidade.

O sossego

O que notava mais era essa confusão que me disse. É a maior diferença.

Não ponha dúvidas, para mim era isso.

(E18)

Acho que é stressante

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

Aqui é mais calmo por variadíssimas razões.

Mas não vivia tão feliz como vivo aqui.

É mais calma.

É mais saudável.

o ar é mais pesado

não há fábricas mas também não há poluição. Não há essa coisa.

mas é saudável, o ar que se respira é um ar bom. Isso para a nossa saúde é ótimo.

(E19)

A gente na cidade, aquilo é a correria

Da cidade para aqui é a correria da rua, é tudo a correr, corre-se para ali para atravessar a rua, vai o carro a passar. É tudo. Acho que é uma vida...

Mais confusão, quantas vezes.

Aquele ambiente de vida, aquilo até faz coiso à cabeça.

É mais fácil morar aqui do que em Évora. Há muita gente a trabalhar em Évora e a morar aqui.

É uma vida mais descansada. A pessoa se viver aqui em Arraiolos tem uma vida muito mais descansada do que tem em Évora ou noutro lado qualquer. As cidades têm isso, o correr para aqui e para além. É o que noto mais.

O que nota mais é isso, o movimento.

Sim.

(E2)

e menos movimento,

Mais liberdade.

Mais fácil. Em Lisboa o que é que temos? Um andar fechadinho e mais nada.

Tem mais liberdade para sair?

Sim.

(E20)

Para mim as cidades são muito complicadas.

É, mais confusão.

Viver naqueles apartamentos muito fechados, a gente aqui sai à rua, vai ao quintal, tem galinhas.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

tenho um quintal muito grande, tenho as minhas flores que adoro arranjar e isso para mim, em Lisboa, não...

Não. Viver naqueles apartamentos lá em cima e não poder chegar à janela. Para mim era muito confuso.

É o sair à porta e ter a rua, é?

É, é.

Isto para mim é o principal. Os transportes e aqueles apartamentos lá muito altos.

E as pessoas, é o vizinho de cima, o vizinho de baixo, e da esquerda, isso é muito confuso.

Às vezes estou habituada...até digo que chego à janela, deito qualquer coisa lá para baixo. O vizinho lá de cima é o mesmo do de baixo. E naqueles sítios não se pode fazer isso.

Sim, muito.

Não sei, as pessoas são muito complicadas hoje em dia. Assim a gente vive nestas vivendas, praticamente vivendas, e a pessoa está livre, não está com o barulho dos outros apartamentos, é diferente. Para mim é esse aspeto.

Vive mais sossegada assim, do que com tanta gente à volta.

Sim, sim.

Para viver prefere mais o sossego.

É.

São bons mas para mim são confusos. Para mim são um bocado confusos.

mais dentro da cidade, mas depois penso tanto barulho, tanta coisa, não.

Aqui é mais sossegado.

É, muito mais.

(E3)

Sim, há qualidade de vida. É a pessoa idosa querer e ter conhecimento desses apoios, porque nem sempre há conhecimento desses apoios, mas até há apoios.

Para a minha idade, é mais fácil numa terra pequena do que numa terra grande.

Têm mais qualidade de vida, é a minha opinião.

(E4)

Olha eu acho que a vida nas cidades é muito pior que aqui,

Uma vida cansativa,

Aqui é um ambiente muito bom, saudável,

De um sítio mais calmo.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

Se calhar saía menos ainda do que saio aqui, porque aquilo é aquele movimento dos carros, aquilo tudo.

É mais confusão, na cidade é muito mais confusão do que aqui.

Saía menos de certeza.

Para mim já o sossego, o mais importante é o sossego.

Está mais sossegada.

É isso, sim.

(E5)

Mas depois às tantas sabe-me bem aqui o meu bocadinho, a nossa apatia, de nós vivermos aqui nesta zona.

Sente-se mais sossegada?

Sim

Mas eu gosto do nosso sossego. Aquilo além tem muito movimento,

Sim, a cidade tem mais movimento,

Lisboa é já outra coisa. Lisboa não me interessava muito viver. O movimento nós andarmos tranquilas.

Sim, têm condições melhores as pessoas destes meios mais pequenos do que as das cidades,

(E6)

Há mais sossego.

Não estava tão sossegada?

Não, não.

Era o que ia notar mais.

Acho que sim.

(E7)

Penso que na cidade é uma vida mais agitada do que aqui

Sim, acho que deve ser. Aqui é mais calmo, acho que é diferente.

Acho que sim, é uma vida mais calma, é diferente de lá.

penso que deve ser mais agitada e mais complicado.

Sim, é mais sossegado, não há tanta confusão.

mas penso que aqui é mais sossegado e que nós nos desenrascamos melhor.

Pois, penso que sim. Para mim acho que era mais confusão.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

(E8)

mas a vida da cidade é sempre por norma com mais folia, mais gente, muito mais coisas

Mas para mim era uma confusão muito grande

É uma confusão muito grande.

Sim, para mim é, hoje presentemente. Para mim já me faz confusão.

É mais calmo.

Agora eu fazia-me muita confusão viver numa cidade.

é mais calmo.

Para mim sim, na minha opinião é.

olhe as casas, a gente aqui também vive em casas pequenas, mas quer dizer vivemos em casas pequenas mas chegamos a uma porta e é um quintal.

Fica-se na rua. Essa pessoa que vá, eu estou convencidíssima que essa pessoa tem uma transferência muito grande na vida. Muito grande para se adaptar a isso.

Sente logo essa diferença, de sair à porta e ver a rua.

Eu acho que sim. Quer dizer, chega a uma passagem, tem que esperar, passa um carro, vem um autocarro, o elétrico. Estou convencida que para essas pessoas é uma coisa muito desnivelada.

(E9)

É muito mais movimento, mais complicado.

a gente vê movimento

é sempre uma vida acelerada.

As pessoas andam sempre a correr, à pressa, para apanhar isto, para apanhar aquilo. Andam sempre aceleradas. Até acho que é uma coisa que acaba por cansar mais as pessoas, do que aqui. Aqui como o movimento é menos, as pessoas não andam aceleradas nem por isto nem por aquilo, totalmente diferente.

Uma vida mais calma.

Aqui numa terra pequena, para a minha idade, torna-se mais calmo. Uma pessoa já conhece os cantos da terra, já sabe o que há-de pisar. Sabe o que é aqui e ali. É uma coisa que... já não há aquele stress, na cidade há aquele stress. Na minha idade, queria ir aqui ou além, era sempre um bocado stressante.

É mais fácil, nesse sentido é melhor.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

- Apoio social: proximidade

(E1)

conhece-se melhor as pessoas, é diferente

A gente conhece melhor as pessoas e é diferente

Aqui a gente sai, vai logo ali, a outro lado, conhece aquele, conhece o outro. E fala, e é diferente. Em Lisboa é muito diferente, porque as pessoas às vezes nem se falam, nem se conhecem

E dos vizinhos, dos seus amigos, já me disse que as pessoas se conhecem todas, está tudo mais perto.

Sim.

Acho que aqui é mais fácil. Nas cidades já tenho ouvido dizer, por vezes os vizinhos nem se conhecem, nem se falam, é uma vida diferente. Aqui conhecemo-nos todos praticamente. Se for preciso qualquer coisa, as pessoas estão logo mais disponíveis para ajudar, do que nas cidades.

(E10)

a entreaajuda entre as pessoas que se conhecem todas, que é completamente diferente da cidade Ninguém se conhece, passa-se ao lado. Para mim a diferença principal é essa.

Foi o que disse há bocado, as pessoas conhecem-se todas, sucede qualquer coisa e corre tudo para ver se é preciso ajuda. E na cidade não.

Exatamente. Isso é aquilo que eu sinto.

E depois tudo bom dia, olá bom dia.

Toda a gente se cumprimenta.

É.

(E11)

E nas vilas toda a gente se conhece, nas cidades não se conhecem uns aos outros. É o que eu acho.

É, conhecem-se uns aos outros. E na cidade não se conhecem uns aos outros

É conhecermo-nos uns aos outros. Essa parte é logo uma. E gosto muito mais de falar, aparece a, b, c, d e conhecemo-nos uns aos outros. Se for para a cidade já não conhecemos.

Até mesmo os próprios vizinhos, moram no mesmo prédio e não se conhecem uns aos outros. conheço as pessoas, elas conhecem-me a mim

Conhecemo-nos uns aos outros.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

Eu conheço toda a gente

Conheço toda a gente.

depois não se conhecem uns aos outros.

(E13)

É aqui que dão os bons dias uns aos outros. Em Lisboa ninguém dá os bons dias, ninguém se cumprimenta. Aqui pelo menos dão os bons dias uns aos outros.

Aqui dão-se mais, de longe.

(E14)

A companhia

E aqui a minha filha dá apoio, ou que sejam outras pessoas.

Está mais acompanhada?

Muito mais.

(E15)

Nas vilas. É muito mais fácil. As pessoas nas cidades nem se conhecem. Nem se cumprimentam. Pessoas que moram no mesmo prédio, não ligam importância uns aos outros. É gente boa, damos bem todos. Toda a gente se dá, é uma vida totalmente diferente. Se fosse para a cidade, em Lisboa há prédios em que as pessoas nem dão os bons dias uns aos outros. Passam uns pelos outros e nem se conhecem. A gente aqui conhece toda a gente.

E o meu vizinho é que me tratava das coisas cá. Regava as árvores, tenho árvores lá no quintal. Tratava-me da cadela, das galinhas. Aquelas coisas.

Quando não estão cá, há sempre alguém para tratar.

Há sempre alguém que resolve. Portanto é totalmente diferente.

Há essa entreajudas.

Exatamente, é totalmente diferente. Ainda bem que é assim.

Quando é preciso...por exemplo, o Carvalho foi a Inglaterra que tem lá o filho e eu é que resolvo cá as coisas, se é preciso regar o quintal ou alguma coisa, trato eu. Portanto há essa facilidade nos meios pequenos. Onde as pessoas não se conhecem, nem se ligam. Nem querem saber.

(E16)

conhece as pessoas todas, dialoga com as pessoas e é diferente.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

a gente está ali e conhece todos, vizinhos, tudo é conhecido na rua. Nos meios grandes não se conhecem, às vezes nem no mesmo andar se conhecem. Ou não se falam.

a gente às vezes diz bom dia ou boa tarde para um qualquer, isso é aqui, lá não.

Num meio grande conhece ali as pessoas com quem trabalha, muitas vezes, e provavelmente com quem convive no mesmo prédio...a gente nem os conhece, nem sabe quem são nem quem não são. Poderá às vezes eventualmente haver um encontro num café, para além dos que são colegas de trabalho. Aqui num meio pequeno não, conhece-se tudo de uma ponta à outra, toda a gente se conhece. Toda a gente se fala, isso não é uma coisa que vá mexer muito no aspeto monetário, mas aquelas pessoas que gostam de conviver como eu, sentem-se bem, mais confortáveis, porque lido com as pessoas, dialogo, e com os outros não. Quando eu lá estava, só com aqueles com quem trabalhei. Falávamos, depois vinha embora, esquecia.

(E17)

inclusivamente até conhecermo-nos todos praticamente uns aos outros

Não, nem podia ser. Chegam a viver no mesmo prédio e não se conhecerem uns aos outros. E aqui se for necessário uma vizinha ou vizinho dar uma ajuda, com facilidade o dão. Não tem comparação.

Sinto mais acompanhado.

(E18)

Conhecemo-nos todos uns aos outros, vive tudo em comunhão.

Conhecem-se menos, e é compreensível, tanta gente. Em Lisboa, uns vão apanhar o elétrico, o autocarro, cada um mora numa ponta da cidade, outro noutro. Encontram-se mas não têm convívio.

(E19)

a vida da cidade é uma vida bonita mas ninguém se conhece. Moram no mesmo prédio, lá uma ou outra pessoa que se começa a dar. Mas de resto nem bom dia nem boa tarde, nada. Ainda hoje essa gente, vou à vila, vêm dar-me um beijo. Conheci toda a gente e hoje ainda sou assim, as pessoas falam-me.

Sim, é diferente. A pessoa está doente, qualquer pessoa ali, além se incomoda. Nas cidades não é assim.

Não se preocupam uns com os outros?

Não, não é assim.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

(E2)

e é tudo mais uma família.

As pessoas estão mais próximas?

Próximas umas das outras.

Era muito pior porque não conhecia as pessoas,

Tenho boas vizinhanças, convivo com elas.

Na cidade acha que não era assim?

Não, ninguém se conhece, porque a Rita esteve lá mas veio embora para Montemor porque aquilo lá era mesmo... não se podia lá estar.

e além disso as pessoas não se conhecem umas às outras.

Aqui sente-se mais acompanhada?

É. É a vizinha da frente, a vizinha do lado, a vizinha de baixo, é tudo diferente.

Das pessoas, já me falou das vizinhas, que é tudo mais próximo, na cidade é mais afastado.

Não se conhece ninguém. Entra-se para cima, vai-se para o 1º andar, tem as portas todas fechadas, cada um entra para a sua casa, porta fechada, não se vê ninguém.

Não se conhecem uns aos outros.

Gosto, gosto, agora tive aqui uma vizinha,

éramos como família. Agora veio a outra rapariga, também é uma vizinha boa, fala comigo,

“vizinha que tal?”. Até tenho o número de telemóvel dela.

Sente-se mais acompanhada? Se precisar de alguma coisa.

Sim, é isso.

Na cidade acha que se precisasse de ajuda...

Ninguém aparecia. Não aparecia, não. Isso tenho a certeza.

(E20)

Aqui a gente... a família vive cá, tem mais oportunidade de ir a casa de qualquer pessoa da nossa família, encontramos-nos mais vezes

é mais fácil por isso. A gente está mais familiarizada com as pessoas do que noutros sítios.

As pessoas conhecem-se mais, conhecem-se melhor. É diferente.

É mais fácil.

E os vizinhos, a gente tem aqui uma vizinha que diz que estão na reunião do condomínio. É o raminho de salsa, o raminho de coentros, vai-se à da vizinha.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

(E3)

Acho que numa terra pequena as pessoas dão-se mais umas com as outras e há mais companhia, porque as pessoas conhecem-se todas umas às outras, nos meios pequenos. A diferença que eu acho é que nos meios grandes ninguém se conhece uns aos outros, tudo mora em condomínios, apartamentos e aquilo é entra e sai, não se conhece ninguém. Acho que é essa a diferença das grandes cidades.

Sinto muito mais acompanhada, é o que eu acho.

não conversam tanto uns com os outros.

Muito diferente, vivia muito mais sozinha, do que aqui. Muito mais sozinha. Na minha idade, começar uma vida de novo numa cidade, vivia muito mais sozinha, mais isolada. Muito mais do que aqui.

Porque têm mais companhia, conhecem melhor as pessoas

São, toda a gente se conhece, somos amigos uns dos outros. Apesar de nas grandes cidades também haver quem se chegue, mas não é com tanta facilidade, não se conhecem. Saem de manhã para o emprego, regressam à tarde, aquilo é tudo no elevador de uns pisos para os outros, ninguém se conhece, ninguém sabe a vizinhança que tem. Em muitos lados é assim. Aqui nos meios pequenos a gente conhece os vizinhos todos. Embora não conviva com eles porque não se anda em casa de ninguém, mas sabe-se que se houver uma coisa qualquer a pessoa só se não puder é que não acode à outra que está doente.

Sente-se mais acompanhada se precisar de ajuda.

Acho que sim, nos meios grandes não.

(E4)

há pessoas a quem tenho amizade

Pois, porque conhecemos menos pessoas. Lisboa é muito diferente, não andamos lá de casa em casa. Não encontra as pessoas, a maior parte delas nem as conhece. Não vai ter conversas com essas pessoas,

Conhecemos as pessoas.

E das pessoas já me disse que aqui toda a gente se conhece, é mais fácil. Na cidade acha que não é assim?

Acho que não é, não é mesmo.

Não, não convivem, não se conhecem, é mesmo assim. Para mim é diferente.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

(E5)

as pessoas não se conhecerem.

Mas como nós conhecemo-nos todos uns aos outros, estão sempre a chamar-me.

É fácil o convívio.

porque eu sei que lá na cidade, as pessoas do mesmo prédio, algumas nem se conhecem.

Saem de manhã, a minha filha ali em Alcabideche nem conhece ninguém

Pois, não têm contacto.

Não, não.

Num meio pequeno como o nosso, tem a particularidade de nós nos conhecermos melhor, de se meterem mais na vida dos outros do que devem. Mas isso é coscuvilhice de mulheres e homens também. E se não se conhecerem é entra e sai.

Sim, isso não me faz diferença.

(E6)

O que é diferente é a maneira de conviverem uns com os outros, por exemplo aqui as pessoas conhecem-se todas

Conheço toda a gente, toda a gente me conhece e para mim está bem.

Isso gosto, às vezes. Nem sempre, nem é toda a gente. Mas é bom a gente conhecer e é bom sermos amigos das vizinhas, eu acho que faz muita falta. Eu não tenho razão aqui das minhas vizinhas, não tenho não senhor. Olha quando foi na doença do meu marido, elas vinham aqui todas, uma até de noite cá vinha. E nunca tive razão de ninguém aqui da rua.

Sente-se acompanhada, é?

Sempre me dei com elas. Sinto, sim senhora. Até há aí duas que têm a minha chave da minha casa, eu confio nelas.

É só chamar, isso é verdade. E ainda outra coisa, quando eu cá estava sempre, agora fui para o centro, quando elas não viam as minhas janelas abertas lá atrás, diziam logo uma para a outra “a vizinha se calhar está doente, deixa lá ir ver”.

Vêm logo.

Vêm sim senhor, não tenho razão.

Mas não é aquele convívio como nós cá temos, isso é muito diferente. Não é nada parecido.

É os vizinhos, é diferente

As pessoas conhecem-se mais...

É, é.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

(E7)

as pessoas não se conhecem tanto umas às outras

Aqui acho que é um bocadinho diferente. Aqui é mais fácil a gente comunicar com as pessoas, penso eu.

(E8)

Aqui nós no nosso meio, conhecemo-nos todos uns aos outros. Eu parece-me que não há aquela maldade funda como pode haver nos outros meios muito grandes.

Tenho amizades, tenho gente que me amparar. Agora tive uma fase que precisei de amparo, não tive falta dele, em aspeto nenhum.

Em questão de falta de amizades e amparo, eu ainda não atravessei essa fase.

Conhecem-se mais...

Sim. Então nos meios grandes há vizinhas que nem se conhecem umas às outras. Moram lá naqueles andares

Mas há menos contacto, estou convencida que sim. Há menos contacto numa cidade do que há aqui na província.

(E9)

há sempre uma mãozinha. Há mais conhecimentos. Nas cidades às vezes as pessoas moram no mesmo prédio mas não se conhecem umas às outras. Enquanto que num meio pequeno, as pessoas conhecem-se todas umas às outras. E assim há sempre uma maneira das pessoas se poderem ajudar umas às outras do que num meio grande. Num meio grande “quem é aquele gajo, sei lá quem é”. A pessoa não sabe, e aqui não, quando é preciso há sempre uma ajuda. Há sempre uma mãozinha.

Mas sempre se vão ajudando umas às outras, por um lado ou pelo outro. Vão-se sempre desenrascando melhor.

- Cuidados de saúde: acesso fácil

(E1)

Temos o centro de saúde, que vai funcionando.

As consultas muitas vezes têm que ser marcadas com dois meses antes ou assim, mas não tenho tido dificuldade

Aqui é mais consulta com o médico de família, fazer aquelas consultas de rotina

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

Uma coisa que temos boa aqui, que eu acho... antigamente para se fazer análises tínhamos que ir a Évora, ir cedo. Cá temos isto há uns anos, é chegar e fazer.

Isso é bom, já não tem que ir para outro sítio.

Exatamente.

O que ouço dizer é que é mais difícil nos meios grandes, arranjar uma consulta. Muitas vezes as pessoas estão à espera muito tempo

Sim, mais tempo. Aqui quando a consulta está marcada, vai naquela hora e mais meia hora, menos meia hora, somos consultados e não há assim aqueles problemas como já tenho lido nos meios grandes.

Agora estava a falar mesmo no dia da consulta, porque as consultas, por exemplo, tem que se marcar dois meses antes, à volta disso, mas agora estava a falar no dia em que se vai à consulta àquela hora, é mais fácil, vou daqui ali ao centro de saúde e dentro daquela hora, mais 20 minutos, mais meia hora e somos consultados. Nos meios grandes às vezes a afluência é tanta que tem que estar lá horas e horas, segundo o que tenho lido.

Uma terra pequena é mais fácil.

(E10)

Já precisei várias vezes e é rápido.

Sou bem atendida no centro de saúde

já precisei várias vezes do serviço do hospital, fui sempre bem atendida.

Aqui também vou ali ao centro de saúde, o meu médico é acessível

Eu agora apareceu-me um problema de tiroide e de diabetes, o médico mandou-me logo ter com a enfermeira para ela me auxiliar, me indicar o que tenho que fazer. Medir tensão, diabetes essas coisas todas. Como te digo, até hoje fui sempre bem atendida. Não tenho que apontar.

Até hoje ainda não tive o mais pequeno problema nesse sentido.

(E11)

Se precisar, é fácil ir ali?

É, é.

Mas cá na vila também há a Misericórdia para essas coisas.

De resto acho que não estamos mal.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

(E12)

Olhe médico temos

É, vamos à médica de família, se ela entende que devemos ir a outro médico, resolve e nós vamos ao médico que ela destina.

Conseguimos resolver. Umhas vezes vêm cá, outras vezes vamos nós lá. Por acaso na sexta feira veio a enfermeira cá a casa.

Acho que é mais difícil. Eu acho que deve ser.

Não sei, tenho impressão que deve ser mais difícil. Às vezes ouço pessoas a falar por causa de viverem em meios maiores e também têm certas dificuldades.

Não é por viverem numa cidade que é mais fácil?

Não, não é.

O movimento. E sem saber como é que me havia de resolver. E aqui não, a gente aqui temos o táxi, chamamos o táxi, leva-nos onde é preciso e a gente resolve assim. É mais fácil para nós. Com mais facilidade.

(E13)

Acho que é mais fácil aqui. Acho que em Évora ou noutro lado qualquer... aqui não temos muita razão de queixa de consultas. Por exemplo em Lisboa ou noutras cidades assim estão meses à espera de uma consulta. Aqui é mais fácil. Ao fim de 8 ou 15 dias temos consulta, é mais fácil.

Nos meios maiores é mais complicado.

É mais complicado.

(E15)

Temos um centro de saúde, temos médico de família que é uma coisa que também nos serve bastante bem quando há uma necessidade.

Muito mais difícil, não tem nada a ver, a vida em Lisboa é um pandemónio.

(E16)

Aqui sirvo-me do centro de saúde para ir ao médico de família que é o Dr. José Vieira, ou pedir medicamentos, ou para fazer análises

Essas coisas mais simples consegue resolver aqui.

Pois, uma gripe vou aqui.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

(E17)

nós aqui na nossa vila estamos muito bem servidos de médicos, enfim...de saúde, o centro de saúde é uma maravilha, não tem bichas, absolutamente nada, chegamos além e somos atendidos.

Já me falou do centro de saúde. Daquilo que precisa, dentro da vila, consegue resolver?

Mas de que maneira, não ponha dúvidas nenhuma.

nós estamos bem servidos de centro de saúde e de médico, principalmente depois deste centro de saúde, tem todas as condições.

chego lá, não tenho bichas para esperar, num instante sou atendido. Isso é uma maravilha. Em relação àquilo que a gente vê na televisão, em determinadas sítios, não têm consulta e depois chegam lá e é bichas e voltam para trás e têm que lá ir outra vez. Nesse aspeto estamos muito bem servidos.

Por aquilo que tenho visto através da televisão, acho uma diferença muito grande e tenho familiares a viver em Lisboa e notam essa diferença.

É mais difícil. Mas muito mais. Bichas para tudo, enfim.

(E19)

Às vezes nem tanto, as cidades estarem ao pé das coisas, nem é por isso, às vezes não é por isso.

Nunca tive razão até hoje

Depois marcou-me para tirar os pontos e eu digo “tenho lá um enfermeiro lá perto, que é quase meu filho, e isto é tão longe, eu tenho confiança nele”. Pronto tire lá os pontos. Depois fui lá.

A minha médica também me dizia sempre que fosse preciso

E acha que nas cidades...

Talvez seja mais difícil essas coisas.

Depois esperam, as esperas que há...vão fazer uns exames, depois não sei quantos meses é que vão ver os exames. Ou que seja análises, seja o que for. Ali não, ali é feita na hora.

Não, não, cá para mim nas cidades é mais difícil.

Espera-se mais tempo.

Ou é por falta de médico de família, não sei o que será.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

(E2)

Temos médicos de família, temos auxiliares, vamos medir os diabetes e a tensão. Ali sem pagarmos.

Temos o médico de família,

Tive sempre duas ou três enfermeiras, havia sempre.

Tudo o que precisou fizeram ali?

Sim, foi.

Se vivesse em Lisboa acha que era mais fácil também ir ao médico ou ter uma consulta?

Acha que era fácil ou era mais difícil?

É mais difícil, mas há na mesma, mas é mais difícil. É muito longe de tudo. Mas também há bons médicos.

E em Lisboa? Acha que era mais fácil ou mais difícil?

Mais difícil, mas vai-se na mesma. Porque é muito longe e gasta-se muito, tem que ir de expresso e comboio, é muito diferente.

Aqui é mais fácil porque é mais perto.

Sim.

(E20)

passa-se ali muitas horas à espera.

Acha que se espera mais nos meios maiores?

Sim, sim. Espera-se mais do que se devia. Se as coisas são urgentes, talvez seja de outra maneira. Mas acho que se espera mais do que se devia esperar.

Acho que é complicado também, por aquilo que a gente vê na televisão, as pessoas estão horas e horas à espera, as urgências estão sempre cheias. É complicado.

(E3)

Até acho que nos meios grandes até ao nível de saúde, estou a falar do Porto porque conheço melhor, para se integrar uma pessoa que venha dos meios pequenos e vá para os meios grandes, é uma dificuldade arranjar médico de família.

Já estamos integradas cá, se nós agora formos para um meio maior, numa cidade maior, é difícil integrar-se e arranjar médico de família.

As coisas resolvem-se na mesma mas talvez seja com mais dificuldade,

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

(E4)

Já tenho ido a Évora, com a tensão a 24 já lá tenho ido. E são impecáveis.

(E5)

aqui até temos já na clínica, eu tenho o seguro onde temos também isso
Tenho, tenho. Agora partiu-se um dente, a minha dentista é aqui, tenho que lá ir.
Temos aqui. Temos também lá na clínica a fisioterapia, têm muita coisa.

Mas sabe que ajudam.

Sim, sim. O meu pai fazia parte da direção, era só chamar para levar a minha mãe a fazer alguns tratamentos.

Coisas mais simples consegue resolver aqui?

Sim, sim.

(E6)

acho que tratam bem as pessoas, em Évora tratam bem, acho eu.

(E7)

Para mim se calhar era mais difícil. Aqui para mim é mais fácil porque estou habituada.
Se calhar era mais difícil por não estar habituada a estar lá.

(E8)

Mas se me disserem que tenho que ir a Évora a uma consulta ao hospital, naqueles balcões, vá ao balcão azul, ao balcão amarelo, para mim já me faz confusão. Se eu for por exemplo ali à Clínica do Coração, eu resolvo-me sozinha.

É tudo mais pequeno, é tudo com menos gente.

E se for no hospital talvez o resolva, mas só com muitas perguntas.

Já noto diferença, noto uma diferença grande.

Mas eu para mim não me entendia. Hoje então...

Umam queixam-se, outras não. Umam têm facilidades de tudo, outras para terem uma consulta em Lisboa é mais de não sei quanto tempo.

Mas de resto, bem atendida, tanto pelos médicos como enfermagem, é hospital

Isso em consultas, tratamentos, aqui a dra. Margarida tem sido a minha médica de sempre, médica de família. não tenho razão de queixa absolutamente nenhuma.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

(E9)

Temos o centro de saúde. Mas por aquilo que a gente ouve na televisão, há aí terras que estão muito piores que a nossa. A gente vai além e há sempre um médico no centro de saúde. Nós aqui nesse sentido até nem estamos muito mal.

Mas de qualquer das maneiras, nisso até nem estamos piores.

Há sempre um médico.

Mas mesmo assim, eu digo que não estamos piores em relação ao que às vezes se ouve na televisão.

Acho que é mais fácil.

Consgo resolver aqui.

- Recursos financeiros: menor despesa

(E1)

Acho que nos meios mais pequenos vive-se de outra maneira, melhor.

Mais fácil. Porque as reformas são pequenas e nos meios grandes por vezes há outras tentações, comprar outras coisas, às vezes ir ao cinema, um teatro, ver uma revista. E aqui não, embora como já disse, o cinema está em construção, mas aqui não há mais nada assim.

Acho que nos meios grandes talvez se gaste mais dinheiro sem querer.

Por haver mais variedade.

Porque há mais variedade, pois é.

(E10)

Eu penso que nas cidades é pior, porque aqui sempre vai havendo qualquer coisa. As couves, as batatas, as cenouras, os quintais.

Consegue-se poupar nessa parte?

Penso eu.

É tudo a poder de dinheiro. Nas cidades é tudo a poder de dinheiro. A gente aqui ainda se defende, há os coentros, a salsa, a hortelã. Se não houver em nossa casa, vamos à da vizinha.

Nesse aspeto acho que é melhor estar na província.

(E11)

Aqui é mais fácil. Na cidade gasta-se mais.

Não se poupa tanto como cá. Cá há menos distraimentos.

Oh...é preciso é a gente ter dinheiro para o gastar. Lá a gente nem olha para trás.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

(E12)

Nas terras pequenas, porque nas terras maiores ainda é mais difícil. Eu acho que sim. Não vivo lá, mas também vejo a pensão que tenho, se vivesse numa terra maior não me resolvia.

Acha que há mais despesas?

É, é.

Mas acha que numa terra pequena consegue orientar melhor, é?

Eu acho.

(E13)

Nos meios mais pequenos, eu tenho lá um bocado de terra, tenho laranjas, tenho uma horta, governo-me com essas coisas e há muita gente que não tem opção para isso.

Isso mesmo.

É mais difícil, pois. Agora já têm essas hortas comunitárias, já facilita mas aqui é melhor.

(E14)

Acho que é nos mais pequenos. Lá naturalmente ainda é mais caro, dizem.

Na cidade acha que é mais caro.

Pois.

Aqui com o que se ganha, consegue-se viver melhor, é?

Bem pouco. É.

(E15)

Vive-se melhor na província.

É mais difícil, muito mais. A vida aqui é mais fácil.

Eu sempre tive uma horta

Nessa parte poupa.

Claro, porque eu fazia muito.

Ali tinha alhos, cebolas, batatas, couves, alfaces, tinha tudo, fazia tudo. É totalmente diferente. E mesmo aqui no quintal tenho ali um bocadinho de terra e produzo muita coisa ali.

São muito menos despesas, eu nunca comprava batata.

Agora compro porque aqui no quintal não dá. Mas quando tinha a horta eu nunca comprava batatas o ano inteiro. Fazia seara.

Trabalhava mas tirava rendimento, ajuda. Torna-se mais fácil.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

(E16)

E hoje em dia viver em Lisboa deve ser muito mais caro do que há uns anos atrás.

Com o dinheiro que têm, partindo do princípio que os valores são iguais, quer seja na cidade, quer seja na vila, eu acho, tenho a certeza que vivendo num meio pequeno, eu gasto menos dinheiro do que se vivesse num meio grande. Para já não tenho transportes públicos, não tenho apetência por isto ou por aquilo, não vejo, a gente...vou aqui ou a um teatro, cinema. Nestes meios pequenos não vai, só se aparecer alguma coisa é que vai. Aqui no meio pequeno gasta-se menos do que se estivesse a viver num meio grande.

Há menos despesas.

Pois, lá há mais chamamentos, a gente tem aquela tendência, ou vai ao teatro, ou ao cinema.

Aqui não vai.

Se lá estivesse ia, tinha mais despesas.

Ia mais vezes, e assim não vou, vejo na televisão.

(E17)

Como as reformas são iguais tanto nas cidades como nos meios pequenos, é preferível viver nos meios pequenos, sai mais barato. Penso que sim.

Penso que as rendas de casa são mais baratas, a deslocação para qualquer lado, vai-se a pé, não se precisa de transportes. Se for uma pessoa com boa mobilidade vai a pé. Consegue ir a pé para todo o lado, enquanto que nas grandes cidades não é assim. Principalmente já com a minha idade já têm que andar acompanhados, ou por um familiar ou através de alguma ajuda.

Na cidade acabava por ter mais despesas do que aqui.

Penso que sim.

(E18)

Mais difícil. Para já há muitas coisas, bens alimentares nomeadamente os hortícolas...aqui ainda há hortas, essas coisas que podemos comprar a um preço mais baixo. Em Lisboa temos que comprar tudo. Mesmo em Lisboa, desde o coentro, à salsa, por aí fora.

Acabava por ter mais despesas.

Acho que sim.

(E19)

Olha na casa do meu avô, criava-se tudo para a gente comer, a fartura...

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

No campo a gente tinha tudo, o meu pai trazia a farinha, uma horta, fruta, oliveiras para fazer azeite, animais.

Nas cidades não há essas coisas, não é?

Pois não. Em Lisboa então

E vi, as pessoas iam comprar todos os dias à mercearia uma posta de bacalhau, um bocadinho disto, um bocadinho daquilo, para comer.

Tudo, a gente tinha tudo

Hoje será...ainda compram assim mais a miude

Os meios grandes é muito bom por umas coisas, mas por outras...as rendas das casas, quem não as tem. As despesas...é uma coisa muito cara. Ou estão a pagar a renda ou a renda para pagarem a casa.

Toucinho que tenho é quase sempre que me dão.

Tenho um quintal, tinha ervilhas, favas, espinafres, essas coisas todas. Agora que não há, tenho ali hortaliça sem precisar de comprar. Colhi e guardei.

Se vivesse na cidade acha que não tinha essas coisas?

Eu acho que não. Olha beldroegas, se queres comer compras um molho.

Laranjas tenho as laranjeiras, estão carregadas de novas e das outras aí.

Essas coisas evita comprar.

Sim. No ano passado semeei um batatal no quintal, tive batatas sei lá até quando.

tenho além orégãos, dá-me para mim, seco-os. Louro, agora já tenho um loureiro. Dá para mim e para dar.

(E2)

Numa vila é melhor no aspeto de rendas de casa serem mais baratas

É bom em todos os aspetos, as casas são mais baratas, há mais fartura de legumes e frutas, nos quintais, laranjeiras, laranjas, hortaliças, é muito diferente de uma cidade.

Sim, agora cultiva-se menos porque está muito calor e não há água, mas quando há água, há tudo. Quando choveu tínhamos os espinafres, as nabiças, tudo, tem sido uma grande fartura.

A renda da casa muito cara

É cá.

Sim, lá é tudo mais caro. Aqui é mais barato, vai-se vivendo melhor.

Sim, pois, olha só a renda da casa. É tudo.

Melhor, com a reforma, vai-se vivendo mais ou menos.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

(E20)

a vida também gasta muito mais. As pessoas têm os transportes, está bem que os passes agora são mais baratos, mas quanto dinheiro as pessoas gastam nos transportes, num mês inteiro? Muito. Nestes meios pequenos a pessoa desloca-se.

(E3)

agora com o turismo está tudo a querer ir para o Porto, está um centro grande turístico, as pessoas vão muito, encareceram muito as coisas
Se não pagasse renda de casa, se pagasse não me chegava.

(E4)

Acho que na cidade ainda se torna pior. Se as reformas forem iguais, ainda se torna pior.

(E5)

Se calhar nos meios mais pequenos, penso eu. A despesa não é tão grande. Normalmente se todos tiverem uma casinha, os medicamento são iguais em todo o lado. Mas acho que numa terrinha assim como a nossa...por exemplo aquelas pessoas mais lá no norte, que vivem isoladas, há gente que está muito mal. Tem que estar lá sempre alguém que vá dar um apoio, outros não podem pagar os lares,

Acha que na cidade há mais despesas?

Eu acho que sim.

Uma pessoa ganhando o mesmo, na cidade era mais difícil?

Acho que sim.

(E7)

Penso que será também uma vida mais cara, diferente.

Há mais despesas?

Penso que sim.

Sim é a ideia que tenho.

Penso que nos meios pequenos é mais fácil. Lá será mais complicado. Penso que gastam mais.

Nas cidades gasta-se mais, penso que é diferente.

Penso que lá será mais difícil do que cá

Têm mais despesas?

Têm, exatamente.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

(E8)

Acha que lá conseguem viver bem com isso ou é mais difícil?

Acho que será...não sei, eu vivo na província. Mas acho que é mais difícil.

Lá?

Sim.

Não sei se as coisas são mais caras, se vão a outros meios. Ainda um destes dias disseram que em Lisboa era o mais caro de tudo. Transportes, se é mais caro, tudo isso em comida, a reforma tem que se chegar a menos. Um dia destes disseram que era a cidade que mais cara está. Se elas têm que comprar as coisas mais caras, e que não tenham outros meios se não a reforma, é evidente que tenho que gastar mais depressa.

Mais despesas. Por exemplo, se aqui for comprar um molho de nabiças, 1,45€. Se lá custar 1,60€, já são mais 20 ou 30 cêntimos, no outro dia já faz diferença. Quando chegam ao fim da semana ou ao meado do mês, tem que fazer diferença. Por conseguinte tem que ser um bocadinho mais desnivelado nas cidades do que na província.

(E9)

Na minha maneira de ver, acho que uma pessoa num meio pequeno, tem outras defesas que não tem numa cidade.

Mas uma pessoa com uma reforma pequena, acho que tem mais facilidade em se defender num meio pequeno do que numa cidade grande.

É mais fácil porque é capaz de ter outro...às vezes há sempre uma ajuda familiar

- Participação social: convívio

(E1)

Aqui há piscinas e essas coisas, mas que não tenho acompanhado. Mas sei que vêm pessoas das aldeias.

Acha que as pessoas aqui também participam nas coisas?

Penso que sim.

Sim, vão fazer atividades e por exemplo, se passarmos para a parte cultural, aqui também há. Por exemplo, o rancho onde eu estou, atividades musicais, nas aldeias também há, em algumas. E depois disso, na parte do rancho, saímos muito durante o ano para outras terras, e cá também, duas ou três vezes por ano.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

(E10)

Vai havendo para nós.

Há mais convívio.

(E11)

Mas convivem mais nas cidades do que aqui?

Não.

(E13)

É a convivência.

Aqui também vão. Não conheço bem mas aqui vão.

(E14)

O convívio com as pessoas, vimos para a rua, totalmente diferente de Lisboa.

Acha que as pessoas se dão mais umas com as outras?

Pois dão. Eu acho.

Convivem mais umas com as outras.

Eu acho que é.

Das pessoas já me disse que convivem mais uns com os outros, não é?

Sim.

(E15)

Às vezes converso com os vizinhos e ocupamos o tempo assim.

Ainda agora estive a falar com o vizinho.

Nas vilas. É muito mais fácil.

Aqui não, agora estive a falar com o vizinho Carvalho, ontem estive a falar com o vizinho da D. Maria José que mora lá ao pé.

Há esse convívio sempre.

penso que nas cidades não há estas facilidades. Eu por exemplo praticava caça e pesca porque aqui é muito mais fácil. Lá eles também vão, mas este tipo de atividades aqui é mais fácil.

Ocupam. Nós aqui temos a vida mais facilitada.

Pois, certo tipo de atividades é mais fácil aqui.

Não tem nada a ver.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

(E16)

Para mim é a comunidade, a convivência com os amigos

vão ali para as piscinas, os seniores fazem piscina, exercício, ginástica, fazem outras atividades musicais,

Vão, aderem a isso. Vejo, vão além para as piscinas, fazem piscina e hidroginástica. Depois outras atividades musicais, a cantar e tocar e vão-se distraíndo. Pessoas seniores já.

(E17)

Também têm alguns sítios para se juntarem.

Têm, têm. Arraiolos está bem servido nesse aspeto.

(E18)

Nós aqui ainda temos algum convívio, ligado à cultura dos povos

Há mais esse convívio.

O convívio

Participam, participam.

(E19)

é o isolamento. A gente pode sair mas é fazer o trabalho, trabalho e casa, casa e trabalho. E a vida da casa e pronto.

Não convivem tanto?

Não, nem pensar.

(E2)

estava todo o dia fechada em casa e aqui posso ir à rua, posso ir aos reformados, posso fazer a minha vida normal. Se for em Lisboa não se sai de casa.

Não, não saía. Aqui posso ir ali abaixo com uma amiga lanchar, posso ir ao lar passar um bocadinho, posso ir aos reformados na quinta do pátio passar uma tarde. Acho que é muito melhor do que numa cidade. Lisboa então...

Faz-se um bolo, divide-se pelas amigas, vai-se ao café.

Aqui dão ajuda a câmara e a junta de freguesia, ainda agora foi o almoço,

Isto chega. Também há ginástica, os contos, há muita coisa aqui. Há cânticos, isso tudo.

Acha que chega?

Chega.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

(E20)

Acha que as pessoas convivem mais?

Acho que sim.

(E3)

também têm o centro de dia se quiserem ir, convivem lá com as pessoas, depois podem vir dormir a casa.

Há atividades, quem as quer praticar, há uma biblioteca com as histórias contadas, há hidroginástica, há variedade. É a pessoa querer e integrar-se nessas atividades. Não é o meu caso, há a ginástica. Não é um meio em que não haja nada, há certas atividades. Quem as queira praticar, não está muito mal.

Não, não é por falta de coisas neste meio pequeno, há várias atividades

Aqui há muita gente que pratica muitas atividades.

(E5)

Olha tudo. O convívio,

As minhas amigas...

elas umas vão em grupo ou andam na ginástica e tudo

Mas essa parte é boa, apesar de não fazer, é bom.

Si

Portanto aqui sim, as pessoas têm condições.

E outra coisa, sobre atividades. Há cá um centro dos reformados onde fazem excursões, onde fazem trabalhinhos, diz que é muito engraçado

E têm condições para as pessoas de uma certa idade

Aqui sei que participam, é marchas, é isto,

Não sei, mas acho que sim, participam alguma coisa, mas aqui é diferente. A questão da parte da sociedade em que as pessoas...

(E6)

a gente convive com as pessoas, mesmo que não morem aqui na rua, conversam uns com os outros quando se veem. Sempre é diferente. Não é como lá na cidade. Para a nossa idade é bom. Até para mais novos, mas não é mesmo os mais novos como a sua idade

É só os vizinhos, o convívio?

É, mais nada.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

Do convívio já me disse que é melhor do que na cidade.

Para mim é.

Aqui há quem participe

(E7)

Aqui também já vai havendo algumas atividades, já há muita coisa

Penso que sim, também saem. Mas aqui já vai havendo alguma coisa. Apesar de ser diferente, já têm muita coisa para saírem, as que lhe apetece.

Sim, é um bocadinho diferente. Lá penso que não têm tanto convívio

Sim, não convivem tanto, é isso.

(E8)

O contacto, ir um bocadinho ao café, encontrar uma amizade, ter um contacto

Mas quer dizer há um contacto, a gente vai, está bem um bocadinho, seja num café, seja noutra.

Qualquer desses para mim, com quem falo, são quase sempre pessoas certas que lá estão. Para mim são afetuosas, gosto de falar com elas, gosto de vir para casa, venho bem disposta com as pessoas, gosto de conversar. Quando estou a falar, qualquer pessoa, ouço chamar “sente-se aqui ou venha para aqui”. Ou eu própria se são pessoas que tenho contacto “dá-me licença que eu me sente?”, aproximo-me eu delas.

Há sempre alguém que tenho contacto.

Ainda hoje estive além, fui buscar uma revista, falo com a Tânia, muito bem recebida, falamos muito de certas coisas, dos filhos, como estão, estas coisas assim.

Vou sempre dando uma léria. Ou eu a chamar ou a chamarem-me a mim.

Mas aquela gente de todos os dias, temos contacto, vou sempre falando.

(E9)

passa este, passa aquele, há uma conversa e passa-se assim o tempo.

Mas para a malta nova vai sempre havendo.

é mais fácil as pessoas conviverem umas com as outras?

Penso que sim, é mais fácil

Aqui também há

Mas haver há.

Mas também há.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

- Outras vantagens

(E1)

Haver coisas que haja aqui, e que não haja em Lisboa, não é muito fácil, porque tudo o que há aqui, há em Lisboa. Temos por exemplo os bombeiros, a biblioteca, coisas onde podemos ir, o supermercado, há de tudo, uma variação, dá para a pessoa, por exemplo na minha idade...

Por exemplo, temos a biblioteca, os bombeiros, o cinema que está a ser arranjado, a ser construído

(E10)

agora está tudo para os turistas, os estrangeiros. Não me adaptava.

Hoje com a idade que tenho já não me adaptava.

porque nas nossas terras já há supermercados, há essas coisas todas e nós aqui perto de Évora já há muito disso.

Talvez porque estamos muito perto de Évora, na questão da saúde. Rapidamente temos acesso ao hospital de Évora.

Talvez por estar a 20km da capital de distrito, eu não ache isso.

Outras coisas, é como digo, sempre vai havendo cá, há supermercados pequenos, vão dando resposta quando há uma emergência.

(E12)

É a única coisa. De resto temos tudo.

Tudo aqui. Para nós é muito bom.

(E13)

Não, temos aqui o intermarché ao pé.

(E15)

Temos no distrito o hospital

Não tenho dúvida nenhuma, graças a Deus estamos bem servidos.

É muito mais difícil em todos os aspetos, a gente aqui em Évora é uma facilidade, a gente conhece aquilo tudo.

(E17)

Em tudo, em todos os aspetos, a vida da vila...

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

Se mantiverem ainda estas delegações bancárias, ainda dá para resolver.

(E18)

Questões de saúde, quase todas as aldeias têm ou lar ou centro de dia, há as duas. Quase todas as aldeias têm, se não todas.

Não sei se seria mais fácil, porque nós vivemos muito perto da capital do nosso distrito que é Évora. Como tal, já tem coisas muito razoáveis. Em todos os sentidos, até na saúde.

(E2)

Essa parte de cultivar, se vivesse em Lisboa não podia fazer.

Nada.

É bom porque tenho coisas para me entreter, tenho trabalhos, tenho rendas, tenho malhas, tenho tudo. Se estivesse noutra sítio, ninguém me conhecia, ninguém me mandava fazer nada. Pois não, não fazia nada. Fazia se eu quisesse fazer, mas como tenho sido sempre uma pessoa que tenho feito, gosto de fazer. E aqui tenho sempre. Estou entretida.

Não. Vai-se ao Amanhecer e há de tudo, vai-se ao Ecomarché e há de tudo. Portanto acho que estamos muito bem aqui.

Não, acho que a vila está muito bem arranjada, muito bem situada, em todos os aspetos.

Queremos ir à câmara, vamos, queremos ir à Caixa, vamos, é tudo. O que é que queremos melhor?

de resto há aqui tudo, as finanças, os correios têm uma casa a substituir. Por isso temos tudo.

Não, temos uma florista, temos tudo. Duas floristas, temos tudo com fartura. Havendo dinheiro há de tudo.

(E3)

Também nos meios pequenos não está assim tão fechado, está um bocadinho mais aberto.

Apesar de nos meios grandes também haver, mas é como digo, não se tem tanto acesso a saber-se de tudo porque as pessoas vivem mais naqueles condomínios,

O que há nesses grandes centros também há em pequenas mercearias perto,

Para a minha vida, para o meu dia a dia, tenho aqui o hospital de Évora que é o que preciso agora mais, tenho aqui, vou na camioneta e por enquanto ainda me sei dirigir ao hospital.

Mas Évora também não é muito longe.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

(E4)

Podes também dizer que os bombeiros são muito bons, que já tenho feito tratamentos, fisioterapia várias vezes em Montemor, aqui vou sempre com os bombeiros, eles são muito bons, todos.

(E5)

Aqui é tudo bom.

Não, porque nós aqui estamos ao pé de Évora. No caso de eu querer qualquer coisa...

É. E quando não há, se fosse uma coisa de doença, por acaso nunca utilizei se não para ir com a minha mãe, temos os bombeiros que também é uma coisa boa. Isto como vila estamos aqui...

Mas sim, a nossa vila acho que temos aqui o principal, o que faz falta.

(E8)

Poderá ser menos porque a unidade das pessoas são menos

Mas eu a Évora já não vou assim sozinha.

É possível que sim. A gente que chega aqui...naturalmente é por já ter uma direta muito grande com o lojista, já conhecer.

A gente entrar numa loja em Lisboa, a gente sabe perguntar aquilo que quer, mas não vai ao fundo como se vai aqui a uma loja no nosso meio. É completamente diferente. Eu se for a uma loja a Lisboa, eu sei o que quero, não sei falar espanhol, mas se me responderem com a minha língua é evidente que eu sei pedir o que quero e sei responder o que o senhor me pergunta. Mas em questão de ambiente já me faz muita diferença. Até porque faz sempre diferença. Até o meio como a gente é recebida em certas lojas, faz um bocadinho de diferença aqui da província.

Eu acho que sim.

Mas eu acho assim um bocadinho diferente.

A maneira como recebem.

Nas cidades é

O que é, é que aqui vamos mais fundo porque temos muito conhecimento e muito contacto com a pessoa. Mas de resto mais nada.

(E9)

é uma terra que está sempre em festa

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

Vai havendo, aqui sempre vai havendo alguma coisa. Depois há a festa do tapete, todas essas coisas. Sempre chama aqui muita gente. Cá está, pessoas de fora que vêm.

Temos o Intermarché, uma coisa que ali não falta nada, há o Mini Preço, há mais umas lojas. Acho que não há faltas de nada. Aqui na terra acho que não há faltas de nada.

- Mobilidade

(E1)

Nas vilas vive-se de outra maneira...nas grandes cidades a vida é outra, o trânsito por exemplo.

O trânsito ia ser complicado, mais difícil que aqui.

Sim, muito mais.

o trânsito é logo o primeiro obstáculo

Depois, uma grande cidade é uma grande cidade. Uma terra pequena é tudo mais junto, tudo mais...

Quando precisa de alguma coisa está tudo mais perto?

Tudo mais perto, exatamente.

Só que às vezes ficam mais distantes

Se quisesse alguma coisa tinha que se deslocar mais.

Exatamente

É tudo à mão. É quase sair de casa e ficar ao pé das coisas

Numa terra grande, se calhar tinha que estar mais naqueles sítios, não ia andar numa terra como Lisboa, para trás e para diante.

(E15)

não há congestionamentos, não há coisa nenhuma.

há muito mais movimento, mais congestionamento, trânsito, é diferente.

Muito mais movimento e o trânsito é uma coisa infernal. Em Lisboa então é o fim. Muito pior.

(E16)

Teria que viver na periferia, logo o problema dos transportes, a dificuldade dos transportes. demora do local onde está até ao emprego, 1 hora e meia, 1 hora e três quartos, às vezes duas horas. Tem que apanhar vários transportes, ali de ao pé de Alvalade até Belém, é uma dificuldade tremenda, é para lá e para cá.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

Aqui não, num meio pequeno normalmente toda a gente tem um transporte próprio, se tiver que se deslocar desloca-se no seu transporte, é muito mais fácil, mais sossegado.

(E17)

A confusão das cidades, o grande problema da deslocação, temos estado agora a assistir nestes dias, o problema dos transportes, principalmente atravessar o Tejo para o outro lado de Lisboa. Isso causa um transtorno, que a pessoa tem que se levantar muito cedo e depois chega lá e está ali horas à espera e não tem barco. Hoje é o comboio, amanhã é o barco, no outro dia...enfim.

(E18)

a gente tem que apanhar o elétrico, o autocarro...é diferente

(E2)

É diferente e é tudo perto. Vai-se a pé.

Na cidade se precisasse de alguma coisa, era mais difícil?

Difícil? Eu já não podia ir a lado nenhum, não andava em comboios e coisas dessas. É tudo mais longe, é.

Sim, pois. Queremos ir às finanças, vai-se ali. É tudo perto.

(E20)

Os transportes, é o principal. A pessoa para ir trabalhar tem que se deslocar às vezes vários quilómetros para ir trabalhar. Isso para mim é muito complicado.

estive empregada no centro de saúde 33 anos, era aqui ao pé de casa também. Ficava aqui ao pé, vinha almoçar a casa muitas vezes. A minha filha ia para a escola e a escola não era muito longe, era já lá em cima. Não era muito longe.

Acho que é tudo um bocadinho mais fácil.

Tem tudo mais perto, vinha almoçar a casa.

É.

(E3)

Na minha idade, eu para me deslocar a certos centros comerciais, tenho que ir ou de transportes públicos ou de carro, e no meu caso não tenho carro.

Só que nesses grandes centros, de onde vivemos, temos que nos deslocar um bocado mais.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

Se for aos centros comerciais já temos que ir de carro, não dá para ir a pé. Depende de onde a pessoa more.

Aquilo que preciso está mais perto, aqui estou ao pé de tudo praticamente.

Por exemplo se quisesse ir a um hipermercado, tinha que ir de transportes públicos ou carro, já não podia ir a pé.

e foi difícil porque o acesso não é...é uma estrada nacional, a berma não tem passeio largo, nas cidades anda-se tudo depressa.

Aqui nestes meios pequenos as pessoas não andam com tanta velocidade, nas cidades anda tudo à pressa, uma grande velocidade.

Então e para si e para as pessoas da sua idade é melhor um sítio mais pequeno porque tem tudo perto.

Sim, é a minha opinião.

(E4)

Aqueles engarrafamentos, é complicado

Aqui as pessoas saem e não param. Lá têm que ir sempre a parar, e sinais a acender.

(E5)

ir aqui que tenho ao pé a natação, temos aquele campo logo a seguir para poder fazer esses circuitos

(E7)

Para mim era mais confusão, os transportes e tudo

A gente aqui desloca-se melhor, lá deve ser mais confusão. Para mim pelo menos é.

Sim, e lá penso que não.

Mais próximas, pois. Lá tinha que deslocar mais. Para mim era mais confusão.

- Segurança

(E10)

Talvez para mim o receio. Está completamente diferente, a agressividade, os roubos, a intranquilidade.

Mas quantas vezes. Insegura mas muito mesmo. Segundo aquilo que a gente ouve nas notícias, jornais, é todos os dias crimes. Não me adaptava.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

Era. Não só pela insegurança mas também pela idade. Isso também conta.

Mas não era a mesma coisa. Via passar aquele e o outro e os drogados. Não era a mesma coisa, para mim não. Nada.

(E13)

Nas cidades... não há aqui tantos vigaristas nem nada. Nas cidades a gente não pode andar muito à vontade, há sempre aquela gente que nos quer mal. Aqui estamos melhor na vila. Sinto muito mais seguro aqui na vila do que em Évora. A gente sente-se melhor, mais seguros.

Era diferente, a população é mais, há mais gente, e aqui sinto-me mais seguro em Arraiolos do que em Lisboa.

Isso mesmo.

(E14)

Mais liberto, mais à vontade do que na cidade.

Sente-se mais à vontade aqui?

Sinto.

(E18)

Não há aqueles problemas que ouvimos na televisão e na rádio. Aqui felizmente ainda não aconteceu nada disso.

Sinto mais seguro. As pessoas ainda deixam coisas na rua, esplanadas e isso. E não aconteceu nada.

(E4)

porque às tantas até se torna perigoso, como isto está. Isto está como nunca esteve.

Sinto-me mais segura que em Lisboa, porque em Lisboa eu não conheço as pessoas e às tantas se aparecer uma pessoa para falar comigo, eu se calhar até me assusto. Posso falar alguma coisa, mas se começar a ver que as perguntas são muitas ou isso...

Aqui sente-se mais à vontade para falar com as pessoas.

Pois, porque às vezes a gente não sabe com quem fala.

É mais fácil

Não há assim grandes coisas de roubos e essas coisas.

É uma terra segura.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

Agora em questão da pessoa estar mais segura, talvez mais calma, é melhor estes meios pequenos.

(E5)

A toda a hora estamos ali a ver matou-se um, fez-se assado. E embora o meu filho está no uber, tenho um medo de ele andar de noite.

mas tenho medo das grandes cidades e não só. O que nós estamos habituados a ver é uma loucura.

Não, não me sinto segura em Lisboa. E está provado que a qualquer momento... não me sinto segura em Lisboa. Nem em Lisboa nem noutros lados, que menos fui.

Tenho receio

E é isso que aqui temos essa hipótese, a pessoa anda à vontade, não há ninguém aqui...

(E6)

Até as crianças andam à vontade, mesmo do jardim escola saem, andam na brincadeira. Não é mau.

Andam mais à vontade, sim, sim, muito mais à vontade.

(E8)

Mas com mais frequência nos meios maiores do que nos pequenos, não é verdade?

Eu se lá fosse agora para Lisboa, o que é que era a minha vida? Aqui no nosso meio ainda saio, vou lá abaixo. Se me pusessem em Lisboa era uma parvinha. Tinha mesmo medo de sair.

Eu tinha.

Sinto mais segura.

1.4) Vantagens dos centros urbanos

- Participação social: atividades mais variadas

(E1)

Talvez aí, derivado à extensão, a população muito maior, as pessoas saem muito mais. mas penso que sim, que saem.

Mas há mais variedade.

Sim, mas penso que sim. Já tenho estado com grupos de Lisboa e aparecem... já tenho visto gente da 3ª idade como eu.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

(E10)

Na cidade é capaz de participarem mais. Aqui fica tudo “ai o que vão dizer de eu ir aqui ou ir ali”. Nesse aspeto acho que nas cidades participam mais.

Sim. E depois têm as universidades da terceira idade, depois têm as associações, ainda vão fazer certos trabalhos.

Antigamente lá na associação, as senhoras iam e tudo fazia a malha, a renda...chegava a esta altura, os trabalhos para a semana do tapete, todos os anos se faz, lá na associação dos reformados elas só querem jogar às cartas. Só quem tem trabalhado sou eu e a Eduarda. Mais ninguém, uma dói-lhe as costas, outra dói-lhe assim. Já não querem. E ali é a mesma coisa. Ali trabalha a Ana Rosa e a D. Benvinda e pronto. Não fazem mais nada, estão ali um dia inteiro.

Lá nas cidades têm mais associações, mais atividades, outras atividades que aqui não há.

(E11)

Eu acho que devia haver mais gente, mais populares, para a gente ficar mais informados.

Vão para o jardim jogar às cartas. Convivem uns com os outros, nos jardins, isso é que é mais convivência.

Convivem assim nos jardins

Isso vão, vão aos jardins jogar às cartas e conversam. E vão passando a vida assim.

(E14)

Eu acho que é nas cidades.

Saem mais de casa do que aqui?

Eu acho que sim.

Participam um bocadinho mas não é tanto como nas cidades.

Mas aqui já vai havendo atividade?

Já, já. Mas nos meios maiores há mais.

(E15)

As atividades aqui, quais são as atividades que há? Não há muita coisa. Podia haver mais.

(E16)

grupos de bairro também, ali em Évora por exemplo sei que há grupos de cantares dos bairros, há grupos tipo folclore.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

(E19)

Acho que o convívio nestas vilas é muito pouco também, apesar de a gente se conhecer, é diferente também.

começa-se uma coisa, quando aquilo começa... Quando abriram as piscinas, as vagas não davam para as pessoas irem para a natação. Não dava para andar tanta gente. Quem é que lá vai agora

Mas hoje não vai ninguém.

Acha que as pessoas vão deixando de participar?

Sim, si

O centro dos reformados, aquilo no princípio eramos todos os dias 15, 14, conforme. Uma bordava, outra pregava, coisas que a gente fazia para dar. Hoje umas morreram, outras foram para o lar, outras estão doentes, outras já não podem.

As outras já ninguém faz nada.

Vão deixando de ir, as coisas vão acabando.

Sim, é verdade.

Acha que as pessoas já não estão tão interessadas, vão deixando de aparecer.

Vão deixando.

Já me disse das atividades, que as pessoas vão deixando de aparecer.

Sim, sim.

Não, em Évora já se sai muito. É uma cidade. Lisboa já é diferente. Se for em Évora ou Montemor.

(E2)

A minha cunhada mora em Évora, também vão ao café, é ali perto, também têm muitas atividades, muito melhores do que cá. É melhor que cá, têm almoços, têm muitas coisas. Aqui têm menos, é mais pobre.

Sim, em Évora têm mais, vão passear. Aqui também fazem uma excursão ou duas, mas lá fazem mais. Vão a Fátima de vez em quando, depois têm aquela coisa dos meninos, têm mais atividades.

(E20)

Olhe participar, participam. Mas um caso que lhe vou contar agora que este ano aconteceu. Quando é nas inscrições, as pessoas inscrevem-se 30, 40, 50. Quando é para as coisas aparecerem só aparecem meia dúzia.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

Quando aquilo começou aquela sala era cheia, está a terminar e vamos 7, 8 ou 9. A maior parte não vai, porquê? Se as pessoas quando se inscrevem devem pensar que é para ir, não é para deixarem no meio. Na hidroginástica é a mesma coisa.

Começam e acabam por deixar de ir.

É, é.

Quando é esta altura, que é quase o final, as pessoas quase não vão. Isso é que eu acho mal, não concordo.

E acha que nos meios maiores, as pessoas se interessam mais?

Acho que sim

Acho que sim, por exemplo, o caso do Plaza, lá em cima, as pessoas lá no ginásio, aquilo é um disparate de gente lá. Gente nova, mas de qualquer das maneiras, aquilo é tanta gente, tanta gente. Vejo sair de lá, entrar para lá. É muito concorrido, realmente é muito concorrido. E como é lá, é noutros sítios. Acho que nesse aspeto as pessoas saem mais.

Sim, sim.

É a parte mais negativa daqui, as pessoas não se interessarem tanto pelas coisas.

É, precisamente.

(E3)

Nas grandes cidades então saem muito. Acho que saem mais do que aqui.

Nas cidades saem até mais velhas do que eu, sai tudo.

Foram mais habituadas. Aqui agora já há o hábito da pessoa ir ao café e aquelas pessoas das cidades começaram logo mais cedo a ter esse hábito, de saírem mais cedo, irem passear, isso tudo. Aqui agora está mais aberto, mas lá elas abriram-se mais cedo, começaram a ter esses hábitos muito mais cedo.

(E4)

Lá é mais. Aqui até tenho impressão que não há assim nada de ginástica ou há? Acho que não. Acho que não há. Pode haver é ali as piscinas ou isso. Ginásio, essas coisas, se há não sei. Há mais condições, porque eu vejo lá os meus netos, de vez em quando vão e aqui a filha nunca vai, se calhar é porque não há.

(E6)

Aquelas famílias já sem serem novas, a fazerem ginástica, dança, cantares. Isso há mais do que aqui, mas aqui também há.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

Mas acha que lá há mais coisas para fazer?

Há, pois há. Isso é diferente.

Isto é um meio pequeno, não há muita coisa.

Não há tanta coisa para fazer.

Pois não.

(E8)

Isso também haja mais, lá. Por exemplo, as atividades que se veem, eu acho que aqui já há uma diferença. Ou aqui também há atividades que não mantêm.

Pois, aqui as atividades duram pouco, não sei se é as pessoas que deixam de ir, se é o ambiente.

Não estou dentro delas, mas acho que pelo menos na província aqui, não há uma coisa que se mantenha, que vibre, que vá para o ar. Que continue

Sim, não digo tudo. Mas em questão de atividades eu acho

Eu tenho. Tenho impressão que mantêm mais.

Mas pessoas aqui criadas que não reagem como a sua tia lá criou aquela amizade. Acho que aqui as coisas duram pouco

Não se mantêm. Então isto da igreja, há quantos anos saía dali aquele grupo de crianças? Já não é. Desaparece.

Já deixou de haver, este ano já não vão.

Exatamente. Eu em questão de atividades, acho que a gente aqui não.

Mas acho que duram pouco. Até esses grupos que se viam, está partido.

Foram acabando.

Eu acho.

(E9)

Às vezes havia de haver, para pessoas com uma certa idade, havia de haver uma certa distração, um lugar para as pessoas irem e se distraírem. Que chamasse pessoas, para se juntarem. Acho que aqui havia de haver e não há.

As pessoas de mais idade, haver mais conversa.

Se houvesse aqui uma coisa mais...atividade.

Pois, uma distração, onde as pessoas se juntassem mais. Colaborassem umas com as outras.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

Os meios grandes são maiores, há sempre mais aquela coisa. E às vezes como aquele vai, eu também vou, às vezes um vai e o outro vão. Vão chamando uns aos outros. E aqui não, aqui há pessoas que vão, outras que não vão.

- Cuidados de saúde: maior especialização

(E1)

Por vezes é um bocadinho difícil, tratamento, ir buscar medicamentos, receitas,

Para fazer um tratamento se calhar tinha que ir para outra terra.

E depois se aparecer alguma coisa, mais complicadas...

Já era mais difícil.

(E11)

Acho que em Lisboa era mais fácil, havia mais hospitais

Lá há mais sítios para ir?

Pois há. Eu estive lá conforme disse, fiz lá a operação. Mas trataram-me lá muito bem.

(E12)

é num meio diferente e ela resolve-se melhor. Vai fazer ginástica, aquilo que é preciso.

Num meio maior acha que se resolve melhor?

Acho que sim. Tem mais facilidade.

(E14)

É mais fácil na cidade. Às vezes até mandam ir para lá.

Para o hospital, quando é alguma coisa mais complicada mandam para Évora.

Acho que era mais fácil.

Então abalam daqui para lá.

Há mais coisas lá para resolver?

Eu acho.

(E16)

Preciso de ir à cidade ao médico. Tenho que ir a Évora ou Lisboa, aos meus médicos.

Eu se preciso de ir ao médico vou a Lisboa, ou vou aos convencionados aqui em Évora

Mandam a gente sempre para Lisboa.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

Era a mesma facilidade, porque lá escusava de me deslocar a Lisboa, já lá estava. Aqui tenho que me deslocar a Lisboa ou a Évora, porque aqui só centro de saúde. Aqui já nem há hospital, só centro de saúde.

Era pela questão de ter os especialistas mais concentrados na cidade, que aqui não há.

Aqui não há, tenho que me deslocar onde eles estão, Lisboa. Se lá estivesse, estava em Lisboa, mais perto, só isso.

(E18)

questões de saúde precisa de ir a Évora?

Preciso pois.

Se fosse em Lisboa por exemplo, há dezenas de hospitais, ainda bem que existem.

Em questões de saúde talvez, porque os grandes especialistas preferem Lisboa, Porto e Coimbra. Como nós sabemos, isto é histórico, não é novidade.

Estão mais concentrados lá.

Mais concentrados.

Ou vais ao privado ou não tens direito. É tanto tempo que as pessoas vão-se esquecendo e os problemas vão-se agravando. A pessoa precisa e não tem. Se não tiver dinheiro para ir ao privado, mais complicado se torna as coisas.

Numa grande cidade acaba por ser mais fácil, é?

Eu acho que sim.

(E3)

Não há aqui neste meio. Por exemplo, vou a uma consulta de cardiologia, vou ao hospital de Évora, não há aqui. Este meio pequeno é o que tem, temos que ir à cidade.

Mas aqui às vezes o que pode fazer falta são essas consultas.

É, na minha idade é o que me faz mais falta.

O que me faz mais falta é as consultas, porque estou sozinha, tenho que abalar daqui sozinha, tenho que ir à consulta sozinha,

É o que é mais difícil, não há consultas assim

(E4)

E os médicos na maior parte das vezes já nem para a gente olham. Este agora nem auscultou. Sim, no centro de saúde

Até me disse se tiver a tensão assim não vou ao centro de saúde, vou logo a Évora.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

Sim, quando é alguma coisa complicada é só em Évora.

Se calhar até mais médicos, se for preciso os hospitais têm lá outras condições, que aqui não há. Se possível for, a pessoa pode lhe dar qualquer coisa de coração, correm logo. E se for aqui, a pessoa nem se chega a safar.

Aqui demoram mais?

Pois, a chamar bombeiros.

É muito complicado, demoram mais tempo. Tiveram que telefonar para outros lados.

(E5)

Nesses casos que tinham que ir era porque esse tipo de tratamentos que precisava...

Aqui não.

Ali não faltava nada, lógico. Estava uma capela, um restaurante, eu estava lá com a minha mãe. Depois ela foi operada e veio melhor

Acha que há mais condições do que nos meios pequenos?

Claro.

Há mais especialistas?

Claro, isso toda a gente sabe. Lisboa é Lisboa.

Agora este guarda redes o Casillas, do Porto, teve um enfarte na altura que tinha estado a treinar, ele se não estivesse naquele local, viram logo o que se estava a passar, para poderem logo atender, seguirem logo para o local exato. Porque noutra sítio qualquer, ele poderia salvar-se mas ficaria com mazelas. Tanto nos salvamos assim, é preciso é haver sorte. Mas nos meios maiores é lógico que têm outras condições.

(E6)

Não sei, aqui quando não sabem ou não querem, mandam para Évora.

a minha médica não tinha vagar. Fui à outra e mandou-me logo para Évora.

Não são capazes de resolver, não querem. Têm que mandar para outro sítio.

Nestes meios é difícil ter essas coisas, é?

É. Arranja-se só que é tudo a pagar, nem toda a gente pode.

E nas cidades acha que é mais fácil?

Para isso é. Ah pois é.

É, está tudo mais ao jeito. Aqui não há. Há mas é tudo a pagar.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

(E7)

Pois isso na cidade é capaz de haver mais opções. Aqui é diferente, só há aqui o centro de saúde.

Na cidade há mais opções.

Pois, é isso.

Sim, penso que lá há mais opções do que aqui. Aqui é sempre o mesmo.

(E8)

De ortopedia. E ele disse-me logo, abriu-me logo caminho na primeira consulta que fui. Isto é a diferença que a Lúcia quer.

Em Évora, na cidade.

Acha que foi mais fácil do que aqui?

Foi. Abriu-me logo caminhos.

cá está, em Évora resolveram-me.

Aqui esta senhora não me resolveu nada.

Foi completamente diferente. Bem recebida, tudo a pagar.

Por isso está a ver, já há diferenças que encontrei. Ando aqui à uma porção de anos e esta senhora...

Não lhe resolveram.

Eu só resolvi a minha vida quando comecei a puxar pelo dinheiro, porque esta senhora aqui...

(E9)

Nós aqui de hospital, não temos.

Podem não ser bons médicos ou deixar adiantar, como se ouve falar, fulano deixou adiantar uma doença a fulana, isso quer dizer...eles é que deviam dar andamento. Se não tinham capacidade, mandavam para outro lado.

Penso que sim, porque há muitos hospitais, há muitos centros de saúde, há muitas clínicas particulares para quem tenha dinheiro. Há outras coisas que não há aqui. Aqui há uma clínica mas é totalmente diferente.

Havia mais sítios, com certeza. Totalmente diferente daqui

Quando eles veem que não, mandam para Évora. Quando é casos de uma pessoa que tem que ser operada, aqui não fazem nada disso, tem que ser já em Évora.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

- Recursos financeiros: produtos mais baratos

(E20)

A gente vai a Lisboa e encontra coisas mais baratas, roupas

Sim, sim. Há coisas mais baratas. Ainda no outro dia fui com a minha filha ao fórum de

Almada, ela comprou roupa para os miúdos baratíssima, coisas baratas

Compensa, compensa

(E3)

só que as coisas são mais caras.

Tem ideia que é mais caro?

Tenho, do que nesses grandes centros.

Já houve, em tempos diz que a vida nas grandes cidades era mais barata, mas agora...por exemplo as casas eram as rendas mais baratas,

(E4)

Não sei, há coisas que se compram lá mais baratas do que cá. Ainda ontem fomos ao supermercado, as coisas lá são mais baratas do que aqui.

Em Lisboa, as coisas são mais baratas do que aqui. Já tenho visto, olha que as coisas aqui são mais baratas do que lá.

Sim, será por isso também que elas às tantas podem viver melhor, porque se fosse a ganhar o mesmo e pagar o mesmo que a gente aqui paga, não conseguiam. E pessoas que tenham carros.

(E5)

Também há coisas lá mais baratas, estamos num mundo em que os chineses invadiram isto tudo e a pessoa pode vestir-se bem ou mal

(E6)

É tudo a pagar, as reformas são pequenas, como é que se consegue?

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

2) Instituições e serviços de apoio aos idosos

2.1) Instituições e serviços em Arraiolos

(E1)

Temos o lar.

Há o lar, as pessoas estão lá permanentes, outras estão só de dia e vêm para casa à noite. Há aqui os serviços continuados, do centro de saúde. A Misericórdia, andam umas carrinhas a ajudar,

Pois. E dentro do concelho acho que há três ou quatro lares, ou cinco. Na Igrejinha, Vimieiro, Santana, Sabugueiro, enfim.

E aqueles serviços continuados do centro de saúde, o que é que tem ouvido?

Não tenho ouvido dizer muito, eu vejo passar as carrinhas, não sei se vão às aldeias ou se é só cá.

Não é esses serviços que falei há bocado, chamei-lhe serviços continuados e não sei se será isso, que vêm do centro de saúde.

(E10)

Já me falou dos reformados e do centro de dia.

Só. Centro e lar. Mas eu ainda estou só em centro de dia.

Não. A câmara dá um passeio a cada associação por ano, irem a Fátima ou aqui. Mais apoios não dou por isso.

(E12)

A minha irmã também tem o apoio da Santa Casa da Misericórdia

A enfermeira. Tem também o lar.

(E13)

Há cá um lar.

Eu como da Misericórdia

(E14)

tenho a assistência que traz as coisas

Já me disse que tem a Misericórdia, e mais?

Só está além o lar.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

(E15)

Aqui também temos o lar

O lar é uma das coisas boas que temos.

A Misericórdia tem o apoio domiciliário, vê-se aí uma carrinha da Misericórdia, vão a certas casas.

(E16)

Na parte cultural e desportiva, a câmara. Se não for a câmara mais ninguém dá apoio. Poderá haverá os voluntários mas sempre promovido pela câmara.

Só a câmara é que tem promovido isso.

A Santa Casa da Misericórdia de Arraiolos apoia

Apoia dentro do possível e com patrocínio da Segurança Social,

Em relação aos lares, temos aqui o lar

Sei que temos aqui o lar

sei que existe esse apoio domiciliário e lá na Santa Casa da Misericórdia a gente sabe que anda aí o apoio domiciliário e que auxiliam as pessoas. A pessoa paga em função dos seus rendimentos em parceria com a Segurança Social.

(E17)

Penso que também estamos bem servidos com a Misericórdia

(E18)

Pois nas aldeias se não é lar, é centro de dia.

O apoio domiciliário.

Conheço, conheço. É uma parte positiva.

(E19)

Os apoios aqui na vila, há o centro de dia e o lar

Sim, sei, elas vieram cá 2 anos.

(E2)

É a Misericórdia.

E sem ser a Misericórdia, há mais algumas ajudas?

Acho que não há.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

Tem o lar, centro de dia. Tem que estar lá uns dois anos, ao fim de dois anos é que poderá ter para dormir.

(E20)

Conheço a parte da Misericórdia,

(E3)

E aqui também há, há o centro de dia, os cuidados de apoio, não é bem esse o termo, não é continuados, é de enfermagem, ao domicílio.

Há a Misericórdia e há o centro de saúde da Segurança Social.

Sim, há o centro de dia e o lar.

Há a Misericórdia com apoio ao domicílio e há enfermagem ao domicílio.

Que é o tal do centro de saúde?

Sim, é o que sei que há.

E é do centro de saúde. Deve ser essa enfermagem ao domicílio.

É outro tipo de apoio que a Misericórdia coisas de enfermagem não tem.

(E4)

A Misericórdia

Há bocadinho falou do lar.

Há o centro de dia, se calhar se eu quiser para lá ir, posso ir. Não sei se se paga alguma coisa, se não paga, mas deve-se pagar.

Talvez isto te sirva, aqui o vizinho que está aqui em casa, vêm aqui os enfermeiros, ainda hoje aqui estiveram, do centro de saúde.

(E5)

Sim, há o centro de dia, a Misericórdia

Aqui há este lar...

Aqui temos aqui ao pé dois, temos um na Graça, temos outro aqui em Santana, no Sabugueiro também penso que há outro, nestas aldeias têm-se feito...em Montemor então há mais.

(E6)

Conhece o centro de dia, está lá.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

De dia estou lá. Mas quando o meu marido esteve doente veio aqui muito a Misericórdia
Vinha aqui a médica, as enfermeiras, era 3 vezes por semana, a enfermeira chefe e tudo.

(E7)

Não há assim grande coisa, há o lar, é só o que conheço. E algumas atividades da câmara e assim.

Aqui penso que não há mais nada, não estou a ver.

Sim, da Misericórdia, dão apoio a casa.

(E8)

Mas sabe que há o lar.

Claro, tenho conhecimento disso.

Há esse serviço domiciliário em casa

Sei que vai a Misericórdia

(E9)

De apoio aos idosos só o lar. Está além aquele lar e há lares nas aldeias, sempre dão apoio aos idosos,

Sim, sei, a Misericórdia. Pois, têm também isso.

2.2) Considerações gerais

(E1)

É o que tenho conhecido porque felizmente ainda não cheguei lá.

Agora é que eu não sei, felizmente ainda lá não estive, não sei se um dia estarei

Mas também não sei como é que é a vida dentro do lar.

Sim, não sei se será bem...acho que é muito mais fácil, por aquilo que tenho ouvido, arranjar...

Agora é que não sei dizer, o que é pior.

Não, não ouvi nada de especial.

Eu não sei, nunca fui muito de ir para um lar, mas se algum dia for obrigado, tenho que ir.

Pela minha vontade, quando chegasse a altura, o melhor era ir para outro lado. Mas não é com medo do lar, parece que nunca tive grande coisa de ir para o lar.

Não tenho ouvido dizer mal.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

Agora uma pessoa que não está metido nisso como eu, não sabe o que se passa, na parte de dentro da casa. Mas que tenha ouvido dizer mal, não.

Eu como não sei muito bem o que vão lá fazer. Eu sei que vejo levar comida, e tratar das pessoas. Agora o que se passa não sei dizer.

É.

No meu caso prefiro estar em casa do que no lar. Há outras pessoas que eu já tenho ouvido que logo cedo, antes de chegar à terceira idade ou aos 65 anos, pensam que um dia gostavam de estar num lar. A minha mulher era uma pessoa dessas, disse-me várias vezes que gostava de estar num lar, mas não chegou lá. E outras pessoas se calhar até gostam e outras não gostam, estão lá mas não é por querer ou porque estejam a gostar, é porque precisam.

Não conheço a vida no lar, mas provavelmente as pessoas gostam daquilo e eu se calhar sucederia o mesmo. Naquela altura quando a gente não pode, é preciso as coisas correrem muito mal para não gostar.

Aquilo que me perguntou...eu sou uma pessoa que sabe pouco, sou uma pessoa muito fechada, a minha vida é campo. Às vezes ouve-se o lar em tal sítio é muito bom, o outro não é tanto assim, o outro é melhor.

Não tenho ouvido dizer mal. Talvez as pessoas que lá estejam já achem que algumas coisas deviam ser mais assim ou de outra maneira, ou falta aquilo. Mas eu estou um bocadinho à margem disso, se lá estivesse seria uma pergunta bem feita.

(E10)

Há umas piores que outras como é evidente. E depois às vezes afirmam aquilo que não sabem. Isso até na nossa casa. Mas nós na nossa casa escolhemos à nossa vontade aquilo que vamos fazer.

É. Eu tomei esta decisão. Há um ano tive um problema de saúde, tenho uma arritmia e surgiu-me o problema da tiroide como te disse e da diabetes. E eu estive 4 dias no hospital e quando vim, vinha sem forças nenhuma. Subia as escadas de gatas, cansada. Até começar a fazer tratamento do médico de família. E comecei a pensar que daqui a nada não sou capaz de me mexer e o meu marido não é daqueles homens, como há muitos, que têm muito jeito para cozinhar. Ele nunca, talvez culpa minha, nunca o habituei. E então cansava-me de estar ali na bancada a fazer o almoço. E digo para o meu marido “e se a gente fosse comer ao lar?”.

“Também já tinha pensado nisso mas não te queria dizer”. Então vá. Fui falar com as pessoas E acho que tomámos a decisão certa. Isto também conta para se amanhã precisar de lá ficar, eu ou meu marido, conta o tempo. Agora há lá um lugar, nem sei quem vai.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

Eu trabalhei num lar 10 anos no Redondo.

Aquele lar era melhor que este num aspeto, tinham mais, o funcionamento era um bocado diferente.

E há pessoas que também não se pode deixar fazer tudo aquilo que elas querem.

Menos bom, não sei.

Olha eu quando estive lá em Lisboa foi para tirar o curso de encarregada geral de lar. E então fazíamos estágios em vários lares de Lisboa.

Visitámos vários, uns melhores que outros

Mas acho que foram chamadas à atenção, não sei se foi já por este senhor padre, deve ter sido.

Hoje estão completamente diferentes, eram duas que eu sabia, ainda lá trabalham.

Não estou muito a par. Sei que existe mas não estou muito a par.

Não faço ideia.

Mas a gente chega a uma situação que às vezes tem mesmo que ser. Eu de um momento para o outro, posso não ter lugar ali ou o meu marido precisar de estar acamado, terei que ficar aqui. Terei que me sujeitar

mas como te disse, não estou a par, felizmente, desse serviço.

Agora se é bem, se é mal, se queixam, se não queixam, não sei.

Não, não. Escolhi o centro de dia porque a gente está aqui. E não precisamos ainda de higiene...

Não. A hipótese nem se pôs. Foi logo para ali. Janta-se às 17h30, tem que ser cedo por causa do transporte. Para os que vão para casa. Vamos às 12h, almoça-se às 12h30.

E agora vamos às 17h, janta-se às 17h30. Como a gente se lava, tanto eu como o meu marido...

Não posso estar a dizer que vou para aqui ou para ali, porque a vida dá tantas voltas...

Mas hoje já não.

Não. Para mim já não é prioridade.

E tu já deves ter ouvido nestas entrevistas, provavelmente já se queixaram disso. Há muito abandono dos filhos aos pais que estão nos lares. Mas isso é antigo, quando eu estive no Redondo já era assim.

(E11)

Há uma coisa que não gosto e amanhã ou noutro dia estou sujeito, em ir para um lar. A mim faz-me uma grande confusão e uma grande tristeza.

Não, não. Enquanto eu puder, não vou. Morro logo com o desgosto.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

Para mim não. Os lares só são bons para aqueles que lá mandam, não é para os velhos.

Não.

Não. Quem para lá vai, não é bem. Não gosto do lar, nada, nada. Nem é isso, nem aquilo, não gosto.

Ir aqui e ali, está bem.

Era um desgosto grande para mim. Não me sentia melhor nem pior, era um desgosto. Gosto mais de andar assim, conversar com este e com o outro. Lá não me sentia bem. Enquanto eu cá estiver quero ver se vou vivendo assim.

Gostava.

Gostava. Virem trazer a comida a casa, isso gostava.

Para mim era bom. Mas como estou ali com a minha filha...

A gente não sabe o dia de amanhã, não sei o que me há-de acontecer. Olhe nunca pensei de ficar viúvo mas tenho que me limitar a isso. E amanhã ou noutro dia se tiver que ir para o lar, levem-me ali para S. Francisco (cemitério). Em me tirando da minha casa, podem levar-me para S. Francisco, para o desgosto não ser tão grande.

Não há nada no lar que gostasse?

Nada, nada.

(E12)

E eu peço a nosso senhor que nos tenha enquanto podermos olhar por nós, eu e a minha irmã.

Quando for partir, seja deitar e não levantar. Não desejava ir para lares.

Não, porque a minha irmã já esteve num lar e ela passou lá mal.

Não correu bem?

Não.

Eu não, não gosto do lar.

Não, para mim não. Também já tenho ouvido várias opiniões de pessoas que não se adaptam a isso.

Sei que não ia. Não é porque já la estivesse, mas estive a minha irmã, eu ia lá visitar a minha irmã

nem adaptava nem gostava de ir para um lar.

Não há nada como o cantinho da nossa casa. Já tenho ouvido mais pessoas com a mesma opinião.

Não me adaptava, deus queira que não precise de ir, nem eu nem a minha irmã. Enquanto eu estiver viva e que possa, a minha irmã não vai.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

se é ao sábado e ao domingo ou feriados vêm às 19h. É um bocadinho melhor porque agora às 17h é muito cedo. Já falei nisso mas não consegui. A doutora disto não aceita, não quer. Diz que não pode ser, tem pouca gente a trabalhar e não pode ser

Isso não podia. De manhã ajudo a minha irmã a levantar-se, com muita dificuldade. Ela senta-se aqui, depois está aqui até à hora que elas vêm, 10h, 9h30.

Depois estamos aqui durante o dia, até às 17h que vêm deitá-la.

De resto, estou contente. Estou sim senhora.

Eu não. Nunca lá estive mas vi pela minha irmã. Lar não, nem pensar.

Prefere ficar aqui.

Quantas vezes.

Foi.

Não, não. Foi logo para virem cá.

Pois, sim senhora.

(E13)

pago bem, pago 200€ por mês. Eu mais a minha mulher.
mas pagamos tudo.

Aqui ainda é muito menos, pagamos 100€ cada um.

Pois.

não sei se é.

Não sei se somos, ainda lá não estive.

Enquanto puder cá estou, não vou para o lar.

Em não podendo, que remédio temos...

Não sei, ainda nunca lá estive.

Mas há lares bons, há outros que não prestam

Isso mesmo.

Fazer comida, a minha mulher também não pode, depois comecei eu a fazê-la e achei por bem vir cá a Misericórdia.

Não.

Nada.

(E14)

Que eu saiba, não sei mais nada.

É quase o mesmo.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

Não, para mim não.

Estou.

mas não é todos. O lar da Ponte, estive lá a minha mãe

Por isso eu digo, quando me levem, não me levem para o lar da Ponte. Fiquei com números e não esqueço.

Em a gente não podendo, eu acho que sim.

Não, eu até queria ir antes mas ele não quer.

Gostava de ir mais cedo. Porque a gente já estamos velhos, um dia dá uma paupéria qualquer e depois custo a arranjar o lar.

Não há diferença para mim.

É só isso.

Não porque eu não vejo bem. Se não gostava. Mas assim não.

Agora eu fazer não. Já lá vai o tempo.

(E15)

Há pessoas que não entendem isso, nós por acaso entendemos, gostamos dos lares embora haja muita gente que não entenda assim. Eu e a minha mulher entendemos que deve ser assim.

Não ando lá a bisbilhotar. Na minha ideia penso que é.

Isso não posso estar a dizer, não tenho conhecimento.

Penso que não.

Não faço ideia, só quando passar pelas coisas.

Não há razão para dizermos isto ou aquilo, não há razão.

Ali há uma mulher, a mãe do Ernesto, acho que está a ser ajudada.

Teria que recorrer a ele e penso que me auxiliavam.

Não.

Foi pela falta de saúde.

Isso não é fácil, por exemplo se me dessem possibilidade de ficar neste, não me importava de estar neste aqui. Pelo menos estamos aqui ao pé de casa.

Isso não.

De resto...

Com certeza.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

(E16)

eu sinceramente não conheço.

mas eu tenho a minha mãe num lar, que está na Igrejinha e esteve no Solar dos Avós muitos anos, 7 ou 8 anos lá.

São poucos ou nenhuns

Antigamente era diferente, toda a gente tinha os pais em casa e os filhos em casa, agora não, os filhos são pequenos é creche e os outros são velhos, lar. Mas ali aquele lar... como tudo na vida, há uns melhores. Eu não tenho razão de queixa daquele lar da Igrejinha mas quem lá está é que sabe, porque eu vou lá 2 ou 3 vezes na semana, estou lá 1 hora ou 2, aquilo é tudo uma maravilha. E ela diz “é bom? Então vem para cá”.

É conforme o estado da pessoa

ela agora está numa cadeira de rodas mas ainda se move, mas têm medo que ela caia, então não querem deixá-la sozinha. Comprei-lhe um andarilho e tudo, ela anda com o andarilho, mas quando se levanta pode cair, tem que fazer esse movimento acompanhada.

“Oh mãe, mas não tem condições para estar lá sozinha”. Mesmo que arranjasse para lá uma pessoa, aquilo tem uma escadaria, nunca mais de lá saía.

E cá em casa... eu tenho uma cunhada que tem 80, está ali no lar, até as pilhas que era para pôr nos ouvidos, ela tomava aquilo como um comprimido. Mesmo que uma pessoa estivesse ali em casa...

Os miúdos também não gostam e vão logo pequeninos para a creche, é assim a vida. Não há nada que reverta esta situação.

Se ainda pudesse fazer uma renda, podia fazer. Mas aquelas que ainda estão em condições, não estão em lar, estão em centro de dia ou em casa. Aquelas que estão no lar, com uma certa idade...

Mas não estava... ainda se tivesse faculdades para poder trabalhar, muito bem, agora assim...

Não sei se você conhece, foi para lá uma senhora que era viúva do Pereira, morava ali no bairro. Uma mulher nova.

Ao quarto para as nove, passava todos os dias e ia para a pastelaria, falava com esta, com aquela. Agora foi para lá. Mas já há muito tempo que o filho a tinha inscrito lá. Eu acho que a senhora não tinha necessidade nenhuma de ir para lá.

aquilo é assim, uma zona da casa é do centro de dia, são todos os que vão e vêm. Os outros são os que já estão mesmo em lar, ficam lá, esses praticamente já estão noutra grupo.

A minha mãe estava num lar, no Solar dos Avós no Vimieiro, um lar muito bom, o máximo eram 12 pessoas, mas chegou uma altura que estavam lá 7 ou 8

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

só ela é que estava lúcida. O resto era tudo Alzheimer, o marido que já morreu há não sei quantos anos, “já não tenho com quem falar”.

Ainda hoje, “já não tenho com quem falar”. Depois era só conversas dos mortos e o marido que já tinha morrido.

O apoio domiciliário não conheço, ainda não fui apoiado, nem ninguém na família, é o da Santa Casa da Misericórdia. Para as pessoas necessitadas, porque hoje em dia, eles preferem...eles o governo, preferem que a pessoa esteja em casa com uma pessoa a tratar delas do que irem para um lar.

O que é bom é a gente não precisar dele.

Eu vejo ali a Maria Olívia, do Lopes, vai o apoio domiciliário. Ele trata dela, ela está acamada, não se pode mexer praticamente. Ele teve um avc, anda aí com dificuldade em andar mas é quem trata dela. É esquisito,

Não sei porque não tenho ninguém na família,

São coisas um bocado diferentes,

Que eu conheça não. É como em tudo, há coisas boas, menos boas, umas encaixa-se melhor, outras custa a encaixar. Depende da pessoa, da maneira de ser da pessoa

Se tudo o que lhe fazem, não fazem bem feito, pior ainda o resultado.

sinceramente não sei o que é.

O lar ideal...

Se tivesse que ir para o lar, com esta idade, não me sentia lá bem, mas não me sentia mal.

Mas só em extremos é que ia agora para um lar. Não quer dizer que não vá amanhã, nunca se sabe.

que à partida...que eu saiba não consta nada em contrário.

Não me estou a ver ainda numa situação dessas mas de qualquer maneira não digo desta água não beberei.

(E17)

foi o que aconteceu com a minha sogra e aconteceu com a sua avó

Também só conheço aquele onde lá os nossos familiares.

felizmente ainda nunca lá entrei e peço que não precise de ir para lá, porque não sei a vida amanhã, mas se não precisar de ir para lá é bom.

Para mim era.

Se não houver outra solução...

Que é o caso daquele que a gente conhece de Pavia

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

Ainda agora, estive lá na 2ª feira e houve uma auxiliar, uma funcionária que nos disse
Eu vejo por aqueles que lá estão, que são os acompanhantes dos nossos familiares, está tudo
já

Por isso é que digo que se não tiver outra solução terei que ir, mas é a última.

Agora tudo depende das condições físicas da pessoa.

se for necessário, se não tiver condições para estar em casa sozinho, terei que ir para um lar.

Penso que a gente quando vai para um lar, as preocupações são todas e não são nenhuma.

Por mim penso, penso que o lar, quando se para lá vai, a pessoa já não está em condições
físicas de dar valor a isto ou àquilo. É o que eu vejo.

(E18)

Não vejo grande coisa. Sinceramente não estou a vislumbrar grande coisa.

Eu estou a pensar que tenho que ir para um daqui a uns anos.

E eu mesmo que vá para um lar, as filhas têm cada uma os seus empregos e bem, não vão
deixar o emprego para tratar dos pais. Isso é lógico, têm a vida própria.

Agora vou falar na minha mãe. A minha mãe foi sempre uma pessoa ativa, gostava muito de
andar. Vinha visitar os filhos, bebia o seu chá.

Mas pronto cá está a história dos filhos.

Não podem ficar e ela teve que ir. Mas a minha mãe morreu com 96 anos e tinha ainda muita
saúde. Foi para lá com 91 e nesses anos foi-se degradando.

Depois deixou de comer e foi o fim dela. Há pessoas que sentem e outras que aceitam as
coisas de outra maneira. Mas ela tinha aquele sentimento com ela.

E aqui talvez com o apoio do governo...

E arranjava mais postos de trabalho. As coisas vão morrendo. Mas é uma coisa que até já
tenho comentado, não há resposta. Por enquanto ainda não há resposta mas gostava que isso
existisse. Há aqui pessoas que já chegaram a ir...como é que se chama aquela terra que tem o
castelo, agora não me lembro. Mas muito longe daqui.

Depois tiveram que regressar porque não se adaptaram àquilo. São problemas que ficam
adiados.

(E19)

Eu conheço pessoas que estão coisas, não querem ir para ali. E depois têm uma fatalidade, um
avc, outra coisa e os filhos têm que ir pô-los lá onde há um lar. Mas que fica muito longe, os
filhos não podem ir lá todas as semanas, é mais difícil, é muito longe. Então a Dulce, tem a

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

mãe, estive em Pavia, em Mora, em Portel e lá em Portel é que estava. No ano passado, levaram a mulher, ela tem lá o lugar mas teve que ir para outro lado. A mulher já está em Elvas há mais de um ano. Porque é que a pessoa não vem para o lugar, a filha estava aqui ao pé e podia ir lá todas as semanas. Há coisas...

Se for um lar bom, eu conheço pessoas aqui no lar de Arraiolos, pessoas ricas, podiam ter uma pessoa em casa a tratá-los, não irem para o lar.

Também há pessoas com feitiços que não querem, não querem lares. A gente tem que compreender. Eu sou velha na idade mas nessas coisas não sou. As mães têm que meter os filhos acabados de nascer, 3 ou 4 meses...mas de contrário acho que é uma coisa boa. Há mães que já tenho ouvido, velhas que não compreendem isso. As mães têm que meter os filhos, então nas cidades já tenho ouvido pessoas levantarem-se para ir pôr os filhos longe do trabalho delas. É tudo mais longe. O meu neto não, o meu bisneto teve sempre...foi aos 6 meses para a creche. Quando ele nasceu, estava lá eu, quando foram para a maternidade, eu depois vim embora. A mãe ficou lá, não ficou capaz de dar banho ao menino nem nada, foi toda cortada. Agora no hospital não dão banho logo às crianças. Depois estive lá a Catarina e só aos 6 meses é que foi para a creche, tinha a creche ali e mãe do outro lado da rua. Está mesmo bom, se o menino não estiver bom, vais busca-lo para ali. Depois daquela foi para uma quinta em Sintra, era até à 4ª classe. Aquilo já era 400€ que ela pagava, e a escola era puxado. Veio para o trabalho dela, ficou a escola e o ATL, estava ele lá e ela a vê-lo, a trabalhar.

não é Portalegre, Castelo de Vide, há lá 2 lares.

Mas há muita gente que não deixa mexer em nada. Nem só nos lares, até filhos eu conheci, a mãe passava aqui, veio para aqui, não a deixava mexer em nada.

Quando ele deu o jeito ao corpo...nunca estive de cama mas teve que ser mais ajudado.

O colchão tinha o coiso turco e borracha, depois tinha o resguardo. Ele tinha a fralda. Vieram cá 2 anos. As minhas filhas vieram além para o café, a Lídia à tarde...já não vinham porque vinha a filha cá ajudar.

Aqui a Maria José traziam a comida, mas para mim não foi preciso. Era só a parte da higiene. Eram as Betes, a Toninha.

Não, não.

Não, não. O meu quarto era onde é o quarto de hóspedes agora, comprei duas camas, e fiz o quarto na casa de jantar, para eu dormir no mesmo quarto dele. No inverno, ligava o aquecedor, quando me ia deitar desligava. Quando elas vinham de manhã ligava, já estava a roupa quentinha para elas tratarem dele.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

Eu estou sempre a dizer, enquanto eu puder estar cá em casa, eu estou. Quando eu vir que já não dou conta do meu recado, sou eu que lá me vou meter. Mesmo que eu não queira, já sabem que eu queria, posso já não estar boa da cabeça e não querer. Mas já sabem que eu quero.

Mas há muita gente que vai para lá

(E2)

já paguei a cota, tenho pago sempre

Eu agora não tenho lá ido, mas quando tinha lá umas pessoas amigas ia lá muita vez

De resto não tenho mais nada a dizer.

Estar em casa.

Não, se vêm por exemplo de manhã e à tarde, o que é que as pessoas podem fazer mais? Com tanta gente.

(E20)

Eu tive a minha mãe 5 anos numa cadeira de rodas, mas felizmente nunca precisei da Misericórdia. Quando eu estava empregada, meti uma pessoa para ficar com a minha mãe. Entretanto eu reformei-me, fiquei com ela e eu fui fazendo sempre. Nesse aspeto nunca precisei

E agora, de hoje a amanhã não sei para onde irei, tenho que ir para algum sítio também

O lar não conheço muito bem.

Os lares... a pessoa, em princípio ninguém vai para um lar a tempo inteiro, é só durante o dia, à noite vem para casa. Mas se a pessoa precisar também não pode lá ficar, tem que ir para outro lado. Eu tive o meu pai num lar nas fazendas do cortiço e o meu pai estava lá, tive que o meter lá porque não conseguia nessa altura, e o meu pai esteve internado desde agosto até outubro em Montemor, e tinha que pagar o lar tal e qual para quando tivesse alta de Montemor ir para o lar e ter lá a vaga.

Sinceramente não sei, há pessoas que vão e ficam muito contentes, estão muito bem. Há outras que vão e não gostam de estar, estão sempre mal dispostas e não veem aquilo com bons olhos. Olhe eu não sei quando for para lá, não sei como é que vou fazer.

Tenho aqui uma vizinha que foi há pouco tempo para a Igreja, e às vezes dizia-lhe “vamos aqui, vamos ali, ir aos passeios da câmara”, “ah não vou”.

Essas coisas eu vejo-as bem.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

A pessoa também se tiver mau feitio não pode receber muito bom, já depende do feitio da pessoa, depende muito da pessoa. Há pessoas muito complicadas e há outras que deixam caminhar e não serem tão agressivas e mal criadas.

Em princípio, se pudesse iria só durante o dia e ficava à noite em casa, depois não sei...a gente de repente fica aí sem saber o que há-de fazer, e os filhos têm que pôr os pais em algum sítio, eles também não podem, têm os empregos deles, não vão deixar.

Exatamente.

Não sei, isto é a minha ideia.

(E3)

Não, acho que não. Também porque não estou atualizada, não frequento

Eu para mim desse apoio...algum dia não sei se gostarei mas não me seduz esse apoio da Misericórdia.

Sim. Mas alguma vez terá que ser alguma coisa, com a idade que tenho, alguma coisa será. Gostava mais de ir para o lar do que virem a casa, gostava mais.

Se tiver alguma coisa, a Misericórdia...

Sim. Eu terei que precisar de terceiros para me ajudarem.

Acho que vêm a casa, não tenho muito conhecimento porque ainda não precisei mas acho que agora até sei de um caso, um caso complicado, aqui de um vizinho meu que a enfermagem vem além de vez em quando vê-lo e

Sim, não tenho muito conhecimento. Dizer que tenho muito conhecimento, não tenho, mas ainda hoje diz que o carro estava lá parado, ele tem estado pior.

E não tenho assim conhecimento do serviço ser mau. Mas também não tenho conhecimento do que é esse serviço.

É mentalizar-se disso.

É o que me preocupa mais. No centro de dia, eu agora se quisesse não podia ir para o lar, tinha que ir para o centro de dia primeiro.

Não é o meu caso ainda, mas se precisasse era assim, deixavam-me o almoço e ficava o jantar.

Talvez, não sei. Não tenho muita experiência nisso porque vou lá pouco

Não, isso não estou muito dentro do assunto,

Não, mas se for preciso...

É o meu caso, se por acaso for para além, que não sei para onde vou. Se fico aqui, por meu gosto era aqui, mas com certeza que a minha filha não quer aqui, mas se por acaso fosse o

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

meu caso de ficar aqui, a minha filha nunca poderia ir comigo, dava-me aqui uma dor, ela é um dia para cá chegar, são cinco horas para cá chegar.

É essa parte que para mim, ainda não foi preciso,

Tenho eu ouvido dizer, também não é porque saiba. Ainda nunca foram pessoas com quem eu convivo, não foram sozinhas porque têm família cá perto

(E4)

Alguma vez eu vou para aqui? Não vou. Para já nunca descontei e mesmo nunca para aqui vou. Devo ir para outro lado.

Pois é. E muito nojenta. Eu quando lá fui ver a tua avó até lhe disse “oh tia então gosta da comida? Como”.

Mas o que eu ia falar era isto, os iogurtes eu não tocava nisso, agora como é bebido, meto à boca e vai para baixo, desde que não saia para fora, faço assim. Mas sou muito esquisita, as filhas às vezes já me têm dito...o meu marido dizia-me tanta vez, um dia que a gente vá para o lar, como é que tu te amanhas? Mal sabia ele.

porque aqui a D. Custódia, ela gostava muito mais de ficar aqui mas não conseguiu, teve que ir para Montemor. Aqui a Manuela a mesma coisa,

Pois, mas eu como gosto mais de estar em casa do que ir lá para o lar, estou em casa. mas há muitas pessoas velhotas que vão para o lar. A mim já me têm dito, várias pessoas, “porque é que não vai para o lar? Estava lá com a gente”. Já me têm dito isto e eu penso assim “quando for obrigada, terei que ir, mas enquanto não for...”. Gosto mais de estar em casa. A tua avó ainda não está no lar, a Joana, pois não?

Pois ela deve ser como eu.

Quando tiver que ser, temos que ir para qualquer lado.

O lar para mim não tem valor nenhum

Porque não gosto dos lares,

É complicado. Mas em calhando a ir, vou, que remédio tenho eu.

A gente aqui não se apanha...por acaso os meus sogros, a minha a sogra, arranjámos uma mulher para fazer por ela. Juntaram-se os filhos, junto à reforma dela e estava lá uma mulher com ela de noite e de dia. Nesse aspeto teve muita sorte. E eu até gostava muito mais de uma coisa assim. Também não sei se nessa altura tenho dinheiro para essas coisas, porque a reforma cada vez é mais pequena e quando começaram a pagar a reforma, recebia mais do que recebo agora, tenho uma diferença grande e se isto continuar assim, não sei como é que vai ser.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

Eu não conheço aquilo.

Olha como aqui a irmã do patilhas, diz que tinha um lar ali em Évora,

Até lhe fecharam o lar, foi mesmo fechado.

Ele nem está acamado, ainda anda aí, mal, mas não está na cama. Mas acho que foi a

Margarida que arranjou isso, a médica, tratou disso para virem aqui. Se quiseres pôr aí, podes pôr que não é mentira. É verdade.

eu se calhar morro logo.

Deixo de comer. Não é, não sou capaz de me agarrar à comida, não sou capaz de nada.

Mas para mim, não tem valor nenhum.

Sim, antes quero assim. Até ver.

Não sei, não sei.

Se eu vir que há asseio, se calhar até pode ser que eu comece a gostar. Porque a gente se começa a ver as coisas asseadas, começa-se a habituar, tem mesmo que habituar.

A gente tem que ver...nos lares é preciso a pessoa ter um bom estômago, há aquelas pessoas a tossir, a tossir, que às vezes têm problemas. E a gente estando em casa, penas que não se veem, não se sentem, é isso também. Eu podia estar a comer, se houver uma pessoa a escarrar ou...é logo uma coisa, dá-me logo uma volta.

Não sei

Tinha que gostar.

(E5)

que me apoiaram muito quando a minha mãe esteve 5 anos e meio numa cama e eu estava a trabalhar na mesma. Eu fui falar com a provedora, “não esteja preocupada que isto vai-se resolver”. E assim foi. A minha mãe esteve sempre ali onde fiz um escritório. Nunca deu muito trabalho. A elas sim, depois vinha a comida feita, o meu pai também era uma pessoa até mais velha que a minha mãe mas que esteve bem quase até ao fim. Lia muito, coleções de selos, uma pessoa sempre muito ocupada. Foi para o hospital, em 2 semanas marchou. Tinha feito este mês 102 anos, morreu há 10 anos. A minha mãe ainda ficou sem falar, em coma praticamente. Ele falava com ela como se ela o estivesse a entender. Ele não queria era ouvir falar em lares. E foi muito bom termos conseguido isto tudo.

Quando nasceram os meus netos que tive que ir para Cascais, até para o pai descansar, fomos pôr a minha mãe em Mora 1 mês, e o meu pai descansava e ainda ia de carro até Mora.

Quando os meninos nasceram estive lá e tive sempre apoio para estar com eles. A minha mãe sempre gostou de ir ao lar, tinha lá amigas, ela ainda estava muito bem, “ai se eu aqui me

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

apanho a fazer renda”. Foi uma pessoa que nunca estava parada, olhava muito de manhã, ela estava numa salinha, e mirava-me. Era só quem tinha. E foi assim.

eu sou de Cabeção, é um meio pequeno mas há lá dois lares. E as pessoas depois já não têm os filhos, outros já não têm condições,

mas que a maioria dos velhotes não aceita, não querem.

A minha mãe já estava entubada, eram os purés, até o meu pai sabia dar. Ele não queria era ir para o lar, foi para o hospital e já de lá não veio.

Eu falo pelo que passou aqui em minha casa.

Que tive com os meus pais,

Quando ouço às vezes, “ah a comida não presta”. Em casa delas, muitas não têm nada, as pessoas quando é para dizerem mal, dizem mal.

E conforme aqui também têm, a parte infantil aqui. Por acaso tive aqui os meus netos, de Cascais, 1 ano aqui, há muito tempo. Tão encantados e elas ainda os conheciam. Mas tive cá também, só tinha a dizer bem. Porque eu também sou assim, a gente tem que dar valor ao serviço das pessoas, porque eles são pagos...deles não os querem, e depois aos outros são muito exigentes com o que outros façam.

Não, é raro lá ir. E uma das vezes que lá fui emocionei-me muito porque vi pessoas que eu conhecia de outra maneira e nem pareciam elas, chorei e chorei. E digo “eu não venho, não sou capaz”. Custava-me ver as pessoas que eram e como estão.

Há muita maneira, pelo que vejo.

Deve haver, coisas boas e ruins. Aí é falar sem saber e sem saber não vou atirar...quando são bem remunerados e que vão lá familiares vê-los. Mas alguns são despejados para ali. Não, não posso, não conheço. Conheço lá os de Cabeção, lá está, o meio é pequeno, toda a gente se conhece. E tudo corre mais ou menos às mil maravilhas.

está lá uma senhora com 93 anos. Mas ela vem tarde de lá e eu esperei para a ver. A nora também lhe deu um AVC, o filho já não pode cá vir mais vezes, mas pelo menos durante o dia está ali. E ela diz que gosta de estar, mas eu acho-a muito em baixo. Portanto isso também faz bem,

Há lá num conhecido, pelo menos 3 ou 4 pessoas que eu conheço...conheço as pessoas, não conheço o lar

A dona Ana, ela foi para lá porque quis ir, não sei se já lá dorme.

Pois, essa parece-me que tem 93 e está boa.

Embora os velhotes não gostem.

Eu já tinha idade de ir mas não me estou a ver a ir para lá.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

Eu conheço o da Igrejinha, onde está a mãe do Jazelim com 104 anos.

Vou, não sei como é que a minha cabecinha está, depende da cabecinha

A estar como estou, cá estou no meu canto. Depois quando não puder ser...

(E6)

mas eu nunca participei. Estou lá no centro, fui há 1 ano

E tenho pena hoje de não ter ficado com elas. Não fiquei porque...

E ali na Misericórdia começaram a dizer que faziam umas camas, mas depois aquilo ficou sem efeito. E eu pensei, quando ouvi dizer que faziam ali camas “vou, um dia preciso e elas levam-me para ali, já estou há tanto tempo com elas”.

Ainda hoje quando me veem fazem-me uma festa. E vieram aqui para aí 13 meses, ao meu marido

Não ajudam mais porque não têm tempo, há poucas pessoas, que não querem ir para ali. É muito trabalho e depois não querem.

Olha tenho pena de não ter ficado na minha casa e elas virem cá a minha casa.

Tenho que ir para outro lado. E assim se estivesse ali, elas vinham cá sempre. Isso é verdade.

Oh...isso a gente não fala.

Quando cheguei à de dividir, parece que o cérebro parou. Eu disse assim para a senhora “estou tão doente, não sou capaz de pensar nada”. Eu até tremia. E ela disse “acalme lá que isso passa”. Depois passou. Não era capaz de fazer a conta de dividir. E depois fi-las. Mas chegou um bocadinho que já estava o cérebro cansado, acho que era cansado. Elas não obrigam, mas a gente quer fazer, vai fazendo, fiquei com o cérebro parado. Que susto que eu apanhei. Ela é Carla.

E às vezes as pessoas não se lembram, dizem a primeira vez e já não se lembram a segunda.

A gente aborrece-se mas não está mal. O que é verdade tenho que dizer.

Não está mal. Assim assim.

Sim, com outras não.

(E7)

O que conheço dos serviços para os idosos?

Nem estou bem dentro desse assunto.

Nos outros lados não sei se haverá mais, é capaz de haver.

eu não conheço, não sei. Nunca lá estive ninguém nem nada.

Se já não pudesse sair...agora ainda vou saindo.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

Pois, é isso.

Também não sei o que é que...

Pois é isso.

Não há assim nada

De resto não estou a ver mais nada.

(E8)

Conheço muito pouco.

Vou muito pouco ao lar.

E quando a Élia esteve ali no lar, fui vê-la ali à Graça. Não sei porquê vim com a impressão que aquilo não podia continuar e não continuou.

Dentro dos lares, vou a um ali em Évora, elas queixam-se, frequento essa lar, está lá a minha prima.

O marido dela já lá está, não gosta de lá estar. Ela já lá está há 13 anos, tem que gostar.

Que remédio tem a gente se não ir para um lar.

O utente queixa-se pelo seu feito ou pela sua maneira de ser.

Mas também não há regra sem exceção. Não devem ser todos com isso.

E você tem a sua avó num lar, conhece. Não conheço onde está a sua avó, nunca lá fui.

Mas quando fui ver a Élia, eu sem perceber nada, pensei mesmo que era impossível. Ela pediu lá à senhora diretora, pediu se dava licença de ir ver o quarto dela. Ao pé destes, era o dia ao pé da noite.

Lá à da Élia, uma cama como nos montes. Por ali se via tudo.

Mas também digo, há pessoas a queixarem-se e outras não.

Depende.

aquelas que têm mais tato ajudam as outras. Porque até aqui a senhora coitada, a atravessar, tem que ver bem, não dá conta de todas as que vêm

Também há pessoas que são chatas, há utentes que...elas quando para lá entraram já iam com ele, e continuam com ele. E as pessoas também não estão para receber mal criadas ou como são às vezes. Às vezes também dizem umas coisas, pensam que também as pessoas têm obrigação de tudo, que devem estar ali, não é.

mas não têm obrigação de estarem a ser magoadas nem ofendidas. E às vezes também sabe-se que são. Também acontece. Os lares é isto, há o bom e o mau.

Nem fecham, cada vez estão a abrir mais,

Há outras que até falam demais. Cá está, há de tudo.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

Eu acho que sim. Há pessoas que estão além, coitadas não se queixam. E há outras que é constantemente a chamarem, e anda cá, é mais isto. Elas também não podem fazer assim. E além querem, pedem e há-de ir logo, não pode ser. Mas é isso que os lares dizem que têm obrigação, pois têm, estão a ganhar o dinheiro e quem lá vai já sabe para o que vai. É para atender velhotes. Mas também há lá velhotes que em casa não têm e depois vão para além e exigem.

Eu não ouço falar em ninguém, não sei.

mas não ouço falar.

Também não ouço queixar

Por isso há de tudo. Disso tenho pouco conhecimento, o que estou a falar é só da minha cabeça, não é que tenha conhecimento. Certas coisas não tenho, é de ouvir.

O que é que podia conversar?

Se eu precisar de um lar é evidente que tenho que achar uma diferença do que...por exemplo eu agora nesta fase da operação eu precisei da minha sobrinha, precisei dela, banhos. Eu estou convencida que com a minha sobrinha estava aberta lindamente.

E atrás dessas outras, a gente não pode estar...não quer dizer que pense assim, vou para um lar e sou mal tratada, não vou a pensar nisso.

Mas ainda não passei por ele, mas eu por mim, se estiver boa da minha cabecinha, sou uma pessoa que pensa assim.

Eu irei, eu vou, porque é que não hei-de ir? Se as outras vão, eu terei de ir, não digo que não. Mas acho que vou estranhar muito. Se estiver boa da minha cabeça como agora, eu estranho mais num aspeto, em sentir-me...se estiver parvinha estranho menos. Mesmo que façam ou que digam, posso responder, mas respondo o que não devo e já falam para mim de outra maneira porque estou parvinha.

Mas também não vou dizer que estou, que vou estar em casa, não sei.

É como nas creches. Então criar um filho em casa, aquela mãe é para aquele filho. Aquelas senhoras que lá estão são para 10 ou 12 crianças.

Mas trabalhasse talvez melhor com uma criança do que com uma pessoa de idade. Mas é a mesma diferença. Não podem ter...choram, aquele está a chorar, vai tudo pegar no colo, não pode ser. Porque aquela funcionária está naquela sala, não chega para pegar no colo 5 ou 6.

Eu como lhe digo não vou a lado nenhum, é só a minha cabeça que pensa estas coisas.

Isso umas querem, outras não querem.

E há pessoas que entraram para lá e nunca fizeram nada.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

(E9)

Ali em Montemor, também é uma povoação maior que Arraiolos, mas há mais lares. Há pelo menos 2 ou 3, há aquele que era da casa Costa Praça, até está lá uma vizinha minha. Depois da Misericórdia acho que também há lá qualquer coisa. No São João de Deus também metem lá certa gente.

Os lares há pessoas que dizem bem dos lares, há outras que dizem mal. Uns têm uma ideia, outros têm outra. Dizem bem. No Vimieiro há um lar que dizem bem daquilo, na Igrejinha também há um lar, também dizem bem.

Cá na nossa casa a gente gosta mais de umas coisas do que de outras.

Há pessoas que dizem que estão bem, outras dizem que estão mal, mas cada um é como cada qual.

Não sei para o que é que estarei guardado, mas desde que a pessoa...quer dizer, antigamente os filhos faziam sempre pelos pais, não havia lares. E agora as pessoas de certa idade vão para os lares, num certo sentido às vezes os filhos estão empregados, também não podem estar em casa para terem os pais.

Que eu saiba não.

Há uns que encaram as coisas de uma maneira e outros que encaram de outra. Alguns estão lá de boa vontade, contentes de estar e outros que estão descontentes. Mas isso é da ideia de cada um.

É uma coisa que na minha maneira de ver já depende da pessoa. Não é porque eles lá façam mal às pessoas, mas depende. Há uns que encaram as coisas de uma maneira e outros de outra. Se tiver que ir para um lar, tenho que me mentalizar para isso.

Na minha maneira de ver, acho que ninguém gosta de ir, mas as pessoas têm que se mentalizar. Ou por esta ou por aquela razão, porque os filhos estão longe ou porque estão perto mas têm os afazeres deles, não têm como os ter em casa.

No lar?

Mas temos que mentalizar que é assim. Tem que ser. Ainda não me mentalizei.

Mas tenho aqui umas vizinhas ao lado que elas custavam a andar e acabaram por ter que ir para lá, tiveram que se adaptar. Contrariadas ou que estejam contentes, estão lá. Agora não tinham filhos, têm um neto, o neto tem a vida dele, a mulher do neto tem a vida dele.

mas isso é como tudo mais. As pessoas encaram de uma maneira e outras encaram de outra.

Mas pronto isso são coisas que tem que se ir passando.

É como lhe disse.

Depende das pessoas.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

Eu não sei porque ainda não entrei em lar nenhum, não sei o que é que se passa lá, como é que a coisa é.

há uns que podem, o outro não pode, depende da capacidade de cada um.

2.3) Aspetos positivos das instituições e serviços

- Apoio instrumental

(E1)

a levar comida às pessoas, e a asseá-los, a tratar deles

Vão a casa também.

Acho que essas pessoas até vão lá tomar o pequeno almoço, o almoço, o jantar e depois dão umas voltas pela vila

ir de dia e vir para casa, há pessoas aí que ainda conseguem andar e movimentar-se, vão e vêm. Pessoas que vêm dormir a casa vêm trazê-las, têm essa ajuda.

Sim. Até mesmo nas aldeias tenho visto carrinhas que vêm das aldeias onde há lares e vêm trazer aqui a Arraiolos.

As pessoas que precisam e que a Misericórdia vai levar a comida, ou vai asseá-los, se calhar essas pessoas precisam e devem achar bem.

Mas tenho visto, se calhar vão tratar da pessoa ou dar medicamentos.

É diferente da Misericórdia, já não é tanto a comida.

Sim, é mais a nível de saúde.

Tratamentos que a pessoa precise.

Sim.

Isso já depende do estado físico da pessoa, daqui a uns anos como é que está. Se a pessoa estiver já muito acabada, talvez os serviços continuados para estar.

(E10)

ali é a mesma coisa. Ali só vou almoçar e jantar

Olha para mim que não sou esquisita, acho a comida boa.

E farta. Só não come mais quem não quer e só diz mal da comida quem é esquisito. Isso então tenham paciência. A comida é bem feita.

Estamos aqui mesmo em frente, na nossa casa, vamos à hora da refeição.

Então como a comida é boa

É um serviço bom, assim ele seja feito como deve ser.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

Sei que lavam a roupa, vão lá tomar banho, os que ainda andam. Sei essas coisas todas.

(E11)

Pois vão, vão levar a comida.

Só a comida.

Era, o principal era a comida.

(E12)

Vêm de manhã, tratam da minha irmã, fazem a higiene, depois à tarde vêm às 17h deitá-la
Ela vir tratar da minha irmã. Porque se não forem elas, como é que eu podia? Uma pessoa
desta idade, com dores, não podia. Assim vêm ela

A parte boa é a ajuda da higiene.

É.

E depois tratam dela, lavam-na.

(E13)

Sim, lavam a roupa e vêm cá trazer o almoço e o jantar.

A comida e a roupa

E da roupa há alguma coisa que pudesse ser melhor ou está contente?

Nesse aspeto estou contente.

A comida escapa

A roupa está bem, 100%.

Aqui este lar dizem que é bom. Tenho ouvido falar que a comida é boa.

A comida vem feita, a roupa vem lavada. A roupa é 100%.

(E14)

É bom para mim, eu como pouco.

Para si é suficiente.

É.

Olha a roupinha. Vem tudo ali impecável.

(E15)

amanhã quando não pudermos ter mobilidade nenhuma, temos que recorrer, temos essa ajuda

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

E por aquilo que vejo, nós vamos lá ao lar, na alimentação, já vamos sempre almoçar e jantar, penso que ali, por aquilo que vejo, há apoio às pessoas. Nós ainda nos vamos movimentando, aqueles que têm menos mobilidade, conseguem ajudar e ajudam-nos.

O apoio que eles dão às pessoas, as funcionárias, dão apoio a toda a gente. Umás que já são residentes, há muitas pessoas residentes. São apoiados pelo pessoal que ali trabalha.

Penso que sim

De vez em quando... todos os dias fazer a higiene, há apoio.

É bom da mesma maneira. As pessoas que estão em casa, a questão da higiene é imprescindível.

Exatamente. As pessoas que estão em casa é mais fácil, ajudam.

Não têm que se deslocar.

Exatamente.

(E16)

apoia pessoas idosas e necessitadas de alimentação, apoio domiciliário, medicamentos, limpeza das casas.

aqueles que estão em centro de dia, que vão e vêm, ainda se vão movimentando, gostam, vão buscar a casa, levar a casa.

No lar tratam dos utentes com capacidade, têm técnicos, tem fisioterapia, têm missa, fazem exercícios de ginástica.

E há um controlo sobre a medicação, têm aquela hora, chegam à refeição, está tudo controlado.

assim não, está ali ao pé.

Nessa parte estão mais descansados, está tudo mais controlado.

É, mais descansado.

Mas se for bem feito, então era aceitável. As pessoas não podem fazer as coisas lá em casa, limpeza... eles fazem a limpeza, levam comida, tratam dele, dão-lhe banho. Se isso for bem feito, acho que é bom.

Pois, que elas já não são capazes de fazer. Têm dificuldade, elas vão lá, lavar o que têm que lavar, escadas, ou a roupa, lavam, passam a ferro e apoiam-nos a eles.

O apoio domiciliário vão lá praticamente todos os dias. Já sabem, às vezes já têm a chave para abrir a porta, levam a comida, fazem a cama, fazem o que têm a fazer

Tem o almoço, o jantar, lanche, pequeno-almoço, tem não sei quantas refeições por dia.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

(E17)

dá assistência não só na questão de saúde como também de alimentação. Vão às casas das pessoas levar os almoços e jantares. Na questão de saúde quem estiver já em casa sem poder deslocar-se,

vão lá, a assistência fazer a higiene, fazer tudo o que é necessário. Inclusive até o médico também. Nesse aspeto não nos podemos queixar.

Penso que é tudo. Na questão da alimentação e assistência, higiene e manutenção nessa área. Todo o tipo de cuidados que é necessário.

(E18)

No que diz respeito a medicação, nestas idades já toda a gente toma, nomeadamente aqui em Arraiolos acho que há sempre uma pessoa responsável por essa parte. Desde que seja cumprida, a pessoa vai indo.

Essa parte é boa? Da medicação.

Penso que é positiva.

Para aquelas pessoas que não estão no lar mas estão em casa, vão levar as refeições. Acho que têm apoio para os levarem ao médico, a medicação. Tem coisas boas, positivas.

(E19)

Quando eu já não era capaz de tratar do meu marido.

Elas vinham cá fazer a higiene de manhã, vinham, davam banho, arranjavam, metiam a cama de lavado 3 vezes por semana.

Elas levavam a roupa da cama, roupa dele levavam tudo. Ele tinha muita roupa, para não haver faltas. Levavam a roupa, tudo passado a ferro, já era uma grande ajuda. E davam-lhe banho e arranjavam.

Ficou sempre satisfeita.

Sempre.

Gostou sempre do apoio que deram?

Sim.

(E2)

Vêm trazer a comida a casa das pessoas, tenho dois vizinhos, essa gente aqui vêm trazer o comer, ali ao sr. Mira lavam-lhe a roupa, limpam a casa toda. O que é que querem melhor?

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

Acho que é bom, vêm a casa das pessoas dar banho, limpam a casa toda, vêm trazer o comer.

Querem melhor o quê?

Mas de resto diz que o comer é bom

Elas dizem que é muito bom, a comida é muito boa.

Vai uma senhora que vai buscar os medicamentos, vai com elas ao médico. Não está mau.

Para as pessoas que não consigam já têm uma ajuda para ir ao médico também.

Sim, vão levá-las.

Não, se precisar gosto que venham cá a casa, limpar a casa, dar-me banho, lavar a roupa. E depois trazem o comer.

(E20)

tem apoio aos idosos, dá-lhes a comida, dá apoio, vem tratar deles.

acho que também é bom. São as refeições...

Acho que a refeição é muito importante. Depois também dão apoio na higiene, acho que também é uma coisa boa. Aí estou plenamente de acordo.

(E3)

O apoio que eles dão é fazer a higiene a pessoas que precisam desse apoio, fazer a higiene, trazem o comer feito, vêm dar o comer, as marmitas, e fazem a higiene caso for necessário. até lhe fazem massagens e tudo.

Sei que as pessoas vão a casa, mas também não sei...fazer alguns pensos, algumas coisas.

Podem fazer a higiene e servir o comer, deixarem a marmita. Elas entregam a marmita e vão embora. Fazem a higiene se for caso disso e depois vêm à hora de almoço entregar o comer. E a higiene é de manhã. Se for...quem quiser ir para o centro de dia é diferente, acho eu.

(E4)

Mas sei que há pessoas que vão buscar a comida à Misericórdia, ali está um rapaz e depois ela vem aqui ter, comem da Misericórdia e há aí muito mais pessoas a fazerem isso também que é uma coisa boa, acho muito bem.

vão lá buscar a comida, eu conheço aí várias pessoas que vão lá, elas servem a comida,

Vêm aqui quase todos os dias, ele está com o saco, e vêm aqui tratar dele, fazer a higiene, essas coisas. Ali do centro de saúde. Vêm os enfermeiros e enfermeiras, vem sempre mais que um. Se calhar conforme vêm aqui, se for preciso vão a outros lados.

Para quem esteja já acamado, não é?

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

Pois, pois

(E5)

A Misericórdia com o apoio a casa, com a comida, traziam para o meu pai e para a minha mãe.

As raparigas que cá vinham tratar da minha mãe, todos os dias a cama posta de lavado, porque ela estava acamada, virar para um lado. Já ia a estar ferida, pomadas, não faltava aqui nada.

É muito bom, trazerem a comida, tudo muito bom. Um grande apoio que temos aqui em Arraiolos

A gente não pode estar a dizer mal de um serviço que vi e que foi muito bem prestado. Não pela falta de verem que estão a ser bem apoiadas, não senhora. Estão sim senhora e quem disser que não, não é

(E6)

Trouxeram uma cama para ele estar, para se baixar, para se levantar. E vinha cá enfermeiras, todos os dias vinham lavá-lo de manhã e à noite. Ali da Misericórdia são muito bons.

Quando o meu marido morreu, “fique com a gente, a gente vem cá fazer limpeza, trazemos o almoço, lavamos-lhe a roupa”.

comer queixam-se mas o comer não é mau. Eu gostei.

Sim senhora. E acho que toda a gente que precise que vão se inscrever que elas ajudam muito. o comer também não é mau, lavam a roupa toda, vem passada a ferro.

(E7)

Ouçõ dizer que é bom, vão fazer a limpeza, levam o comer, é bom têm quem cuide delas a horas certas

De medicação, higiene. Pessoas que estão sozinhas já não conseguem fazer. Por isso acho que é bom os lares.

Quando uma pessoa já não consegue fazer as coisas sozinha, acho que é bom.

(E8)

Na questão da companhia, em questão de haver uma pataleta, a gente se estiver em casa todo o dia e toda a noite sozinha, se der uma pataleta, ninguém sabe, fica ali as horas que for preciso. No lar tem logo assistência imediata.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

Tem que dar, há logo assistência imediata, seja o que for, mas há logo. E como digo, ai deles se fecharem.

vinham aqui à Élia tanta vez, faziam limpeza

Sim, sim. Até quem não pode fazer nada, vem a roupa passada a ferro, vai a lavar, isso vem.

Vem a comida. A comida há umas que sim

Mas ajudam nas coisas da casa?

Sim, sim.

(E9)

É mais fácil do que em casa sozinha. Uma pessoa está em casa sozinha, dá-lhe qualquer coisa, está sozinha, não tem ninguém. Se está no lar, embora lhe dê qualquer coisa, tem sempre logo quem esteja a vigiar. Dão logo andamento. E assim penso que o lar é melhor.

Vão lá fazer o serviço e servem-lhe as refeições e levam a roupa. Também é bom. Também é uma boa ajuda.

Acho que é uma ajuda boa. É sempre uma boa ajuda, penso que sim. É uma boa ajuda da parte da Misericórdia.

- Condições e assistência

(E10)

Eu noto diferença daquele para este, só no aspeto da quantidade, era muito mais gente e tinham muito espaço. Tinham uma secção separada só para os casais e outra para os que estão todo o dia. Aquilo era grande e funcionava muito bem, e funciona.

Visitei vários, visitei um de doentes mentais, com freiras, era completamente diferente. As pessoas eram tratadas como seres humanos e há alguns que não. Aqui por enquanto ainda não vi desumanidade.

Completamente diferentes, tratam as pessoas como deve ser.

(E12)

Isso somos bem tratadas.

Não, eu gosto delas.

(E13)

Dizem que o lar é bom

Dizem que este é bom

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

Mas dizem que este é bom.

A parte boa é, se possível, sermos bem tratados.

Dizem que este é bom, este lar de cá.

(E14)

Boa.

Há bocadinho estava a falar das senhoras...

Pois, gosto muito delas.

(E15)

Penso que tem condições para ajudar as pessoas.

Da ideia que tenho penso que as pessoas são tratadas convenientemente.

Penso que não, penso que as pessoas que aí trabalham fazem tudo para ajudar os mais necessitados.

(E16)

Mas aqui também não me tratam mal, tratam bem a gente

Mas eu acho que é benéfico este apoio domiciliário.

Mas eu acho que o apoio domiciliário também é muito bom.

Mas eu acho que o apoio domiciliário é bom também.

(E17)

Está a ser muito bom.

Por aqueles que eu conheço, também estamos bem servidos

Este aqui dizem que é bom

bom num lar é terem condições de vida, que são necessárias.

está muito bem apetrechado

nos outros aspetos vejo que está bem apetrechado.

A melhor parte são as condições? A pessoa estar com condições?

Sim, sim.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

(E19)

E aqui o lar, acho que é uma coisa boa que a terra tem, ser aqui na terra, a pessoa quando se mete ali, ao fim de uns anos quando precisar fica. Acho que está dentro da terra, está a família, é bom.

Lá é bom se tratarem bem as pessoas, isso é o principal.

Sendo bem tratadas, estão ao pé da família, acho que é bom.

Há lares dignos de ser vistos, as pessoas são estimadas.

(E2)

Diz que é muito bom

Bem, sim. Elas são boas.

Não, são todas pessoas conhecidas. Estão ali há anos e anos.

(E20)

Tenho, tenho uma ideia boa.

(E3)

Daquilo que oiço acho que é bom.

As pessoas gostam de estar, aqui este há pessoas que dormem lá e tudo e no lar gostam de estar. Não tenho nada a dizer contra.

O que fazem é o que devem fazer, digo eu.

(E4)

O lar diz que também é bom

elas são boas

é muito asseada, sei que é que eu trabalhei lá. Está bem que as cozinheiras agora são outras mas tudo muito asseado, muito bem organizado.

(E5)

isto foi uma coisa muito boa que se criou,

E aqui a Misericórdia tem um serviço de apoio muito bom.

Tenho a dizer bem, e estamos bem servidos.

Sim, e nas aldeias acho que têm todas as condições

Muito bom também.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

Sim, os lares que têm aberto são coisas mais ou menos novas. Têm, têm. E aí dos velhotes se não fosse isso.

(E6)

por acaso foi uma coisa que me ajudou muito

Gostou muito.

Sim senhora

E elas não me queriam deixar

Eram impecáveis, nunca faltaram ao respeito, nunca

Da Misericórdia não tem nada de mal para dizer.

Nada, muito pelo contrário

Não tive nem um bocadinho assim delas.

elas são boas tratadoras

(E7)

Daquilo que ouço, dizem que é bom

(E8)

Fui umas vezes ao lar, em questão de asseio extraordinário. Também não se ouve que tratam mal esta ou aquela.

Há lares que se vai e se está com condições.

Mas com assistência e condições também se vê que sim.

Essa parte da ajuda é boa.

Essa parte.

Mas a gente entra e gosta de ver, está assim, são coisas novas.

Aqui estes quatinhos são um encanto, aqui no nosso lar. Com 3 caminhas, tudo com colchas.

- Apoio social

(E1)

Mas se for uma pessoa sozinha como o meu caso, que já não tenha aquela lucidez, ou física ou mental, para sair de casa, se calhar é melhor estar num lar.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

(E10)

a interação entre as pessoas que lá estão a trabalhar comigo e com o meu marido e as outras pessoas, ainda não me afetou, estou satisfeita.

(E16)

Um já está na cadeira de rodas, dão-lhe uma coisa para ela tocar e ela toca. Enquanto estão a fazer aquilo estão distraídos.

Mas se não fosse essas atividades, estavam permanentemente no mesmo sítio.

Vai o padre uma vez na semana, dizer a missa, outra reza o terço, ginástica, agora vai ali para o ginásio, outra faz fisioterapia, e estão distraídos.

Ali saem com a cadeira de rodas. Ainda ontem, quinta feira de ascensão, foram até à barragem do Divor, levam-nos na carrinha.

mas se a pessoa não tiver condições para estar ali sozinha, o melhor é ir para um lar

(E19)

Há aí um lar numa cidade. As pessoas lá da terra, têm um lar, aquelas que podem vão a casa delas, estão lá um bocadinho, dão um passeio, vêm outra vez para o coiso...

Gosta dessa parte? De não ficar fechada no lar.

Gosto, sim.

Se a pessoa estiver sozinha numa casa, isso é morrer.

Só de poderem sair, vão passear, lá onde está a minha irmã

(E2)

elas fazem trabalhos também de mãos, mantinhas para as crianças.

Também têm atividades?

Têm.

(E20)

Eu gosto de ver as pessoas que fazem pinturas, recortam coisas, fazem flores. Essas coisas acho que é...fazem ginástica, têm ginástica na maior parte desses sítios. Acho que são coisas boas para a pessoa não estar sempre ali amarrada a uma cadeira. Acho que a pessoa distrai mais e fica melhor com a pessoa própria, de poder fazer qualquer coisa de útil.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

(E3)

Então assim no geral o que acha que é melhor no lar é estar acompanhada.

Pois, para mim é estar acompanhada.

De noite estava sozinha mas de dia estava acompanhada.

No centro de dia estava acompanhada, desde as 9h até às 17h estava acompanhada. Acho que é melhor para o idoso.

Mas uma vez que precise, acho que é mais conveniente num centro de dia.

mas fazem lá agora umas atividades. Uma ginástica, fazem.

(E5)

no centro de dia também fazem.

E têm, a Celina vai lá muita vez cortar o cabelo às pessoas.

(E6)

lá faz-se ginástica, dá lá uma educadora. E fazemos trabalhos manuais, até tenho ali desenhos que a gente traz para casa. Ali temos entretenimento.

Está mais acompanhada?

Por isso. Mais nada.

A gente lá também faz ginástica, também tem...eu costumo dizer que vou para a escola.

Vamos dia sim dia não, faz-se cópias, ditados, contas. Puxam pela cabeça das pessoas, para não se esquecerem. Também é verdade.

É bom para não estar parada.

Sim, sim, é bom.

E das atividades que tem, gosta?

Gosto, sim senhora.

Não, aquilo não está mal de a gente passar o tempo, não está. Se a gente não quiser ir, não vai, também não obrigam ninguém. Mas eu acho que é bom para a pessoa não se esquecer.

Olha uma vez estava a fazer uma conta, era somar, subtrair, multiplicar e dividir.

Vai lá a Ana também, mas essa é para nós não pararmos o cérebro, não é aquela ginástica que a gente faz com o corpo, faz movimentos com fios, bolas, para nós dizermos palavras, ou carne ou peixe, depois temos que lembrar outra vez

Mas é bom para a pessoa fixar e lembrar-se. Não é mau, para essas coisas está bem.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

(E7)

Sim, acho que sim, pelo menos não estão sozinhas. Pessoas que não tenham ninguém, não estão isoladas em casa

Penso que é uma coisa boa, do que estarem...pessoas que não têm ninguém, estarem em casa sozinhos, não terem quem os apoie nem nada.

Estão mais acompanhados, penso que sim.

Penso que em alguns lares vão, saem assim.

(E8)

Como vejo aqui aquela senhora que vem muita vez aqui para o rossio com as utentes. E gosto de ver a senhora com elas, a falar com elas. Ainda um dia destes a minha prima veio aqui, a senhora estava com cuidado de a ver atravessar. Tudo isso gosto de ver

Saem de lá.

Então essa parte é importante, de saírem...

Exatamente.

Saírem do lar, virem à rua.

Sim. E vêm, às vezes aqui para o rossio. Vem aquela senhora com ela

Mas gosto, eu pelo menos gosto de ver.

E fazem falta. Ai deles se desaparecessem. Porque certas pessoas não têm amparo absolutamente nenhum, ai deles se fechassem.

falavam com ela, falavam.

Há gente além que ainda faz hoje qualquer coisa.

(E9)

Acho bem que vá para um lar. Pelo menos os filhos estão descansados, sabem que ele está ali. Mas pode acontecer mais aos velhos que aos novos. Os novos não se esquecem tanto como os velhos. As pessoas de certa idade esquecem-se de certas coisas.

É mais perigoso estarem em casa sozinhos. Ou porque se esquecem do fogão aceso com qualquer coisa, com óleo, aquilo é logo. No lar é diferente, a pessoa vai para lá, está a ser vigiado. Está mais acompanhado.

A gente por aí vê, para elas acho que até foi bom terem ido para ali.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

- Outros aspetos positivos

(E1)

as pessoas se calhar sentem-se lá bem.

(E10)

foi a melhor decisão que eu tomei

Está contente?

Estou.

(E15)

é uma coisa que é boa.

Tenho, tenho uma opinião positiva a esse respeito.

(E16)

há pessoas que não querem ir para o lar de maneira nenhuma e então ainda vai o apoio domiciliário.

(E18)

Na saúde, acho que sim. E há o apoio domiciliário, é bom. É de louvar que isso exista.

(E19)

Mas acho que o tratamento que elas aqui fazem não é assim...a gente não ouve queixar.

(E2)

Acha que é uma boa ajuda?

Acho que é.

(E20)

Eu acho que sim.

(E3)

Na minha opinião acho que são bons.

Mas acho que está tudo normal.

Acha que é bom?

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

Sim, é preciso é a pessoa gostar.

E desses serviços de enfermagem, do centro de saúde, que ideia é que tem?

Acho que não é pior.

Acho que não é mau.

Não sei, acho que mais ou menos está tudo normal. Isso é que eu acho.

Sem ser essa parte do hospital, acha que ia ficar satisfeita?

Ia, acho que sim.

Não, da Misericórdia acho que não pode mudar muito.

(E4)

E é tudo aqui dentro da vila.

E já é bom.

(E5)

Tenho, tenho. E do lar também, embora não esteja muito por dentro daquilo. Sou sócia porque quis ser. Mas da Misericórdia só tenho a dizer bem.

e só posso dizer bem.

Não, só tenho a dizer bem da Misericórdia, do serviço de apoio domiciliário.

E do lar?

Também acho que sim, até para lá fiz umas coisinhas para a dona Margarida.

Acho que bem. Às vezes pode haver uma rivalidade entre a Misericórdia e elas, mas elas todas...tiveram todas cursos, tinham que ter formação.

Agora aqui nos nossos, estamos mais ou menos.

Embora vejam...lá está, a pessoa já tem uma certa idade também não raciocina bem para ver
“eu estou melhor ali”

(E8)

Coisas boas? Sim

(E9)

Mais ou menos dizem bem dos lares.

Pelo menos está-se lá.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

2.4) Aspetos negativos das instituições e serviços

- Condições e assistência

(E1)

Às vezes também depende dos empregados que estão, como tratam as pessoas.

(E10)

O que poderia ser menos bom, para mim é o tratamento dos funcionários para os idosos. Aqui às vezes há serrabulho.

Eu tive a maior desilusão com um lar que tem uma fama terrível, mas que aquilo não tem humanidade nenhuma. Dos inválidos do comércio. Tem fama e anos, os inválidos para mim foi uma desilusão tão grande.

Tem que haver o seu serrabulho, mas isso é em todo o lado.

A parte que pode ser menos boa é o tratamento.

Sim, poderá ser e se eu precisar de ir para lá, vai marcar-me muito.

Aqui houve um tempo segundo consta, que havia ali uma ou duas funcionárias que eram um bocado brutas.

Por isso eu é o que me poderá afetar mais é isso. Mas espero que não.

E há uma coisa, esses grandes lares de luxo, as pessoas são menos bem tratadas. Há mais frieza. Cá está o que eu te digo dos inválidos do comércio, é enorme, tem cento e tal pessoas, naquela altura, ou quase duzentas. Mas há um grande afastamento do pessoal para os utentes

(E12)

Também há pessoas que estão lá internadas mas também não gostam. E por outros sítios que a gente ouve na televisão que são mal tratados nos lares.

sei como ela era lá tratada. Por isso não desejo. E ouço na televisão.

É serem mal tratados, não terem carinho para as pessoas.

É sim senhora.

(E13)

Agora muitos...fala-se muito que há muitos que não interessam a ninguém. Caros e não prestam.

(E14)

havia lá meninas mas outras não valiam nada

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

É, é.

É. Não darem a assistência que deve ser, que é precisa.

(E16)

dá-me a sensação que não é grande coisa

nestes dias é muito difícil, já não é fácil arranjar lugar num lar. E um lar que tenha condições.

Não gostava do lar de Arraiolos, que aquilo é um amontoado de velhos.

(E17)

Sim, acho que o lar de idosos não está a corresponder à necessidade, porque temos que

deslocar os nossos para outros lares bastante longe

porque não há aqui. Isso é no que estamos mal servidos, é nisso.

Sim, sim. Não dá resposta à necessidade que os idosos têm.

apesar de haver queixas que há falta de cadeiras de rodas

têm falta de cadeiras de rodas

(E19)

Às vezes também há quem trate mal, até clandestinos, há tantos, outros que têm fechado.

É essa. A gente estar a tratar uma coisa, é muito triste.

Mas é muito triste a gente estar num lar longe e não ser bem tratada, é muito mau.

(E2)

É, aquilo está cheio. Cheio de gente, morrem uns e vão logo outros, dão lugar.

Não estarem tanto em cima uns dos outros, o lar ter mais espaço, para as pessoas não estarem

tão empilhadas.

(E20)

as higiènes fazem de manhã mas depois a pessoa fica todo o dia sozinha.

A parte que a preocupa mais é o tratamento, não é? É o que pode ser pior.

É.

(E3)

Porque aqui estou sozinha. Se vier a Misericórdia cá, estou sozinha.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

E sendo da Misericórdia estava de dia sozinha e à noite sozinha na mesma. É a diferença desse apoio.

Só se calhasse eu a estar mal na altura que me viessem trazer o almoço. É só ao almoço, trazem o almoço e o jantar, não vêm duas vezes a casa. Vêm à hora de almoço, deixam o almoço e vão embora. A pessoa fica sozinha.

Já não vinham cá mais.

Ali do lar é que tenho ouvido, porque uma das vezes estava em Évora, chegou lá uma senhora sozinha e onde havia dos outros lares auxiliares com elas, com as doentes. E daqui não vão. mas sei de casos que é assim, as pessoas vão sozinhas.

É por ouvir, que elas não podem ir com elas, não têm disponibilidade de ir.

(E4)

porque isto é um lar pequeno e está cheio. Depois as pessoas não cabem. Não têm onde pôr as camas, é assim.

não gosto daqueles cheiros, não gosto daqueles ambientes

Há-de haver muitos que são muito bons e outros que não valem nada. A gente já tem ouvido coisas que fazem nos lares, cheios de fome e tratarem-nos mal.

um lar clandestino, diz que passavam fome, tratava-os mal

Essas coisas também a preocupam?

Sim, preocupo.

Não ser bem tratada.

A gente não sabe o que está para vir, mas temos que pensar sempre o pior. Agora vamos ver.

(E6)

ali onde estou não sei se terei cama. Porque ali onde estou é preciso irem morrendo pessoas para poderem ficar outras, não é? É verdade, é assim. Para terem lugar.

E ali onde eu estou já faltam muita vez.

(E7)

O lar também é muito...como é que hei-de dizer, é pouco para as pessoas aqui. Está sempre super esgotado. Devia ser mais expandido.

Para as pessoas que precisam é pequeno.

Sim, acho que é.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

(E8)

Não vi nenhum lar que estivessem em volta de uma chaminé, sem uma janela, como havia nos montes, não podia. Tanto não podia que fechou.

Mas são lares, é do pessoal que lá está, funcionárias, como do feito de cada utente que lá está.

Elas queixam-se muito, mas também é muita gente.

Mas também há lares com condições e outros não têm.

Agora quando houve um Évora que teve que fechar, aparecem além com nódoas negras, misérias que fecham, não se pode dizer bem deles.

Vi que não eram condições de lar. Era uma casa de monte. Chaminé grande, porta de monte, era onde aquela gente estava. Os lares não são assim, podem ser ruins noutra coisa mas não é assim.

Às vezes no que se ouve dizer que as tratam mal, que dizem que tratam mal. Conforme já têm sido encarregadas castigadas e postas fora. Isso é ruim. Isso já não é o ambiente de asseio, é mesmo o pessoal que lá está a trabalhar que não tratam bem.

As empregadas queixam-se que não há vagar. Acredito. Se estão a dar assistência a umas coisas, não podem dar a outras. Também há pessoas indicadas para estas coisas

Mas acredito que aquela senhora não chegue para todas. Também se queixam de falta de pessoal.

estão cheios, o que é, é que às vezes abrem sem condições. Ao fim de meia dúzia de tempo vai a segurança social e fecha.

Mas quer dizer, cá está, umas queixavam-se que faziam o serviço, queixavam-se que eram 3 a fazer e depressa faziam.

Às vezes chegavam à porta da sala, outras vezes “ai Élia hoje não tenho vagar”. É assim.

Se for para lá lúcida, tenho muito a estranhar. Por muito bem tratada que seja, não estou a falar que não, mas a fase que agora atravessei, o mimo que tive, não posso ter num lar. Não posso. Porque eu agora era comigo a tratarem-me sozinha e num lar são 70 ou 80 pessoas.

Têm que se dividir.

É evidente.

(E9)

É pouco para a povoação, é pequeno o lar

E aqui não. Só além aquele, é só por vagas, se morreu este, lá se arranjou vaga para outro. Está cheio

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

Às vezes pode haver umas falhas na questão de tratamentos ou comida ou qualquer coisa, mas isso já a gente sabe que é assim.

Acho que pancadaria não dão. Isso é que podia ser a coisa pior.

Fazem o serviço, embora ouço às vezes as pessoas queixarem-se que as coisas não ficam lá muito bem feitas

Mas há pessoas que pronto...ela veio limpar mas deixou aqui um bocadinho de pó

- Outros aspetos negativos

(E1)

mas uma pessoa que vá para um lar e que ainda ande, eu vejo por pessoas que andam aí na vila e sei que está lá, essas pessoas têm uma vida quase dupla, é lar e fora do lar.

(E10)

São muito cuscas. Eu às vezes sei novidades da terra, por pessoas que estão ali fechadas todo o dia e toda a noite.

É uma cusquice...depois as pessoas de família vêm de fora, dão-lhe as novidades.

Há muita cusquice

(E13)

Os apoios é quando precisarem de ir para o lar, não têm dinheiro para ir para lá.

Quem é que tem dinheiro para ir para um lar? A ganharem 300 e 400€. Não há apoio nenhum.

Mas no lar ainda é muito mais caro.

Os lares a gente não tem competência para lá entrar.

a gente custa lá a entrar e é caro. Quem é que tem agora mil euros para dar para um lar?

(E16)

Mas esse apoio domiciliário, pessoas capazes, ou porque estão sozinhas, ou ela ou ele, vão lá fazer limpeza, levam comida, ao fim de pouco tempo não gostam, já estão fartas.

vai lá a Santa Casa da Misericórdia, já não gosta da comida, vai buscar comida aqui e além, vão lá fazer limpeza, não querem que faça limpeza e vai lá outra pessoa.

Mas é sempre...não estão num lar mas estão sempre dependentes desta gente.

Mas depois de estar 1 ano ou 2 aborrecem-se porque é sempre as mesmas caras, a mesma comida.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

Já vai sendo difícil, porque a procura é muito superior à oferta. Muita procura por lares, eu vejo ali, inscrevem-se e estão meses e meses à espera de arranjar um quarto. E às vezes é a carrinha, já está lotada, só que aquela não vem aqui a Arraiolos por exemplo.

(E19)

depois de não sei quantos anos, ter vaga para entrar. Um dia destes estavam a dizer que mesmo para o centro de dia só daqui a não sei quanto tempo, não há vagas.

(E2)

é um bocadinho caro. O lar é um bocadinho caro.

(E20)

É complicado.

(E4)

Mas o lar não recebem lá toda a gente.

Eu posso precisar de ir para um lar e querer ir para aqui e não me quererem lá,

(E5)

os lares estão caros.

ou por exemplo naqueles lares, em Lisboa há bons lares, há também grandes trifulhices.

Às vezes embirram umas com as outras, é como as crianças.

Alguns coitados é que não poderão pagar, lá terão alguma ajuda, pela questão de fraldas, medicação.

(E6)

Foi por causa do quarto mas eu também posso lá não ficar. Por exemplo, se amanhã me der uma coisa qualquer, não tenho lá cama.

Mas às vezes não é quem manda, é as próprias colegas, são más umas para as outras. Ou por serem já de idade, depois há muita gente ali que já não pensa bem. A cabecinha já não presta e depois começam a baralhar tudo.

às vezes também há zangas.

É.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

(E8)

Mas não se deixa de dizer que são lares.

Mas os bons custam muito dinheiro, com as reformas que há, pouca gente tem dinheiro para manter esse lar.

às vezes até elas ao pé umas das outras, as utentes, estão a dizer mal umas das outras, que se ouve.

(E9)

Aquilo é uma coisa mais de mulheres, vai lá um gajo, estão lá 4 ou 5 mulheres. Quando lá vou não vejo lá homem nenhum.

Juntam-se lá mais as mulheres que os homens.

- Transição casa – instituição

(E13)

É. Nada como a gente aqui estar em casa.

(E16)

No caso da minha mãe, a ideia que eu tenho é que eles estão lá todos contrariados.

Agora aqueles que já lá estão em lar, a dormir, “na minha casa é que eu estava bem”.

mas na minha casa é que eu estava bem”

Eu falo lá com o pessoal que lá está, são poucos ou nenhuns “ah gosto tanto de cá estar”. “Na minha casa é que eu estava bem”.

É, é muito complicado deixar a casa. E aquelas que estão conscientes e que têm 2, 3, 4 filhos, mas capacitam-se que ali estão melhores ou porque eles têm a sua vida.

Mas continuo com a minha, ninguém dos que lá estão... “na minha casa é que eu estava bem”.

É. As pessoas...até me custa, “na minha casinha é que eu estava bem mas cá estou bem tratada, tudo bem, mas na minha casa é que eu estava bem”.

Mas de qualquer das maneiras volto a frisar, não estão lá de livre vontade, se possível não estava nenhuma lá.

Elas dizem “na minha casinha é que eu estava bem”.

O lar não porque os familiares é que lá os põem. Não são eles de boa e livre vontade, “quero ir para o lar”, não.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

(E17)

Preferia ficar em casa, não ponha dúvidas. A gente sair do nosso ninho é tudo.

O pior de ir para um lar é o sair de casa.

É o sair de casa.

(E18)

Era uma pessoa que convivia e andava muito. Custou-lhe muito ir para o lar, as pessoas quando estão habituadas a uma certa vida, depois custa. Não queria ir.

(E20)

Eu acho que...a pessoa também tem que ajeitar-se muito, tem que ter muita paciência, mas a paciência às vezes também falta, porque as pessoas de idade começam a ter menos paciência, eu concordo com isso.

(E3)

Mas quando a pessoa pode estar em casa e não sente essa necessidade, não há nada como a nossa casa. Mesmo sozinha, não há nada como a nossa casa.

(E4)

Por mim, gostava muito mais de fazer assim.

Arranjava uma pessoa, que fosse uma pessoa de confiança, uma pessoa asseada, mas não sei o que me está para vir.

(E5)

mas o desgosto de deixar a sua casinha e as suas coisas...embora venham ficar a casa algumas, porque os quartos não têm chegado para todos. Isso mexe muito com uma pessoa de idade.

A parte menos boa é o sair de casa.

É o sair de casa, isso tem sido sempre para os velhotes.

(E6)

A gente na nossa casa é que estava bem, pronto, já sabe tudo. Se pudéssemos estar, era onde a gente estava.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

(E7)

É mau as pessoas que não gostam de ir, é diferente do que estar na nossa casa.

É mais complicado.

(E8)

Com aquela senhora que cá vier, pode tratar-me muito bem mas eu já estranho. Já não estou abertamente com essa pessoa.

Mas é completamente diferente do ambiente que agora tenho estado, na minha casa e que tenho recebido dos meus. Estou convencida que sim, é diferente.

(E9)

Não sei, quer dizer, a gente deixar a casa é um bocado difícil. Deixar assim a casa, é um bocado difícil. Penso que é um grande choque que a pessoa tem.

- Alimentação

(E10)

Claro que a gente nem sempre lhe agrada comer agora peixe e logo à noite carne.

E ali temos que estar sujeitos ao que fazem e ao que podem fazer. Também há essa parte.

(E13)

Para já, a comida falta-lhe mão de obra. A comida não sabe a nada. Não sabe a coisa nenhuma.

Ainda hoje foram 5 croquetes, quem está a aviar as refeições, não sabe. Foram 5 croquetes para duas refeições. Isso é alguma coisa?

E o arroz então não sabe a nada. Outras vezes é comida com fartura. Ainda agora um dia destes foi peixe frito, 3 postas de peixe para duas refeições. Para mim chega-me mas uma pessoa que coma bem, fica com fome.

A mão de obra, quem está a fazer, não percebe nada daquilo.

Sim.

umas vezes é com fartura e outras é pouco

Hoje eram 5 pastéis. Uma pessoa que coma bem, come os cinco.

A comida é que falta muita mão de obra.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

(E14)

Pois, isso é como ele. Come mais, mas eu como pouco.

(E2)

Há dois que dizem que o comer é pouco, outros dizem que sobra. Os homens comem muito.

(E3)

Aquele comer nas carrinhas não me diz assim muito.

(E4)

Eu até pensei “que remédio”. Eu se cá cair também sou obrigada.

Essa parte preocupa-a um bocadinho, é? Se precisar de ir, a comida vai ser difícil.

Pois é, preocupa-me bastante. Mas pronto, se as outras passam, eu também tenho que passar.

A comida preocupa-a muito, não é?

Preocupa muito.

(E8)

outras que não.

(E9)

Não se pode comer sempre só do que se gosta, também tem que comer às vezes do que não gosta. E nos lares penso que é assim.

Há pessoas que gostam mais daquilo, outras queixam-se porque não tem sal.

Mas não vão fazer uma comida com sal para este, não pode ser assim, é igual para todos. Mas às vezes ouço queixarem-se

ao mesmo tempo, na minha maneira de pensar, penso que tem que ser assim mesmo. Não pode ser de outra maneira, tem que ser igual para todos.

- Monotonia

(E10)

mas também se entende, a pessoa está ali sempre. A maior parte não sai dali. Não porque não possam, porque não querem ou porque a família não lhe dá jeitos. Mas é assim. Esses locais é assim.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

(E16)

Aquilo é assim, levantam-nos de manhã, toma o pequeno-almoço e sentam-se naquele sítio. Se não fizerem nada, estão até se deitarem naquele sítio. Só vão ao almoço, depois fornecem-lhe o lanche naquele sítio, depois vão à sala para jantar. Estão ali um bocadinho e começam a pô-los nos quartos.

Depois é uma casa pequena e são capazes de estar ali 15 ou 20 pessoas, todas a olhar para uma televisão. Umas dormem, outras já nem têm paciência para ver televisão, outros estão mal.

A monotonia é que é um bocado complicado, penso eu. Eu vejo ali, já conheço isto há tantos anos. Depois é uns com doenças, Parkinson, Alzheimer, agora anda aí o Alzheimer.

Aqui não sei se há, acho que não há nada.

(E18)

as pessoas levantarem-se da cama e sentarem-se no sofá e passarem um dia inteiro nisso, até irem para a cama outra vez, é mau porque a pessoa perde a mobilidade as pessoas perdem o andar e é compreensível. Se passam a noite deitados e o dia sentados, e depois comem, o que é que acontece? Começam a alargar, a engordar, o que não é nada bom para aquelas idades.

Para aquelas pessoas ainda é pior, custam mais a movimentar-se.

Têm que se movimentar. Se houvesse essa coisa que eu acho que falta, e se calhar é descurada por muitas instituições.

Essa parte negativa que acabei de citar, faz falta.

Fui uma pessoa, toda a vida, ativa e agora parar de repente é um grande choque. É isso que ainda não foi bem visto pelas instituições.

Acho que sim.

(E2)

Há, as atividades. Irem passear com elas, isso devia haver, mas não há. Estão sempre sentadas.

É, estão muito paradas.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

- Falta de liberdade

(E1)

Prefiro estar em casa. Mas a vida também não vai ser sempre assim como está agora. Eu chego à minha casa, e saio de casa quando quero, vou aqui e além.

E nos lares já não é bem assim, quem está lá permanente. São pessoas que estão lá, já lá dormem. Para saírem têm que pedir para sair, comunicar que vão sair, os filhos ou a família vai buscá-los. Há outra liberdade fora dos lares, enquanto se pode.

Há bocado disse-me que no lar as pessoas não têm tanta liberdade.

Sim.

Liberdade, vai logo da maneira como a pessoa estiver. Se estiver numa maneira que ainda possa andar sozinho, ir aqui e além, se calhar é melhor andar por fora.

(E11)

eu não gosto que mandem em mim, e vais para aqui e para ali. Aí é que eu não gosto. E se estiver num lar tenho que fazer como elas querem ou sou posto na rua.

Gosta mais de estar à sua vontade, é?

É

amanhã ou noutro dia, se tivesse que ir para lá, havia logo quem mandasse em mim, morria logo.

Pois. Ali onde estou, pelo menos é para estar ali à minha vontade

Não gosto de estar preso.

Era. E mesmo sair, depois àquela hora tinha que estar. E aqui não, não tenho horários, entro à hora que quero, saio à hora que quero.

estou mais à minha vontade

Não tem liberdade. A liberdade acabou-se. Lá pondo os pés, a liberdade acabou-se.

Gosto. Estar à minha vontade, e conversar com este e conversar com aquele.

(E5)

E depois no lar também me contam que um quer ouvir uma coisa, o outro não quer. Na casa de cada um é que se está à vontade.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

2.5) Papel das instituições e serviços na exclusão social

- Aproximação da sociedade

(E1)

Depende, as pessoas que lá estão se calhar convivem mais porque estão mais ali

Nesse caso convive mais no lar.

Sim, porque em casa a pessoa está sozinha e aí já não convive praticamente com pessoa nenhuma.

(E10)

É bom, é o convívio. Embora seja para jogar às cartas, depois lancha-se, depois festeja-se os aniversários, leva-se um bolo e bebe-se o chá.

sei que também têm essas atividades, os anos. Mas lá na associação é.

É bom para o convívio.

Eu gosto.

Estamos ali a conviver aquela meia hora com o pessoal todo.

Sempre é diferente, porque está lá muita gente. Depois estão pessoas que são do meu convívio, a Ana Rosa, a Neca.

Ajuda ao convívio?

É melhor.

Para o convívio acha que é bom.

Sim.

(E14)

Ajuda a conviver, aquele bocadinho?

Um bocadinho, é. Não pode ser muito porque elas têm que dar muitas voltas. Naquele bocadinho mangam, dizem qualquer coisa, e depois vão embora.

Tem essa companhia, é? Nesses bocadinhos tem companhia.

Tenho esse apoio delas.

O convívio.

Acha que ia conviver mais do que agora?

Pois claro.

Se estivesse no lar convivia mais do que aqui em casa, é?

Pois, pois.

Pois e a gente distrair.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

Era mais pelo convívio, para estar distraída.

Pois.

(E15)

Uma pessoa está impossibilitada, eles dão apoio, levam-no ao médico, por exemplo. Levam as pessoas ao médico e ajudam naquilo que é possível. Penso que é positivo.

Penso...e vejo ali no caso de uma pessoa, vêm ali os bombeiros com a ambulância e a pessoa vai ao médico e vem.

Nessas questões de saúde, o acompanhamento também é outro.

Penso que está a correr bem, penso eu.

Penso que sim. Convivem na mesma maneira, as pessoas conhecem-se.

As pessoas conhecem-se todas. Lá há uma que seja diferente, tenha o feitio de uma maneira e outra de outro, é normal. Mas damos bem com toda a gente.

O convívio ali com as pessoas é mais fácil agora porque uma pessoa está lá já e é diferente.

Tem mais convívio, exatamente.

(E16)

o município proporciona a essa gente para se distrair, para estar mais ocupado na sua vida assim as pessoas vão-se divertindo, distraindo, vão aqui, que a câmara tem proporcionado isso mas acho que as pessoas com uma certa idade para não se sentirem tão monótonas, para não se sentirem tão aborrecidas, distraem com aquilo. Ou leem ou vão ao jornal, ler vou ali à biblioteca. As atividades aqui acho que é bom.

de qualquer forma eles tentam ali...os outros se calhar também tentam, não sei...arranjar um meio para se distraírem, ocupados.

Essa parte da fisioterapia, por exemplo, acha que têm mais acompanhamento quando estão num lar?

Tem mais acompanhamento lá. Se a minha mãe estivesse aqui na minha casa, eu não ia acompanhá-la, ou tinha que a levar porque necessitava mesmo de ir a uma fisioterapia. Assim não

Essa parte é boa, esse acompanhamento.

É boa.

Essas pessoas saem mais do que se estivessem em casa.

É.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

Pois, elas ali estão n pessoas, uma fala, outra diz aquilo. Se estivesse em casa sozinha, só via televisão, não tinha divertimento nenhum, não tinha distração nenhuma, o que é que fazia? Convivem, sempre falam, um diz uma coisa, depois juntam-se à refeição, vão para a mesa e falam, aquelas que conseguem falar. Ainda falam umas com as outras, é diferente do que se estiver em casa isolado. Se estiver isolado em casa, é muito pior. Estava ali só com a televisão ou um rádio.

É, é boa, porque convivem.

Ali fala com esta e com aquela

E ali fala com esta...o grupo das que estão no lar ali

Elas vão falando, ainda estão em belíssimas condições físicas mas vão-se distrair umas com as outras.

Ao passo que no lar falam, dialogam, vêm até à rua, ao jardim.

Pois, a pessoa está muito tempo sozinha, elas vão...a gente vê na televisão lá uma ou duas vezes na semana vai uma senhora falar com a velhota e dar-lhe palestra.

Menos tempo sozinha e convive. Se estivesse ali à espera que o filho ou o familiar que lá fosse, à noite, não sei como seria...sinceramente não sei se não era melhor ir para um lar.

Têm esse bocadinho de convívio com essas pessoas também.

Pois

Agora vêm as marchas populares, eles lá arranjam os velhos, fazem a marcha, vêm para aqui, estão a ensaiar, estão ocupados este mês. Eles gostam, as roupas. Estão ocupados. Se estivessem em casa que ocupação é que tinham? Nenhuma. Sozinhos, ocupação nenhuma. A ocupação.

(E19)

Quando for para um lar, acha que vai conviver mais?

Acho que sim, há lares muito bons, vejo na televisão.

Sim, ela até vai às compras com as senhoras lá da cozinha, levam-na na carrinha e vão. Vão a Fátima.

Sim. Então a menina Ana Rosa quando veio para aqui, agora não sei se ainda faz, ajudava na cozinha, ajudava a isto.

Era boa. Elas todas, eram 10, não sei se ainda é a mesma conta. Dei-me com todas, ora vinham umas, ora vinham outras. Chegava ao menino Jesus, ganhavam o menino Jesus, a Páscoa.

Sim, sim. Cada vez que elas me veem, dão um grito, outras vezes na rua

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

elas ali também fazem muita coisa, rendas, trabalhos manuais. Outras iam cantar, lá do lar.

(E2)

A pessoa que está isolada, sozinha...

Mas a pessoa que está isolada e que vai para ali, é muito bom.

É, pelo menos as pessoas conversam umas com as outras e distraem-se

Indo para o lar, acha que ia conviver mais?

Sim.

Agora quando uma pessoa já não pode mesmo, está-se lá bem. Quando não se puder fazer malha, nem renda, então estou aqui assim, a olhar para as paredes ou para a televisão? Assim lá sempre se dá uma léria.

É bom para quem já está pior?

É.

Porque fica mais acompanhado.

Sim.

(E20)

O convívio, se estiver ainda em condições, o convívio, as pessoas podem também participar em certas coisas, vão a qualquer lado, saem, isso até gosto.

E agora lá onde está, já vai, já sai mais.

Essa parte é boa, quando a pessoa está sozinha em casa, no lar acaba por sair mais e conviver mais do que estando em casa.

Sim, sim.

(E3)

No lar estou acompanhada, ou no centro de dia, estou acompanhada. Acho que é essa a diferença.

A precisar de apoio, gostava mais do apoio de um lar do que da Misericórdia, por causa do acompanhamento, para estar com outras pessoas. Se me acontecesse alguma coisa tinha quem me protegesse, e se for da Misericórdia estou só.

Acha que esse serviço é bom para aproximar de outras pessoas?

Acho que sim.

Para conviver mais, sim.

Se fosse para o lar ia conviver mais do que aquilo que convive agora?

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

Sim, quer dizer eu agora também convivo mais ou menos. Não convivo muito, mas lá era diferente.

É só pelo acompanhamento. O conviver depende do feitio de cada um. Se a pessoa se integra muito a falar, se se integra menos

Acho que convivia mais, depende do feitio, também não sou de muita conversa, mas pelo menos ouvia e estava mais distraída.

(E4)

A pessoa para estar em casa sozinha, é melhor ir para o lar, pelo menos está acompanhada, não é? Está acompanhada, embora custe muito...

Ficava mais acompanhada, e eu dava-me bem com as pessoas. De certeza que as pessoas não iam ter nada...nem com essas que lá trabalham nem com essas que lá estão. Só se a minha cabeça...a gente nunca sabe. Mas tenho a certeza que me ia dar bem com toda a gente.

Lá sempre estava acompanhada, sempre falava mais.

(E5)

Algumas que quiseram ir, sim

Mas são pessoas com atividades, vão lá também, ou descascar qualquer coisa, ou fazer objetos. Elas procuram ter as pessoas...

Sim, sim, para ocupar.

Essa parte de ir para o lar é boa.

Essa parte sim, acho que sim.

Sozinhas não. Elas têm obrigação de se sentir mais acompanhadas,

acha que se podem afastar mais das pessoas, quando vão para um lar?

Sim, mas depois as pessoas metem-se com elas.

(E6)

A gente está lá para ter aquele convívio, para não estarmos sozinhos em casa
convive mais do que se estivesse em casa?

Sim, só se saísse.

(E7)

Sim, e sempre convivem mais uns com os outros. Os que estão capazes.

Mas acha que as pessoas quando vão para o lar convivem mais do que estando em casa?

Eu acho que sim.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

Sim.

Mas não estando capaz, acho que era melhor estar num lar acompanhada do que estar isolada em casa sozinha.

Que já não conseguem fazer o seu dia a dia, é bom.

(E8)

Depende do feito da pessoa. Eu acho que sim.

Sim, acho que em certos lares há um contacto bonito

Sim, o bocadinho que aqui estavam ouvia conversar, conversavam com elas.

Também não tinham muito tempo para conversar, estava cá outra dentro do carro à espera.

Mas tinham sempre uma palavra.

Mas aquele bocadinho era de convívio.

“Então o que estás a fazer, já aqui está o almoço, oh dona Élia, vou entrar”.

Mas havia essa preocupação, é?

Havia, havia.

(E9)

Também se tiver qualquer problema de doença, também a levam ao médico.

No lar se a pessoa poder sair, convive na mesma. E se lá estiver tem que conviver com aqueles que lá estão. Tem que fazer a vida com aqueles que lá estão.

Penso que sim.

Convive-se mais, penso que sim.

- Afastamento da sociedade

(E1)

algumas, outras se calhar não convivem tanto, depende da maneira como a pessoa já está e como é o seu estado físico e de saúde.

Talvez cá por fora se tenha outra variedade de conhecimento e de as pessoas falarem mais.

(E11)

Não, estão mais sozinhos. Aqueles que não se podem mexer, então...

Não é por ir para o lar que se convive mais?

Não, por mim não.

Não, o convívio para mim é cá por fora.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

(E12)

acha que não ia conviver mais com as outras pessoas?

Acho que não

Não gostava de estar com muita gente?

Eu não, gosto de estar aqui no sossego.

Não é por ir para o lar que se ia dar mais com as pessoas.

Não.

Acha que se ia sentir mais sozinha?

Ia, ficar triste.

(E13)

Aqui é que me sinto bem, não é lá no lar.

Gosta mais de conviver aqui fora?

Isso mesmo. Nada como a nossa casa.

Eu gosto mais cá fora.

Não é igual, cá fora é melhor. Acho que é melhor cá fora.

(E17)

É claro o convívio...quando se vai para um lar as pessoas já têm pouca vontade de conviver. já não dão praticamente valor a nada, nem à própria televisão. A televisão está a trabalhar, nem olham para a televisão.

Não é por ir para um lar que se convive mais?

Eu acho que não. Antes pelo contrário, por aquilo que as oiço lamentar, “estamos aqui à espera”. Pronto, ninguém está...olha-se para a pessoa e não se vê a pessoa feliz, não se vê. A pessoa está triste.

Não se vai por gosto.

Não, não se vai.

(E18)

Acha que não foi por ir para o lar que conviveu mais com as pessoas?

Não, não.

Convivia mais cá fora?

Cá fora. E acho que isso a abalou um bocado. Deixou de ver as pessoas que normalmente via, que convivia e foi-se abaixo.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

Aí é que as pessoas se sentem ainda mais deslocadas, não conhecem ninguém naquelas zonas para onde vão.

(E8)

Há pessoas que vão além para o lar e não dizem uma palavra todo o dia e têm contacto e têm convívio.

2.6) Sugestões de melhoria

- Condições e assistência

(E10)

Eu gostava de um lar ideal, um serviço personalizado mas isso não é possível num lar.

Preferia um lar mais familiar, mais pequeno?

Exatamente. Eu sim.

(E12)

Só gostava que fosse diferente a maneira de se deitar, em vez de se deitar às 17h, deitar mais tarde. Porque assim é muito cedo.

(E13)

Estarem pessoas formadas lá, cozinheiras para fazerem a comida porque a gente não somos nenhuns bichos.

A comida podia ser melhor.

Melhor mas de longe. Aquilo não é nada. É a mão de obra.

O importante é tratarem a gente bem.

O que podia ser melhor é a comida.

Pois.

Pois que me tratassem bem. Deus queira que vá para o lar e me tratem bem.

Só os funcionários é que importa mais.

Isso mesmo. Boa comida e lavarem a roupa à gente.

(E14)

Dizem que às vezes podiam dar mais assistência

Que a tratassem bem, não é? Essa parte já me disse.

Sim.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

(E15)

Os anos são cada vez mais e a nossa mobilidade cada vez é menos, também vamos fazer o quê? Olha tratem-nos bem no lar e deixem-nos estar.

É o principal. Tratamento bom e em condições é o principal. O bem estar enquanto cá estivermos.

(E16)

se a pessoa for acessível, dócil, comunicativa...

Se tivesse hipótese de pagar, enfim uma coisa onde fosse bem tratado.

O principal é o tratamento

o tratamento

Desde que tenha um quarto asseado, que seja bem tratado pelas empregadas

(E17)

E que me ajudem noutras coisas que eu não tenha possibilidades de fazer.

O mínimo dos mínimos, tivesse pessoas que ainda nos pudéssemos ajudar uns aos outros

(E18)

Eu entendo que nos lares devia haver um acompanhamento de fisioterapia por exemplo eu achava que havia de haver um serviço de apoio para que as pessoas andassem ou fizessem um bocadinho de ginástica.

Gostava dessa parte nos lares?

Claro

Era haver uma fisioterapia, uma ginástica moderada.

Para não estarem sempre parados.

Exatamente.

Mas isso faz muita falta e eu tenho medo de parar e não mais me mexer.

De ir e deixar de andar.

Isso é mau.

Uma alimentação mais cuidada, cada um tem os seus problemas. Eu não posso comer isto, tu não podes comer aquilo, haver mais atenção.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

(E19)

Eu acho que as pessoas que trabalham num lar, enfermagem, médicos, deviam ser pessoas com coração e amor.

Essa é a mais importante, as pessoas serem pessoas e saberem que estão a tratar de pessoas, com amor e com carinho.

(E20)

Se a pessoa tivesse mais apoio, mais companhia durante o dia, se precisasse à noite vir deitar a pessoa, acho que isso era melhor.

Para não ser só naquela altura, sim.

E a pessoa ficar mais acompanhada.

Sim, sim.

E as pessoas às vezes que lá trabalham podiam ser um bocadinho mais humanas.

É, podia ser um bocadinho mais humanas.

Ser bem tratada, essa parte preocupa-a.

Sim, essa era o principal.

(E3)

Sim, gostava. Gostava assim... a pessoa vai para o lar, adocece, precisa de ir para o hospital ou precisa de ir a uma consulta. Estou a falar aqui neste meio, não posso falar dos outros meios, é aqui. Gostava que uma auxiliar tivesse disponibilidade de acompanhar o doente, ao hospital.

E aqui neste centro de dia ou lar, não. Chamam um familiar. Por exemplo, se o utente não tem familiares aqui, vai o utente sozinho para o hospital. Isso é que eu acho que devia mudar.

Que acompanhassem a pessoa doente ao hospital.

Sim, gostava que se precisasse de ir... não é uma consulta de rotina, talvez não fosse preciso ser acompanhada. Mas por exemplo se tivesse uma dor forte que precisasse de ir ao banco a Évora, que me acompanhassem. E não, vai a doente sozinha. Se não tiver cá ninguém. Se tiver pessoas de família chamam a pessoa de família para acompanhar esse utente. É só isso que eu acho.

(E4)

Desde que eles sejam bons, que tratem a gente bem.

Se tivessem esse cuidado com a comida, acha que ia gostar?

Se calhar até ficava.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

A comida é a base principal. Nem é as companhias, é a comida. Não sei se sou capaz de comer, se não sou.

Gostava que tivessem esse cuidado consigo é?

Sim, é isso.

(E5)

Ter lá um cabeleireiro para lavar a cabeça e arranjar.

Que houvesse mais esses cuidados?

Sim.

(E6)

Olha que tratassem bem a gente, era o que era preciso.

É isso mesmo. Que nos tratassem bem, pois era.

De outra maneira era tratarem a gente um bocadinho melhor.

(E7)

Gostava que fosse um lar em condições. Que me tratassem bem, que as pessoas fossem competentes para isso.

Mas também acho que as pessoas têm que ter...saberem o que estão a fazer e ajudarem as pessoas que necessitam e isso.

Essa parte dos funcionários preocupa-a mais?

Sim.

Não, desde que me fizessem aquilo que eu não conseguia fazer, limpeza, trazerem o comer.

Penso que estava tudo bem.

Sim. Das roupas e isso.

(E8)

As condições não é só o asseio, precisavam de um amparo, precisavam de uma conversa, precisavam de se chegar ao pé deles e terem uma conversa grande.

Elas têm obrigação de as tratarem bem, têm obrigação de as atenderem

Gostava de se sentir mais em casa, se calhar, era?

Sim, sim.

Como se estivesse em casa.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

Gostava, mas é impossível haver. Para quem tem a cabecinha no seu lugar, é impossível haver.

(E9)

mas cá na minha maneira de ver, acho que em relação à vila que a gente tem, até devia ser maior.

- Ocupação

(E10)

Pois gostava das atividades, de ir passear, para aqui, para o outro lado.

(E14)

Mas gostava de ter alguma coisa para estar distraída?

Pois assim com elas.

Gostava de estar ocupada.

Gostava, gostava.

(E16)

Que se distraiam, que tenham atividades lúdicas.

Ocupado, pois.

estar ocupado...

Ocupação

as atividades que lá fazem.

(E17)

Se estiver lúcido, uma televisão para mim chega.

Se estiver lúcido, a televisão é tudo

Se ainda estivesse em condições de compreender a televisão, isso não ponha dúvidas. A televisão ajuda-me muito.

na questão de passar o tempo, como vejo ainda lá alguns que estão jogando uma suecada, enfim. Para ajudar a passar o tempo. Mas é sempre a coisa que me preocupa mais

De estar ocupado?

Sim, exatamente.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

(E18)

Deviam passear, enfim, darem passeios, irem a convívios de cultura, essas coisas todas que os faz viver até quando as pessoas eram mais novas.

Continuar ativo é o que eu quero. Não me quero sentir inútil.

Que houvesse por exemplo iniciativas culturais, porque as pessoas antigas...algumas podem não saber ler, mas têm a cultura com elas.

E os idosos, alguns ainda têm muita experiência disso, outros para a poesia

Muito importante. É sempre bom. Até nos hábitos de leitura, podia alguém ler umas coisas mesmo para aqueles que não sabem ler, era bom. Faz tudo parte da vida.

(E19)

Gostava.

Gostava de poder ajudar?

Sim, sim, eu gostava.

Ajudar mesmo no lar.

Sim, que se possa ajudar.

Mas gostava de estar ocupada.

Gostava.

O que eu for capaz. Se não for capaz de mais nada, ler só.

Ajudar nisso lá fora, já não pode ser.

Essa parte que me falou, de ajudarem na cozinha ou irem às compras, gostava disso?

Mas aqui não, isso é lá em Portalegre.

Mas fazendo de conta?

Fazendo de conta, gostava. A minha irmã vai com elas.

Poder ajudar nas tarefas do lar.

Sim, qualquer coisa.

Mas gostava de ir para o lar e ficar ocupada.

Sim, aquilo que eu fosse capaz.

(E2)

E do lar? Já falou das atividades, podia haver mais atividades.

Sim

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

Podia haver no lar, para pessoas que não se podem mexer, irem com elas à rua nas cadeiras de rodas. Não era bom? Assim as pessoas estão ali, aqui estou eu, sem se puderem mexer. Iam à rua, apanhavam ar, viam, sempre se distraíam um bocadinho.

Se daqui a uns anos fosse para lá, gostava de poder vir mais à rua e de ter mais atividades para fazer.

Sim.

(E20)

Gostava de se sentir útil.

Sim, sim.

Era mais nesse tipo de atividades, ou pintura?

Sim, sim.

Sim, acho que tem interesse.

A ginástica também é uma coisa boa. A pessoa sair a qualquer lado, o convívio com as outras pessoas também concordo. Essas coisas de fazer flores, são coisas que a pessoa está a fazer e está distraída, não está sempre a pensar na mesma coisa.

(E5)

As coisas naturais, não sou muito de...até sou, destes trabalhinhos, andava sempre a fazer os naperon's

gosto de estar a par das notícias e saber o que se está a passar.

(E7)

Mas penso que já vai havendo alguma coisa, não é muito, devia haver mais.

Só se fosse dar uns passeios, se ainda estivesse capaz disso.

Pois. E fazer uns trabalhinhos, os que estão capazes. Para não estar ali todo o dia também sem fazer nada.

(E8)

Gostava de fazer. Eu gostava de ter atividades.

Dentro daquilo que eu soubesse fazer.

Sim, gostava de continuar a fazer. Renda não gostava, malhas gostava, sim.

Coso um bocadinho de manhã, um bocadinho à tarde. Mas quer dizer, como atividades gostava.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

Sim, estar ocupada.

(E9)

Uma coisa que as pessoas passassem o seu tempo, que estivessem entretidas. Dentro das possibilidades que a pessoa tenha, as capacidades. Porque às vezes podem até jogar à malha. Umhas certas atividades para a pessoa estar mais distraída, para passar mais o tempo. Para o tempo se passar mais sem se dar por isso.

Haver uma distração.

Pois, umas distrações quaisquer, para não estar todo o dia a pensar no dia de amanhã.

- Outras sugestões

(E1)

Por exemplo aqui o hospital velho que é da Misericórdia, podiam fazer dali uns serviços continuados, para as pessoas de idade serem vistas e tratadas de outra maneira. Já se tem ouvido falar nisso, que vão fazer mas até hoje não se tem feito nada.

Como falei há bocado, se fizessem os serviços continuados, pessoas que precisam, pessoas acamadas, talvez tivessem outro...

Destes serviços o que gostava que houvesse era os serviços continuados.

Quando está acamada, por exemplo, ou perto disso, nessas alturas.

Era bom haver aqui.

Acho que sim.

(E10)

A gente começa a precisar de descansar. A minha prioridade é ter sempre o apoio da família como tenho tido até aqui.

Isso é que eu desejo futuramente, quando possa ir para um lar, de a família continuar a dar-nos o apoio que tenho hoje.

É não ficar sozinha no lar.

Exatamente.

Era, o principal para mim é o apoio familiar. Que a gente não pense que está ali posta para o lado.

(E16)

Entrava e saía quando queria, que é o que acontece, vejo lá, entram e saem.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

(E18)

A Misericórdia podia...tem ali aquele ex-hospital, fechado, está degradado o edifício, é grande. Eu e mais pessoas já temos falado, que a Misericórdia podia fazer ali uma unidade de cuidados continuados, por exemplo. Há muita gente que precisa e têm que ir para longe de Arraiolos.

(E19)

Eu gostava de ir para cá, essa é a primeira. Ficar cá perto das filhas.

(E2)

Havia era de ser os homens de um lado e as mulheres do outro, porque às vezes desentendem-se uns com os outros.

(E7)

Fazia falta um apoio aos doentes, para os inválidos, fazia aqui falta

Mas acho que devia haver mais, os trabalhos continuados ou assim, para pessoas doentes. Isso não temos nada cá. Para as pessoas que estão acamadas.

Fazia falta.

Se fosse para lá queria estar sossegada, pois.

(E9)

O lar. Ou haver mais outro. Como o caso de onde era o hospital, está ali aquilo fechado, antigamente estava lá o centro de saúde.

A Misericórdia podia arranjar ali mais, ter ali mais uma quantidade de pessoas, penso eu

Devia haver mais, devia haver outro.

3) Outros assuntos

(E1)

Agora não sei dizer muito bem.

Não lhe sei dizer bem

Como é que era a pergunta?

é isso que está a perguntar?

Mas está a falar de ir para as piscinas, é isso?

Nos meios maiores está a referir-se a Lisboa, meios grandes?

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

Que ajudam em que sentido?

(E10)

mas não, mais nova também era assim.

Credo até me assustei.

Olha assistes aqui a uma entrevista. Senta-te aqui ao pé de mim. Ela está aqui a fazer-me uma entrevista. Continuemos.

Ainda um dia destes estava a comentar isso com o meu marido.

Daqui?

Com a Neca? Lá em casa?

Não filha, desejar-te sorte, que tenhas uma boa nota no mestrado, que te vejas livre disso e que comeces a trabalhar.

(E12)

Não sei.

Olha é o Zé.

Não sei porque eu não vou.

Não era nada difícil.

(E14)

Já está feito.

(E16)

Claro que uma pessoa com 80 anos ou 90, não é o mesmo que tem 50.

mas a senhora todos os dias de manhã, lá passava ela, às vezes com frio, ia até à pastelaria, dava conversa com umas, ao fim de um bocado regressava e depois estava ali sozinha.

(E18)

Isso é bom, porque noutros tempos as mulheres era vedado o direito ao trabalho. Como tenho esta idade lembro-me bem que as mulheres ficavam em casa, com os filhos, trabalhavam muito. Mas ainda bem que o 25 de abril trouxe coisas boas e uma delas foi as mulheres terem direito ao trabalho, terem direito a muito mais coisas. Trabalho igual, salário igual. Para mim é ótimo, como homem entendo as coisas assim, não deve haver discriminação entre o homem e a mulher. Ainda bem que houve evolução nessa parte.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

Há promessas dos nossos governantes para fazer um novo hospital mas não sei se ainda cá estarei neste mundo para ver o hospital a ser feito, mas gostava de ver. Acho que a saúde é um direito, não é só um dever, é um direito que está consagrado na constituição da república.

Como o direito ao ensino. Mas os governos vão-se esquecendo disso, as pessoas não têm só deveres também têm direitos. E por vezes esses direitos são ultrapassados, esquecidos. Isto é uma parte má, mas é política dos governos.

Isto é já a parte política dos governos.

Enquanto não andam a fazer mal, estão a fazer bem, estão a cultivar-se. Estão a aprender outras coisas, o que é bom. Condeno é o que está mal. A juventude tem problemas com o emprego e é mau quando as pessoas pensam que os pais têm que andar sempre com elas ao colo até se casarem, não pode ser assim, nem deve ser assim. Daí a necessidade de haver postos de trabalho. Tu agora estás a acabar o mestrado, ficas com um curso e depois terás trabalho? Ora bem, esse ponto é que é. As pessoas vão-se reformando mas tem que haver pessoas novas a desempenhar os papéis que os outros desempenhavam. Até a nossa capacidade vai...eu noto por mim, já me esqueço de muita coisa. Às vezes a minha mulher...“o que é que me pediste para comprar?”. Esqueço-me. É assim, os novos eu apoio sempre a juventude. Quando os pais fazem o sacrifício de ter os filhos a estudar e eles conseguem e aproveitam o sacrifício que os pais fazem, é de louvar. Mas depois que tenham trabalho.

É o que eu desejo. Eu vivo os meus problemas mas vivo também os problemas da sociedade. Já há muitos anos que existem esses problemas, é esquecido por quem tem muito poder. Não têm interesse que os outros mais abaixo tenham emprego ou não. Eu interesso-me por isso.

E eu acho que é de louvar quando as pessoas conseguem tirar um curso superior, é de louvar. Mas depois que seja aproveitado, que não seja esquecido, que não tenha o diploma na gaveta. Têm o conhecimento de uma vida inteira e isso faz de conta que é um curso superior. A nossa vida é mestre de ensinosa. A gente vai aprendendo ao longo dos tempos. Também fui criança e gostava muito de ouvir a minha mãe a contar-me histórias.

esporadicamente há aí um encontro de poetas populares e pessoas já com essas idades assim. Eu tenho no meu grupo coral dos seniores, um senhor aqui de S. Pedro da Gafanhoeira, aldeia do nosso concelho, que tem 95 anos, ele canta e decora os poemas todos. E ainda faz alguns poemas. É um espanto, porque ele tem convivido sempre, nunca se fechou em casa. Anda e anda nestes convívios todos culturais.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

Infelizmente há coisas que não são cumpridas, que não são como eu desejava que fossem. Lamento que seja assim. E lamento não ter poder para modificar essas coisas porque se pudesse mudava.

(E19)

Outros tinham 6, 7, eram muitos.

Não se preocupam, certa gente nova nem sabe fazer nada, é eles e elas.

E a gente antigamente só fazia uma casa quando tinha dinheiro para a pagar. Hoje há muito dinheiro, uns têm muito e os outros não têm nada. E as pessoas não têm regra de gasto, não têm orçamento. Uma vez ouvi um senhor dizer na televisão, “vou ao supermercado, mas a minha mulher não pode lá ir, trago tudo o que ela quer, mas ela não pode lá ir”. E é verdade, há pessoas, “ah tão bonito”, vão levando, às vezes coisas fora do normal.

(E2)

Não.

(E20)

Quer dizer, as coisas como vêm...

(E3)

Ai, é a minha filha.

Não, está tudo dito. Acho que está tudo explicado.

(E4)

Não sei, se calhar é ir ao médico.

Se quiseres pôr isso, podes pôr que é verdade.

Agora compões isso à tua maneira e pronto.

(E5)

Era uma pessoa com regras, conhecias bem o meu pai, não?

Não? Ali com selos ao pé da câmara. Teve muitos anos uma loja onde agora há os chineses, em frente à farmácia.

E depois não se via reformado sentado num banco do jardim. Leu muito, começou a dedicar-se aos selos, tenho aí, eu queria vendê-los. E em moedas tudo ali catalogado. Foi uma pessoa

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

sempre muito ativa e os gaiatos tudo conhecia o senhor. Depois foi para os bombeiros. Foi sempre de muita atividade, nem pensar de ouvir falar em lares. E não lhe dei esse desgosto. É uma das senhoras ricas daqui, tinha morrido o marido, mas muita ativa e ela vinha cá, olha faz assim, malhinhos e fiz muitas coisinhas também.

A tua avó já não está capaz de nada?

Agora vem morar ao pé da tua avó.

Pensava que era aí que vinha pôr o salão, mas fica lá na mesma.

Pois na própria casa onde a pessoa mora...

O que é que hei-de acrescentar? Eu pus tudo na mesa e está aí tudo bem explicado, não achas que está?

(E7)

Eu não sei, bem dizia que não sou para isto.

Eu não. Isto se calhar não te serviu de muito, mas não consigo responder mais nada.

(E8)

Estou a responder mal?

Em questão de lojas?

Estou a responder bem ou mal?

Oh Lúcia desculpe lá.

Então é assim, nem sei o que estávamos a falar.

Mas não estou a falar contra ninguém.

Há escolas fechadas por falta de pessoal, já não é da parte de quem lá está, é do governo que temos à nossa frente

Eu recebi-a da melhor vontade e acho que respondi.

Se for preciso mais alguma coisa e que eu possa.

(E9)

Porque depende das reformas, uma pessoa que tenha uma reforma boa, não tem problemas, não lhe faz diferença

A pessoa está aqui em casa, olhe e uma pessoa nova ainda, aconteceu ali aquilo. Aqui a nossa vizinha, da Maria Guilhermina, não soube de a casa ter ardido?

Esqueceu-se lá de uma panela no fogão. Mas isso é coisa que aconteceu, tanto pode acontecer a um novo como a um velho.

Exclusão social depois dos 70 anos fora dos grandes centros urbanos

Não sei o que hei-de responder.

Essa pergunta não sou capaz de responder